

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TRABALHADOR SEM TETO E HABITAÇÃO PROVISÓRIA

Vivências acerca dos processos de perda da moradia urbana

DORACI ALVES LOPES

SÃO PAULO
1997

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

TRABALHADOR SEM TETO E HABITAÇÃO PROVISÓRIA

Vivências acerca dos processos de perda da moradia urbana

DORACI ALVES LOPES

Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia, FFLCH, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutor em Sociologia sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Bruni.

SÃO PAULO
1997

*À minha falecida mãe, Antonia,
e a meu filho Uirá.*

SINOPSE

O presente estudo divide-se em quatro capítulos. O primeiro discute a relação entre os conceitos casa, intimidade, ética do habitar, subjetividade e devaneios de casas, para problematizar a realidade da habitação no contexto do modo de vida provisório no Brasil.

O segundo capítulo, analisa as vivências cotidianas de trabalhadores sem teto numa ocupação urbana em Campinas (Vila Lídia), ocorrida em 1994. O capítulo seguinte procura compreender as lutas pelo direito à habitação destes trabalhadores a partir de suas histórias de vida, privilegiando as lembranças de casas, intensamente marcadas por situações de despejos.

O quarto e último capítulo interpreta os significados dos devaneios do habitar, imagens de casas em projetos de vida futura, revelando-se como resistências objetivas e subjetivas contra a dura realidade da habitação provisória. São representações simbólicas de como planejam instituírem-se sujeitos 'com teto', praticar uma intimidade e ética do habitar presente na cultura do 'chefe provedor' da família das classes trabalhadoras urbanas, sendo este último tema de pesquisa amplamente investigado pelas ciências sociais.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que me auxiliaram neste trabalho e de diferentes maneiras, mas desejo agradecer especialmente meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Bruni, que foi capaz de ir decifrando e respeitando pacientemente meus confusos objetivos iniciais de pesquisa.

Outro momento fundamental da elaboração da tese foi o do exame de qualificação, quando tive o privilégio de resolver questões cruciais para a continuidade da pesquisa e da interpretação com a banca examinadora, Profa. Dra. Vera da Silva Telles e Profa.Dra. Cibele Saliba Risek. Não poderiam ser mais oportunas as discussões para pensar, entre outras questões, a relação das análises de Bachelard com o estudo dos trabalhadores sem teto da ocupação urbana da Vila Lúcia.

Lembro de todos meus amigos professores pelo apoio e incentivo demonstrado no cotidiano corrido da PUCCAMP, principalmente no ano de 1997. Sou grata ainda à Maria Aparecida Alves, funcionária (e ex-aluna) do Instituto de Ciências Humanas, pela atenção e paciência nos lembretes e encaminhamentos referentes aos assuntos de carreira docente.

Vários apoios mais técnicos devo aos meus ex-alunos de Ciências Sociais (PUCCAMP), amigos com quem contei em horas decisivas. A descoberta e autorização para as entrevistas na ocupação da Vila Lúcia, depois de inúmeras visitas a outras ocupações, devo ao Nilson Sousa do Nascimento. Contei com a ajuda inestimável de Wilmara Alves Thomaz e Cássia Renata Arcanjo Pinto nas transcrições das entrevistas. Grande parte do trabalho de seleção das matérias de jornais confiei ao dedicado trabalho de Edson Caetano, além da procura por mapas na Prefeitura. Devo igualmente a ele e a Nilson Souza do Nascimento, as tentativas de localização dos nossos entrevistados sem teto, transferidos para o Loteamento Vida Nova, nos momentos finais da redação da tese. Ao aluno Marco Antonio Castigliero agradeço o acesso a muitas informações sobre o mesmo Loteamento.

SUMÁRIO

SINOPSE

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO I

CASA, INTIMIDADE E HABITAÇÃO PROVISÓRIA 11

- Casa, Intimidade e o conflito existencial entre o interior e o exterior do sujeito... 12
- Metodologia da pesquisa: habitação provisória, ética e imagens do habitar 32
- Notas para uma problematização das relações sociais excludentes entre espaço e sujeito no Brasil 52

CAPÍTULO II

OCUPAÇÃO DA VILA LÍDIA: UMA LUTA PELA INSTITUIÇÃO DE SUJEITOS 66

- A decisão de ocupar: segredo e tensão moral 71
- Os primeiros dias de ocupação no 'endereço' da exclusão..... 85
- Os vizinhos da ocupação: situando fronteiras sociais 96
- Solidariedade no modo de vida provisório 101
- Espera e 'cansaço mental' 107
- Trabalho e habitação provisória..... 113

CAPÍTULO III

MODO DE VIDA PROVISÓRIO E DESPEJOS 124

- A cidade provisória dos sem teto ou a cidade que despeja..... 126
- Aluguel e despejo ou o despejo dos outros 146
- A casa das lembranças e despejos em família..... 163

CAPÍTULO IV

SÍMBOLOS DE CASA E FRAGMENTOS DE DEVANEIOS DO HABITAR ... 176

- Casa como patrimônio simbólico e ética do habitar dos trabalhadores sem teto... 177

- Casas do desejo como um vir a ser de sujeitos 182

CONSIDERAÇÕES FINAIS 198

BIBLIOGRAFIA 203

INTRODUÇÃO

Decidimos pesquisar um grupo de trabalhadores sem teto de uma ocupação urbana, ocorrida em 1994 - Vila Lídia em Campinas (SP) - por vários motivos. Um dos objetivos foi investigar como o modo de ser e as vivências do trabalhador sem teto se revelam através da luta pela casa e, indiretamente, pela inserção social na cidade. Assim sendo, a 'casa' será apreendida na sua dimensão social, mas também como expressão de individualidades, subjetividades, símbolos e valores culturais dos trabalhadores sem teto, vividas no cotidiano provisório de uma ocupação.

Procuramos conhecer ainda as experiências passadas, como lembranças de casas, além daquelas inevitavelmente imaginadas, desejadas por estes indivíduos no decorrer da vida. Outras razões foram consideradas em nosso estudo para desenvolver estes objetivos.

Por se tratar de sujeitos sociais que valorizam a cultura da família nuclear, em sua grande maioria com filhos menores, vivendo constantemente em habitações provisórias, o conceito e instituição 'família' será utilizado como um dos sinônimos do conceito de 'casa', associação amplamente utilizada pela literatura sobre o tema para expressar o conjunto simbólico que ordena suas relações internas e sociais.

Partimos do pressuposto de que o estudo de uma ocupação urbana, recém instalada, traria mais explicitamente à tona tensões e contradições vividas constantemente pelo sujeito sem teto e sua família para organizar e manter minimamente uma moradia; seja como necessidade de vida íntima, subjetiva, individual e familiar; seja como contínuas tentativas - na maioria das vezes frustradas - de inserção social através da cidade. Lutas e resistências para construir uma certa autonomia na ocupação urbana e assim tentar gerir sua própria vida são alguns requisitos essenciais para se tornar sujeito e desenvolver certos valores éticos, morais e práticas de sociabilidades que só podem ocorrer a partir da existência concreta de algum teto para morar.

Desta perspectiva, o trabalhador sem teto é interpretado como '*sujeito*'¹, categoria que fundamenta toda nossa discussão sobre temas como '*modo de vida*'²,

¹ "... os trabalhadores urbanos não são mais exclusivamente o operariado organizado, embora continuem a ser, de todos os modos, priorizados; são sujeitos sociais que expressam em múltiplas dimensões, com formas de vida própria, estratégias de vida caracterizáveis, definindo-se a cada momento em seu local de moradia, de trabalho, nas suas formas de lazer, de religiosidade, de saber. São, sobretudo, sujeitos de práticas diversas que recobrem os vários campos de sua experiência, que

(neste caso, provisório), a '*cultura do chefe provedor*'³ das classes trabalhadoras urbanas. A partir das discussões desta ampla literatura a respeito da importância destas experiências de vida, procuramos construir uma interpretação para reconhecer a especificidade da '*ética do habitar*' em que estes sujeitos sociais acreditam, bem como símbolos e '*devaneios do habitar*' (a casa futura, imaginada), representações em torno da noção de '*intimidade*' no interior da casa e do '*pertencimento social*', levando-se em conta a situação de extrema exclusão social a que estão submetidos. No capítulo I desenvolvemos uma problematização em relação a este último conjunto de conceitos, como '*ética do habitar*' ou '*intimidade*'. Foi o filósofo Bachelard (1988), através de *A Poética do Espaço*, que deu fundamento inicial, embasou e orientou a decisão por outros autores para a construção de nossa interpretação. Assim, fomos incorporando outros estudos importantes, como os de Figueiredo (1995), *Foucault e Heidegger: A ética e as formas históricas do habitar (e do não habitar)*; Paiva (1997), *Uma Inserção no Universo Bachelardiano: O alargamento da imaginação e a obsolescência do objetivismo na ciência contemporânea e na sociologia*; Hillman (1993), *Cidade & Alma*; Frayse-Pereira (1993), *Identidade e modernidade: o lugar do segredo*, além de outros igualmente relevantes para nosso tema de estudo.

A ocupação urbana, por sua vez, está sendo considerada como uma dimensão de espaço de poder dos trabalhadores sem teto o qual, mesmo não reconhecido, continua sendo um lugar social dinâmico, em que seus atores buscam alcançar uma legitimidade política que não se efetiva; mas isto não significa que não continuam atuantes, marcando intensamente o cotidiano das cidades, de forma imprevisível e fragmentária.⁴

se constituem na luta contra opressões específicas, não redutíveis a um único lugar dado pelo Estado fundador de uma dominação de classe unívoca e homogênea e que produzem, portanto, a imagem de sujeitos múltiplos, que não se subordinam a uma figuração única, para ganhar uma visibilidade que confira significado político às suas práticas." Paoli, Sader e Telles, 1981: 143

² ver, por exemplo, 'Dossiê Modos de Vida', *Tempo Social: Rev. Sociol. USP*, 4 (1-2): 1992 [editado em 1994]

³ A cultura das classes trabalhadoras urbanas pressupõe uma determinada ética, entendida como crenças, valores morais, sintetizadas como *dignidade do trabalhador honesto e chefe de família responsável*, ordenando seu universo de vida e resistência cotidiana. Esta cultura tem sido amplamente investigada, de diferentes pontos de vista, por grande número de autores como Duarte:1986; Montes:1983 e Telles:1990.

⁴ "Os novos movimentos sociais transtornam por completo a noção tradicional de política como restrita a um nível preciso na estrutura social, essencialmente encarnado no Estado, ao qual compete gerir o poder ou os poderes da sociedade. A questão do poder está no interior da fábrica, do manicômio, da escola, do espaço urbano, da igreja, da família, enfim, espalha-se por todos os recantos do social e se projeta para a sociedade não na procura de uma instância unificada, superior e neutra, que seja o interlocutor, árbitro e atendente das demandas. ... Multiplicam-se as expressões políticas de opressão, porque as opressões são diversas, são dados de experiência que continuamente deslocam as fronteiras entre o que seria "político" e o que seria "não político". Bruni, 1988: 31

São sujeitos sociais que dinamizam o presente repondo, alterando ou reelaborando o sentido de suas ações, a cada espaço de moradia perdido, desfeito, modificado. É neste contexto de vivências sociais que reconhecemos a sua presença singular na cidade, a heterogeneidade e diversidade de seus pontos de vista, resistindo ao modo de vida provisório.

Dessa maneira, no diálogo com a bibliografia das ciências sociais que aponta para rupturas no paradigma de interpretação da história das classes trabalhadoras no Brasil, especialmente em relação ao conceito de *classe operária*, procuramos privilegiar a experiência direta dos trabalhadores sem teto em lidar com as constantes dificuldades para assentar residência, evitando reproduzir imagens institucionais construídas por "*uma lógica externa às suas práticas*", tanto por parte deste "*imaginário acadêmico*"⁵ como por parte da racionalidade do Estado.

Trata-se de um conjunto significativo de estudos que tem produzido importantes "*abalos teóricos*" e "*obrigam a sociologia a repensar seus conceitos, abandonar outros e produzir novos*"⁶, especialmente após a emergência dos chamados novos movimentos sociais, em finais da década de 70, quando a conjuntura proporcionou às investigações acadêmicas a oportunidade de reconhecer e valorizar o conhecimento construído por práticas populares cotidianas de resistências — uma "*nova sociabilidade*", novas formas de "*solidariedade e auto-ajuda*"⁷, efetivando certas rupturas na visão de senso comum da época.

Assim, para investigar a vida transitória dos sem teto e a história da ocupação da Vila Lídia (Capítulo II), elegemos os despejos (Capítulo III) e os devaneios de casa (Capítulo IV) como instrumentos centrais da pesquisa e da interpretação. Isto é, incluímos nas entrevistas, o objetivo de conhecer as vivências acerca dos constantes processos de perda de moradia, extremamente comuns e trágicos no cotidiano destes trabalhadores. Nosso problema não está em refletir apenas a falta de uma casa material, mas entender a habitação provisória como um sofisticado sistema de mecanismos sociais instituídos que, ao submeterem os trabalhadores desempregados e subempregados à perambulação intensiva na cidade, impede ou dificulta os processos e tentativas de individuação, de singularização do sujeito, com consequências sociais bem conhecidas, como o abandono da infância nas ruas, e outras silenciadas e mesmo desconhecidas, como o sofrimento moral, extrema tensão e perturbações psíquicas.

⁵ Paoli, Sader e Telles. 1981:143

⁶ Bruni. 1988. 26

⁷ Sader. 1988: 35,36

A ocupação urbana - enquanto um dos tipos de moradia provisória - paradoxalmente, representa para os sem teto uma possibilidade concreta de inserção social, de ruptura com as experiências anteriores de moradia transitória, porque ao criarem uma situação de fato, ficam na expectativa de que, ao assumirem diretamente o conflito, possam abrir uma negociação política coletiva favorável com órgãos públicos, uma vez que individualmente estão excluídos do acesso a qualquer política habitacional, além das tantas outras políticas sociais.

Num primeiro momento, conhecer histórias de vida dos sem teto, significou apreender seu passado enquanto 'moradores', experiências de vida relacionadas com as casas que moraram desde a infância, até chegarem na decisão de participação na ocupação do V.Lídia, em 1994. Este procedimento nos aproximou da auto-representação da subjetividade dos sem teto a partir das casas que descrevem, pois estas simbolizam a síntese de suas próprias identidades fragmentadas, interrompidas, mas também das contínuas tentativas de reconstruí-las durante a vida.

Embora o mundo do trabalho, a história familiar e migratória, entre outros aspectos sociais estejam de fato definindo, orientando as histórias de moradia dos trabalhadores sem teto, nos detemos mais neste último universo de vivências. Em outras palavras, procuramos saber como enfrentam no cotidiano os mecanismos disciplinares da moradia provisória; como lidam com as tensões, conflitos subjetivos e sociais do despejo; como este modo de viver e de ser provisório se manifesta em termos culturais, éticos e simbólicos.

Portanto, trata-se de verificar como as dificuldades existenciais de organização da vida individual e social vão se revelando nos depoimentos sobre a instabilidade concomitante de trabalho e moradia, ao mesmo tempo que explicitam resistências em ocorrências cada vez mais intensas de ocupações urbanas nas principais cidades do país, especialmente a partir dos anos 80. E, cujo objetivo central, é tornar-se um sujeito instituinte, capaz de gerir sua própria vida no espaço da moradia e se inserir na sociedade, mesmo estando numa situação de extremo assujeitamento social.

A tendência de intensificações das ocupações nas cidades, coincide com a maior estruturação, densificação e estabilização de grande parte das favelas mais antigas, fruto de movimentos sociais de favelados para conquistarem a terra e urbanização das mesmas. Lutaram e lutam, igualmente, para por fim à tradição da moradia provisória no país. O agravamento do desemprego e da miséria, no campo e na cidade, também contribuiu visivelmente, no mesmo período, para um contínuo processo de novas ocupações de terras urbanas.

Para efeito de nosso estudo, estamos distinguindo o surgimento histórico de moradores favelados dos moradores sem teto, embora muitas vezes seja difícil ou impossível perceber diferenças significativas em suas condições de vida, tanto na esfera do trabalho como na da habitação. Os favelados foram se constituindo como moradores ilegais da cidade muito antes, instalando-se paulatinamente através de fluxos migratórios do campo para a cidade, especialmente a partir do processo de industrialização do país, após os anos 50 e intensificados nos anos 70.

Campinas passou a viver estes problemas mais concretamente a partir dos anos 60. Muitas favelas porém, hoje urbanizadas ou em processo de urbanização, após a emergência dos chamados novos movimentos sociais no final dos anos 70, se confundem com os demais bairros e loteamentos populares da periferia. Fenômeno social semelhante ocorre em outros grandes centros urbanos do país. Estes espaços, no entanto, foram se tornando inacessíveis para os novos fluxos de trabalhadores desempregados e sem moradia, devido à valorização imobiliária de antigas áreas de favelas.

Os trabalhadores sem teto, diferentemente daqueles de favelas mais antigas, passaram a planejar muito antecipadamente e em segredo a organização do grupo, muitas vezes (mas nem sempre) apoiados por sindicatos e partidos, para garantir uma ação de surpresa para a ocupação de uma determinada área da cidade. Grande parte destes trabalhadores são da própria cidade ou já vivem há algum tempo na mesma ou, quando muito, são de cidades da região, como é o caso de Campinas. Não são mais migrantes recém chegados do campo, vindos de outros Estados _ Paraná, Minas Gerais ou Mato Grosso _ como ocorria em décadas anteriores.

Pelo menos em Campinas apresentam estas características e, em grande número de casos, se instalam inicialmente em barracas de plástico, apresentando um grau de pobreza ou precariedade de vida mais agravante ainda do aqueles que moram há algum tempo em barracos de madeira, sendo a maioria desempregados e despejados, ou então trabalhadores temporária e informalmente empregados, todos sem condições de pagar aluguel regularmente.⁸

⁸ Dados oficiais do município de Campinas: entre 1988 e 1990 ocorreram 43 ocupações urbanas. Em maio de 1994, o número era de 57 áreas ocupadas, para além das 84 favelas da cidade, somando 100 mil pessoas ou cerca de 10% da população da cidade, em 3,5 milhões de metros quadrados. Até meados de 1996, o número oficial de ocupações subiu para cerca de 70 áreas. No início do mesmo ano, a Prefeitura registrava 56 áreas desafetadas entre 1984 e 1995: áreas de favelas antigas que estão em processo de regularização jurídica e urbanização. São cerca de 80 mil pessoas vivendo em favelas. Em 1970, esta população somava 0,87% da população total. Hoje, continua a tendência dos últimos anos: aproximadamente 10% do total da população vivem em áreas ocupadas. Em março de 1997, um levantamento da Defesa Civil da cidade, constatou que, só no ano de 1996, ocorreram um total de 180

Tanto quanto os movimentos de favelados, os sem teto esperam conquistar a cidadania também através da moradia, não apenas porque estão lutando contra a pobreza, mas porque esperam constituírem-se sujeitos instituintes, procurando manter vivos e praticar certos valores culturais, que são explicitados através do passado, das lembranças de casas, ou de casas imaginadas: entre os mais significativos valores está o chamado 'sonho da casa própria.'

Estamos utilizando o termo 'casa própria' como uma categoria complexa, polêmica, com significados sociais que vão além de sua aparente expressão consensual, dominante, em geral reconhecida apenas em sua dimensão material, objetiva, mercadológica. Procuramos vê-la de um ponto de vista específico, o dos sem teto e o 'sonho da casa própria', neste caso, está marcado tanto por uma conjuntura de intenso desemprego, como pela histórica organização da exclusão social do país, com regras sociais que perpetuam a provisoriedade das condições de vida de contingentes cada vez maiores das classes trabalhadoras do país.

Apesar desta realidade, precisamos considerar que o indivíduo constitui sua subjetividade de forma especial no ato de morar, embora não apenas neste espaço. Entre os sem teto esta questão existencial não está menos presente, ainda que num contexto de negações sociais contínuas de sua cidadania, expressando uma identidade social mais pela falta de direitos básicos e pela miséria em que vivem, do que por suas concepções de mundo e ética do habitar. Mas, ainda assim, procuram por meio do 'sonho da casa própria' serem capazes de produzir resistências, serem agentes de sua autonomia, defenderem sua dignidade e crenças morais, procurando produzir mudanças sociais concretas, tanto por meio do trabalho como da moradia, onde esperam produzir uma transcendência familiar em seu universo cultural.

Ocupam a terra urbana primeiramente para ocuparem-se de si próprios e da família, mas também para ocuparem-se da sociedade como 'terra natal', um lugar simbólico ao qual lutam por pertencer e deixarem de viver o sentimento ou o "*fenômeno do estrangeiro*", conceito de Simmel, conforme veremos no capítulo III, que discutirá o significado dos despejos no modo de vida provisório. Ocupam na expectativa de interromperem o poder disciplinar instituído que invade inclusive seus corpos, que não querem mais dóceis, expostos ao extremo, como nas vivências de despejos. O presente da ocupação é um espaço e tempo explícito de combate e

ocupações, uma média de uma *invasão* cada dois dias. De janeiro a março de 1997, estes números aumentaram em 33,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. A Prefeitura estima em pelos menos 50 mil moradias o déficit habitacional em Campinas.

resistências contra as práticas de assujeitamentos contínuos, produzidas pelo funcionamento da lógica da habitação provisória.

Diante deste contexto de luta pela 'casa própria', passamos a pesquisar representações, símbolos de casa, tanto como expressões sociais como subjetivas, numa situação de ocupação urbana iniciante, momento em que as tensões e expectativas estão mais aguçadas, como foi o caso da V. Lídia, em Campinas. Para tanto, foi preciso aceitar de início a indissociável vinculação entre o termo 'ter casa' como sinônimo de propriedade privada, legalmente sancionada. Por outro lado, 'não ter casa' inevitavelmente significou moradia provisória, perdas reiteradas de casas, sendo o despejo o maior ou pelo menos um dos maiores temores e características do modo de vida provisório, pois torna exposta a impossibilidade de cuidarem de si próprios, da família e de pertencer ao social, inclusive do ponto de vista moral.

Um momento extremo de suas vidas que, inclusive, torna seus corpos mais invadidos, tanto pelo meio físico, natural, como pela repressão policial à moradia ilegal, como é o caso da luta pela sobrevivência em acampamentos de ocupações urbanas ou quando se tornam moradores de rua. Nossa preocupação ainda é a de distinguir as condições de moradia provisória da ocupação da situação mais drástica de provisoriedade dos moradores de rua.

Embora estas duas realidades sejam muito próximas e mesmo se cruzem no cotidiano dos trabalhadores sem teto, temos questões importantes para diferenciá-las, como a luta para continuarem vivendo em família e de acordo com seus princípios de dignidade moral. Resistem ao modo de vida provisório lutando para cultivar e preservar a cultura do 'chefe provedor' que, mesmos no casos de ausência da figura masculina, a mulher tentará preservar - como provedora - os conteúdos de 'dignidade moral' e de 'trabalho honesto' para a família.

No interior desta cultura é preciso reconhecê-los também a partir de sua ética do habitar, cujo objetivo essencial no modo de vida provisório é passar a se constituir em sujeito 'com teto', isto é; com direito a colocar em prática seu 'sonho da casa própria', que na nossa análise quer dizer direito a cultivar seus próprios pensamentos e um imaginário do habitar em si mesmo, que se realiza em devaneios de casa. 'Sonhar' aqui neste contexto significa lutar para praticar autonomamente uma ética e moral no ato de morar, portanto, dar sentido às suas existências através de projetos de vida que inclui a casa e, através dela, desejos de transcendências individuais e familiares.

A luta para a realização do 'sonho da casa própria' nos propicia então, ao mesmo tempo, um estudo sobre o desejo do sem teto em se constituir indivíduo, no sentido de

sua singularidade pessoal, na intimidade da casa, como ainda conhecer sua luta pelo pertencimento social e criação de sociabilidades na cidade, possível apenas com um enraizamento diário, com concepções culturais de '*permanência*' de moradia. Esta noção também é bachelardiana e permeará toda a análise sobre a questão simbólica, ética e existencial que envolve o conceito de casa, discussão que privilegiaremos no primeiro capítulo.

Por ora, afirmamos que a sonhada habitação dos sem teto é o viver não provisório, não no sentido de moradia 'eterna', absolutamente definitiva, mas uma referência de tempo e espaço de permanência que procuram construir, que difere tanto de uma imposição instituída de fixação no espaço como de provisoriedade da moradia, problemas que esperamos ir explicitando e discutindo ao longo de todos os capítulos.

Portanto, desejam uma casa passível de fazer valer alguma autodeterminação enquanto sujeitos sociais que enfrentam, tanto quanto outros indivíduos, processos objetivos e subjetivos desalojadores, mudanças imprevistas no decorrer da vida, incluindo os de moradia.

Torna-se necessário então obter uma casa material, física, que contribua de maneira fundamental para a instituição e permanência de sujeitos autônomos, passíveis de mudanças de identidades que vão ocorrer durante suas existências.

A difícil e tensa relação entre moradia provisória e o 'sonho da casa própria' acaba permeando o tempo todo as trajetórias de vida destes trabalhadores que tentam interrompe-la de várias maneiras, sendo a ocupação urbana uma das formas mais representativas e públicas, apesar de toda a 'irracionalidade' que gera, problema amplamente reconhecido e debatido pelos mais eminentes especialistas em planejamento urbano e gestão democrática das cidades.

Outro problema enfrentado na pesquisa foram as descrições da casa física desejada pelos sem teto, que não surpreenderão o leitor em nada. Pelo contrário, a casa imaginada está dentro de um padrão médio de consumo bem previsível, culturalmente homogeneizado no que diz respeito à aparência ou divisão dos cômodos. No entanto, nosso intuito foi o de sublinhar determinadas imagens, sentimentos, representações si próprios enquanto indivíduos que lutam para ser um 'outro' no futuro.

O desafio foi nos aproximarmos e detalhar sua concepção de permanência, bem como saber como imagina uma vida íntima para si e a família, a partir da luta coletiva por um espaço concreto, indissociável de uma dimensão simbólica de casa e de cidade, para organizar sua vida social e familiar perante a trágica experiência de viver em habitações extremamente precárias, invariavelmente com despejos.

A descrição de casas físicas imaginadas nas falas dos sem teto será mais um meio para procurar reconhecer singularidades, particularidades de olhares sobre o que descrevem a respeito deles mesmos e da sociedade/cidade em que vivem, do que propriamente saber porque repetem ou não modelos padronizados de casas materiais. A 'casa própria', a casa imaginada, será entendida como um lugar íntimo, subjetivo, em que possam cuidar de si, proteger seu corpo, perseguir um modo de ser para modificar-se livremente como sujeito; e lugar social, onde possam se sentir parte do mundo, da cidade, 'residir' na sociedade em que vivem, tendo mais autonomia para decidirem sobre o seu tempo e espaço de moradia.

A casa então, faz parte dos processos individuais e sociais por buscas éticas e morais para a existência, indissociáveis do ato de morar e não como mera medida de duração de tempo jurídica, contratual por exemplo, nem como simples fixação de lugar dos trabalhadores, objetivo bastante comum de certos projetos habitacionais populares.

Da mesma maneira o passado, as memórias de casas, também não apresentam grandes surpresas, mas com a contribuição de vários estudos e autores, procuramos destacar e associar imagens e símbolos de casas como expressão de certos valores éticos, morais, representações sociais e individuais que orientam o sentido existencial de suas vidas. Aparecem associadas principalmente a muito sofrimento, com rupturas de histórias familiares, quase sempre acompanhadas de perdas de moradia e despejos.

Basicamente, os relatos distinguem o despejo legal, pessoal (de uma família), daquele 'despejo' que acontece dentro da família (a moradia de empréstimo, de favor entre parentes), que é diferente, por sua vez, do despejo coletivo, social, igualmente legal (reintegração de posse, feito em geral com a presença de polícia). Em meio a estes depoimentos, é possível apreender ainda, com muita dificuldade, o que esperam de uma casa: momentos de permanência, intimidade e prazer no ato de habitar, além de sentimentos de proteção e pertencimento social, comunitário, em descrições de certas práticas de sociabilidades vividas no local de moradia. Indiretamente determinadas imagens de cidade também emergem das vivências de casa dos sem teto. Do mesmo modo, nas lembranças de casas, é possível reconhecer algumas experiências de intimidade, vivenciadas no passado como prazer, proteção subjetiva e permanência de laços de sociabilidade.

Portanto, não basta denunciar e descrever a pobreza da moradia provisória a partir de sua exterioridade. Por isso recorreremos a uma literatura das ciências sociais que privilegia um conhecimento sobre a história das classes trabalhadoras a partir de investigações que não dissociam a articulação cotidiana e intrínseca entre mercado de

trabalho, emprego, família, moradia, violência ou gênero e modos de vida, para citar alguns dos temas mais representativos. Desvendam, entre outras questões, as condições como as exclusões e discriminações sociais se organizam e se reproduzem, sem perder de vista as resistências concretas de sobrevivência, bem como lutas por transformações sociais orientadas por valores éticos e morais.

O que procuramos introduzir nos estudos da habitação popular foram perspectivas destas análises das ciências sociais, valorizando ainda a dimensão simbólica e imaginária de casa, muito inspirada nos estudos de Bachelard, para pensar a especificidade das lutas por moradia em ocupações urbanas de trabalhadores sem teto.

Capítulo I

CASA, INTIMIDADE E HABITAÇÃO PROVISÓRIA

'... pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. ... Sem ela, o homem seria um ser disperso.' Gaston Bachelard

Casa, intimidade e o conflito existencial entre o interior e o exterior do sujeito

A noção de 'intimidade' será tratada no decorrer da análise como parte de um patrimônio simbólico e imaginário de casa, que podemos sintetizar como busca por uma experiência de proteção e prazer no ato de morar, vontade de cuidar de si, do corpo; desejo de um bem estar que se completa em sentimentos de pertencimento social. Na vida social moderna, temos ainda a necessidade de vivenciar e diferenciar uma intimidade individual, como refúgio da subjetividade na casa de uma outra intimidade, de caráter social, nos espaços públicos.

A partir da casa, na vida moderna, há um movimento permanente de tensão do sujeito para elaborar processos de autonomia e singularização no espaço íntimo, subjetivo, que só se realiza ou se completa com sua inserção e participação na vida social, coletiva. A casa - como o trabalho - colocam problemas de dimensão ética para a vida dos indivíduos e faz parte destes problemas existenciais a necessidade de desenvolvimento de uma intimidade, enraizamento com os espaços vividos.

Analisar as significações sociais e subjetivas da habitação provisória de trabalhadores sem teto na cidade, nos levou a refletir a respeito da existência de determinados obstáculos construídos pela sociedade moderna e sobretudo discutir certas contradições entre intimidade e espaço de moradia e o contexto histórico e social em que vivem no Brasil.¹

Como encontramos um discurso acadêmico muito pouco sistematizado nas ciências sociais para discutir a dimensão existencial da casa (da qual as relações de intimidade com o espaço vivido fazem parte) e, nesse contexto, a realidade da habitação provisória, foi preciso percorrer caminhos e problematizações muitas vezes estranhos à bibliografia mais clássica sobre o tema da sociologia da habitação para interpretar lutas

¹ "A pobreza brasileira é certamente o retrato de uma sociedade que não consegue universalizar direitos e enraizar a cidadania nas práticas sociais. Mas é pelo ângulo das regras que estruturam a sociabilidade que a questão se esclarece. Não se trata apenas das garantias formais da lei. Tampouco algo que se resolva apenas - por mais importante que isso seja - pela vigência de políticas sociais que neutralizem os efeitos perversos do mercado. O enigma da pobreza está por inteiro implicado no modo como os direitos são denegados nas tramas da relações sociais. Mais ainda: no modo como os efeitos igualitários da lei são desfeitos ou anulados pelo reiterado desconhecimento do outro como sujeito de direitos legítimos. Não é por acaso, portanto, que, tal como figurada no horizonte da sociedade brasileira, a pobreza apareça despojada de dimensão ética e o debate sobre ela seja dissociado da questão da igualdade e da justiça. ... É uma figuração, portanto, que corresponde ao modo como as relações se estruturam, sem outra medida além do poder dos interesses privados, de tal modo que o problema do justo e do injusto não se coloca e nem tem como se colocar, pois a vontade privada - e a defesa de privilégios - é tomada como a medida de todas as coisas." Telles. 1992:5,6

e resistências sociais e subjetivas que constituem o modo de ser provisório de trabalhadores sem teto quando se considera o espaço da casa e da cidade.

Demonstrar um processo ou movimento contínuo de busca de autonomia do sujeito na vida social a partir do espaço da casa, significou dar ênfase a uma discussão bibliográfica que debate o sentido ético da existência dos indivíduos no contexto da sociedade moderna e contemporânea. É este o objetivo principal que orienta nossa interpretação sobre os trabalhadores sem teto e suas experiências cotidianas no espaço da moradia provisória. Através de relatos, depoimentos e emoções, investigadas numa situação específica de ocupação de terra urbana, pudemos pesquisar muitas de suas tentativas anteriores de enraizamentos nos espaços vividos, como parte de um projeto existencial de vida, buscas de autonomia tanto individuais como familiares, que se explicitam também em memórias, lembranças de moradias.

O fato de não podermos recorrer a um saber acadêmico consagrado para debater a problemática dos obstáculos do trabalhador sem teto em se constituir como sujeito a partir de uma reflexão sobre a importância do espaço íntimo de casa, inclusive como espaço da subjetividade - sem perder de vista seu caráter social, político e econômico - fez com que procurássemos contribuições teóricas em temas de estudos próximos ou, às vezes, bastante diversos do debate da habitação provisória, pobreza e cultura das classes trabalhadoras no Brasil.

A intenção foi desenvolver e explicitar a complexidade das dificuldades que os trabalhadores sem teto enfrentam para se constituírem como sujeitos segundo o que entendemos como 'ética do habitar', como projeto existencial de vida. Ao mesmo tempo, temos nossos próprios obstáculos, que discutiremos no decorrer da análise, ou seja, como se tornar sujeito de conhecimento de um saber teórico e metodológico em que esta temática está praticamente ausente do discurso acadêmico das ciências sociais.²

Bachelard foi escolhido como um dos autores que mais contribuem para pensarmos a intimidade do homem no espaço da casa, seja no seu sentido simbólico, imaginário, como subjetivo. O seu problema central em *A Poética do Espaço* (1988), é analisar uma diversidade de imagens poéticas de intimidade como valores simbólicos do habitar, associadas a casas como cabanas, castelos, ninhos, cantos, entre tantas outras. Através de estudos de imagens poéticas criadas pela literatura, poesia, pintura,

² "... Bourdieu postula que a teoria preside a investigação e endossa a idéia de Saussure segundo a qual o ponto de vista cria o objeto. ... evocando Poincaré, sustenta que talvez a maldição das ciências do homem seja justamente a de ter um objeto que fala. No caso da sociologia o discurso do objeto tem papel sedutor para a condução da investigação. A problemática pode traduzir, em última instância a fala do sujeito investigado e não a perspectiva teórica do sujeito investigador. Nesse contexto, para a prática sociológica das entrevistas - das histórias de vida e outras técnicas - as palavras e as razões do indivíduo são insuficientes para elucidar a conduta dos mesmos." Paiva, 1997:194,195

privilegia sobretudo o espaço e não o tempo enquanto memória. restrita à história "*para ser contada aos outros*". Propõe desenvolver um "*conhecimento da intimidade*", como mais "*urgente*" que a determinação de datas. O seu desafio está em trabalhar uma "*leitura cósmica*", imagens da natureza que "*aumentam os valores da realidade*" dos espaços íntimos de casa, sempre com o auxílio de "*documentos poéticos*" que expressam prazer, felicidade. Opta por deixar de lado imagens sobre "*espaços de hostilidade e de combate*"³, justamente imagens inevitáveis na visão de mundo de trabalhadores sem teto e, portanto, parte intrínseca de nosso objetivo de análise.

Bachelard sugere, num determinado momento, que à sua "*leitura cósmica*", os psicólogos deveriam acrescentar uma "*leitura social*"⁴ em relação ao seu estudo de imagens de espaços íntimos. Na verdade, nosso estudo resulta da decisão de correr este risco da perspectiva sociológica, dialogando, com outros campos de conhecimento que nos aproxima da relação existencial entre sujeito e casa. A *Poética do Espaço*, como filosofia fenomenológica, fundamenta basicamente a análise das relações entre casa, intimidade e subjetividade, o que nos permitiu discutir a extensão da expropriação dos conteúdos simbólicos e imaginários realizada pela lógica das políticas habitacionais dominantes entre os trabalhadores sem teto.

É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser jogado no mundo, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa ... ela é um grande berço. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. ... no momento em que o ser é jogado no mundo é uma metafísica de segunda posição. Ela passa por cima das preliminares em que o ser é o bem-estar, em que o ser humano é colocado num bem-estar, no bem-estar associado primitivamente ao ser. Para ilustrar a metafísica da consciência, será preciso esperar as experiências em que o ser é atirado para fora, ou seja, no estilo de imagens que estudávamos: expulso, posto fora de casa, circunstância em que se acumulam as hostilidades dos homens e a hostilidade do universo.⁵

Para este filósofo, a casa é "*permanência*", não fixação espacial ou temporal, mas valor ético, prazer desenvolvido no seu interior ou na sua "*maternidade*", que estimula a imaginação, provoca evocações e devaneios em quem habita, sem nunca serem definitivos quanto às imagens que o indivíduo pode criar, desejar na intimidade. Solicita nossa atenção para não rompermos a "*solidariedade*" existente entre a memória

³ Bachelard. 1988: 19-21, 28-29

⁴ Bachelard. 1988: 63

⁵ Bachelard. 1988: 26-27

e imaginação, porque acredita que só assim podemos *"determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços defendidos contra forças adversas ..."*. Trata-se de conhecer a *"riqueza do ser imaginado"* e esta *"matéria essencial"* é elaborada no *"espaço vivido"* da intimidade.⁶

Por meio das lembranças e da imaginação os homens constroem *"paredes"*, criam *"ilusões de proteção"*. Assim, *"o maior dos milionários"* pode *"tremar atrás de grossos muros"* e um homem sem casa sensibilizar os *"limites do seu abrigo... em sua realidade e em sua virtualidade, através dos pensamentos e sonhos."*⁷

A discussão sobre a ética do habitar foi abordada por vários pensadores como aponta Figueiredo (1995). Ao analisar a influência de Heidegger na obra de Foucault, revela que este último admite ser aquele seu *"filósofo essencial"*, tanto quanto Nietzsche. Procura identificar o *"legado heideggeriano"* na obra de Foucault, que apesar de *"multifacético"*, tem sempre a ver com uma *"crítica empreendida por Martin Heidegger às metafísicas do sujeito"* e da própria metafísica da modernidade. Além do método genealógico de Nietzsche, *"a destruição da metafísica do sujeito heideggeriano abriu espaço para a obra de genealogista realizada por Foucault."*

Figueiredo busca nas palavras do próprio Foucault a explicação do que suas obras recobrem, a partir de genealogias, três domínios de discussão: a constituição de sujeitos de conhecimento, nas relações de construção de um campo da *"verdade"*; a constituição de sujeitos *"capazes de agir sobre os outros"*, nas relações com o campo do *"poder"*; a constituição de sujeitos como *"agentes éticos"*, em *"nossas relações com a moral"*. Assinala ainda, quais obras exploram estes três eixos de reflexão.

Para o estudo do *"adensamento das subjetividades individuais"*, como um fenômeno característico da sociedade moderna e contemporânea, Figueiredo enfatiza que seu interesse maior como psicólogo, está nos escritos sobre o Poder (*"técnicas de dominação, com seus estudos das disciplinas, dos governos, das bio-tecnologias"*) e a Moral (*"técnicas de si"*).⁸

Destaca sob o título de *"O âmbito das éticas"*, um resumo da concepção de Foucault e sua grande importância para o *"estudo genealógico da subjetividade"*:

Numa rápida recapitulação, estas relações podem ... ser analisadas em quatro aspectos: (1) o da substância ética (isto é, a parte de si que é visada pelos ditames morais), (2) o modo de assujeitamento (ou seja, o modo dos indivíduos reconhecerem a força destes ditames), (3) os meios acionados para os controles e

⁶ Bachelard. 1988: 19

⁷ Bachelard. 1988: 43

⁸ Figueiredo. 1995: 2

transformações desejadas (vale dizer, os procedimentos ascéticos e ensinantes da ética) e, finalmente, (4) a teleologia de todo esse processo (que são os ideais normalizadores e norteadores de todos os esforços de transformação, definindo o tipo de homem perseguido nos processos de subjetivação).⁹

Explica que estes quatro aspectos estão articulados aos códigos e tem uma "*eficácia constitutiva*", bem como tais códigos, prescrições e proibições, além das "*relações consigo*", que são históricas, permitem ampla diversidade em termos de experiência humana. Sendo assim, lembra Figueiredo, mesmo tendo caráter histórico e sujeito a infinitas possibilidades de relações "*consigo*", as pesquisas genealógicas visam responder a uma grande questão, posta por Foucault em "*Dits e Écrits*" (Galimard, 1994, 814):

Como nós constituímos nossa identidade por meio de certas técnicas éticas de si que se desenvolveram desde a antigüidade até nossos dias?

Uma das possíveis respostas, segundo Figueiredo, está na relação entre "*A ética e o habitar*" e, para tanto, recorre a Heidegger, para indagar:

... haverá, para além destas variações e sem se opor a elas uma figura que metaforize a dimensão ética da existência em toda a sua complexidade e eficácia? Recorrendo aqui explicitamente a Heidegger *proponho a casa, a morada, o habitar*. Já no plano etimológico, *ethos* se refere tanto aos costumes como a morada, o habitar. Na verdade, hábitos e habitações compartilham a mesma raiz.¹⁰

Apesar de Figueiredo e Bachelard se situarem em campos de discussões muito distintos, é possível perceber importantes pontos de contatos na preocupação em apontar a "*morada*" como algo fundamental para a constituição da subjetividade e uma ética de existência para o indivíduo. A relação espaço (casa material) e valores éticos, culturais e simbólicos do habitar são indissociáveis para pensar a "*morada*" humana.

Bachelard usa a expressão "*casa essencial*" para falar de valores éticos e sublinha que esta casa nunca pode ser reduzida à sua "*realidade física, geométrica*". Procura pelo que chama de "*arquétipo primordial*" de casa como proteção, intimidade, que se expressa em seu estudo através de uma "*consciência imaginante*" e como um "*fenômeno de liberdade*", vigentes no plano da imaginação poética que investiga.

⁹ Figueiredo, 1995: 3, 4

¹⁰ Figueiredo, 1995: 4 (grifo nosso)

... não se trata de descrever casas, de pormenorizar-lhes os aspectos pitorescos e de analisar as razões do seu conforto. É preciso, ao contrário, superar os problemas da descrição - seja ela objetiva ou subjetiva, isto é, quer se refira a fatos ou a impressões - para atingir as virtudes primárias, aquelas em que se revela uma adesão inerente, de certo modo, à função original do habitar.¹¹

Do mesmo modo, Figueiredo baseando-se em Heidegger e Foucault, declara que a casa moderna "*pode ser concebida como um aparelho para morar*", mas também reconhece que a casa não é "*utensílio e objeto para o habitante*", mas tem o significado de um "*ethos*", com códigos, valores, ideais, posturas, para "*consigo mesmo e para com os outros, algo equivalente à moradia.*"¹²

No que diz respeito aos valores de proteção e intimidade há igualmente uma ênfase em Figueiredo, mesmo quando pensa - a partir do que Bachelard chamou de "*metafísica de segunda posição*" - a dupla ação do homem em lidar constantemente com a tensão de ser sujeito dentro e fora de si mesmo, ou seja, com os conflitos entre o 'habitar' sua subjetividade e a realidade social em que vive.

O homem é arremessado num mundo que ele não escolheu e é aí como a abertura ao que deste mundo lhe vem ao encontro, ou seja, ele existe no sentido preciso de *ser fora de si mesmo, de ser o seu fora*. Ora, sustentar-se neste existir, e só assim se existe, exige um espaço de separação, de recolhimento, de proteção que não encerre o existente numa clausura, mas lhe ofereça uma abertura limitada em que se reduzam os riscos dos maus encontros.¹³

Interpretamos a ocupação da Vila Lídia em Campinas, como um momento em que os sem teto tentaram estabelecer um limite, um espaço de separação nítido entre o que é ser na dimensão individual e na social, na interioridade e exterioridade de si mesmos, através da luta pela conquista de uma moradia.

Seguindo o autor, "*somente a partir de um primordial sentir-se em casa*" que poderemos seguir constituindo e modificando nossas identidades individuais e sociais, nas "*experiências de encontro de alteridades para os conseqüentes acontecimentos desalojadores*"¹⁴ do viver, que reiteram necessidades de um cuidar de nós mesmos.

¹¹ Bachelard, 1988: 24

¹² Figueiredo, 1995: 4, 5

¹³ Figueiredo, 1995: 4 (grifo do autor)

¹⁴ Figueiredo, 1995: 5

Portanto, as casas para serem "*protetivas, sustentadoras, acolhedoras*", tem de ter tanto uma dimensão material, como uma dimensão "*simbólica, proporcionada pelo ethos.*"¹⁵

Ao final do artigo Figueiredo faz uma análise sobre o que considera formas históricas de se habitar o mundo, levando em conta a relação entre casa e *ethos*. Mencionaremos porém, somente algumas de suas últimas reflexões. Acredita que na sociedade contemporânea o sujeito é habitado por três "*diferantes*": os liberais, as disciplinas e os romantismos. Conclui que a ética contemporânea nos impede de "*habitar serena e confiadamente uma só casa*". Ressalta como exemplo, a dificuldade do sujeito de "*habitar em si mesmo*", devido as experiências "*mortíferas de desterritorialização*" do indivíduo.

A falta de uma casa, a falta de um ethos confortável e sustentador está, creio eu, na raiz das ondas nacionalistas, racistas e xenóforas dos últimos anos; está na raiz de um cultivo belicoso e intolerante dos particularismos e das pequenas diferenças, está na raiz dos muitos processos agressivos de retribalização.¹⁶

Estamos abordando, como se vê, um campo de conhecimento em que o conceito de intimidade em nossas reflexões não pode ser considerado uma noção pensada, calculada, socialmente sabida entre nossos entrevistados sem teto. Mesmo assim, nossa discussão será a de encontrar uma alternativa para investigar a existência de uma determinada ética do habitar - a dos sem teto - em contradição com os valores funcionais da habitação provisória, especialmente dramáticos em países como o Brasil.

O estudo da habitação provisória consiste, dessa maneira, em verificar na prática como funciona a especificidade da "*desterritorialização*" dos sem teto que os impedem de "*habitar em si mesmos*" e em sociedade devido à fragmentação de sua existência no cotidiano, expressa pelas reiteradas perdas de casas que vivencia na cidade e, em toda a sua violência física e simbólica, nos despejos individuais e coletivos.

A provisoriade como modo de vida está sendo entendida como um projeto social disciplinar tão relevante quanto o de sedentarização, cujos objetivos de vigiar, controlar, impor a fixação de espaços aos habitantes pobres da cidade está amplamente contemplada na discussão desenvolvida pelo debate acadêmico. Não são projetos disciplinares socialmente excludentes, mas complementares para a racionalização do

¹⁵ Figueiredo, 1995: 6

¹⁶ Figueiredo, 1995: 9, 10

capital e do uso instrumental dos espaços urbanos desde o surgimento das cidades modernas.

O reconhecimento e familiaridade que o homem encontrava na relação e unidade íntima e antiga entre casa-aldeia, casa-cidade, casa-nação, quer provisórias ou permanentes,¹⁷ foram banidas da sociedade industrial, da organização da cidade capitalista, "*lugar prioritário do mercado, da circulação da mercadoria e da crescente cientifização do real*".¹⁸

Entretanto o estudo da necessidade de uma relação ética, simbólica e social do homem com o espaço não desapareceu e, até onde pudemos investigar, está quase que exclusivamente presente na investigação antropológica de sociedades primitivas e sem um destaque definido para o estudo de simbolismos de 'casa' enquanto tema de pesquisa importante em si mesmo. Ainda assim, quando encontramos referências à casa em sociedades primitivas nos estudos antropológicos, inclusive em estudos funcionalistas, indiretamente emergem não só valores éticos de "*permanência*" do habitar, mas uma grande diversidade simbólica e cultural de relações possíveis com o espaço.

... região do Alto Rio Negro, o noroeste amazônico, morada de povos de língua Tukano. ... Cosmos, território, maloca - a casa comunal que abriga os moradores de um grupo local - organizam-se espacialmente reproduzindo, naquele mesmo padrão, um modelo próprio de relacionamento social baseado principalmente no parentesco e na sucessão das gerações ao longo do tempo.¹⁹

¹⁷ "Castelo: Edificação fortificada para a defesa de uma cidade ou distrito, podendo ser a residência privada de um nobre na Idade Média. Apesar de serem também chamadas de 'castelos', as fortalezas celtas, campos romanos e saxões, eram desenhadas de forma a fornecer refúgio para populações inteiras; evidências arqueológicas sugerem que na Inglaterra as residências fortificadas privadas datam do século 9o. ... A fortaleza (que na forma arredondada era chamada de concha) combinava uma forte defesa com bairros domésticos. A necessidade de estender estes bairros implicou em proteger os pátios por linhas de torres ligadas como uma cortina de muros." *Nova Enciclopédia Ilustrada Folha*.1996:171

¹⁸ Matos.1982: 45-52

¹⁹ *Índios do Brasil*. 1992: 78; (Um Dicionário de Antropologia português, por exemplo, faz observações a referências culturais de permanência em moradias tanto de povos nômades como de sedentários: "O acampamento é a aldeia móvel do nômada. ... Associação de um grupo de tendas, o acampamento tem uma extensão variável que depende das condições ecológicas. ... Seja qual for o grau de extensão dos acampamentos, a sua configuração é regulada, para um mesmo grupo, por uma lei de organização idêntica. ... Tal como a aldeia fixa, o acampamento expõe a sua estrutura social. Aliás em caso de sedentarização, a nova aldeia observa as regras de organização do acampamento: assim, em torno de Ouargla, na África do Norte, as casas, tal como dantes as tendas, agrupam-se por fracções e alinham-se, muito separadas umas das outras, segundo uma direção fixa. Acrescenta-se a isto a regra, não raro religiosa, da orientação do conjunto e também da abertura da tenda. ... Pela sua estrutura invariante, se bem que móvel, o acampamento assegura ao nômada um substituto de permanência e serve-lhe de referência fixa."1983: 9-11.

Enquanto na sociedade moderna predomina a noção burguesa de fixação espacial da propriedade privada, influenciando nas significações sociais do que vem a ser o 'habitar', entre povos indígenas vemos a possibilidade de culturas que combinam moradias fixas e provisórias, mantendo a unidade de seus símbolos e a correspondente organização social. Casa fixa e trabalho podem se separar em certas estações do ano, em algumas rotinas de caça, extrativismo ou pesca, exigindo moradias temporárias que contribuem para cultivar suas referências de permanência com o espaço vivido.

Surgindo as praias do Araguaia, os Karajá nelas se estabelecem; crescendo, porém, na estação das chuvas, as águas desse rio, eles se retiram para aldeias situadas em lugares mais altos e cujas casas são maiores e mais fechadas do que as habitações do tempo seco ... Mudanças há de aldeia que se repetem, até todos os dias. Os Rukuyenne do rio Yari, por exemplo, tem, devido à praga de mosquitos, uma aldeia com casas bem fechadas onde passam a noite, e outra cujas construções deixam entrar mais ar e que habitam de dia Muitos índios constroem, além das casas de sua aldeia fixa, durante as caçadas ou viagens, choças mais rudimentares que, muitas vezes, não passam de simples abrigos ... ²⁰

Halbwachs (1990) em seus estudos sobre "*espaço e memória coletiva*", nas primeiras décadas do século XX na Europa, época de grandes destruições do espaço urbano devido às guerras, sublinha as perturbações que os indivíduos encontram na modernidade para viver em espaços cambiantes, estranhos, provisórios, em reformas. O autor nos remete, em determinadas passagens, para a necessidade de indagar sobre as dificuldades de se viver sem referências de permanência e intimidade com o espaço, vivida por muitos apenas como memória, lembranças de moradia passadas. Mas, é preciso reconhecer ainda a questão do patrimônio simbólico do habitar destes povos europeus, que viveram uma intimidade espacial entre casa e aldeia, casa e cidade, casa e nação.

Por que nos apegamos aos objetos? Por que desejamos que não mudem, e continuem a nos fazer companhia? Afastamos toda consideração de comodidade ou de estética. Nosso entorno material leva ao mesmo tempo nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos moveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro. ²¹

²⁰ Landecker.1942: 159, 160, 162

²¹ Halbwachs. 1990: 131 "A casa tradicional chinesa (Ming-r'ang) é quadrada; ela se abre para o sol nascente, o dono da casa se volta para o sul, como o imperador em seu palácio: a implantação *central* da construção se faz segundo as regras da geomancia. O teto é furado com um buraco para a fumaça: o solo, com um buraco para

Esta antiga intimidade com o espaço, presente também na cultura oriental²², no sentido de uma ética do habitar foi expropriada, fragmentada e especializada pela lógica burguesa. Algumas das consequências sociais desta profunda ruptura para com a cultura do habitar antigo foram as interpretações que os estudiosos passaram a dar às intervenções da burguesia no espaço da cidade.

A casa, desde então, passou a ser então muito mais sinônimo de "*vida privada da burguesia ou intimidade burguesa*" do que qualquer outra coisa. Mesmo a produção do pensamento crítico em relação às históricas reformas urbanas da cidade capitalista também não escapou de algumas simplificações na análise das contradições de classes, criando representações conceituais rígidas de valores para os espaços. Tornou-se muito comum considerar a casa como um lugar privilegiado unicamente pela burguesia, enquanto a rua, a cidade, o lugar privilegiado das classes operárias.

O nomadismo moderno, como provisoriedade de vida imposta aos trabalhadores e suas famílias, é considerado, muitas vezes, apenas de um ponto de vista: o da alternativa operária pela perambulação como "*resistência, luta pelo direito à cidade*", contra a política dominante de sedentarização.

Quer dizer, no limite, há o risco de certas análises passarem ou sugerirem a falsa idéia de uma espécie de luta 'objetiva do proletariado' pelo 'direito à provisoriedade' como sinônimo de luta pelo direito à cidade, sem reconhecer que se trata de um outro elemento essencial da funcionalidade da sociedade burguesa, cuja essência é a mesma presente no projeto disciplinar da sedentarização. Só que, neste caso, para garantir outros objetivos, como os de uma política legalmente abusiva ou mesmo informal de alugueis, patrocinada por interesses de proprietários particulares contra inquilinos operários, inclusive com o apoio da repressão policial, além de outras razões, como as de controle político e uso privado de certas áreas do espaço público.

Enfim, a reflexão acadêmica é muito mais desenvolvida nos estudos das políticas de restrições à circulação dos trabalhadores na cidade, sua fixação e segregação em conjuntos planejados de bairros de periferia. O modo de vida provisório, porém, revela que se trata de algo muito mais complexo do que estratégias de migração para a sobrevivência de famílias operárias, exigindo uma retomada da reflexão acadêmica para

drenar a água da chuva: a casa tem, assim, o seu centro atravessado por um eixo que reúne os *três mundos*. ... A iurte mongol é redonda, em relação com o nomadismo, pois o quadrado orientado implica a fixação espacial; o mastro central, ou apenas a coluna de fumaça, coincide com o Eixo do mundo." *Dicionário de Símbolos*. 1991: 27

²² "A casa tradicional chinesa (Ming-t'ang) é quadrada; ela se abre para o sol nascente, o dono da casa se volta para o sul, como o imperador em seu palácio: a implantação *central* da construção se faz segundo as regras da geomancia. O teto é furado com um buraco para a fumaça: o solo, com um buraco para drenar a água da chuva: a casa tem, assim, o seu centro atravessado por um eixo que reúne os *três mundos*. ... A iurte mongol é redonda, em relação com o nomadismo, pois o quadrado orientado implica a fixação espacial; o mastro central, ou apenas a coluna de fumaça, coincide com o Eixo do mundo." *Dicionário de Símbolos*. 1991: 27

problematizar suas consequências sociais da perspectiva da construção de individualidades, subjetividades, especialmente entre os setores mais pauperizados das classes trabalhadoras, os mais atingidos pela provisoriedade da moradia e do trabalho na sociedade moderna.

A intervenção no espaço visando a desamontoar os grupos sociais e atividades e aumentar a velocidade de circulação redefine a paisagem urbana em termos de funcionalidade ... rompe-se a rede de relações que dava fundamento à vida dos grupos populares e que se nutriam da 'desordem' calcada na ocupação indiscriminada do espaço público. A territorialização da ordem a partir da inscrição na paisagem urbana de uma geometria, de uma abstração, irá subverter por completo a lógica que estruturava a vida urbana, comprometendo seriamente o destino daqueles nômades urbanos que sempre sobreviveram nas dobras do espaço público.²³

Nesse caso, é preciso reconhecer as muitas ambigüidades e contradições que as classes dominantes produzem em relação ao uso dos espaços na modernidade. Ao mesmo tempo em que precisam de mão-de-obra ou de inquilinos disponíveis, circulantes, provisórios, desejam segregá-los, fixá-los, vigiá-los nas moradias dos subúrbios da cidade.

A lógica burguesa não previu exatamente todas as consequências sociais do que produziu na cidade, embora sempre tenha apostado em projetos supostamente técnicos e neutros para intervenções que visam (re)estabelecer uma 'ordem orgânica' e na utilização dos espaços urbanos.²⁴

As análises críticas contra os projetos de sedentarização de trabalhadores contribuí fundamentalmente para desvendarmos mais as práticas de dominação burguesa do que propriamente conhecer a experiência e a cultura ética do habitar daqueles trabalhadores que foram mais diretamente atingidos pelas intensas transformações da modernidade.

²³ Pechman. 1994: 32,33 (grifo nosso)

²⁴ "As discussões a cerca da crise de paradigmas, de uma antropologia pós moderna, a nova história que reinvidica a ausência de leis e o direito à subjetividade, evidenciam que, de certa maneira, também essa esfera foi abalada - ainda que tardiamente - pelo movimento denominado por Bachelard *a revolução psíquica deste século*. ... Ao nos confrontarmos com tais reflexões concernentes a uma nova *épisteme* ou a um novo quadro de referências para o pensamento científico, convém interrogarmos essa persistência de referências pertinentes ao paradigma anterior, equacionando se a sociologia teria logrado realizar os seus propósitos de conhecimento, previsão e controle da sociedade. Questionamento atinente não apenas à sociologia mas à ciência em geral que alcança seu apogeu num momento em que a razão é excessivamente valorizada, acreditando-se apta para pulverizar o ilógico, a irracionalidade do mundo, submetendo a natureza ao controle humano. Projeto que não foi bem sucedido. Contrariamente, a credibilidade excessiva que a modernidade depositou na ciência resultou num mundo fora de controle que, ao invés de submeter-se aos homens, findou por submetê-los." Paiva. 1997:179,180

No que diz respeito à provisoriedade, o conhecimento emerge mais como parte de outros temas estudados, quase sempre subordinada a descrições históricas conjunturais, de precariedade da casa operária, desconfortos dos espaços domésticos e dificuldades econômicas com o aluguel, aquisição da casa própria ou migrações.

Continuamos sem acesso, portanto, a um debate que privilegie um conhecimento de desejos de autonomia e concepções culturais e éticas dos trabalhadores e suas famílias em relação à casa, especialmente aqueles que sobrevivem em meio à provisoriedade, imposta como modo de vida. Por razões clássicas de conhecimento sabemos mais sobre suas representações quanto ao trabalho e à vida pública do que de suas concepções existenciais intrinsecamente ligadas ao habitar.

Conta-nos Michelle Perrot em seu *Os excluídos da História ...* que no século XIX os operários (de Paris) atribuíam mais valor à cidade do que à moradia. ... vital nos expedientes de sobrevivência das camadas populares. ... Nesse sentido, o espaço público, a rua, se mostra muito mais importante para a população pobre do que a própria moradia. É por isso, afirma Perrot, que a questão da moradia, além de não ter origem operária, não empolga aqueles que deveriam 'sofrer' suas consequências. Para o operário o problema da moradia não se centra na sua insalubridade, na sua impropriedade como 'habitação decente', mas no seu custo. O dilema operário com a moradia é pois o do preço do aluguel e não o da sua superpopulação ou da sua degradação. ... Se a valorização do lar frente à rua, a evolução familiar ... empurram o operário para o interior da casa (Perrot), nunca o projeto higienista conseguirá esvaziar totalmente a rua das práticas e da presença popular.²⁵

Vejamos um pouco mais da história das rupturas com as antigas vivências de intimidade entre casa-cidade, casa-aldeia, que podem ser encontradas, ou melhor, deduzidas de vários estudos, uma vez que nossas questões não foram o objeto central destas análises, como é o caso de Norbert Elias (1990).

As minuciosas descrições sobre as origens do "*processo civilizador*" das classes dirigentes ocidentais a respeito dos costumes, principalmente do ponto de vista da repressão moral, deixam claro de que modo tais mudanças transformaram a vida social e a subjetividade dos indivíduos.

A intimidade burguesa, passa a ser sinônimo de "*bons costumes e bom comportamento*" dentro e fora de casa, em relação à Idade Média. O que se constata mais imediatamente, de diferentes maneiras, é o estranhamento que se produz continuamente com o espaço público, entre elas a proibição da satisfação das necessidades físicas, amplamente documentada pelo autor.

²⁵ Pechman, 1994: 29,30, 33

... a rua, e quase todos os locais onde a pessoa por acaso se encontrasse, serviam para a mesma finalidade... Não é nem mesmo raro recorrer à escada, aos cantos da sala, ou aos beirais das muralhas de um castelo, se a pessoa sente tais necessidades. ... Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa ... torna-se a classe superior, governante, a família vem a ser a principal e dominante instituição com a função de instilar controle de impulsos. ²⁶

Durante os séculos XVIII e XIX, os procedimentos civilizados vão sendo intensificados por "*razões higiênicas*" e de "*saúde*", em detrimento dos antigos motivos religiosos, como o da onipresença de anjos vigiando todos os atos de cada ser humano; enquanto crescem, do mesmo modo, a descoberta e os sentimentos de medo, vergonha e o controle das emoções.

Segundo Elias, esse processo paulatino e moderno de autocontrole sobre o corpo e as emoções foi possível também devido ao desenvolvimento técnico, industrial, que aparelhou "*de maneira satisfatória o problema de eliminação dessas funções na vida social e seu deslocamento para locais mais discretos.*" ²⁷

Apesar da "*sensibilidade crescente*" em termos psicológicos e corporais, apontada pelo autor, os indivíduos corriam sérios riscos de "*confinamento*" em casa ou em alguma instituição, caso não correspondessem aos "*bons costumes.*"

... a um especialista em doenças nervosas seria conferida a tarefa de corrigir o condicionamento mal sucedido dessa pessoa. ²⁸

Sabemos através de outros estudos, sobre as dificuldades que as famílias operárias enfrentavam para por em prática este padrão de civilização, uma vez que não tinham o mesmo acesso ao progresso técnico e melhorias introduzidas nas construções ou em reformas habitacionais, adaptações materiais enfim, para preencher as expectativas dos padrões dominantes do habitar a casa e a cidade. De certa forma, se observarmos nossa realidade, as consequências sociais que resultam deste modelo *civilizador* continuam a fazer suas vítimas até os dias de hoje.

²⁶ Elias. 1990: 142

²⁷ Elias. 1990: 144

²⁸ Elias. 1990: 146

Dessa maneira, a 'intimidade' passou a ser então norma, examinada, vigiada, instituída, expropriando os sujeitos de um saber-fazer do habitar antigo, que incluíam o prazer e familiaridade com o espaço interior e exterior da casa, viver valores culturais de permanência.

Em seu lugar, a ciência constrói um poder vigilante, um conhecimento que penetra especializando e ao mesmo tempo que intensificando a tensão entre os dois espaços. Realiza sua tarefa, tendo em vista a necessidade de observar, classificar, descrever comportamentos, nomear indivíduos, famílias, crianças, mulheres, etc., de acordo com conceitos instrumentais que, de tão repetidos, impedem os trabalhadores de reconhecer objetivamente as dificuldades que enfrentam para desenvolver vivências e valores éticos do habitar.

Ainda em Elias, as descrições de comportamento em quartos de dormir e banhos apresentam igualmente, argumentos que confirmam o desaparecimento de relações de proximidade muito intensas entre o lugar pessoal da moradia e a atividade social, pública.

É muito freqüente, diz um observador, 'ver o pai, nada mais usando que calções, acompanhado da esposa e dos filhos nus, correr pelas ruas, de sua casa para os banhos ... Esta despreocupação desaparece lentamente no século XVI e mais rapidamente nos séculos XVII, XVIII e XIX, no início nas altas classes altas e muito mais devagar nas baixas ... com referência à Alemanha.' ... a vista da nudez total era a regra diária até o século XVI... As pessoas adotavam uma atitude... mais infantil com relação ao corpo e a muitas de suas funções. ²⁹

No séc. XIX dificilmente alguém entenderia a falta de vergonha e de medo nos banhos coletivos da Idade Média, quando reuniam-se homens e mulheres nus no espaço público. Na medida em que "*o processo civilizador*" se desenvolve, mais paredes são construídas, tanto materiais, quanto psicológicas, para colocar em prática o "*recato extremo*" do período. A "*barreira emocional*" separa um corpo do outro cada vez mais. Cada um passa a ter a sua própria cama, quando antes o comum era abrigar crianças, e até mesmo hóspedes no mesmo leito. Nas classes médias e altas primeiramente a mudança de comportamento exigiu também a separação de quartos. A cama e o corpo passam a representar "*zonas de perigo psicológicas*".³⁰

²⁹ Elias, 1990: 165

³⁰ Elias, 1990: 169

Maria Helena Oliva Augusto (1993), em seu artigo "*O Indivíduo na teoria social e na literatura: o momento contemporâneo*" propõe uma investigação sobre as noções de Indivíduo e Sujeito, para discutir a "*possibilidade / impossibilidade de sua existência*" contemporânea, tanto na literatura, como na teoria social, em momentos distintos da história: séc. XIX, início séc. XX, o pós-guerra e anos 60.

Na medida em que segue analisando os mais significativos autores no campo da teoria social (Castoriadis, Foucault, Arent, Habermas, Deleuze, entre outros), vai ressaltando as características do indivíduo contemporâneo. Esta reflexão, inevitavelmente, tornou-se um convite para pensar o modo de ser dos trabalhadores sem teto, que apresentam de forma muito intensa e explícita certos elementos do indivíduo em questão.

Assim, a invasão do 'descontínuo' implicou a intervenção maciça dos especialistas A fragmentação e a descontinuidade constituem um modo de ser em todos os domínios da vida - da ação ao conhecimento. ... sujeito marcado fundamentalmente pela exclusão. ... Dos pedintes e camelôs presentes nos cruzamentos das grandes cidades às cenas de violência urbana que os meios de comunicação registram, das notícias dos grandes golpes tudo é velozmente consumido e rapidamente desaparece dando lugar ao evento mais recente e mais espetacular que, também, em breve, será esquecido.³¹

Quando busca na literatura brasileira este sujeito contemporâneo, escolhe dois textos literários brasileiros - o conto *A Casa de Vidro*, de Ivan Angelo (1979), e o romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector (1969) - ambos situados no período da ditadura militar no país. No primeiro, está colocada a questão da impossibilidade de existência do Indivíduo contemporâneo e, no segundo caso, há a possibilidade de conquista e transformações da individualidade autônoma.

Ficamos particularmente interessados na interpretação que a autora realiza sobre o conto *A Casa de Vidro*, uma vez que trata metaforicamente do cotidiano do sujeito na vida urbana, representando nossa dificuldade contemporânea em perceber

... limites entre as dimensões do privado e do público, a invasão do íntimo, do individual. A intervenção institucional é de ocultação e banalização da vida, cria obstáculos iniciais para o indivíduo lidar com o estranhamento, medo, excitação,

³¹ Augusto, 1993: 13, 14

mas este momento, aos poucos, acaba se incorporando à paisagem, à monotonia do conhecimento.³²

As referências ao conto terminou provocando uma nova associação de imagens por nossa parte, mais uma vez com as características básicas do que estamos tentando definir como 'habitação provisória'. Podemos sublinhar alguns dos muitos traços ficcionais do texto literário *A Casa de Vidro* para pontuar os obstáculos que este tipo de habitação representa para a existência do indivíduo - e de forma aguda entre os sem teto - pois apontam para certos "*processos e relações presentes no cotidiano*", dentre eles temos: uma "*privacidade interdita, a vigilância constante*" ... "*a diluição da alteridade ... a indiferença ... o esquecimento ... caráter de total impessoalidade dos personagens do conto ... completo anonimato, ... encarnações de papéis, de funções.*"

Na verdade, estas imagens também podem traduzir uma realidade social onde há um impedimento instituído para a existência do indivíduo, particularmente sintetizado nos processos contínuos de despejos de moradias que vivencia com a família ou em grupo, onde não pode cumprir a "*função*" ou "*papel*" de inquilino honesto, legal.

Nestes termos, em nosso estudo, a ocupação urbana é uma tentativa de recusa concreta a um modo de ser impessoal e descontínuo, de resgate de alguma autonomia social e individual, em busca de uma "*dimensão significativa nas relações sociais*", que não se conforma à funcionalidade instituída da cultura habitacional dominante.

A autora, quando dialoga com a teoria social, aponta vários outros autores que apostam em caminhos e possibilidades de existência do indivíduo. Horkheimer é um deles:

... ressalta um aspecto nuclear da verdadeira individualidade: a resistência (ainda possível, mesmo que difícil e solitária) à irracionalidade, à mimese, à administração. ... os mesmos processos econômicos e culturais que estão causando a obliteração da individualidade auguram, ainda que a promessa seja ainda muito pálida, a introdução de uma nova era na qual a individualidade possa emergir como um componente necessário, numa forma de existência mais humana.³³

Analisar o sujeito sem teto desta perspectiva significa que, apesar do dilaceramento de sua subjetividade na provisoriedade, existe uma luta contínua por vivenciar uma ética do habitar a casa e a sociedade em que vive. Precisa criar laços

³² Augusto, 1993: 15

³³ Augusto, 1993: 22, 23.

concretos de intimidade (como alteridade/isolamento e pertencimento/sociabilidade) nestes dois espaços, para se constituir como indivíduo e resistir ao anonimato, desterritorialização e indiferença social.

A vida pública, portanto, é um complemento fundamental e não o único elemento para uma discussão sobre uma dimensão íntima e ética da existência humana, cuja constituição se inicia desde o primeiro momento no ato de habitar a casa do nascimento. O processo de individuação e socialização do indivíduo constantemente exigirá uma distinção e auto afirmação que procurará estabelecer de diversas maneiras durante a vida. Dentre elas estão as referências que estabelece entre a casa e a cidade, entre espaços íntimo e social, entre interioridade e exterioridade do mundo.

Hillman (1993), para valorizar o que ele chama de "*alma da cidade*", ou em outras palavras, a presença da cidade na interioridade do sujeito, da perspectiva de vivências de prazer e familiaridade com o espaço público, questiona as possibilidades destes acontecimentos na sociedade contemporânea.

... estou enfatizando o lugar da intimidade dentro de uma cidade. pois intimidade é crucial para a alma. ... Uma cidade que negligencia o bem-estar da alma faz com que a alma busque seu bem-estar de forma degradante e concreta, nas sobras desses mesmos reluzentes arranha-céus. ... A frustração da alma, em face da uniformidade e impessoalidade de grandes muros e torres, destrói, como um bárbaro, aquilo que não pode compreender. estruturas que representam a conquista da mente, o poder da vontade, e a magnificência do espírito, mas que não refletem as necessidades da alma. Por nossa saúde psíquica e bem-estar de nossas cidades, continuemos a encontrar maneiras de abrir espaço para a alma.³⁴

Há um predomínio na tendência de se discutir a invasão da intimidade do sujeito na modernidade decorrente do uso indiscriminado do poder racionalista da ciência. Autores de diferentes filiações teóricas e filosóficas questionam a constituição dominante do conceito de intimidade, que foi sendo institucionalizado, normatizado e definido pela burguesia e pelo Estado, em distintos momentos do capitalismo, obstaculizando o surgimento de qualquer outro olhar ou discurso sobre o assunto.³⁵

³⁴ Hillman. 1993: 42

³⁵ "As análises foucaultianas esclarecem que o discurso científico se desenvolve no interior de uma *epistème* que não pode ser dissociada de sua história. O autor explora verticalmente a idéia segundo a qual cada época gera um quadro referencial do pensamento que atravessa todos os discursos, uma *epistème* que condiciona a possibilidade da produção de todo saber, o que torna as mais dispares manifestações vinculadas a um único campo de pensamento que as relaciona. Se há contradições, diferenças e antagonismos entre sistemas de pensamento concomitantes, essas dissonâncias são superficiais. De acordo com Foucault, arqueologicamente falando, há uma homogeneidade que alicerça os saberes que é estabelecida pela historicidade." Paiva. 1997:75,176

Inevitavelmente esta passa a ser uma discussão sobre a complexa e dinâmica relação - sempre tensa e ambígua - entre vida pública e vida privada. Em relação ao espaço, entre referenciais culturais de permanência perdidos e políticas de fixação e/ou provisoriedade, provocando fragmentações, sofrimento moral, mas também resistências dos indivíduos nas tentativas de instituir a si mesmos nas lutas por habitação na cidade.

Sennett (1988), apesar de compartilhar com a preocupação da tensão e ambigüidades entre estes espaços, contraria a tendência mais ampla das análises ao denunciar não o crescente processo de controle cientificista da vida pública e íntima dos indivíduos, mas as múltiplas formas que assume a concepção de "*intimidade burguesa*" e que vem adquirindo o sentido do que considera a "*morte da vida pública*".

O conceito de intimidade desta vez tem um enfoque diferente, embora a ênfase da crítica também seja construída contra as classes dominantes. Destacamos do autor a questão do uso privado que estas classes fazem do espaço público, em prejuízo da vida social dos indivíduos na sociedade moderna.

Consideramos que os dois processos de dominação coexistem e até mesmo se complementam, de forma complexa evidentemente: o poder disciplinador do cientificismo e a "*visão intimista*" da vida social não são situações excludentes, como nos pareceu em certos momentos da discussão. Para que haja uma intervenção eficiente da "*intimidade burguesa*" nos espaços públicos e privados, é preciso a cooperação do conhecimento e da ciência, como o próprio autor acaba demonstrando.

Embora nosso objetivo principal não seja desenvolver uma discussão sobre o espaço público, nos interessa verificar como algumas questões de Sennett confirmam, a partir de um outro ângulo de análise, algumas de nossas preocupações. O que procuramos exercitar em nossas reflexões é como este estudo pode contribuir para pensarmos a ética do habitar, seja no espaço da casa e no da cidade, que não seja unicamente a confirmação da intimidade burguesa.

Nas palavras deste autor, a intimidade, tornou-se limitada. "*um fim em si mesmo*", ou ainda, "*conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo.*"

Acredita Sennett, que a hiper valorização da intimidade na modernidade, torna a vida social decepcionante, devido às expectativas que cria nos indivíduos no espaço público.

Intimidade conota calor, confiança e expressão aberta de sentimentos. Mas, precisamente porque acabamos por esperar tais benefícios psicológicos permeando a gama de nossas experiências e ... porque muita vida social que tem uma

significação não pode conceder tais recompensas psicológicas. o mundo exterior, o mundo impessoal, parece rançoso e vazio.³⁶

Esta situação provoca o que chama de "*confusão entre vida pública e íntima*", porisso seu objetivo central é construir uma "*teoria da expressão em público*", através da "*interação entre história e teoria*."³⁷

Segundo seu entendimento, houve uma crescente importância, desde o século XIX, da psicologia no seio da burguesia, em troca das questões sociológicas de participação e de ação em grupo. Este é o tema principal de sua análise e procura demonstra-lo a partir do estudo de diversas manifestações de relações sociais, como as do "*amor, papéis públicos*", história dos usos dos "*espaços públicos*", a vida dos "*artistas*", entre outros.

Do ponto de vista do que chama de "*espaço público morto*", faz interessantes críticas e observações sobre a relação espaço público e privado nas construções arquitetônicas que adotam a "*estética da visibilidade*".

Um dos destaques da discussão é sobre como os indivíduos sofrem diretamente as consequências da visão de intimidade burguesa no espaço, posta em prática por esta determinada concepção de arquitetura. As descrições aí presentes possuem muitas semelhanças com as descrições ficcionais da literatura vistas anteriormente em Maria Helena Oliva Augusto (1993).

Paredes quase inteiramente de vidro, ... fazem com que o interior e o exterior de um edifício se dissolvam ... S. Giedion chama o ideal da parede impermeável, o máximo de visibilidade... barreiras herméticas.³⁸

Analisa de que modo muitos edifícios construídos após a 2ª. Guerra Mundial, como o "*Lever House de Gordon Bunshaft*", no Park Avenue, em Nova York, ou o "*Brunswick Centre*", no bairro Bloomsbury, em Londres, são expressões da privatização e conseqüente desvalorização, do espaço público.

O mais grave, na sua avaliação, é o que chama de "*supressão do espaço público*" deste e de outros edifícios citados. As praças e ruas para estas construções mudam de objetivo, não existem mais para se estar, se relacionar, um convite para permanecer em público por prazer. Tornaram-se apenas "*passagem entre um exterior e*

³⁶ Sennett. 1988:17

³⁷ Sennett. 1988: 16,18,19, 27

³⁸ Sennett. 1988: 26

interior", ambos com um máximo de visibilidade. Deve permanecer vazio, sem movimento de pessoas, a não ser para motoristas e automóveis.

Refere-se muito superficialmente aos "*trabalhadores*", mas o suficiente para confirmar o estranhamento que as classes dominantes impõem, inibindo-os de relacionar-se com os espaços públicos, devido à imposição da "*visão intimista*" de mundo.

Outras semelhanças acontecem também em Hillman (1993) em termos de problematizações de espaços (escritórios), mas com críticas contra a visão excessivamente racionalista de mundo.

Em Sennett (1988), igualmente, a mesma desmedida visibilidade das pessoas inibe sociabilidades e provoca o silêncio, o isolamento. As razões mais graves não são os excessos dos controles técnicos racionalistas voltados para os objetivos do produtivismo, mas novamente a "*ideologia da intimidade burguesa*".

Nossa interpretação é a de que, ao denunciar de maneira pertinente a crescente tendência do uso particular que a burguesia faz do espaço público, restringe demasiadamente a reflexão sobre o uso do conceito de 'intimidade'. Não há, neste contexto, como pensar a existência de uma outra concepção de intimidade que nos conduza para uma ruptura para com a visão dominante. Enfim, para nosso trabalho de problematização, Sennett nos deixa sem opção para pensarmos a intimidade de maneira mais autônoma, como concepção ética para habitar a casa e a cidade, por exemplo.

Assim, nos parece que a crítica aos paradigmas da ciência moderna está muito mais fundamentada em termos de proporcionar novos e possíveis avanços no campo de uma discussão cultural e ética sobre sujeito e intimidade nos espaços vividos, seja em termos públicos como privados.

Trata-se de refletir a respeito da luta pela conquista da intimidade do sujeito em primeiro lugar consigo mesmo (a 'casa' interna), uma espécie de ponto de partida para que este possa se reconhecer em relações privadas e públicas menos desumanas e socialmente mais livres. É lógico que tudo isto está na grande dependência da qualidade de vida que este indivíduo vier a ter na dimensão concreta da vida social. Apesar da extrema diversidade de enfoques teóricos entre si, existem alguns autores pensando o tema intimidade e espaço do sujeito contemporâneo, indo além dos limites impostos pela concepção dominante, como Hillman ou Bachelard.

Para Sennett, ao contrário, o problema está em criticar a intimidade, sempre como cultura burguesa, relações psicológicas forçadas entre os indivíduos no espaço social, prejudicando as relações formais, de impessoalidade, próprias da vida pública.

Por outro lado, as imagens do habitar investigadas por Bachelard contribuem de forma decisiva para que possamos admitir a existência de infinitas possibilidades simbólicas que estão nas origens das significações sociais da habitação humana, uma vez que não podemos reconhecê-las na cultura dominante da sociedade moderna e contemporânea devido à sua destruição ou negação sistemática, ditadas pelo objetivismo e interesses das visões racionalistas de mundo.

Metodologia da pesquisa: habitação provisória, ética e imagens do habitar.

Um dos problemas do trabalho de pesquisa de campo foi lidar com a falta de um discurso socialmente consagrado para expressar a tensão contínua entre vivências concretas de provisoriedade e representações éticas de permanência da cultura do trabalhador sem teto e de sua família no espaço da moradia, conforme procuramos demonstrar anteriormente.

Como esta tensão e conflitos individuais e sociais, característicos da dimensão do habitar dos trabalhadores sem teto, não emergem direta ou explicitamente nas falas, tomamos como ponto de partida grande parte do discurso dominante, do senso comum, para distingui-lo, posteriormente, da dimensão social significativa do querer 'ser sujeito em casa'; que quer dizer ainda 'ser sujeito na sociedade'. Tentamos encontrar nos depoimentos dos entrevistados um conteúdo que fosse além do desejo imediato do 'ter' uma casa mercadoria, material, geométrica.

O que temos de mais visível então, para iniciar o diálogo com os sem teto, é o chamado 'sonho da casa própria': a compra de um pequeno lote, do material de construção, o mutirão na periferia, etc. Conseqüentemente, não há como não reproduzirem o discurso social dominante que valoriza a cidadania apenas daquele que é proprietário particular de uma moradia, tem endereço legal e fixo, o chamado 'domicílio'.³⁹

Por outro lado, se reconhecemos que nestas falas também contem uma preocupação e busca contínua de realização e autonomia do sujeito, encontraremos aí elementos de uma cultura ética do habitar que dificilmente se realiza, mas que, mesmo assim, procuram conquistar e desenvolver na luta cotidiana pela 'casa própria' na cidade em que vivem, sendo a ocupação uma de suas expressões sociais mais representativas.

³⁹ "... lugar onde, segundo a lei, a pessoa tem sede dos seus interesses ... lugar onde alguém reside com ânimo de permanecer ... residência fixa." *Dicionário Novo Aurélio Básico da Língua Portuguesa*, 1994:229

Nas tentativas para se constituírem sujeitos através da moradia resistem à exclusão social de outras maneiras. Uma das mais importantes e desconhecidas é tornando-se "*seres imaginantes*" de casas, de espaços de intimidade, de pertencimento social, continuidades de história familiar, escapando das determinações drásticas do real por meio de devaneios.

Partem da metáfora dominante ⁴⁰ do 'sonho da casa própria', mas vão além quando criam e recriam imagens pessoais, subjetivas, numa "*simplicidade que não tem necessidade de um saber*" hegemônico, dominante, existem "*antes do pensamento*" e não se apresentam em discursos pré-estabelecidos para dar expressão à imaginação das casas que desejam.

... mediante a alternância entre razão e imaginação, é na vertente das sombras que se delineiam os projetos fundamentais. Eis uma afirmação constantemente reiterada e que percorre toda a obra de Bachelard. Assim, o autor enfatiza inúmeras vezes que nada é pensado sem antes ter sido sonhado, que o homem é mais produto do desejo do que da necessidade, que a ciência devém antes da 'revêrie' que da experiência ou, ainda, que os interesses cruciais para a vida humana não são os calculados mas aqueles de caráter quiméricos, que se desnudam em nossos sonhos. Proposições que vêm emblemar justamente a primazia que o filósofo atribui à imaginação cujo caráter psíquico fundamental e primitivo é por ele postulada. A capacidade de imaginar fundamenta a vida humana. ⁴¹

A casa, portanto, é essencial para as atividades de pensamento e imaginação, embora, em Bachelard, o interesse esteja mais em "*acumular documentos sobre a consciência sonhadora*" (e não razões objetivas) do habitar em *A Poética do Espaço* (1988). ⁴²

A opção em valorizar a imaginação e desejos de casas dos sem teto, no entanto, esbarra no que Frayse-Pereira (1993) muito oportunamente analisa como "*direito ao segredo*" dos pensamentos, parte intrínseca da identidade do indivíduo na modernidade. Ao discutir os estudos de Piera Aulagnier, afirma:

Ora, se por um lado, vimos que a sociedade disciplinar não se define pelos espaços secretos (objetos de vigilância), a condição vital para o funcionamento do Eu,

⁴⁰ "A metáfora é relativa a um ser psíquico diferente dela. Ao contrário, a imagem, obra da imaginação absoluta, extrai todo o seu ser da imaginação. ... É quando muito uma *imagem fabricada*, sem raízes profundas, verdadeiras, reais." Bachelard. 1988:87,88.

⁴¹ Paiva. 1997: 116

⁴² Bachelard. 1988: 4

psicanaliticamente. repousa nas possibilidades e no direito do sujeito criar pensamentos. de escolher os pensamentos que comunica e os que guarda secretamente. ... E é a possibilidade dessa perda [o direito ao segredo] que ameaça a identidade do indivíduo nas sociedades disciplinares.⁴³

É igualmente relevante para nossa reflexão dos obstáculos de análise as observações de Perrot (1988), sobre o silêncio dos operários parisienses, no final do séc. XIX, sobre as condições físicas interiores de suas moradias. As reivindicações se referem apenas ao aluguel, o direito à cidade, "*espaço para viver*". O temor das campanhas de higienização contra os cortiços, impedem que falem da falta de "*conforto ou espaço doméstico*". Isto talvez possa explicar em grande parte porque muitas análises sobre a questão habitacional dos operários concluem que a falta de espaço acolhedor nunca foi significativo para a história de suas lutas sociais.

Assim, a casa como lugar de intimidade e ética do habitar é um tema de difícil acesso para a construção de um conhecimento intelectual preciso e, por isso mesmo, deve estar aberta a discussões contínuas para emergir uma prática científica que problematize ao máximo os inúmeros equívocos e obstáculos que temos de enfrentar neste campo do saber.

Se o paradigma da ciência moderna caucionou-se em princípios que almejavam a exatidão, a expulsão da dúvida e do impreciso e encontrou sua melhor ilustração na metáfora arquitetônica _ na qual os homens instituem uma racionalidade produtora de certezas que atua como parâmetro de mensuração, eximindo-se dos assédios do ilógico _ uma nova mentalidade científica tal como Bachelard nos desvela em sua obra, associa a ciência a uma construção mais próxima da teia de aranha do que dos pesados edifícios arquitetônicos ... Associação que reflete a proeminência do sujeito na construção, que reivindica o direito do devir, ao espanto e à perplexidade, enfim, à incerteza e ao inexato ... É pueril afirmar que a sociologia deve incrementar o uso da imaginação tornando-se capaz de instaurar registros inéditos, de perspectivar a diferença, a surpresa, de criar problemáticas e metodologias ainda não sancionadas pela tradição? Talvez. ⁴⁴

O silêncio e o segredo de idéias e desejos que ocorrem individual e muitas vezes coletivamente no local da moradia, mesmo dificultando uma aproximação intelectual com a dimensão dos problemas pesquisados, devido aos 'muros' de proteção que os indivíduos erguem em torno de suas vidas domésticas, não impediram de conhecermos alguns aspectos essenciais da ética do habitar dos sem teto da Vila Lúcia. Por isso, não

⁴³ Frayze-Pereira. 1993. 41, 42

⁴⁴ Paiva. 1997:220,221

podemos perder de vista que, apesar da extrema precariedade das condições de vida, existe uma prática de resistência à presença de estranhos, temor do aumento do controle racionalizador de seus espaços provisórios, como bem assinala Michele Perrot. Se quisermos olhar para nossa própria realidade habitacional basta recorrer aos incontáveis exemplos de estratégias de segredo que favelados criam para protegerem seus espaços de moradia, especialmente contra a polícia.

Não surpreende que as greves nada digam a respeito: não é esse seu objeto. Notemos de passagem que praticamente não se trata mais da questão da higiene nos locais de trabalho. Na primeira metade do século XIX, por vezes os operários alfaiates protestam contra a má instalação das oficinas onde trabalham sentados por muitas horas. Mais tarde, fala-se pouco da higiene da fábrica, temendo-se sempre que uma organização mais racional do espaço implique um controle maior dos deslocamentos e gestos operários. Teme-se trocar a liberdade pelo conforto. O mesmo muitas vezes ocorre no âmbito da moradia.⁴⁵

Perrot chama a atenção ainda para a distinção entre "*reivindicação e aspiração*" no universo operário, porque a primeira palavra significa aquilo que é "*acessível, o possível, o negociável*", mas a segunda exige que o pesquisador considere

...essas falhas do discurso, essas exclamações, esses suspiros que, em torno de uma conversa ou um texto, dizem o desejo e o sonho. Com o que sonham os operários? É a questão que subjaz, por exemplo, à pesquisa de Jacques Rancière ... Dele emprestaremos a seguinte descrição operária, em tom de admiração, condizente com a natureza tranqüila de Agricol Perdiguier, o *compagnon* Avignon la Vertu, onde transparece a nostalgia do 'lar' sonhado, para aquela geração de operários saint-simonianos: ... Quase tudo o que cercava Agricol Perdiguier era repulsivo e odioso, mas, uma vez chegando ao seu interior, a pessoa se encontrava como que num outro mundo. ... Tudo estava limpo, reluzente, encerado, arrumado com os cuidados delicados que uma mulher ordeira e de gosto dispensa a tudo o que a cerca.⁴⁶

Impossível, portanto, dissociar a casa do desejo, da "*aspiração*" de uma intimidade que transforme o morador num ser imaginante e igualmente pensante. A luta do sujeito por guardar "*áreas secretas*" contra as invasões de sua subjetividade (mesmo muito violentada, como a dos sem teto), é que dá significação à procura de uma

⁴⁵ Perrot, 1988, 102 (grifo nosso)

⁴⁶ Perrot, 1988, 113-115

vivência de casa para integrar-se e modificar-se como sujeito no ato de "*pensar em segredo*".

Bachelard associa em *A Poética do Espaço* (1988) o segredo à liberdade de imaginar de diversas maneiras a intimidade; uma das mais sublinhadas corresponde ao nosso "*encolhimento*" em "*cantos e redutos*" preferidos da casa, onde podemos acionar "*todo um estoque de imagens e lembranças que não confidenciamos facilmente*",⁴⁷

Imaginamos assim a nós mesmos numa intimidade que jamais nos deixaremos penetrar, a não ser superficial ou parcialmente, processo que torna impossível o desenvolvimento de um conhecimento científico preciso a respeito de qualquer desejo ou imagens íntimas do habitar de alguém.

Frayze-Pereira, referindo-se novamente a Aulagnier, sintetiza nossa necessidade de reconhecer a dificuldade da questão metodológica em construir um saber sobre uma ética de moradia de trabalhadores sem teto, mais ainda quando se quer discutir a problemática relação entre subjetividade, segredo e intimidade no contexto da habitação provisória.

Poder exercer um direito de prazer sobre sua própria atividade de pensar, reconhecer o direito de pensar que o outro não pensa e não sabe o que pensamos é uma condição necessária ao funcionamento do Eu.⁴⁸

Mesmo nestas condições, acreditamos que é preciso apostar na construção de um saber que aprofunde a especificidade deste tema de estudo e admita a resistência individual e social de sujeitos na moradia provisória, sem perder de vista o problema do direito ao segredo, tanto no ato de pensar (Frayze-Pereira) e de imaginar (Bachelard), como de fato ocorreu na preparação da ocupação e depois na negociação da moradia da Vila Lídia (1994), conforme veremos nos capítulos seguintes. Além disso, o esforço é entender a particularidade das resistências e aspirações dos trabalhadores sem teto sem torna-la prisioneira do genérico imaginário dominante conhecido por 'sonho da casa própria'.

Desta perspectiva Bachelard torna-se importante, existe em seu pensamento a possibilidade para entendermos o porque da necessidade da cumplicidade do tempo e do espaço de uma casa, de um teto, seja ele qual for. Acredita o filósofo que existe uma "*solidão positiva*" como experiência "*educativa*" no espaço da casa. Entende que isto

⁴⁷ Bachelard. 1988: 21

⁴⁸ Frayze-Pereira. 1993: 41

abre caminho para devaneios, imagens, que são verdadeiros "*conselhos de resistência*" para aquele que habita na "*maternidade da casa*".

... pretendemos mostrar que a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes ... Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. ... É preciso estudar constantemente como, por meio da casa, a terna matéria da intimidade recupera sua forma, a forma que tinha quando encerrava um calor primordial.⁴⁹

Devaneio e sonho, é bom que se diga, não se confundem neste autor, uma vez que o primeiro é resultado consciente da força criadora da imaginação, dimensão subjetiva e criativa da imagem, portanto, não tem nenhuma relação com o sono. Já o sonho é fruto de imagens noturnas, quando "*o sujeito é passivo. Ele sofre a ação das imagens, não as cria*".

Porisso, quando o termo 'sonho da casa própria' estiver presente, estamos falando de uma metáfora socialmente "*fabricada*". Um outro uso comum do termo 'sonho' está nos discursos dos sem teto e é distinto da metáfora dominante, são imagens criadas subjetivamente, desejos individuais específicos, casas no sentido de "*devaneios*". Os sem teto nunca estarão revelando sonhos noturnos, mas sim idéias, pensamentos sobre problemas e projetos concretos de como 'ter' a casa, bem como devaneios de casa futura, apresentando imagens que precisam ser reconhecidas e interpretadas. As casas do passado, das lembranças, também podem adquirir o sentido de imagens de 'ser' do sujeito numa ética do habitar, que se revela em fragmentos de devaneios específicos. Em Bachelard não é possível uma separação objetiva entre as casas da memória e as casas da imaginação.

É imanente ao devaneio a capacidade de nos emancipar da funcionalidade do real e nos vincular ao irreal dinâmico, instância de ordem fundamental para a psique humana. Inclusive, porque ao imaginar o irreal, desejar o que não existe, ao invés de subsumir-se no âmbito do irreal, o homem desvenda as possibilidades de inaugurar no plano do real o inexistente.⁵⁰

⁴⁹ Bachelard, 1988: 26, 61-64

⁵⁰ Paiva, 1997:148

Em Figueiredo (1995), para voltar a frisar a questão da ética do habitar, podemos reafirmar a necessidade e direito do homem à intimidade, segredo e imaginação, porque esta dimensão da existência afeta intensamente as relações entre a vida privada e a vida pública dos sujeitos sociais. A intimidade da casa como um dos pressupostos fundamentais para a constituição de subjetividades na modernidade não pode, portanto, ser entendida apenas como uma prioridade dos valores da sociedade burguesa. A luta pela constituição de espaços de intimidade não se limita igualmente a problemas de sobrevivência imediata (como no caso da ocupação) ou de mera valorização da experiência na interioridade da vida doméstica. O desafio é existencial e deseja organizar, viver referenciais culturais, morais para ser capaz de lidar com o mundo exterior, a vida pública, necessita portanto de um...

... relativo distanciamento dos acontecimentos do mundo lá fora ... O habitar sereno e confiado é assim também condição do pensar, do representar, do brincar e do experimentar, exatamente porque o abrigo da casa nos dispensa uma acolhida que nos dispensa de maiores esforços.⁵¹

No decorrer do mesmo artigo, o autor ainda aponta vários psicanalistas ingleses, que analisam a importância para o desenvolvimento psíquico de cada um, a existência de um ambiente de acolhimento no início da vida da criança, para que *"tenha a oportunidade de uma inserção pré-objetalizada e pré-representativa do mundo"*. Tais autores acreditam que, mesmo depois de adultos, continuamos a buscar, em certas ocasiões da vida, *"um certo resgate dessa relação primária do entorno"*, uma *"quietude de centro"*.⁵²

Esta posição como vimos está presente o tempo todo em Bachelard, que procura demonstra-la através de imagens poéticas de espaços de intimidade, apoiado em pesquisas de importantes poetas e escritores.

Encolher-se pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só habita com intensidade aquele que soube se encolher. ... Sem dúvida, o psicanalista, se quisesse sistematizar essas imagens do encolhimento, poderia fornecer-nos numerosos documentos. Quanto a nós, dispúnhamos apenas de documentos literários. Escrevemos, pois, um curto capítulo sobre os *cantos*, suprendendo-nos ao

⁵¹ Figueiredo, 1995: 5

⁵² Figueiredo, 1995: 5

constatar que grandes escritores davam dignidade literária a esses documentos psicológicos.⁵³

Em outras palavras, os autores apontam que continuamos a buscar um tempo e espaço de referenciais de permanência individuais e sociais a partir da casa, para que possamos constantemente criar e recriar nossa relação com o mundo exterior e interior, subjetivo e social.

As discussões clássicas que envolvem os estudos sobre provisoriedade e fixação (sedentarização) da moradia seguem caminhos de análises em que, temas como subjetividade e valores éticos presentes no ato de habitar a casa e a cidade na modernidade, não estavam absolutamente colocados no séc XIX. Não se trata de reconstituir ou reivindicar aquilo que 'falta' às teorias sociais que analisam a habitação no contexto de fundação da modernidade, mas de retomar algumas questões que ainda pesam como obstáculos na discussão de novos temas de estudos.

São muito conhecidas do debate acadêmico e político certas posições da esquerda sobre habitação. Engels (1976), por exemplo, é um caso emblemático, ao combater veementemente as propostas reformistas burguesas, afirmava que os problemas da *"penúria da habitação"*, embora fossem cruciais para as condições de vida dos trabalhadores eram secundários, não havia porque privilegia-los em relação à luta de classes nas fábricas.

A penúria da habitação para os operários e uma parte da pequena burguesia de nossas grandes cidades modernas não é mais que um dos inumeráveis males menores e secundários originados pelo atual modo de produção capitalista.⁵⁴

No âmbito do pensamento liberal, por sua vez, prevalecem alguns temas universais abstratos, como a tendência de pensar o sujeito e a casa sempre como referência de fixação espacial e estabilidade social, sendo a provisoriedade um acontecimento secundário, contingente, marginal, se comparado à evolução do progresso técnico e científico no setor da habitação. Do mesmo modo, a concepção de vida privada é a de que todos tem o mesmo direito e acesso à experiência burguesa de vida íntima na moradia.⁵⁵

⁵³ Bachelard, 1988: 21

⁵⁴ Engels, 1976: 50

⁵⁵ "A casa não é somente o expoente da pujança econômica da sociedade e, em se tratando de particulares, expoente e expressão muito eloqüente do seu nível social ... Está ainda intimamente ligada ao grau de estabilidade

Um outro procedimento exaustivamente utilizado para analisar a provisoriedade da habitação popular é recorrer ao discurso do 'déficit' ou 'crise' habitacional. Na verdade, ao restringir a análise a este princípio, oculta e nega as sistemáticas rupturas de referenciais culturais, simbólicos e subjetivos do indivíduo na moradia, descontinuidades de histórias familiares, enfim, um complexo campo de experiências de fragmentações dos trabalhadores no espaço da casa e da cidade, como é o caso dos despejos.

As 'soluções' e 'reformas' para combater 'déficits' habitacionais, em geral, estão associadas a problemas conjunturais, quando na verdade são mais técnicas disciplinares de controle dos trabalhadores no espaço urbano para preservar interesses privados do setor, do que resposta efetiva para a 'crise' habitacional. A fixação de referenciais espaciais para os que podem 'ter' uma casa popular se combina com a provisoriedade, mantendo os trabalhadores que 'sobram' em situação de migrações contínuas dentro ou fora da cidade em que decidem viver, responsabilizando-os por não preencherem critérios 'civilizados' para concretizarem a aquisição da casa própria.

Quando o 'déficit' é tratado concretamente como uma das expressões da sociedade moderna e não apenas como dificuldades conjunturais, torna-se então fenômeno 'universal', resultado 'natural' do progresso, custo social 'inevitável' a ser 'pago' pelas grandes civilizações.

A habitação tornou-se causa e efeito na Revolução Industrial. Passou a constituir um ramo importante da indústria. Outrora era construída pelo seu proprietário, com as próprias mãos ou com escravos assalariados. ... Os sistemas habitacionais podem, portanto, adquirir grande complexidade. A tendência do mundo avançado é o aumento do número de proprietários e o declínio dos inquilinos. Apesar do impacto da indústria de construção, o déficit de habitações é praticamente universal, mesmo nos países avançados. ... A invasão hoje ocorre também em países avançados da Europa, em função da migração de populações ... ⁵⁶

A provisoriedade da moradia como uma das faces da modernidade é muito mais estrutural do que tem sido tratada pelas ciências sociais, apesar de reconhecida constante e secundariamente por muitos estudiosos.

dos povos. Os povos nômades, ainda que possuam elevada cultura, não podem construir habitações estáveis e ricas. ... Assiste-se hoje a um fenômeno altamente significativo nesse sentido ascendente do aperfeiçoamento da habitação..." [cf. Meyer Oberist, E. *Kulturgeschichte des Wohnens im abendländischen Raum*. Hamburg., Holzmann, 1956] *Dicionário de Ciências Sociais*. 1987: 540

⁵⁶ *Dicionário de Ciências Sociais*. 1987: 1155 (grifo nosso)

Perrot (1988), por exemplo, ao referir-se à intensidade das mudanças na vida dos operários em Paris, no séc. XIX, descreve indiretamente muitos aspectos da institucionalização do modo de vida provisório em "*alojamentos*" e salienta o significado da resistência familiar, uma das únicas maneiras para dar alguma significação existencial e social para suas vidas, situação presente também nas classes trabalhadoras do Brasil, como registra amplamente a literatura que abordaremos nos próximos capítulos.⁵⁷

No prazo de pagamento de julho de 1882 - um prazo ao acaso -, assim ocorrem 3.695 mudanças em nove bairros do centro e leste da capital, sendo que os bairros burgueses se mostram imensamente estáveis. ... Essa prática exemplar mostra como uma forte coesão do grupo familiar, presente nesses deslocamentos, não implica necessariamente um 'lar': ela sugere até que ponto o mundo operário da época é móvel, quase nômade.⁵⁸

Dentro destas condições sociais de moradia provisória do capitalismo os indivíduos vivem a casa como sufocamento, tensão e conflitos contínuos, produzidos pela invasão da norma, pelo uso instrumental da casa em seu cotidiano, sendo o despejo uma de suas expressões máximas. Mas, neste mesmo tempo e lugar, estão presentes as tentativas em se tornarem sujeitos instituintes; quer dizer, construir um referencial do habitar dentro e fora de si mesmos, um lugar, ao mesmo tempo, simbólico e concreto, onde seja possível alguma autonomia e liberdade para viverem suas singularidades e sociabilidades.

Mesmo o universo do Trabalho, se visto da ótica de uma essência do habitar, passa a ser condição para conquistar '*proteção, alimento e gozo*'.⁵⁹

A grande dificuldade de análise posta por esta realidade é, portanto, a de que não existem discursos socialmente possíveis para dar visibilidade direta a estas tentativas

57 "... dadas as condições vigentes no mercado (e na sociedade), a sobrevivência das classes trabalhadoras depende de um empreendimento coletivo estruturado na esfera da família. É portanto uma pesquisa que trata de um tema que já pode ser considerado clássico na literatura sociológica. A preocupação não foi, porém, realizar uma etnografia da família trabalhadora, tampouco traçar o seu perfil sociológico. A família foi tomada como via de entrada para qualificar a pobreza, para além das referências genéricas aos salários baixos, ao consumo restrito ou à moradia precária." Telles. 1992:6,7

58 Perrot. 1988: 105

59 Figueiredo, 1995: 5

éticas do habitar dos sem teto. São os discursos instituídos que dizem o que a casa é ou deixa de ser, são os 'outros' que determinam o que ela deve representar e com que regras deve funcionar para os indivíduos, impedindo que alcancemos o sujeito em sua experiência singular com a casa, para além da cultura da habitação como 'máquina de morar' da modernidade.

Assim sendo, a ocupação urbana, especialmente em países como o Brasil, passa a ser vista como a única, e extremamente frágil maneira, encontrada pelos sem teto, com o objetivo de constituírem uma certa força psíquica, social e política, para demonstrarem à sociedade que querem ter a capacidade de cuidar de si e da família, saírem do modo de vida provisório para dar um sentido plausível às suas vidas. Procuram se afirmar coletivamente em espaços tomados ilegalmente, para reivindicar - no registro discursivo do 'sonho da casa própria' - o direito a alguma permanência para praticar seus valores culturais no espaço vivido, exercer a cidadania no sentido de uma ética do habitar, subjetiva e socialmente falando.

Este momento político e existencial necessita de decisões, escolhas, através de uma reflexão pessoal e familiar, sobre o porque da situação de injustiça social em que se encontram para assumirem realmente a ação da ocupação.

A construção da interpretação da ocupação da Vila Lídia ficou centrada, desse modo, em duas questões que interagem o tempo todo, porém, divididas para efeito de exposição: uma privilegia a experiência dos sem teto na vivência da ocupação e uma outra a complementa com histórias de vida, dando ênfase à memória, lembranças de casas. Ambas preparam a descoberta da casa desejada, imaginada, como devaneios do habitar, ao final do trabalho.

A ausência de um lugar íntimo e social para o sem teto ancorar, existir concretamente enquanto indivíduo produz discursos muito lacunares, principalmente para a análise das casas imaginadas. Além disto, enfrentamos ainda o problema do segredo, da proteção íntima das lembranças e devaneios do habitar de cada um. Mesmo assim, nosso objetivo foi captar representações sobre o avesso da provisoriedade, isto é, símbolos, associações, valores morais que elaboram, sempre para um futuro que não chega, num espaço que não existe para se constituírem sujeitos, cidadãos. Quer dizer, resistem à realidade criando e recriando imagens que corresponderia ao direito de 'ser' numa casa que abrigará suas subjetividades, porque pertencerão à sociedade, serão reconhecidos pela vida pública.

Mesmo reconhecendo que estes discursos sobre éticas do habitar, imaginação de espaços de intimidade, casas como devaneios, são extremamente expropriados pela pobreza, acrescentaríamos que esta situação lacunar não é uma exclusividade dos sem

teto, embora entre estes a gravidade da situação social intensifique os obstáculos para que adquiram um conhecimento menos privatizado do problema. A expropriação simbólica que se operou sobre o habitar na modernidade, através dos excessos de racionalismos das políticas habitacionais, é muito mais ampla do que podemos imaginar e atinge a todos nós de alguma maneira.

Bruni (1993) ao alertar sobre os efeitos destrutivos do desenvolvimento das grandes cidades modernas no que diz respeito à água e, portanto, à vida, nos auxilia dizer que as relações entre casa e sujeito na modernidade apresenta um malefício - como no caso da água - que é muito menos visível do que as consequências sociais históricas vividas pelas classes trabalhadoras: trata-se da danificação extensa e profunda de um "*patrimônio imaginário e simbólico ... produzido ao longo da história da humanidade*".⁶⁰

Na continuidade de nossos estudos, encontramos em Bachelard a confirmação desta idéia, que chamou de "*âmbito imemorial*" para o "*sonhador de lar*", normalmente presente nas lembranças de casas, ultrapassando, porém, a "*memória, o curso de uma história, a narrativa de nossa história*".

A casa, como o fogo, como a água, nos permitirá evocar, na seqüência de nossa obra, luzes fugidias de devaneio que iluminam a síntese do imemorial com a lembrança. Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar.⁶¹

Relatos sobre o aluguel, a casa do parente, os despejos individuais ou coletivos, ocupações urbanas, lembranças ou desejos de casas, o 'sonho da casa própria', denunciam a organização e as práticas de funcionamento dos dispositivos disciplinares da provisoriedade. Para tanto, será preciso repensar estes termos da linguagem comum que perpassam também pela discussão acadêmica da habitação. Este procedimento amplia nossas possibilidades de questioná-los em sua funcionalidade e generalidade abstratas, submetendo-os à diversidade de significações subjetivas, sociais e simbólicas existentes.

Portanto, no nosso caso, o objetivo é saber de que modo os trabalhadores sem teto atribuem um sentido simbólico à casa e que valores morais e éticos estão tentando defender em processos de ocupação de terras urbanas e em outras circunstâncias práticas do habitar provisório. A falta de emprego, o não pagamento do aluguel,

⁶⁰ Bruni. 1993: 64

⁶¹ Bachelard. 1988:25

denúncias contra despejos são elementos da superfície do problema, cujo objetivo é explorar um poder oculto e atuante de uma complexa simbologia de casa, associada a determinados valores éticos do habitar.⁶²

Lefebvre (1991), criticando o "*urbanismo haussmaniano*" e a noção de "*habitat*" séc. XIX, como estratégia para afastar os operários franceses da cidade para as periferias, comenta o fim de uma antiga ética do habitar, o fim da intimidade para com o espaço da cidade e, podemos deduzir, também com o espaço da casa.

Até então, 'habitar' era participar da vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade. ... Ela deixava habitar, permitia que os cidadãos-cidadãos habitassem, ... o direito à moradia aflora na consciência social. Ele se faz reconhecer de fato na indignação provocada pelos casos dramáticos, no descontentamento engendrado pela crise. Entretanto, não é reconhecido formal e praticamente, a não ser como um apêndice dos 'direitos do homem'.⁶³

A ocupação urbana, a provisóricidade no Brasil - quase sempre banalizadas nos veículos de comunicação - ocultam a violência física e moral da história de indivíduos que se sentem marcados, estigmatizados, discriminados pelas experiências que carregam a partir da moradia, desde a infância: rupturas, separações, expulsões, sentimentos de 'exílio' e vergonha, tanto em relação a si mesmos, a família e grupo social em que vivem. A casa instrumental ignora, com leis jurídicas e de mercado, o direito à humanização do indivíduo na casa. A modernidade impôs desde sua origem um duro não reconhecimento do que era então 'habitar'.⁶⁴

Nas cidades que surgem desde o primeiro momento como centros industriais essa escassez de habitação é quase desconhecida. É o caso de Manchester, Leeds,

62 "...retomando a esteira de Bachelard, Bourdieu considera que além de princípios aptos para romper com a ingenuidade do imediato e com as impressões primeiras, faz-se mister a constituição de uma linguagem que se diferencie do senso comum que, comumente, traz implícito uma filosofia cristalizada do social que tende a perenizar-se nas análises sociológicas pouco atentas para esta questão. No que tange à sociologia, para que a vigilância epistemológica se efetive, a reflexão deve manter-se alerta ao uso das palavras. ... obstáculos inconscientes que se enraizam em sua prática." Paiva. 1997: 190,191

63 Lefebvre. 1991: 16, 19

64 Uma matéria de jornal nos remeteu para a atualidade da questão do patrimônio simbólico de casa, demonstrando que muito embora passe despercebido, não reconhecido, ainda é suficientemente atuante. A notícia relata que é cada vez maior o número de pessoas que estão procurando especialistas em *radioestesia* para descobrir vibrações negativas do solo sob edificações. Segundo a matéria trata-se de uma antiga ciência egípcia que auxilia na construção de casas, pois existem locais certos para se morar, dormir e sentar. A má posição da casa pode atrair vibrações negativas do solo, causando problemas biológicos e psicológicos, passíveis de serem evitados, mesmo em habitações já construídas. *Folha de São Paulo*. Caderno Sudeste. Karina Ogo. "Campineiros usam ciência egípcia para construir casas." 01/04/1996: 7-2.

Bradford, Barmen-Elberfeld. Ao contrário, em Londres, Paris, Berlim, Viena a penúria de moradia adquiriu em seu tempo formas agudas e contínuas a existir na maioria dos casos em estado crônico. ... Podia, porém, ocorrer-me que esse desenvolvimento histórico, absolutamente necessário naquelas circunstâncias, era um passo atrás 'abaixo dos selvagens'? Impossível.⁶⁵

O despejo - às vezes mais que a perda do emprego, como veremos adiante, - simboliza o extremo dessa violência instituída sobre sua existência, a subjugação praticamente absoluta de sua pessoa a um poder-saber racionalizador, feito com leis e normas que regulam suas quase nulas possibilidades de dar um sentido ético à sua vida e à sua presença na cidade, dependendo, para tanto, da moradia, entre outras necessidades, para realiza-lo.

Essa questão do aluguel é uma das origens da Comuna de Paris. Jeanne Gaillard mostrou como a alta dos alugueis, principalmente a partir de 1867, era uma das grandes causas de descontentamento. Tanto que um dos primeiros atos do governo republicano de Defesa Nacional, proclamado em 4 de setembro de 1870, foi instaurar uma moratória dos alugueis. Quando os versalheses, em janeiro de 1871, decidem eliminar essa moratória, é a fúria. E um dos primeiros atos da Comuna consiste em prolongar a moratória. De resto, através desse problema dos alugueis, coloca-se o problema muito maior dos direitos e deveres dos proprietários no referente aos consertos, despejos e escolha de locatários. Têm eles, por exemplo, o direito de recusar famílias numerosas (principalmente com mais de três filhos)? Nessa época, o problema dos "donos" é quase tão importante quanto o dos patrões.⁶⁶

São processos contínuos de desidentidades individuais e sociais, proibições, negações de desejos e direitos essenciais: experimentar o prazer da intimidade no ato de habitar dentro e fora de si mesmos.

Os operários utilizam esses carrinhos de mão que se podem alugar por hora, e que aparecem nas fotos de Atget, por volta de 1900, em todas as ruelas; eles aí amontoam seus utensílios de cozinha, alguns trastes, os colchões que muitas vezes constituem o essencial da mobília, e aos trancos e barrancos toda a família muda de moradia.⁶⁷

⁶⁵ Engels. 1976: 41, 42, 56

⁶⁶ Perrot. 1988: 106 (grifo nosso)

⁶⁷ Perrot. 1988: 103

Do ponto de vista coletivo, a autora menciona a participação dos anarquistas no apoio às "escapadas" e que isto se configurava em um ato de protesto político. Eram os "cavaleiros da surdina" ou "pés-chatos", que atuavam no final do século XIX. A descrição de detalhes das moradias, porém, indicam a violência e sofrimento da provisoriidade sendo imposta ao mundo da casa/família operária e ainda não suficientemente problematizada no campo do debate intelectual. As práticas de resistência contra essa dura experiência de vida, se combinadas com tentativas de compra de terra ou da 'casa própria', eram vistas negativamente, como heranças culturais do habitar ultrapassadas, soluções, como se sabe, bastante criticadas pelos comunistas.⁶⁸

Para os operários da Creuse, sobretudo os pedreiros, ... o essencial continua a ser a terra, onde eles investem tudo o que ganham na cidade. Até os anos 1880, esses indivíduos celibatários têm na cidade apenas uma moradia precária, uma vaga ou um quarto mobiliado, da qual esperam apenas um abrigo para a noite. *O verdadeiro quarto mobiliado só se chama assim por antífrase*, escreve Delvau: *porque é desguarnecido dos moveis mais necessários e só tem a cama, e às vezes a cômoda*. ... As coisas mudam por volta dos anos 1880. De temporárias, as migrações passam a ser permanentes... O amontoamento extremo - uma ou duas peças para famílias freqüentemente numerosas -, a ausência daquilo que, a partir do final do século XVIII, chama-se 'conforto', atribuindo-se ao termo um sentido cada vez mais material, a instabilidade, a precariedade patente na mediocridade da mobília caracterizam essas habitações operárias das grandes cidades. ... Bagagem leve que permite uma mudança sem grandes dificuldades nem despesas excessivas. Aos olhos dos moralistas, a presença de moveis é o sinal infalível do enraizamento.⁶⁹

No Brasil contemporâneo a habitação provisória tem se tornado cada vez mais atroz. Ao fragmentar e invadir o indivíduo na moradia, provoca grandes dificuldades em lidar e organizar referências de continuidade e memória social, familiar, em relação ao tempo e espaço vivido. Há uma constante imprecisão de datas e lugares nos relatos, revelando a intensidade do modo de vida provisório.

A falta de precisão na reconstituição da história da ocupação da V. Lídia ou sobre suas próprias histórias de vida foi mantida propositalmente, isto é, não existiu

⁶⁸ "O proletário inglês de 1872 encontra-se num nível infinitamente mais elevado que o tecelão rural de 1772, que possuía 'casa e propriedade'. Acaso o troglodita com sua caverna, o australiano com seu casebre de adôbe ou o índio com sua casa própria farão ... uma Insurreição de junho ou uma Comuna de Paris? ... Só esse proletariado criado pela grande indústria moderna, libertado de todas as cadeias tradicionais, inclusive das que o ligavam à terra, e concentrado nas grandes cidades, é capaz de realizar a grande revolução social ... Os antigos tecedores rurais à mão, com sua casa, nunca teriam podido realizá-la" Engels. 1976: 56

⁶⁹ Perrot. 1988: 108-111

uma preocupação com a 'correção' de datas, lugares, nomes citados, para entendermos mais as representações que os sem teto realizam, num cotidiano reiteradamente desestruturado. Falar do dia-a-dia das casas que conheceram, leva-os a estender suas revelações sobre a família nuclear, a extensa, a vizinhança, a cidade de origem, a cidade em que trabalham, podendo voltar seu relato novamente para dentro da moradia ou para recantos específicos da cidade que conheceram ou ouviram falar pelas ruas.

Estamos pois, diante de elaborações contínuas que os sem teto realizam para lidarem com as complexas tensões que a pobreza exige de cada um para sobreviverem ao modo de vida provisório nas cidades.

Ao mesmo tempo, tais elaborações - idéias e imagens - traduzem estratégias que adquirem para sobreviver ao imediato, sublinham episódios de ajuda mútua, memórias fragmentadas de outras ocupações urbanas, de resistências a despejos, de práticas e trocas de informações, proteção de segredos em grupos, tudo para criarem e recriarem, o tempo todo, algumas poucas relações e valores de solidariedade nos espaços onde circulam. Não há, dessa maneira, apenas passividade, desistências, mas também tentativas contínuas para tornarem-se sujeitos instituintes, construir subjetiva e objetivamente um espaço de abrigo, numa sociedade 'sem teto' para todos.

A grande questão destes indivíduos é resistir ao anonimato, ao esquecimento social, sendo a ocupação urbana uma das únicas tentativas coletivas, quase sempre frustrada, para resistirem à lógica de funcionamento da "*metrópole de periferia*".⁷⁰

Essa '*arte de ver os problemas*', como aparece designada em sua última obra, Foucault (1984c) relaciona à '*escolha político ética*' que um indivíduo faz, '*determinando qual é o real perigo*' a ser enfrentado. A escolha de ver aquilo contra o qual nós temos de lutar para nos libertarmos (e nos libertarmos de nós mesmos) é uma escolha perigosa, porque é um salto no ar: não temos, *a priori*, qualquer imagem dessa liberdade. Nesse caso, o perigo não vem do risco de falharmos em nos tornarmos o que estamos destinados a ser, mas que possamos ser apenas aquilo que podemos ver de nós mesmos.⁷¹

⁷⁰ "... a evolução urbana do Brasil não só não extirpou as raízes coloniais do *atraso*, que em princípio estariam historicamente fincadas no retrógrado mundo rural, mas as reproduziu em escala industrial nas nossas cidades, contrariando ponto por ponto a variante urbanística do progressismo das nossas elites ilustradas. Assim sendo, metrópole na periferia é isto que está se vendo, uma vez removido o cenário apologético das novas políticas urbanas: uma inédita e gigantesca concentração espacial da pobreza. O futuro finalmente chegou na forma da violência, do desamparo, do caos, ou seja, mais ou menos como na zona rural das oligarquias de antigamente e dos *sem-terra* de hoje. E não os menciono por estarem na ordem do dia - ocorre que a *massa sobranete*, de que eles são a parte visível e pela primeira vez organizada, está no centro do livro. Como mostra a autora, o futuro (nenhum) de nossas cidades continua atrelado ao intocado estatuto da terra - como se sabe, cláusula pétrea do pacto estrutural entre classes proprietárias *atrasadas* e *modernas* na origem de nosso crescimento urbano-industrial." *Folha de São Paulo*. Jornal de Resenhas. Otilia Arantes. "Pobre Cidade Grande". 10.05.97:10 (Resenha sobre o livro de Ermínia Maricato, *Metrópole na Periferia do Capitalismo*. Editora Hucitec. 1997)

⁷¹ Frayze-Pereira. 1995: 160

Porisso, esta modalidade de moradia provisória - a ocupação - foi escolhida, porque é notória a complexidade de problemas, contradições e conflitos sociais e subjetivos que cria tanto para sem tetos, como para a ordem urbana vigente do país. Além disso, o estudo de caso da ocupação na Vila Lídia, em Campinas (1994), foi um ponto de partida para conhecermos outras situações de moradia provisória pelas quais passaram os sem teto antes de acamparem na citada ocupação.

O espaço, segundo Bachelard (1988), como uma relação permanente entre o exterior-interior do homem, pode ser "*horível*", tornar-se um "*pesadelo*" e esta é uma questão central da modernidade, conforme procuramos demonstrar até o momento, especialmente para indivíduos sem teto.

O medo é aqui o próprio ser. Então, para onde fugir, onde se refugiar? Para que exterior poderíamos fugir? Em que asilo poderíamos refugiar-nos? ⁷²

Talvez estas indagações sejam semelhantes às dos 'sem teto' se pensarmos no sofrimento físico e moral a que estão submetidos na moradia provisória e na luta intensa para se tornarem sujeitos 'com teto'.

E o que viria a ser simbolicamente 'sem teto'?

Hillmann (1993), ao problematizar interiores de teto de edifícios da cidade moderna, ressalta a necessidade prática e, ao mesmo tempo, psicológica, de se "*ter teto*". Alega que o teto está intimamente relacionado com a "*imaginação humana*" e existem para dar "*proteção*" a esta atividade de renovação subjetiva.

Em lugar de beleza e aconchego, oferecido pelos antigos detalhes artísticos, desenhos, cores, prazer de olhar em direção ao "*céu*" do teto, temos um teto opressivamente branco, baixo, iluminado para qualquer hora do dia ou noite, desagradável de se olhar, criado para facilitar o trabalho de manutenção e reparos elétricos, hidráulicos, etc.. Estes "*interiores contemporâneos*" revelam "*interioridades humanas*", falam de nosso mundo psíquico, "*nossa inconsciência*" ... interior do mundo externo, mergulhados num "*entorpecimento psíquico*".

O objetivo é pensar sobre "*detalhes físicos*" - como rever a função do teto - para poder restaurar "*gestos primordiais*" porque, para Hillmann, a "*verdadeira cidade é*

⁷² Bachelard, 1988. 221

interior". Este assunto, porém, reconhece, aparece apenas como uma questão 'menor' diante dos grandes desafios econômicos, políticos e sociais.

Olhemos para cima, pois quero condensar tudo o que tenho a dizer sobre a psicologia do *design* de interiores e de sua marca sobre a interioridade humana numa breve psicanálise do teto. ... algumas de nossas mais opressivas aflições psicológicas vêm do teto ... até reconhecermos o *design* de interiores em nossa interioridade, estaremos vivendo num tipo de repressão orwelliniana, ou seja, disfarçada e desapercibida, como se estivéssemos vivendo em seu livro 1984.⁷³

Para Bachelard, o teto - o sótão - está numa oposição simbólica clássica ao porão e ambos possuem imagens "*profundas*", o primeiro simboliza a racionalidade, os pensamentos, clareza de idéias durante o dia e o segundo, a irracionalidade de sentimentos, inconsciência, emoções noturnas, medos primitivos.

Todos os pensamentos ligados ao telhado são claros. ... Com os sonhos na altitude clara estamos, convém repetir, na zona racional dos projetos intelectualizados. Mas, quanto ao porão, o habitante apaixonado cava-o cada vez mais, O fato não basta, o devaneio trabalha. Com relação à terra cavada, os sonhos não têm limite ...⁷⁴

Existem certas semelhanças com Hillmann quando critica as casas de Paris. Pensa nas dificuldades de um "*sonhador de casas*" porque estas moradias modernas não podem viver "*os dramas do universo*". Problematiza de certa forma a perda do patrimônio simbólico do habitar na natureza - "*a situação da casa no mundo ... o homem no mundo*" - quando se refere à verticalidade da vida urbana.

À falta de valores íntimos de verticalidade, é preciso acrescentar a falta de cosmicidade da casa nas grandes cidades. As casas, ali, já não estão na natureza. As relações da moradia com o espaço tornam-se artificiais. Tudo é máquina e a vida íntima foge por todos os lados.⁷⁵

⁷³ Hillman. 1993: 44, 47, 49

⁷⁴ Bachelard. 1988: 36,37

⁷⁵ Bachelard. 1988: 45

À sua maneira o autor resiste, escapa da inibição à sua imaginação e afirma que a verdadeira 'casa' é interior, neste lugar o homem pode ter "*mil moradas*". Se o sujeito quiser levar uma vida errante, nômade, nada o impede de levar a 'casa' consigo, valores íntimos do habitar. Mesmo estando em Paris e habitando numa "*máquina*" que destrói uma experiência "*essencial*" de casa, Bachelard revela ao leitor como, através da imaginação, barra a invasão de sua intimidade.

Através da leitura, cultiva o prazer de estudar devaneios do habitar de poetas (*ressonâncias*) que terminam por deflagrar novos devaneios e imagens que cria para si mesmo (*repercussão*).⁷⁶ Nesta forma particular de refúgio, de proteção íntima, afasta os *espaços de hostilidade, de confronto, desconforto* do mundo exterior e resiste à funcionalidade do real com o sujeito de criação e conhecimento.

A imaginação, em Bachelard, não é reprodutora das sensações vividas, mas uma força cuja envergadura supera a condição humana. Suas imagens não objetivam celebrar a realidade em suas formas estanques. Inversamente, buscam suplantar o que se oferece à visão inventando vida, engendrando formas outras, realidades inexistentes.⁷⁷

Por tudo que discutimos até o momento, temos que indagar sobre os possíveis significados de "*sem teto*" no contexto das ocupações urbanas e da moradia provisória no Brasil. Tal denominação, política e social, utilizada de forma corrente para identificar - pela negação - os trabalhadores que se organizam para habitar a cidade de forma ilegal e precária, precisa ser problematizada também da perspectiva subjetiva.

Podemos dizer, que um 'sem teto' significa um indivíduo "*disperso*", aquele que sofre de "*aflições psicológicas*" porque se sente sem pouso, repouso, intimidade, sem "*canto para encolher-se*". Caminha pela vida "*sem cabeça*"⁷⁸, sem direito a desenvolver plenamente pensamentos e imaginação. Se sente impedido de estar, permanecer em si mesmo e na cidade/sociedade em que nasceu ou escolheu viver. A desterritorialização imposta, como os despejos de moradia fundados pela modernidade e intensificados permanentemente pela sociedade contemporânea, sintetiza até que

⁷⁶ "As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos de nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento de nossa existência." Bachelard. 1988:7

⁷⁷ Paiva. 1997:120

⁷⁸ "... o 'templo', a casa, muitas vezes é um símbolo do corpo humano, visto ser ele considerado (por exemplo, no budismo) o abrigo da alma somente por curto tempo. ... a relação simbólica corpo-casa figura de maneira ainda mais detalhada, de modo que a fachada corresponde à aparência exterior; o telhado à cabeça, ao espírito ou à consciência; o porão, aos instintos, aos impulsos e ao inconsciente; a cozinha, às transformações psíquicas." Lexikon. *Dicionário de Símbolos*. 1990: 47

ponto pode chegar a desumanização do indivíduo com a perda do sentido ético do habitar, especialmente no Brasil.⁷⁹

Por isso é preciso reconhecê-lo como indivíduo, mesmo numa ocupação de terra urbana, onde tenta resgatar uma dimensão existencial de vida como fonte de um querer ocupar-se de si mesmo; lugar físico em que espera ser reconhecido como cidadão no espaço público. É fundamental admitirmos o ato em que tenta criar um 'teto' fora de si, um entorno material, para que este seja interiorizado e ali habitar a 'alma' e o 'espírito', ou seja, aquela parte de nós que elabora e reelabora constantemente o que desejamos ser na vida. Perseguir ou insistir na experiência da ocupação urbana pode ser o único jeito de não desistir de viver, a imaginação não interrompe a vontade de um dia vir a se sentir um indivíduo 'com teto': protegido dentro da habitação material e da 'casa' interior, como ainda se sentir parte da cidade/sociedade em que vive.

Visto que não temos canais sociais ou acadêmicos suficientes para que se possa falar diretamente desta opressão subjetiva da falta de teto ("*a inconsciência social da interioridade do mundo exterior*", segundo Hillmann), então as idéias, o sofrimento moral e aflições aparecem em meio aos discursos de uma luta concreta, mas isolada, privatizada, contra os despejos e a dinâmica da habitação provisória.

Para o trabalhador sem teto enraizar sua existência no mundo e modifica-la é preciso fixar residência, alugar um domicílio legal. De preferência terá de compra-lo, pois estas são as exigências para ser admitido na vida social e desenvolver uma história individual menos provisória, fragmentada, ter acesso ainda a outro desejo primordial, o da transcendência familiar.

Na verdade, por não preencherem nenhum dos requisitos disciplinares existentes, resta apenas a alternativa de 'invadir' - na linguagem oficial - um espaço urbano, termo que inverte totalmente a forma que nos é dada a conhece-los, uma vez que são os trabalhadores sem teto os invadidos em sua dignidade humana, ética, subjetiva e social.

A grande questão dos excluídos do direito à moradia é evitar uma submissão completa e irremediável de suas vidas às metas exclusivamente utilitárias e

⁷⁹ "Talvez pudéssemos resumir de outro modo o esforço crítico desenvolvido neste livro, com a seguinte constatação, que bem poderia ser a sua epígrafe: 'Nós éramos e somos ilegais'. A ser lida, em primeiro lugar, na entonação resignada de um ex-favelado. No estudo em que vem citada, no miolo da exposição, tudo se passa como se a posse ilegal de um pequeno lote clandestino nos espaços segregados das grandes áreas metropolitanas do país repercutisse sobre todas as outras relações sociais, mesmo sobre aquelas que nada têm a ver com a habitação, constituindo-se no epicentro de todas as exclusões, herdadas e vindouras. *O habitante desta cidade oculta, por medo atávico do despejo*, nunca procura a Justiça, muito menos a polícia, que a pretexto justamente de sua condição de infrator nato tem o hábito de invadir sua casa quando bem entende. Até aqui a rotina sórdida de um expropriado moderno, ressentida no entanto por este ser ilegal de nascença como a expressão verdadeira da própria condição humana." (grifo nosso) *Folha de São Paulo*. Otilia Arantes. Jornal de Resenhas, 10.05.97:10

discriminatórias das políticas habitacionais e interesses privados, cultivando uma absurda expectativa de instituir-se como sujeitos através de tetos de plástico, única alternativa ditada pela linguagem do mercado: a da 'casa própria'. Em geral, querem um lote popular financiado para construir um barraco ou a posse da terra ocupada pelo barraco, em algum lugar segregado da cidade.⁸⁰

Enquanto este lugar físico e de força simbólica desconhecida não se explicita e se concretiza socialmente também como um valor cultural atuante, ele existe, resiste, persiste na imaginação dos sem teto, não reconhecido em sua cidadania. Só em devaneios de casa é possível encontrar-se com o seu 'outro', aquele que deseja tornar-se um dia, num vir a ser mais digno, autônomo e aconchegante para sua interioridade, uma vez que o trabalho estável (como referencial central de sua existência ética e moral) está cada vez mais inatingível, enquanto mão-de-obra desqualificada, descartável. Isto faz com que se projete como alguém que precisa de uma casa para pertencer à sociedade. Reluta em não desistir porque ainda têm a tarefa de prover seus descendentes de um saber-fazer para sobreviver nas tramas da 'ocupação' da vida social, retomando praticamente do mesmo ponto o processo de tentativas, frustradas, de seus pais e antepassados, a luta pela 'casa própria'.

Notas para uma problematização das relações sociais excludentes entre espaço e sujeito no Brasil

Com o intuito de ilustrar brevemente algumas passagens históricas destas resistências e tentativas de rupturas contra a exclusão social, destacamos alguns estudos que, de alguma maneira, constroem imagens ou discutem o significado simbólico e cultural da segregação que a questão fundiária produziu no Brasil, desde a fundação das primeiras vilas, lugarejos ou cidades coloniais, como em Omega (1961).

Numa determinada parte do estudo, sob o título "*O rito de fundação*", o autor descreve o grande contraste entre o ar solene da cerimônia e a "*extrema pobreza de recursos*" dos colonizadores, em geral em número de vinte, trinta ou quarenta pessoas.

⁸⁰ "A essa intuição desconsolada [do ex-favelado] da existência dispensável (e condenada à falsa alternativa da violência) veio se juntar a experiência de Erminia Maricato no aparelho do Estado - a descoberta paradoxal de que o próprio Estado, e suas ramificações no mundo dos negócios imobiliários, não só consente informalmente como até incentiva a ocupação ilegal do solo, com uma ressalva crucial: a legislação tanto pode ser aplicada como não ser, ora vale a informalidade clientelista, ora as conveniências do mercado. Cumpre-se assim o ciclo ambíguo do poder arbitrário regido por uma lógica dual, na qual a autora reconheceu a reposição dos padrões coloniais de mando ao longo da urbanização à brasileira, sugerindo, quem sabe, o que poderia ser uma dialética da ordem e da desordem urbana." *Folha de São Paulo*. Jornal de Resenhas. Otilia Arantes. "Pobre Cidade Grande" 10.05.97:10 (Resenha sobre o livro de Erminia Maricato, *Metrópole na Periferia do Capitalismo*. Editora Hucitec. 1997)

Este número, no entanto, era sempre muito maior do que as estatísticas oficiais registravam, não entrando como 'habitantes' "*a massa indefinida dos indígenas e africanos*".

No descampado infinito das terras desconhecidas, as solenidades da fundação, com os gestos e os ademanos, os símbolos e os patrões-tenentes, a ata oficial, o pelourinho plantado, a missa, fazem lembrar a liturgia para esconjurar os riscos que podem vir do sertão ou do mar. ... Nascida da declaração de uma vontade teórica de El-Rei, através de uma solene e notarial estilo, a cidade se funda realmente ...

A "*massa indefinida*", escravizada em vilas impostas por atos oficiais, trabalhava para o objetivo dos colonizadores: "*dar raízes na terra à nova urbe*". Os documentos atestam o quão difícil foi manter o cumprimento de leis que impunham a fixação de índios e negros em territórios cercados e a serem "*civilizados pelos brancos*".

Ou se isola a área para sede da cultura que transmigra ao novo mundo, ou os imigrantes serão absorvidos pela civilização aborígine, como foi o caso de inúmeros europeus que se indianizaram ao se embrenhar pelos campos infinitos da América. Será mister isolar o espaço urbano dos campos infinitos, e, dentro do espaço urbano, um vazio que se manterá, cercado das casas, para a multidão das gentes operar como órgão de opinião. Tinham então a cidade como a sua 'praça honesta', no dizer dos cronistas...⁸¹

A população escrava negra, indígena e pobres livres, muitas vezes fugiam, desertavam, desapareciam em meio "*à imensidade aventureira dos campos*" ou buscavam vilas mais urbanizadas e seguras. Destituídos de sua liberdade e condenados a construir edifícios e moradias para colonizadores, só restava a alternativa de tentar escapar da dominação, que impunha referências de fixação compulsória da moradia em espaços especialmente segregados para os excluídos. Tradição que se manterá na discriminação e perseguição sem tréguas aos pobres em seus locais de moradia pelos séculos subseqüentes, até nossos dias.

Nas cidades mineiras, nas partes mais altas dos morros moravam as famílias dos colonizadores, os proprietários de terra, a "*gente de cima*". Os pobres moravam nos vales ou baixadas dos morros, eram a "*gente de baixo*". Em Salvador, ao contrário, o espaço da cidade baixa opunha-se ao dos morros, lugar dos negros. "*Elementos malvistos*" na cidade eram obrigados a se mudarem para os "*bairros altos*".

⁸¹ Omegna, 1972, 88

Ainda segundo Ormegna (1961), em *"Sementeiras dos fundadores"*, muitas vilas, lugarejos e cidades despontaram sem planejamento, sem intenção da coroa. Nestas, apresentam mais claramente a referência da moradia provisória, sem enraizamento social calculado, um *"estabelecimento precário"*, organizado apenas para o saque, a busca mercantil. Segundo o autor, esse *"fenômeno natural"* de surgimento de cidades coloniais, apresentam no entender do autor, *"formas invariáveis do comportamento coletivo"*, como o desejo de preencher ou percorrer um *"continente oco e infinito"*.

... jamais pensavam pudessem construir cidades, pois as que conheciam na Europa eram milenárias ou seculares ... Essa missão se cumpriu algumas vezes inconscientemente ... As mal situadas povoações que se espalham pelo país revelam, com impressionante constância, o cunho displicente de improvisações de que está invariavelmente ausente a esperança de viabilidade e de sobrevivência.⁸²

Assim como o continente, os negros e os índios surgem *"occos, vazios"*, como *"massa indefinida"*, a serem 'preenchidos' pelo colonizador no tempo e lugar que bem quisesse, determinando socialmente um modo de ser ora fixo, ora provisório. Assujeitados por rituais de fundação de cidade ou por apressados abrigos transitórios para atender aos interesses mercantis pelo continente, vão se fragmentando e se desterritorializando reiteradamente na relação com os espaços vividos.

Os quilombos emergem como possibilidade de ruptura dos negros contra a imposição social deste modo de ser provisório ou fixo, utilitário. Ao tentarem fundar e construir um novo espaço social e a si mesmos, foi preciso ocupar, tomar um pedaço da terra do branco, para não deixar de lutar e imaginar a liberdade, um 'teto' que possibilitasse um referencial de permanência, de intimidade e autonomia também em relação ao espaço, nos confins do Brasil colonial. A partir do quilombo, construir um muro, uma grande cerca - a independência - lutar contra os pioneiros da civilização excludente do país.

Em *Origens Culturais da Habitação Popular do Brasil*, o antropólogo Faria (1951), do Museu Nacional, divide *"as sobrevivências culturais africanas"* em seu aspecto religioso e material (a técnica de construção de casas). As primeiras seriam expressas no *"plano psíquico, emocional"*, através do sincretismo religioso nas casas grandes, perpetuando meios, formas de transmissão de uma geração para outra.

⁸² Ormegna. 1972: 86, 87

As segundas, dependeriam do que se conheceu nos quilombos, mas a ênfase das observações conhecidas esteve concentrada nas estratégias de "*defesa dos negros*", bastante semelhantes às descrições de cercas indígenas, caracterizando a unidade cultural e simbólica entre casa-aldeia. Além do mais, para o autor, a diversidade das origens africanas dos escravos dificultou o estudo da reconstituição de diferentes construções de moradia. Apresenta partes de documentos, registros de vários viajantes ou de autoridades coloniais sobre os quilombos.

... tinha meia milha de comprido e duas portas, a rua era da largura de uma braça, havendo no centro duas cisternas: um pateo onde tinha estado a casa do seu rei era presentemente um grande largo no qual o rei fazia exercícios com a sua gente; as portas deste Palmares eram cercadas por duas ordens de paliçadas ligadas por meio de travessões ... e havia mais do lado de dentro um fosso cheio de estrépes. ... o caminho deste Palmares era marginado de aléas de palmeiras que são de grande préstimo aos negros, porquanto em primeiro lugar fazem com ellas as suas casas, em segundo as suas camas, em terceiro abanos com que abanam o fogo, ... ; ... moravam em cabanas feitas de ramos. ⁸³

Também pelas definições da palavra "*quilombo*", percebe-se a luta pela autonomia no confronto contra a sociedade colonial, revelando símbolos que nomearam os espaços de resistência criados no Brasil, mas que originalmente tinham referências culturais de permanência, acolhimento, enraizamento, ética do habitar trazida da África.

Kilombo quer dizer povoação em quimbundo, mocambo significa apenas refúgio, esconderijo, como unanimemente reconhecem historiadores e lexicógrafos. ... 'quilombo, ou habitação feita nos matos pelos escravos pretos fugidos no Brasil.' ... Em carta de 1645 dirigida ao rei, o governador geral do Brasil falava de 'uma povoação de escravos fugidos a quem chamam mocambo dos Palmares nos confins do rio S. Francisco.' Mu-kambu, para o negro, foi apenas o refúgio, o abrigo seguro, como ainda sugere, de maneira diversa e a bem dizer poética, o batismo de uma pequena baía do litoral de Moçambique com esse nome. Somente com o tempo a primitiva significação foi-se perdendo, e mocambo passou a ser sinônimo de casa de pobre ... ⁸⁴

Com Gilberto Freire, por exemplo, o termo "*mocambo*" será difundido com a última conotação: casebre, moradia de gente pobre e não como esconderijo, refúgio,

⁸³ Faria. 1951: 12

⁸⁴ Faria. 1951: 14, 15

para seus habitantes. Mas, para compreender um pouco mais a profundidade simbólica desta palavra junto aos negros foragidos das senzalas, reproduziremos algumas passagens que estão em Gilberto Freire (1975), sob o título *A Presença do Açúcar na Formação Brasileira*.

As descrições dos alojamentos dos escravos nas senzalas expressam o extremo do desenraizamento e desabrigo a que foram submetidos nos vários sentidos, físico, subjetivo e social, bem como a urgência das fugas. A alta taxa de mortalidade tornou-se inclusive objeto de grande preocupação para higienistas do Rio de Janeiro, como Cruz Jobim, entre outros, citados por Freire. Em 1835, Jobim identificava como causa da "hifemia, doenças de escravos", várias razões, como dormir direto no chão úmido.

'... mais expostos aos efeitos da umidade, por andarem descalços, mal vestidos e dormirem ao sereno, em palhoças abertas e imediatamente sobre a terra fria e úmida.' [continua a seguir G.Freire] Vinha principalmente desse desabrigo dos pretos nas senzalas - pensava Jobim - e também de defeitos de alimentação igualmente apontados pelo velho doutor, aquele mal, comum também na Bahia, que fazia os negros tornarem-se 'exalviçados', sorumbáticos, cinzentos, comedores de barro e carvão, 'inclinação às vezes tão irresistível que nada é capaz de impedir os doentes de devorarem as tampas e bordas das moringas que lhes servem e dos vizinhos.'

Mais adiante, Freire reproduz e compartilha da visão de um outro higienista - Lavradio - que analisa, espantado, as condições em que encontrou fazendas ou engenhos do Império, moradias ameaçadas pelos "casebres", no Rio de Janeiro, depois de 1870:

... a distribuição das habitações humanas e de animais: 'chiqueiros imundos' perto, de casas-grandes ... um pouco mais distante e às vezes em continuação à casa de morada, as estribarias onde se recolhem os animais de montaria mais estimados e as choupanas ou casebres em que moram os escravos e trabalhadores, em comum com as galinhas, cães, porcos e outros animais ... no caso do escravo, com o próprio solo ao natural, sem ladrilho ou revestimento nenhum, mas puro, úmido, sujo e em condições ideais para transmitir aos habitantes das senzalas vários males capazes de chegarem aos senhores das casas-grandes... ⁸⁵

⁸⁵ Freire, 1975: 99, 100, 101

Lira (1994) retoma o termo "*mocambo*" de forma crítica, como "*um saber-fazer próprio aos escravos de origem africana*". A palavra está ligada à cultura yorubá (golfo da Guiné) e angolense. Porém, a construção do mocambo no Brasil, recebe a influência de elementos nativos e de colonizadores. O estudo resgata as principais e complexas representações da casa popular no Recife, onde o "*mocambo*" merece destaque, devido à "*explosão*" discursiva a seu respeito, após os anos 30. Mas, o objetivo da análise é o de recolocar o discurso original que o termo tinha no país, sintetizando a luta dos negros para construir uma unidade política, social e cultural autônoma.

Em nosso estudo temos salientado que esta luta por um referencial social de permanência e autonomia no espaço vivido, não pode ser confundida como luta para uma fixação definitiva de lugar para viver, muito menos com luta por um modo de vida provisório:

... anseio e ousadia de escape a uma ordem senhorial e de recomposição da liberdade perdida pelo homem, nela estrangeiro. Para o ex-escravo ou aquele que fugiu, o significado mais remoto dessa forma de morar se remete a um movimento político de resistência e transgressão aos modos da senzala: ao 'quilombo'.

Num outro momento, Lira procura reconstruir diferentes momentos históricos e discursivos sobre os mocambos, diferentes representações são trabalhadas, como as que estigmatizaram o mocambo como "*casas que matam*", cujo objetivo era introduzir em Recife "*as concepções modernas e racionais de habitação*".

Aos poucos percebemos que o espaço do mocambo vai deixando de ser representado como instituinte de outra ordem social, independente, passando a ser redefinido, apropriado por objetivos exteriores à sua realidade, especialmente nas cidades.

...uma prática de transformação/reversão de sentido das manifestações populares ... mítificado, passa de *esconderijo* de *guerrilheiros* - se recorrermos à etimologia *bantu* e ao episódio histórico dos *quilombos* - a *trabalho* esforçado de ajustamento de destribalizados; passa de refúgio de bárbaros a realização da civilidade; deixa de ser expressão de uma classe social ou de uma raça para simbolizar a *suave mistura das raças*, a solidariedade étnica, a paz social; passa, enfim, a articular-se à instituição da família nuclear urbana - a *família romântica freyriana* -, sua moralidade e higiene. ⁸⁶

⁸⁶ Lira. 1994. 733, 734, 738, 752

O modelo civilizatório do país deu lugar a resistências também entre os indígenas, com lutas por manter ou reelaborar heranças culturais que os colonizadores julgavam inexistentes ou 'impróprias', o que os tornavam 'exilados' em sua própria terra, interrompidos em sua transcendência, vivendo perseguidos ou sendo capturados.

Nos estudos de Faria (1951), é possível encontrar algumas menções sobre o fato dos índios intensificarem o nomadismo para evitar o contato com a cultura *européia*, enquanto outras tribos facilitam a aproximação, modificando tanto num caso como no outro, o modo de vida e, conseqüentemente, as formas de construções e os valores do habitar.

Na verdade, existem impossibilidades para se reconstituir um ideal de "pureza" cultural nas técnicas de construções, reconhecidas por estes mesmos estudos. No entanto, a especulação em torno do assunto oferece muitos indícios sobre a questão da intensificação da "mobilidade", como das tribos Ge, que deixaram de construir um certo tipo de casa mais elaborada e protetora para fugir dos colonizadores "e a erguer apenas os simples paraventos dos pousos de caça e de colheita". Cita ainda o caso dos Nambiquara, de Rondônia, descritos por Roquette-Pinto, em 1938. Vinte e seis anos depois descobriu-se graves mudanças entre os índios, pelas mesmas razões das tribos Ge.

Nas descrições de casas, a "maloca" tupi revela grande coincidência em várias descrições. As construções eram lideradas por um chefe, que reunia cerca de quarenta homens e mulheres, entre amigos e parentes. A cabana - uma casa coletiva - era erguida observando espaços enfileirados para cada casal em sua rede e fogo. No centro, habita o chefe da cabana e a saída tem três portas pequenas, sendo preciso abaixar para sair da mesma. A aldeia possuía cerca de sete cabanas, protegidas por paliçadas. Com a influência da catequese dos índios, muitas tribos precisaram separar os casais e, portanto, as casas.

Condenando a mudança periódica de local das aldeias, os colonizadores incentivam os "valores cristãos" entre os índios, violentando suas culturas e símbolos do habitar:

... começam a fazer casas separadas e de taipa, para sempre viverem nelas.⁸⁷

⁸⁷ Faria. 1951: 26, 27

Existe igualmente uma literatura abundante sobre a migração europeia no Brasil do séc. XIX, sobre as condições de trabalho e moradia dos trabalhadores estrangeiros, que indicam a mesma constante necessidade de fuga, resistências com confrontos e mortes, tendo em vista os extremos dos processos de exclusão dos espaços vividos e exploração social a que foram submetidos.

Um artigo de Hardman (1988) chamou nossa atenção, por referir-se a "*construtores de cidades*", na Recife de 1839. O objetivo do autor é questionar a concepção redutora da idéia de "*Revolução Industrial*", que representa, neste caso, o nordeste como um lugar de desenvolvimento "*atrasado, arcaico*", típico do pensamento dualista.

Ao sugerir a necessidade de um estudo mais pormenorizado sobre a experiência da "*Companhia de Operários*" (1839-43), criada pelo governo da Província de Pernambuco, enfatiza o quanto Recife "*foi um dos cenários pioneiros das transformações e permanências sociais do mundo do trabalho no século XIX*".

Desde o embarque de operários alemães (cerca de 200), destinados à construção civil, até o regime de trabalho, tudo foi controlado militarmente, embora tenham vindo sob a denominação de "*trabalho livre*". A maioria dos trabalhadores eram "*piconeiros*" (peões não qualificados) e uma minoria especializada em "*canteiros, pedreiros, serralheiros, ferreiros, marceneiros, segueiros (fabricantes de carruagens), etc.*"⁸⁸

Estes migrantes, (em situação semelhante aos negros e índios), tiveram que construir a cidade sob o ideário da modernidade de um "*Estado-patrão*", submetidos ao "*imenso rastro de barbárie deixado para trás*".

Há punições rigorosas ... especialmente, deserção, incluindo-se prisão, indenizações à companhia e até condenação a trabalhos forçados. ... Fuga, morte e dispersão ... parece que foram desfechos mais comuns para a sorte desses homens. ... De todo modo, alguns trabalhos artísticos em ferro, um dos signos mais importantes da engenharia moderna do século XIX, contaram com a colaboração ativa daqueles obreiros alemães. ... A cidade não guardou seus nomes, apenas marcas indeléveis de suas ferramentas ...⁸⁹

A rebeldia ou fuga são tentativas de escapar do aprisionamento de seu tempo e espaço, que o atinge para além do trabalho. Não há lugar e intimidade possível para defender seu corpo, subjetividade, identidade, seja no trabalho, na casa ou cidade,

⁸⁸ Hardman. 1988: 73

⁸⁹ Hardman. 1988: 73-75

vigiada pelos donos locais. Em busca de liberdade pode morrer, arrisca tudo para interromper o dilaceramento de sua existência, posta a serviço para erguer uma cidade que cria abrigos protetores e enraizamentos seguros para muito poucos e privilegiados habitantes.

Em Calligaris (1991), psicanalista, encontramos igualmente referências sobre a história de fugas das fazendas do país, especialmente a partir da memória de colonos migrantes do sul durante o séc. XIX. Mais uma vez a fixação e a provisoriidade como modo de vida emergem, impedindo o estabelecimento de qualquer vínculo de permanência e intimidade do trabalhador e sua família com a terra, quer dizer, com a sociedade.

... o sonho do futuro colono não era o Eldorado do colonizador, mas muito mais a conquista do reconhecimento de sua dignidade de cidadão. ... o sonho de um país que, por dar acesso ao direito um dia a um pedaço de terra, reconhecesse no colono um sujeito, um seu futuro sujeito. ... A circulação física dos colonos, aliás, era freqüentemente proibida. ... cobrar o aluguel do casebre quando o mesmo contrato [assinado na Europa] garantia a moradia, ... a descoberta que a autoridade é a sombra do fazendeiro que o explora, a revolta e a morte. Ou então ainda a fuga antes da morte. ... abrir um espaço não só de sobrevivência, mas de vida: se fazer um nome, um mínimo de nome, além do nome da fazenda que teria sido a única estampilha do seu corpo.⁹⁰

No capítulo "*Fundações*", compara a origem de cidades no Brasil e na Europa, enfatizando como são comuns nomes de cidades de origem europeia no país, iniciando pela palavra 'Novo', como Hamburgo, Friburgo, etc. Enquanto lá sua origem "*se perde na noite dos tempos*", entre nós pode "*ser a memória de duas gerações ou menos*". Especialmente quando se refere ao colono, julga que talvez por ter sido esquecido em seu país de origem, existe uma necessidade "*imperativa, chegando a recorrer a um ato autônomo de fundação não só de moradia, mas de sujeito mesmo*".⁹¹

Não como única questão, mas ao longo da leitura, o autor vai discutindo a clara associação entre fundar um nome, se tornar sujeito e 'fundar' uma casa, um negócio, uma terra, enfim um espaço familiar de permanência para se sentir finalmente inserido socialmente no novo país.

Neste país as fugas são lutas contínuas, múltiplas, fragmentárias, trabalhadores que anseiam por cidadania e isto se confunde com a exigência da delimitação de

⁹⁰ Calligaris. 1991: 27, 28

⁹¹ Calligaris. 1991: 84,85

territórios, terra, casa, espaços concretos para se identificarem. Por outro lado, em todas estas lutas, não podemos deixar de reconhecer o papel da imaginação e dos devaneios. Eles estão postos como resistências, alimentando o tempo todo projetos de vida, que se reiteram para fora dos estreitos limites da dominação, dos interesses privados sobre a terra urbana, estimulando, influenciando ações concretas, como as práticas coletivas de ocupação urbana.

Na medida em que necessita sobreviver lutando para ultrapassar a percepção insuportável do real (ser 'sem teto', sem nome), num social que não reconhece sua existência, e sem possibilidades mais de fuga concreta para outro lugar do território nacional, já devidamente ocupado por poucos donos, transforma-se num indivíduo que ocupa a cidade como numa fuga simbólica, para poder continuar imaginando o dia em que viverá 'com teto'.

A ação imaginante é incrementada pela mudança de imagens e a presença da imaginação só pode ser constatada quando uma imagem presente nos remete para uma imagem ausente. Nessa perspectiva, Bachelard afirma que a imaginação equivale no psiquismo humano a uma mobilidade espiritual, a uma experiência de abertura, que nos conduz ao abandono do "curso ordinário das coisas", que nos faz ultrapassar as formas percebidas. Constatação que leva o autor assinalar que o ato de imaginar corresponde ao inaugurar de uma nova vida que instaura cesuras profundas com o real comumente perceptível ...⁹²

Nosso problema está em saber o que viria a ser a "*imagem ausente*" entre os sem teto, como ultrapassam a realidade percebida, para entender mais aprofundadamente a ética do habitar do sujeito sem teto numa casa futura; como seu imaginário desenraizado devaneia sobre sua singularidade na intimidade de um espaço de casa que não existe e, indiretamente, saber se o 'direito à cidade' aparece de alguma maneira. Um lugar simbólico onde pode optar por uma situação de enraizamento social, sem que isto seja confundido como necessidade de submissão às tentativas políticas de sedentarização das classes trabalhadoras urbanas.

Os discursos - politicamente corretos, aliás - sobre o caos urbano, a falta de futuro de nossas cidades, a irracionalidade das ocupações dos sem teto, porque acabam contribuindo para a manutenção dos grandes interesses fundiários nas cidades brasileiras, uma vez que se consolidam às custas do modo de vida provisório, da pobreza, da constante circulação dos trabalhadores, dos despejos, não tem conseguido

⁹² Paiva, 1997: 119

interromper uma visão determinista sobre este círculo de horror que é a dinâmica do ocupa-despeja-ocupa-despeja. Nos mantemos perplexos diante desta realidade, sem compreender a insistência dos trabalhadores sem teto nesta falida fórmula de resistência.

Diante de todas estas preocupações, esperamos demonstrar nos capítulos seguintes, principalmente a partir da análise das entrevistas com os sem teto da ocupação da Vila Lídia, como as tensões e ambigüidades se colocam nas relações entre casa/sujeito, permanência/provisoriedade, adesão/resistência à uma visão habitacional dominante, buscando sublinhar a presença de uma tenaz luta cotidiana por um espaço interior e exterior de intimidade, síntese da autonomia na moradia, seja a nível individual, familiar e social.

A análise, pelas características da casa como 'objeto', se ocupará das evidências objetivas da realidade dos sem teto, como no caso da interpretação do modo de vida provisório, das descrições do cotidiano na ocupação, momento em que estaremos nos apoiando em debates significativos de temas e de autores das ciências sociais.

Mas, com a intenção de ampliar nossas possibilidades de análise, ao abordar os aspectos subjetivos de casas desejadas - imaginadas -, salientamos aqueles que emergem e escapam das representações padronizadas da 'casa própria'. A procura então, será por fragmentos de devaneios descolados das limitações vividas no modo de vida provisório, breves momentos de revelação íntima, considerados como um "*fenômeno de liberdade*" (Bachelard), imagens que singularizam a subjetividade do sujeito que sonha numa cultura historicamente determinada. Isto é, além da ausência de espaços concretos para viverem na sociedade, há ainda uma ausência de pensamentos pré-elaborados para explicitar uma necessidade ética do habitar, daí a tentativa de encontrá-la em devaneios da casa futura.

Desse modo, a partir dos estudos de Bachelard sobre a imaginação poética do espaço e da pesquisa de imagens de casas desejadas pelo trabalhador sem teto, é possível perceber tanto "*ressonâncias*" como "*repercussões*" em nossa interpretação, na condição de sujeito de conhecimento. Nos deixamos levar pela intenção de ir apreendendo os breves fragmentos de devaneios dos sem teto, registrados no cotidiano da ocupação(sem pretensões poéticas!). Vimos, porém, depois de transcritos, que emergiram espontâneos e não menos sensíveis e "*essenciais*" do que imagens íntimas do habitar de poetas famosos. Em seguida, assumidamente, fomos 'preenchendo', 'completando' as imagens de casa imaginadas pelos sem teto com conteúdos selecionados em *A poética do Espaço* (1988), tentando 'devolver' profundidade aos conteúdos que os depoimentos continham.

As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema: na repercussão o falamos. ele é nosso. ... Dito de maneira mais simples, trata-se aqui de uma impressão bastante conhecida de todo leitor apaixonado por poemas: o poema nos toma por inteiro. ... É como se, com sua exuberância, o poema reanimasse profundezas em nosso ser. ... A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante. ... Essa imagem que a leitura do poema nos oferece torna-se realmente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. ... A imagem torna-se um ser novo da nossa linguagem, expressa-nos tornando-nos aquilo que ela expressa - noutras palavras, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir do nosso ser. Aqui, a expressão cria o ser.⁹³

Esperamos estar explicitando as implicações metodológicas de nossa decisão de tornar consciente a interferência que estabelecemos entre o estudo de devaneios de Bachelard e certas imagens do habitar dos sem teto através da criação de associações, relações, 'correspondências' e analogias, com a intenção clara de minimizar os discursos lacunares dos sem teto, como das ciências sociais, especialmente da sociologia, e realçar a indispensável presença de concepções subjetivas e simbólicas de casa, expropriadas pela cultura moderna e contemporânea, situação especialmente radical em países como o Brasil, que não constituiu e permitiu uma relação de intimidade entre casa e cidade para grandes contingentes de trabalhadores do país, desde a colonização do país.

Trata-se de uma tentativa de ultrapassar algumas lacunas objetivas da realidade concreta e admitir a imaginação como uma fonte indispensável de conhecimento, mesmo admitindo ser impossível conhecer por completo a imagem íntima, subjetiva, de alguém que devaneia sobre o sentido de sua existência por meio da casa. Imagens de intimidade, traduzidas numa linguagem poética do espaço em Bachelard, também estão atuantes nas formas de expressão cultural das classes trabalhadoras, como nas músicas, por exemplo. Mas, devaneios continuam sendo atuantes mesmo se restringir à linguagem poética, possibilitando conhecer imagens de intimidade de casa singulares, não determináveis a priori.

Como esse acontecimento singular e efêmero que é o aparecimento de uma imagem poética singular pode reagir - sem nenhuma preparação - em outras almas, em outros corações, apesar de todas as barreiras do senso comum, de todos os pensamentos sensatos, felizes em sua imobilidade? Percebemos então que essa

⁹³ Bachelard. 1988: 7,8

transubjetividade da imagem não podia ser compreendida, em sua essência, apenas pelos hábitos das referências objetivas. Só a fenomenologia - isto é, a consideração do *início da imagem* numa consciência individual - pode ajudar-nos a reconstituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem. ... Ao recebermos uma imagem poética nova, sentimos seu valor de intersubjetividade. Sabemos que a repetiremos para comunicar o nosso entusiasmo. Considerada na transmissão de uma alma para outra, uma imagem poética foge às pesquisas de causalidade. ... Nada prepara uma imagem poética: nem a cultura, no modo literário, nem a percepção, no modo psicológico. Portanto, chegamos sempre à mesma conclusão: a novidade essencial da imagem poética coloca o problema da criatividade do ser falante. Por essa criatividade, a consciência imaginante se revela, muito simplesmente, mas muito puramente, como uma origem. Isolar esse valor de origem de diversas imagens poéticas deve ser o objetivo, num estudo da imaginação, de uma fenomenologia da imaginação poética.⁹⁴

A casa, dessa maneira, além de objeto material do conhecimento científico, conceitual, pode ser ainda uma inesgotável fonte de estudos, de investigações a respeito da imaginação, da importância de devaneios, desejos, símbolos e diferentes éticas do habitar dos indivíduos, atividade esta absolutamente inseparável do processo de busca e realização autônoma de si mesmos. Quer dizer que, qualquer um de nós, em algum ou muitos momentos da vida, se imaginou modificando-se através de uma casa futura.

Bruni (1992), em *O Presente como Desafio*, ao ressaltar a importância de uma concepção de conhecimento que valorize o presente, não como mera transição entre passado e futuro, "*idéia-força da modernidade*", mas como uma constante "*dissolução atual do existente*", enfatiza um princípio de análise que procuramos manter atuante na análise dos trabalhadores sem teto na ocupação da V. Lídia:

É justamente nos instantes do presente que a ordem racional da instituição pode ser abalada, pois esta não pode dar conta de todos os elementos que, de sua perspectiva, são *irracionais* ... os sujeitos tentam reconquistar no presente um tempo que não é o da racionalidade da instituição, mas o da realização autônoma de si próprios. ... Além disso, não devemos pensar que os sujeitos coletivos ou individuais sejam efeitos imediatos das estruturas ou das tendências históricas globais de transformação ou conservação. ... São as próprias práticas que os constituem ... injunções instáveis e cambiáveis do cotidiano, que tornam os sujeitos possíveis, e sua identidade uma construção no interior de suas lutas e das formas pelas quais a dominação é assumida ou combatida. ... a identidade ... não é algo que permanece inalterado ao longo do tempo, mas se refaz e se confirma no presente da ação.⁹⁵

⁹⁴ Bachelard. 1988: 3,8,9

⁹⁵ Bruni. 1993. 90, 91

As lutas por ocupação de terra na cidade, que se multiplicaram nas últimas décadas no país, apesar de todo o quadro de pobreza e miséria, são provas concretas da intenção deliberada dos trabalhadores sem teto em transformar o dia-a-dia da lógica da cidade-mercado e da casa instrumental da provisoriedade. E, mesmo sem se darem conta objetivamente, desdobram-se em tentativas de proteção e desenvolvimento de suas subjetividades, através de desejos de permanência na casa e de pertencimento social. A ironia disto tudo, sabemos, é que neste processo reforçam o modo de vida provisório que acreditam combater. Ainda assim, não podemos aceitar que a radical institucionalização e invasão de suas existências sejam suficientes para definir, do exterior, a identidade dos trabalhadores sem tetos. A histórica existência de algumas perspectivas de análises deterministas nos estudos habitacionais para as classes trabalhadoras urbanas, há muito nos impede de conhecê-los a partir do interior de suas condições de vida e concepção de mundo que envolve a moradia. No caso dos sem teto, significa considerar a sua visão do modo de vida provisório, bem como suas incessantes práticas para se instituírem sujeitos numa situação de exclusão social.

O objetivo é questionar o paradigma *"no qual a classe aparece como sujeito subordinado, sem uma dinâmica própria que emerge de suas práticas, determinado por condições exteriores à sua existência concreta"*⁹⁶ e apontar um caminho de interpretação para a temática da habitação, especialmente aquela voltada para pensar a realidade do sujeito que vive sem direito a uma maior e melhor relação consigo mesmo e a sociedade em que sobrevive.

Invadido por forças instituídas, disciplinadoras, exteriores à sua vida íntima desde a infância, este modo de vida provisório acaba por desqualificar, conseqüentemente, também o sentido e o alcance de seus discursos e suas tentativas de intervenção no espaço público do país, como muito bem coloca Vera Telles, quando discute sobre a problemática da pobreza no país.⁹⁷

⁹⁶ Paoli, Sader e Telles. 1984:131

⁹⁷ "É na trama da sociedade que se (re)produz uma normatividade excludente e autoritária justamente porque não supõe a mediação da representação de interesses e que não tem, portanto, outra medida que não a vontade privada dos grupos e classes dominantes. ... a história brasileira chega a ser didática pelo que mostra da capacidade das práticas sociais de desfazer a igualdade prometida pelas leis e pelos direitos. Afinal, deve haver alguma razão para que, ao longo dos anos, a imagem de um descompasso entre Brasil real e Brasil formal sempre seja evocada pela força expressiva que ela contém para dar forma à perplexidade - ou o desconcerto, para falar como Schwarz - diante de uma realidade sempre na contramão, contradizendo as promessas proclamadas no mundo luminoso das leis, das instituições e do Estado. ... se é verdade que a conquista de direitos e da cidadania define a pedra de toque da questão social, isso significa também reconhecer que as políticas necessárias para que se reverta o quadro social do país serão vãs se não corresponderem a um poder efetivo de ação e representação de sujeitos reconhecidos na legitimidade de seus interesses. Essas políticas serão vãs se a sociedade não se abrir a um debate público sobre a igualdade e a justiça, debate que a reivindicação de direitos sempre propõe." Telles. 1992:28-30

Capítulo II

OCUPAÇÃO DA VILA LÍDIA: UMA LUTA PELA INSTITUIÇÃO DE SUJEITOS

'... recomeçar minha vida, como se estivesse nascendo de novo...'

O objetivo deste capítulo é analisar a situação dos trabalhadores sem teto da ocupação da Vila Lídia, ocorrida em 1994, (mesmo ano de realização das entrevistas), a partir da problemática da habitação provisória. Em outras palavras, a questão é interpretar como as contradições e tensões entre certos princípios éticos e culturais do habitar destes trabalhadores¹ e a realidade fragmentária da habitação provisória influem diretamente nas lutas incessantes do cotidiano que travam em família e em grupo de ocupações urbanas para se constituírem sujeitos. Em buscas contínuas, migrando, perambulando, tentam instituir um tempo e espaço de casa e de cidade mais autônomos, a partir de certos valores de permanência e intimidade, conceitos cuja discussão iniciamos no primeiro capítulo.

Elizabeth S. Lobo, ao elaborar um balanço da literatura sobre modos de vida, em *Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência* (1992), sintetiza grande parte do caminho que orienta nossa análise sobre a provisoriedade da moradia:

... a problemática dos modos de vida ... opõe a lógica do sistema ou do mercado à recuperação da autonomia dos sujeitos sociais na sua heterogeneidade, através das modalidades de suas experiências coletivas, vividas, representadas no campo simbólico.²

No decorrer deste e do próximo capítulo, além da contribuição da literatura das ciências sociais sobre o tema classes trabalhadoras no Brasil, alguns registros da imprensa escrita foram utilizados, uma vez que trazem aspectos importantes da história dos trabalhadores sem teto, revelando quase sempre questões sociais específicas para o estudo das ocupações urbanas do país, com ênfase especial para notícias de Campinas e região de Campinas (SP).

¹ 'A forma como as classes trabalhadoras urbanas elaboram essa ética tem sido apontada por vários pesquisadores (Zaluar:1985, Neves: 1983 e Telles:1990), evidenciando a existência de um valor moral associado ao *trabalhador honesto* e ao *chefe de família responsável* que se opõe a delinquência e à marginalidade ... Para a venda da força de trabalho é necessário possuir certas condições e entre elas *um fundo de consumo* (Neves), ou seja, uma garantia de sobrevivência - alimentação, moradia, vestuário, condução - até o momento em que seja possível obter rendimentos pela venda da força de trabalho. Esse fundo de consumo geralmente é propiciado pela família. Numa situação de privação ... seu papel de provedor sofre uma desqualificação ... Este é um dos caminhos possíveis de chegada à rua, momento em que o trabalhador, por pressão, rompe os vínculos com a família e o trabalho ...' *População de Rua: quem é, como vive, como é vista*. 1992: 18,19.

² *Tempo Social*A(1-2).1992: 13

Realizamos cinco entrevistas no estudo de campo, em várias sessões de conversas com cada um deles, complementado por muitos outros contatos individuais e com pequenos grupos reunidos casualmente. A apreensão de relatos nestas ocasiões foram mais para confirmar determinadas ocorrências da habitação provisória, como despejos, visão da ocupação, da cidade, trabalho, etc., que estavam sendo registrada mais detalhadamente no momento das gravações sobre trajetórias de vida em relação à moradia.

Antes, porém, foi preciso um tempo para obter o consentimento de entrada na ocupação, que aconteceu graças à ajuda de uma pessoa amiga que mantinha grande proximidade com alguns trabalhadores moradores de ocupações em Campinas, devido ao seu trabalho junto a associações de moradores de periferia. Foi preciso que se visitasse várias ocupações recém instaladas até conseguir a concordância de um dos grupos de trabalhadores sem teto. Depois de obter a autorização de moradores considerados mais representativos pelo grupo, passamos ao trabalho de programar visitas com os ocupantes da Vila Lídia.

Dentro dos limites possíveis procuramos explicar as razões da pesquisa (a história da ocupação e das casas que moraram durante a vida), descobrir uma certa hierarquia no grupo para saber com quem deveríamos iniciar as entrevistas e quem mais estaria disposto a contar sua vida a uma pessoa desconhecida, que dependia no mínimo de dois encontros com cada um para fazer o seu 'trabalho' de pesquisa.

Os encontros se deram no espaço aberto, público, em meios às barracas de plásticos, em bancos de madeira improvisados. Não havia espaço para receber visitantes no interior das barracas, feitas apenas para dormir e guardar alguns objetos indispensáveis. Éramos observados por quase todos os que estavam presentes na ocupação, muitas vezes também pelos vizinhos bem instalados em seus sobrados do outro lado da rua, por passageiros de ônibus e de carros apressados que trafegam em alta velocidade naquela rua.

Durante as entrevistas procuramos verificar como iam representando distintos níveis de provisoriedade, em termos de tempo, espaço, legalidade ou ilegalidade, etc, sem perder de vista as resistências, onde tentam fazer valer, sem muito sucesso, uma ética mais permanente do habitar, quase sempre relacionada com a cultura do chefe provedor da família.

Vivendo redes de sociabilidade que se fazem e se desfazem o tempo todo nos cortiços, favelas, no aluguel de cômodos de fundos na periferia ou na casa de empréstimo de parentes, vão imaginando o dia que vencerão o modo de vida provisório. São muitos os níveis e sentidos de provisoriedade existentes, como as

tentativas de compra de lotes em terrenos clandestinos e irregulares, de casas ou apartamentos em conjuntos habitacionais populares, dificuldades na auto-construção, etc. Quer dizer, chegar à 'casa própria' através de certas leis e regras de mercado da casa popular financiada, não significa necessariamente o fim da habitação provisória, mas sim mudanças nas práticas de resistir a outros tipos de exclusões sociais para evitar despejos.

O desprestígio da questão urbana no Brasil é evidente, apesar da situação dramática de nossas cidades. ... A cidade ilegal das favelas, dos cortiços, dos loteamentos clandestinos e das áreas de riscos se agiganta a ponto de praticamente igualar, em números de domicílios, a cidade legal em boa parte das metrópoles. A ilegalidade na ocupação do solo caminha para ser mais regra do que exceção. Precariedade e ilegalidade andam juntas. Nos cortiços, onde predomina a locação, a lei do inquilinato em geral não é cumprida.³

O objetivo de captar despejos em diferentes situações de moradia, foi produzir uma visão o mais dinâmica e múltipla possível - tendo como ponto de partida dos depoimentos a ocupação da V. Lídia - para explorar as implicações concretas das dificuldades que os trabalhadores sem teto conhecem para desenvolverem uma ética do habitar nas constantes andanças pela cidade, passando por endereços ora legais, ora ilegais.

Este enfoque sobre o material das entrevistas e de imprensa, foi uma tentativa de evitar que as diversas formas de moradia fossem tratadas de maneira estanque, separadas uma das outras, porque perderíamos o movimento, a ocorrência dinâmica da provisoriedade da moradia urbana no cotidiano dos trabalhadores sem teto.

A habitação provisória é, portanto, um processo social complexo, continuamente tenso, heterogêneo, variável, com objetivos disciplinares que funcionam tanto como espaço de desconstrução de identidades individuais e coletivas, como provocadores de resistências, lutas de reconstrução de identidades, sendo a ocupação urbana uma de suas expressões sociais mais significativas no confronto contra as históricas e excludentes políticas habitacionais do país. A perspectiva é a de deciframos o que significa permanência, intimidade, provisoriedade da casa, 'sonho da casa própria', despejos, etc., como parte intrínseca da vida social, cultural, simbólica e subjetiva dos sem teto.

³ Maricato. *Folha de São Paulo* 1996: 1-3

Sabemos que a experiência do habitar das classes dominantes, que podem conjugar este verbo ao seu modo, não está tão distante das consequências sociais da habitação provisória. Ermínia Maricato (1996), ao analisar a participação do país na Habitat 2, ressalta muito oportunamente que a elite brasileira vive como uma avestruz, pois ao estimular a segregação espacial e a desigualdade, além da imensa agressão ambiental, provoca a insegurança também dos bairros ricos e condomínios fechados.⁴

Do mesmo modo, Sonia Regina de Brito Pereira, premiada pela comunidade internacional, na Habitat 2, alerta igualmente para a questão da segregação espacial e exclusão social:

O Brasil foi escolhido por ter como prática generalizada a remoção forçada de pessoas de suas moradias. ... Entre outros exemplos, ela vai citar o que ocorre na Baixada de Jacarepaguá, zona oeste do Rio, onde, por causa da especulação imobiliária, os moradores mais pobres foram removidos. _'Quero apresentar no Fórum das ONGs o conflito entre a pobreza das favelas e o luxo dos guetos formados a partir dos condomínios fechados', disse Sonia. Em 1990, ... conseguiu embargar a maior obra imobiliária da América do Sul. Por sua atuação, deixaram de ser construídos ao redor da lagoa da Tijuca centenas de prédios. ... Ela fundou e preside o Movimento Brasileiro de Defesa da Vida, uma ONG que luta contra os abusos ao meio ambiente.⁵

Diante de conquistas como esta, gostaríamos de justificar o porque de deixarmos de analisar uma respeitada literatura sobre o êxito de determinadas experiências concretas em gestão, planejamento urbano, projetos habitacionais populares.⁶ São inúmeros os estudos que registram como se tem resolvido com competência democrática problemas como o da habitação provisória e outras políticas públicas, além de receber o apoio de importantes segmentos sociais do país e até mesmo de órgãos internacionais, tendência confirmada por uma das mais atuantes especialistas da área.

⁴ Maricato. *Folha de São Paulo* 1996: 1-3

⁵ *Folha de São Paulo* Victor Agostinho. 1996: 3-5

⁶ Ver entre outros *Gestão Contemporânea: Cidades Estratégicas e Organizações Locais*. Tânia Fischer (org.) 1997; *Habitat: As Práticas Bem-Sucedidas em Habitação, Meio Ambiente e Gestão Urbana nas Cidades Brasileiras*. Nabil Bonduki (org.) 1997.

... ampliar as parcerias democráticas, baratear custos, garantir maior qualidade ambiental e arquitetônica e garantir, acima de tudo, justiça social no país de maior desigualdade do planeta, segundo o próprio Banco Mundial. ...merece destaque a que prevê a elaboração de planos de ação com participação da sociedade, em níveis local, regional e nacional (recomendados pela ONU). ... O orçamento participativo e a parceria com entidades da sociedade, praticados atualmente em alguns municípios, já apontam nesse rumo, afirmando que a sociedade brasileira tem propostas e até experiências bem-sucedidas para levar à Habitat 2.⁷

Mesmo diante de um efetivo avanço social no sentido das lutas políticas pela democratização da habitação no país e gestão das cidades, esperamos que nossas discussões contribuam para uma reflexão do direito a uma ética do habitar, indissociável da falta de acesso à moradia (não apenas no sentido genérico do discurso de aquisição da casa própria) entre amplos setores das classes trabalhadoras. Especialmente para os que permanecem sem teto, em ocupações ou mesmo nas ruas. Indivíduos reiteradamente despejados ou forçados a trocar continuamente de moradia nas grandes cidades, fenômeno social praticamente ausente de discussões mais aprofundadas das ciências sociais.

A Decisão de Ocupar: segredo e tensão moral.

Nosso intuito é analisar e problematizar diferentes aspectos da habitação provisória que trazem à tona uma questão crucial bem conhecida: as várias tentativas frustradas de grandes contingentes de famílias de trabalhadores para assentar residência nas cidades. A provisoriedade destas experiências ocorrem quer no espaço urbano, quer na individualidade, que lutam por instituir e cultivar, a partir de uma busca contínua de materialização de seu desejo íntimo e social de permanência de casa, além de outros, como aqueles que dizem respeito à sua realização no mundo do trabalho.

Há um momento porém, em que as todas as tentativas para permanecer em alguma moradia deixam de ser resistências isoladas e tornam-se mais coletivas, organizando-se em grupos para a ocupação de uma determinada terra urbana, em geral pública, enfrentando mais uma situação de moradia drástica. A partir de encontros periódicos estes trabalhadores sem teto passam a se identificar e definir

⁷ Maricato. *Folha de São Paulo* 1996:1-3

objetivos objetivos comuns, não necessariamente apenas a partir de sindicatos e partidos, embora este envolvimento seja muito comum.

Construindo uma sociabilidade no cotidiano da ocupação, procuram praticar a resistência em grupo e em família, partilhando do mesmo desejo de enraizar-se numa parte do mundo exterior (a casa e a cidade) e interior (a subjetividade), apesar dos controles normativos e violências institucionais a que estão submetidos no universo da habitação provisória.

... nós somos ocupantes de uma terra que estava vazia e nós não sabemos se existe algum projeto para esta terra. Estava vazia e nós ocupamos. José⁸

A ocupação evidencia um dos lugares sociais mais representativos para conhecermos as tensões e conflitos do modo de ser e as representações dos trabalhadores sem teto, que resistem à pobreza em meio a múltiplos mecanismos de dominação.

A ocupação do Jardim Lídia em Campinas (SP), ocorrida no primeiro semestre de 1994, explicita portanto, diferentes significados em relação às moradias provisórias passadas, vividas antes da experiência de acampar coletivamente numa terra urbana.

Embora a ocupação tenha as mesmas, ou piores características das moradias vividas anteriormente, ela significa um momento absolutamente singular de suas vidas e libera sentimentos de expectativas e ambigüidades imensas. São desejos de permanência num espaço de casa porque a intenção é fazer com que esta moradia provisória seja a 'última', a 'final' de um longo processo de desalojamentos, perambulações contínuas de moradias e cidades, que se acumularam até chegarem na decisão de ocupar uma determinada área urbana. Assim esperam interromper também uma sucessão de fragmentações de si mesmos e de histórias familiares.

...o meu maior desejo é fazer um cômodo que tenha um banheiro e recomeçar a minha vida. Como se eu tivesse nascendo de novo ... Mara⁹

⁸ José*: 26 anos, solteiro, mora com a companheira e dois filhos. Estudou até o 2o. ano do curso técnico de torneiro mecânico. É ajudante de serviços gerais da Prefeitura/Campinas, com contrato provisório. Nasceu em Paulínia, cidade vizinha de Campinas, SP. Foi despejado várias vezes. (* os nomes das pessoas são fictícios)

Ocupar é um ato de transgressão que não se reduz ao enfrentamento social e político. Através do desejo de casa está em jogo também um símbolo de luta pela instituição de sujeitos. Trata-se de construir e conquistar a cidadania, uma identidade afirmativa, dependente, no entanto, do fim de uma relação social excludente para com o espaço legal da cidade.¹⁰

Essa foi uma loucura que eu fiz, que eu nunca vou esquecer. Porque, se eu soubesse ler eu ia fazer um livro do começo da minha vida até chegar nessa ocupação. Eu sempre falo isso. ... Vim com fé e coragem. Depois que eu entrei e passou um mês, eu pensei: Meu Deus, será que sou eu mesma que estou aqui?! Acho que eu não temi nada e continuei. Pensei: Agora que eu já estou aqui eu só vou sair no final, porque vai dar ... dona Ana ¹¹

Deste ponto de vista, os movimentos de ocupações urbanas possibilitam aos sem teto imaginarem um futuro mais digno, mesmo que em meio a uma organização extremamente precária de vida. Faz parte deste ato simbólico de reinício de vida, a tentativa de cuidar de si mesmos, de acolher inclusive o próprio corpo desalojado.

Cultivar imagens, projetos de casa, descrevendo espaços de moradia que ofereçam alguma intimidade no interior da casa e de si mesmo pressupõe pertencer ao mundo exterior, à sociedade. É uma experiência cultural, existencial, que se elabora a partir do *sentimento* de falta nas vivências provisórias de casa. Mas esta falta não é *pensada*, não tem uma articulação discursiva objetiva, mas ainda assim deve ser entendida como luta concreta para instituir um *lugar* e tornarem-se sujeitos em

9 Mara: 27 anos, solteira, mora sozinha, tem um filho que ficou com a irmã depois da ocupação. Estudou até a 5a. série do 1o. grau. Faxineira. Nasceu em Candeias, Bahia. Foi para a ocupação porque estava sendo despejada de casa, onde morava com a família da irmã e outros irmãos adultos.

¹⁰ Sposati enfatiza a íntima relação espaço e identidade social: 'Alguém é cidadão de alguma coisa. É sempre relacionado com algum lugar, há alguma referência. ...a população de rua é uma população móvel. A rua é móvel. Como é que, nesse paradigma burguês que temos da cidadania (que é a referência fixa, que é cada um ter seu território), alteramos esse modo de ver? ...esta questão diz respeito não só à população que está nas ruas, mas aos que ganham até três, quatro salários mínimos. Eu estou aqui me referenciando a uma pesquisa que fiz sobre os padrões de reprodução social, que mostra como é grande a força da população e a sua coragem de enfrentar a vida....Um primeiro malabarismo fundamental é ela se movimentar. A poesia já diz, a Vida Severina exige uma contínua demonstração de resistência...Acho que essa é uma questão que põe na ordem a discussão da relação com o espaço: o homem, sua mobilidade, sua territorialização, sua desterritorialização, a questão da sua referência dentro do espaço.' População de Rua: Brasil e Canadá. 1995: 88,127.

¹¹ Ana: 49 anos, viúva, mora com um dos oito filhos. Afirma ter estudado sozinha e que mal sabe escrever o próprio nome. Foi costureira autônoma. Atualmente é doméstica, desempregada. Nasceu em Fortaleza, Ceará. Morou em outras cidades. Foi despejada uma vez.

espaços públicos e privados. Desse modo, estas tentativas de *ocuparem o lugar que falta* não devem ser vistas como mera reivindicação imediata de uma 'fixação' definitiva de endereço, numa 'casa própria'.

Eu adoro mudar. Não acho ruim. Eu não gosto de ficar parada, passando quatro, cinco, seis anos em um lugar só. Meu marido não gosta e eu tenho que ir pela cabeça dele. Não gosta de mudar porque tem que carregar todos os 'trem' de novo. ... Também não gosto, por exemplo, de mudar pra casa da senhora hoje e sair amanhã. Eu gosto de dar um tempo de dois, três, quatro anos. Enquanto der pra morar a gente está morando, quando não der, não deu. Fazer o que? Silvia.¹²

Um outro aspecto que pode ser levantado contra a idéia de que trabalhadores sem teto podem estar reivindicando apenas uma sedentarização habitacional na periferia vem da própria Silvia, demonstrando desta vez que nem todos representam a ocupação urbana da mesma forma, ou seja, como parte de uma última fase provisória de vida para conquistar valores de permanência na cidade.

O imaginário da casa desejada e de si mesmo não se adequa ao espaço de um lote popular urbano, negociado a preço baixo, junto à Cohab e Prefeitura, como estava ocorrendo naquele momento na V.Lidia. Porisso, a ocupação também pode ser vista mais como um 'pouso' inadiável para que a subjetividade se refaça de algum modo das perdas de teto e trabalho já vividas. O interessante deste caso é a crença de que seu desejo só se realizará se ela participar de um movimento de sem terra. Mais uma vez avisa que quem a impede é o marido, uma vez que entende que maiores oportunidades de busca de trabalho e sobrevivência da família estão na cidade:

Eu tinha vontade de ir em uma invasão de terra, mas lá no campo, nas fazendas. ... deve ser gostoso. Sei lá, eu nunca fui não, porque tudo que é sofrido, é batalhado e é conseguido, vale a pena, né? ... dizem que em ocupação de fazenda, vem polícia, vem exército. ... se não me matarem, eu saio viva de lá e ainda com a terra na mão. Eu tenho vontade ainda de ir. ... Bastante terra! Não pouca, porque um terreno é pouco. ... Ah!, eu ia plantar, né? Fazer um ranchinho pra mim, porque eu gosto dessa coisas assim, fazenda, casinha de barro. Eu gosto de morar assim. Gosto de plantar, gosto de colher, gosto de criar porco, galinha. Então, eu falo, um terreno de sete metro, que nem a Cohab fala que é Um terreno de 126 metros quadrados é pequeno. Não dá pra você fazer nada, porque vai plantar e criar o quê? Isso eu falo,

¹² Silvia: 33 anos, casada, três filhos. Estudou até a 3a. série do 1o. grau, dona de casa. Antes dos filhos nascerem era faxineira. Nasceu em Campinas, SP. Também foi despejada informalmente de onde morava.

tem que ter um lugar pra gente morar numa cidade grande, mas se eu tivesse lá fora bastante, era melhor. Silvia

Querer a volta ao campo ocupando uma terra rural não é uma alternativa muito distante para alguns sem teto de Campinas. O Movimento dos Sem Terra (MST) estão reorientando suas ações políticas e estão cada vez mais próximos dos trabalhadores urbanos de algumas regiões do país. Segundo declarações de lideranças de sem teto e de sem terra na imprensa, uma parte dos sem teto realmente estão dispostos a refazerem suas vidas ingressando em grupos de trabalhadores do movimento sem terra, onde são organizados para futuras ocupações no campo. Esta alternativa é bastante plausível quando examinamos a bibliografia de ciências sociais sobre trajetórias de vida de famílias pobres que retornam ao campo.¹³

As invasões de terra aumentaram 68% na região Sudeste (São Paulo, Minas, Rio e Espírito Santo). É o que revela o relatório anual da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Igreja Católica, sobre os conflitos de terra em 1995. ... Cresceram justamente nas áreas mais modernizadas dos país. Isso decorre, principalmente, da decisão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de priorizar suas ações junto a pequenas e médias cidades de Estados mais desenvolvidos. Hoje, o MST acredita que a reforma agrária precisa estar ligada às cidades, para tornar os assentamentos viáveis.¹⁴

A proximidade do MST dos movimentos de ocupações urbanas, estes últimos sem direção unificada e pouco organizados nacionalmente, tem crescido na região de Campinas, uma vez que as lideranças dos sem terra tem procurado recrutar trabalhadores urbanos, principalmente desempregados, para engrossar a luta pela reforma agrária.

A direção estadual do MST ... inicia nesta semana o cadastramento de pelo menos 500 famílias de Campinas para invadir, em setembro, uma área considerada improdutivo na região. ... se o número de famílias em Campinas for pequeno, o

¹³ 'Estudo recente ... realizado no centro de Estudos Rurais e Urbanos retoma o tema da família sitiante. Durante 5 anos (1987 - 1992) observou-se um grupo de trabalhadores rurais que, após um longo período de vivência do trabalho assalariado no campo e na cidade, retorna ao trabalho autônomo nos assentamentos _ núcleos de reforma agrária no Estado de São Paulo. As autoras observam que são aqueles que conseguem reconstituir a parentela no interior do assentamento e formar grupos de vizinhança solidários que logram se fixar nas terras, apesar de todos os obstáculos enfrentados pelas discontinuidades da política governamental.' Antuniassi. 1994:106

¹⁴ *Folha de São Paulo* SP.05/06/96.Brasil:10

movimento vai expandir o cadastramento para outras cidades. ... a direção estadual enviou um representante há um mês para fazer o que eles chamam de 'trabalho de base'. ... Outra forma de cooptar famílias para o MST é por meio dos sindicatos. Os sindicalistas estão fornecendo nomes das pessoas que estão interessadas em retornar para o campo. ¹⁵

Do mesmo modo, há grandes expectativas no processo de estreitamento entre os objetivos e lideranças dos dois movimentos, como o apoio à luta de ocupação de terras urbanas, com a utilização de táticas de pressão discutidas em conjunto com às dos MTS.

Os sem teto de Campinas serão treinados no Pontal de Paranapanema, em São Paulo, em cursos do ... MST. _ 'É preciso unir as forças entre cidade e campo, que vivem o mesmo processo de concentração fundiária'. diz ... um dos articuladores do MTST [sem teto]. ¹⁶

Entretanto, é preciso que se diga que os sem teto evitam chegar no ponto de ter que ocupar uma terra urbana. Tentam antes, por todos os meios possíveis, se manterem como um habitante legal na cidade, porque esta é uma maneira de se afirmarem como sujeitos, numa moral e ética do habitar em que acreditam: a do chefe provedor da família. Querem se sentir capazes de vivê-las, procurando construir uma certa autonomia sobre suas vidas com o pagamento do aluguel em dia e planos de alguma poupança para a compra de um lote no futuro para a auto-construção, enquanto resistem às diversidades e limites extremos da pobreza. Esta preocupação central é antiga na discussão da literatura das ciências sociais e aparecerá no decorrer de todas as falas, mas o mesmo não se pode dizer da problematização em torno de vivências de despejos, conforme veremos no próximo capítulo.

Num determinado dia era grande a agitação e expectativa na ocupação, devido a uma reunião que estava para acontecer entre os sem teto e a Cohab e Prefeitura. Passavam a sensação de estarem próximos de atingir o espaço legal de cada um:

¹⁵ *Folha de São Paulo* SP. Vanderlei França. 09/06/96. Folha Sudeste:1; ver ainda *Correio Popular*. Campinas. 'Campinas no Pontal'. 20/09/96. Campo Minado:1; *Correio Popular*. Campinas. 'Sem Teto querem ocupar Via Anhanguera'. 11/06/96. Cidades:1.

¹⁶ *Folha de São Paulo* SP. Vanderlei França. 09/06/96. Folha Sudeste:1.

Amanhã a gente tem que ir lá às 8,30hs da manhã. Vai ter sorteio do terreno. Então, amanhã, tem que todo mundo perguntar lá para o pessoal o que eles podem fazer pra gente. Ah! Eu tenho que agradecer muito a Deus! ... Pagar aluguel com o que a gente ganha não dá de jeito nenhum. Pra pagar aluguel com um salário e meio, eu vou comer o quê? Vou dar o quê para o meu filho? Agora mesmo a gente está para conseguir o terreno, com a graça de Deus. Mara

Porém, para chegar neste ponto de negociações, foi preciso uma decisão anterior, a de ocupar.¹⁷ O trabalhador tem de decidir se este é o momento oportuno para lidar com o risco da ação e enfrentar a questão do abrigar a si mesmo e a família. Esta outra face da luta pela sobrevivência, também passa pelo reconhecimento da singularidade - individual e familiar - de seu próprio mundo, simbolizada pela Casa. Ficará então, durante um tempo, em busca de informações e adquirirá alguns conhecimentos estratégicos sobre o assunto antes da decisão final. O convite ou aviso é passado através de laços de solidariedade no trabalho, na vizinhança, ou entre membros da família.

Muitos desses contatos, são de pessoas que também já passaram pelo mesmo processo antes da ocupação, em outros locais da cidade e acabam influenciando com seu testemunho na decisão do 'candidato' a uma vaga na nova ocupação.

José, por exemplo, pediu a um amigo, que também ocupou um terreno da Prefeitura em Campinas, que avisasse quando soubesse de alguma coisa. Um dia, recebeu um telefonema do amigo na própria seção da Prefeitura onde trabalha. Em seguida ele foi até o Sindicato onde estava ocorrendo reuniões organizativas. Começou a participar mais ou menos cinco meses depois de iniciada a preparação e ficou 'articulando como ia ser' durante uns três meses ainda.

Os sem teto tomaram cuidado para não revelar nome de pessoas ou de sindicatos que apoiaram a ocupação. Mesmo depois de quatro ou cinco meses acampados, quando alguma informação nesse sentido escapou, solicitaram meu 'esquecimento' para não quebrar o pacto de silêncio do grupo.

¹⁷ 'Não se pode compreender a ação sem a mobilização de uma vontade que se transforma em ato e fato, no real, um querer subjetivo. No plano social e político...Terreno de fronteiras imprecisas, cambiantes, onde o processo da cultura silenciosamente trabalha para fazer de um indivíduo um "sujeito" - ao mesmo tempo subjetividade, interioridade da consciência enquanto sede de representações, idéias, noções, valores, e núcleo de vontade capaz de pô-lo em movimento enquanto agente que pode construir seu próprio destino, ainda quando "ser sujeito", em segundo sentido, implique também as injunções da submissão à ordem da cultura e às formas pelas quais através dela se expressa a própria dominação.' Montes. 1983: 318.

Olha, falar o nome dele eu acho meio chato. Mas foi planejado sim e eu não posso falar muito sobre isso ... eles já estavam planejando há seis meses... Mara.

Preparam a ocupação de uma terra da cidade, mas concomitantemente, começam a constituir um processo de 'ocupação' de si mesmos, através de reflexões e reavaliações de suas crenças, valores éticos e morais no interior da família, para poder assumir a participação num coletivo maior e o espaço ilegal da cidade.¹⁸

... veja bem, eles [sindicalistas] sempre dava aquelas reuniões. Quando você fazia o cadastro...toda reunião que você ia, levava um quilo de alimento. Uma preparação de como deve se comportar na ocupação. É uma integração, ninguém conhece ninguém, não sabe quem é líder. ... Uma ocupação significa o que? A Dona Silvia, que está aqui, tem doze anos de inscrição na Cohab. Doze anos e a casa não saiu! Tem um outro rapaz aqui, que faz cinco anos de inscrição na Cohab e não saiu até agora! Então, a ocupação o que que é? É a pressão pra 'eles' tá agilizando essa negociação. Se você for sozinha lá, eles te tratam de um jeito. Se você ocupar uma terra do governo, umas cem famílias, aí eles vão te tratar de outro jeito. Vai tá batendo na porta da Prefeitura. Vai tá brigando. Vai tá saindo nas manchete. E outra, vai tá ocupando a terra deles. 'Eles' vão batalhar em cima disso aí. ... A gente tenta mostrar também que só pode conseguir terra se você ocupar. A gente tá fazendo uma troca! A gente devolve a terra, se 'eles' entregar a nossa. Estamos sequestrando a terra 'deles'. A gente quer uma troca...é um direito nosso. Tá negociando, tá fazendo tudo no papel. A gente tá pagando a terra desde de que você tá pagando uma taxa de inscrição. João¹⁹

Mara soube das reuniões por um dos irmãos. Este, por sua vez, recebeu a informação de um amigo de trabalho que quis saber 'se a gente não queria disputar. Aí, meu irmão falou pra mim e eu fiquei incentivada e fui.' Ficaram sabendo da ação

¹⁸ Lobo, referindo-se à sociologia dos modos de vida e experiência indica a importância de estudos sobre as decisões familiares diante da pobreza: 'No trabalho de Vera da Silva Telles e Lilia Montalli, as figuras familiares e as famílias trabalhadoras são construídas a partir de experiências da diversidade que qualificam as diferentes formas pelas quais cada membro da família e as famílias nos vários momentos de sua história vivem sua condição (Hirata & Humphrey, s/d e Telles, 1987).' *Tempo Socia*4(1-2),1992:13.

¹⁹ No início dos contatos com o grupo do Jd. Lídia, os sem tetos pediram que a primeira entrevista fosse feita com João, naquele momento representante do grupo. Se apresentou como alguém que 'dava apoio' à luta. Com 32 anos, solteiro, declarou ter cursado o SENAI, ser 'autônomo', eletricista de automóvel. Nasceu em Dracena (SP). Mora com os pais no Pq. União da Vitória, uma ocupação negociada com a Cohab, que financiou lotes populares na própria área, oficialmente dividida. Permaneceu na Ocupação do Jd. Lídia algumas vezes por semana com a companheira solteira grávida, uma das ocupantes, até se afastar definitivamente no período de negociação mais intensa do grupo com os órgãos oficiais.

do grupo nos últimos dias de preparação, quando já estava decidido inclusive o dia da ocupação.

Estes contatos colocam o parente ou o amigo em um grupo, de certo modo fechado, porque o 'candidato' necessita guardar segredo, zelar para que não haja um vazamento de informações, até que o grupo ocupe efetivamente uma área. A descoberta pela Prefeitura ou pela Polícia Militar, compromete ou frustra meses de organização do grupo, assim como projetos feitos em discussão familiar.

Porisso, tanto o movimento da Vila Lidia, como outros, procuram trabalhar tomando algumas medidas de segurança antes da ocupação, como pesquisar e escolher um determinado espaço da cidade; tentar obter previamente dados do terreno dentro dos próprios órgãos municipais; ter alguns contatos confiáveis na imprensa para tentar evitar a repressão policial; escolher uma determinada data (em geral feriados); acumular alguma infra estrutura (alimentos, madeira, plásticos, etc) para se instalarem no local escolhido, etc.

A decisão de ocupar então, depende também de acordos, conversas internas ao grupo familiar e entre os ocupantes, porque o apoio de lideranças políticas não será suficiente ou até mesmo podem ser dispensadas.²⁰ É preciso pesar a decisão, estabelecer arranjos para a resistência no cotidiano, por que nem todos familiares ou ocupantes poderão permanecer o tempo todo no local ocupado. Alguns vão ficar mais tempo e terão mais responsabilidade que outros, como uma espécie de vigias ou guardiões das famílias na área.

... nós só resistimos até agora devido a essas doze famílias que continuam. [perguntamos se não eram dezessete famílias ao todo]. Não. Dezessete a gente fala por que ... mas eles não vem aqui todo dia. Quem mora aqui mesmo somos eu, a Silvia, Ana, João, José, ... [completou o nome das 12 famílias]. Só estas pessoas. Agora, eles vem aqui. Então a gente conta, mas não estão todos aqui Porque, se a gente fosse fazer que nem a maioria fez, todos fossem para casa, não íamos conseguir nada. Mara.

Os 'vigias', no ato mesmo de ocupar, tentam preparar a si e aos seus para resistir e, quem sabe, no futuro, refugiarem-se melhor, inclusive do mundo natural

²⁰ 'De acordo com os invasores do São Bernardo, a decisão de ocupar a área não contou com o aval de nenhuma liderança sem teto... Segundo as famílias, a iniciativa de deixar de lado a chancela política dá ainda mais legitimidade ao movimento. 'Somos pessoas de bem, pais de família, gente civilizada', reforçou o aposentado Á. B. Nosso único interesse é garantir uma área para construir uma casa, já que este terreno aqui está há décadas sem ter nenhuma finalidade objetiva', argumentou ele.' *Carreio Popular*. Marcelo Pereira. Campinas. 08/06/96.

que agride seus corpos, buscando numa casa protetora, exterior/interior, um modo de ser mais permanente que querem elaborar também no plano social. As razões são diversas, mas manter o trabalho e poupar as crianças aparecem com muita frequência entre os argumentos.

Mara, seu irmão casado e outro irmão menor, ficaram responsáveis por 'disputar' por todos os outros membros da família extensa no dia ocupação e, mesmo depois, ela necessitou continuar no local sozinha. Deixou seu filho com a irmã, para não sacrificá-lo durante os duros dias da ocupação:

Meu irmão estava lá. Ele me deu a maior força naquele dia, porque se ele não tivesse ... Ele é muito forte, muito empolgado. Foi ele quem batalhou atrás de água e tudo. Quando ele conseguiu fazer comida, eu estava tão lerda, jogada no chão ... Quando ele viu que o 'rango' já estava pronto, ele foi chamar a gente para almoçar. Eu consegui me erguer um pouco e fui lá comer um pouco de macarronada. Pra mim, parecia a melhor da minha vida, eu estava morrendo de fome. ... Eu não tinha treino de fazer barraco. O meu irmão, como teria que trabalhar no outro dia e já tinha ficado comigo ... ele aí foi para casa e deixou eu e o meu irmão de quinze anos lá e nós não tinha treino em fazer barraca. Nunca tinha participado de ocupação na minha vida. Mara

Muitas famílias vão desistindo durante este sofrido e desgastante processo de luta. Os primeiros dias são os mais difíceis. Os que ficam, como vimos, estão numa situação irremediável, vivenciando o despejo na maioria dos casos, seja em moradias de aluguel ou de parentes, revelando situações de abrigo muito opressivas. A ocupação, para os que desistem, provavelmente se apresenta como mais uma moradia provisória, tão ou mais desalojadora de si mesmos, difícil de ser suportada até o fim devido à intensidade das incertezas de vida e da ilegalidade.

Mais adiante, veremos que a fome, o emprego, a escola dos filhos e as péssimas condições físicas do acampamento, são razões comuns para o abandono de muitas famílias ou para uma mudança parcial para a ocupação. Alguns vão responsabilizar os sindicalistas pelas desistências que, segundo os ocupantes, abandonaram o apoio após algum tempo, devido às eleições de 1994. O medo da repressão policial, com expulsão repentina da área também é frequentemente citada. O assunto aparece quando descrevem a vivência da espera, das indefinições quanto ao destino do grupo.

Tanto José, como Silvia e Mara confirmam que durante a preparação da ocupação havia representantes de cento e cinquenta famílias nas reuniões. Mas, já a

partir do primeiro dia do movimento, muitas famílias voltaram para as cidades de origem ou para a moradia alugada e, outras ainda, para a casa de algum parente. Para grande parte dos ocupantes os que não ficaram 'tinham onde morar'.

A gente quando ocupou a primeira área, tinha cento e cinquenta famílias. Depois, pra cá, só veio cento e vinte e foi diminuindo, diminuindo e hoje estamos em dezessete famílias. Fez cadastramento na Cohab, setenta e cinco famílias, só que depois que fizeram o cadastramento foram esperar noutro lugar. Silvia

Na verdade, os sem teto utilizaram a ocupação para ter acesso ao projeto de lotes populares urbanizados da Prefeitura, única alternativa habitacional voltada para os setores sociais mais pauperizados da cidade, a maioria das famílias cadastradas esperou fora da ocupação. A outra metade das famílias desistiu completamente.

Uma parte dos sem teto que optou por morar na ocupação não manteve toda a família no local, como Mara. Estes sem teto concordam em 'guardar' o lugar do parente ou mesmo de um vizinho de ocupação, principalmente durante o período de negociação. A fixação diária na ocupação pode custar o emprego ou a vaga dos filhos na escola, entre outros problemas difíceis de resolver.

A mudança de todos os membros da família para a ocupação aconteceu com Silvia e o marido, a situação deixou seus três filhos sem escola. Às vezes, para amenizar o desgaste da situação de viver nas barracas, os sem tetos vão alternar algumas noites na ocupação e outras no endereço antigo, em geral de parentes.

A resistência coletiva inicial é simbolizada pela solidariedade na vigilância do território comum.

Aqui é um terreno pra todo mundo. Então, às vezes, eu saio. Um dorme na minha barraca ou um olha. Dona Ana mesmo, olha muitas vezes pra mim. Quando chove, vai lá. Tira meu colchão, aí seca ... Mara.

A desistência da luta faz com que surjam outras famílias interessadas em assumir seus lugares. Com dona Ana foi assim. Mudou para a Ocupação após um mês do grupo ter se instalado. Soube por uma amiga que havia lugar na ocupação da Vila Lidia, também sem teto, ocupante de uma outra área pública da cidade. Dona Júlia, a amiga, intercedeu junto ao filho João para que este providenciasse um lugar para

dona Ana. Na época ele era um dos ocupantes e líderes do grupo da Vila Lídia. Angustiada com a mudança para uma ocupação, dona Ana conta que tentou obter garantias e certeza de moradia da amiga para poder assumir a ilegalidade de seu ato, desejando impedir novas indefinições quanto ao abrigo que podia conseguir para si mesma, uma vez que teria de passar por cima de seus valores éticos e morais de 'inquilina honesta'. As condições sociais e políticas para a obtenção de um teto não se coloca como o principal obstáculo para solucionar sua situação, antes precisa da fé e convicção da palavra da amiga. A falta de emprego para o filho da amiga também se explica pela vontade, convicção em querer trabalhar.

Eu soube da Ocupação através da mãe de João. Ela que me falou, inclusive eu falei pra ela: 'Olha dona Júlia, se um dia eu não acertar na vida e não arrumar aquele terreno. eu vou ter que cobrar muito da senhora'. Ela falou assim: 'Ana, se você não conseguir, pode me cobrar.' Dona Júlia, trabalha sozinha, o marido não trabalha e o João também não ajuda ela. ... todo mundo tem casa, só ela que ainda não tem, coitada. Então, até hoje ela está num barraquinho. dona Ana.

Mesmo com a chegada de novos sem teto, a substituição das famílias desistentes não é simples, nem completa. O grupo passa a ser pressionado e disciplinado pelos órgãos públicos para não aceitar mais novos candidatos, principalmente depois de 'cadastrados'.²¹

... antes da gente se definir na Cohab, eles [outros sem teto] vinham, mas depois não vieram mais. Não vieram por dois motivos. Eles acharam que a gente estava demorando muito aqui e ninguém ia fazer nada pela gente. E muitos não vieram porque a Cohab disse que não ia aceitar mais ninguém de fora que viessem. ... se a gente aceitasse mais alguém aqui, que não tivesse cadastrado eles não iriam aceitar. Então, não veio mais ninguém, só a gente mesmo. ... a gente aceitou pessoas, porque a gente não sabia que depois de ser cadastrado não podia pegar mais

²¹ 'Campinas registrou três novas invasões de terreno em menos de 12 horas. Juntas, elas reúnem cerca de 540 famílias, aproximadamente 2.300 pessoas. As ocupações ocorreram, pela ordem, no Jd. Amoreiras, São Bernardo e Parque Industrial... O objetivo do cadastramento, de acordo com a Cohab, é traçar um perfil das famílias invasoras para definir quais podem ser inseridas nos programas de habitação popular da Prefeitura de Campinas... 'O cadastramento tinha que ser aqui no acampamento', disse o membro da coordenação... Alexandre de Ferreira, 24 anos... A gerente da Cohab disse que as famílias cadastradas não necessariamente poderão ser sorteadas... Para se cadastrar, estão sendo exigidos documentos pessoais do casal e dos filhos, carteira de trabalho e os três últimos holerites. Ferreira disse que a maioria dos invasores são desempregados ou trabalham na economia informal. 'Como estas famílias poderão comprovar renda?' questionou.' *Correio Popular*: Campinas, 08/06/96. Invasão: 1,6.

peessoas de fora para pôr aqui. Quando eles resolveram realmente fazer acordo com a gente e ficaram sabendo que haviam outras pessoas, disseram que não iriam aceitar. A gente teve que falar com estas pessoas. Muitos até desistiram, outros permaneceram, mas depois que foi cadastrado não pode mais, porque a Cohab não aceita. Mara.

Este controle, no entanto, é permanentemente testado e driblado pelos ocupantes. Como vimos, Dona Ana entrou na ocupação depois e permaneceu. João, por sua vez, que atuou como um dos 'vigias' da ocupação durante um periodo, conta um outro caso de ingresso depois da negociação oficial ter sido iniciada. Os contatos, informações e a busca de solidariedade entre os que estão na eminência de ficar sem teto (como no caso dos despejos) são continuos nos locais de maior circulação dos trabalhadores pela cidade.²²

As normas disciplinadoras de cadastramento dos sem teto, vão criando novas discriminações para os moradores de ocupações urbanas. Dona Ana, morava sozinha antes da ocupação, mas necessitou pedir ajuda a um dos filhos solteiros para conseguir entrar na negociação junto com os demais. Segundo ela, a Cohab não aceitou ceder um lote para uma mulher idosa e só. Então, um de seus filhos foi requisitado na ocupação, para obter o direito ao cadastramento 'familiar'. Ela se sentiu prejudicada por viver independente dos filhos solteiros e casados, como vimos anteriormente em sua fala sobre a dificuldade em pagar o cômodo de aluguel e do desejo de ter um lugar só seu, depois de tantos anos de trabalho em Campinas. Procurou provar durante nossa conversa que sabe se cuidar sozinha porque é 'boa de cabeça'.

Criei sozinha e Deus, esses oito filhos, com a minha força e a minha coragem, sem ninguém me ajudar. Tem um deles que está aí e ele disse que pode contar o eles pediram [Cohab]. O mais velho tem 33 anos, os outros tem trinta e dois, trinta, vinte oito, vinte e sete, vinte e cinco, vinte e dois e dezessete anos. Eu sou boa de

²² 'As famílias que invadiram um terreno no bairro Dic 5...fizeram uma assembléia...para o cadastramento dos moradores...registrou 850 famílias instaladas no local e contabilizou outras 120 numa lista de espera, aguardando possíveis desistências. Segundo um dos membros da comissão, I. F., o terreno foi dividido em lotes de oito por vinte metros para cada cadastrado...são provenientes do próprio Dic, de outros bairros de Campinas e até de outras cidades, como Valinhos. 'Ninguém suportaria dormir no meio do mato se não precisasse', argumenta,...Mas algumas pessoas estão no terreno representando outras. O desempregado E. de J. conta que tem sua casa própria. No entanto, está desde domingo dormindo numa tenda com o objetivo de guardar o lote para um irmão doente que vive na Bahia e não tem onde morar. 'Ele chega nesta semana', garante. O próprio I. F. reside num cômodo nos fundos da casa de sua mãe. Mas alega que precisa de mais espaço para sua família.' *Correio Popular*, Campinas, 01/04/96. Cidades:3.

cabeça! Casei com catorze anos e com dezoito, era mãe de dois filhos. Atualmente, eu moro, bem dizer, sozinha. Tem um menino que mora comigo, mas só porque estamos aqui, para pegar o terreno. Mas, eu moro sozinha faz dois anos. Está com onze anos que fiquei viúva, depois os filhos casaram todos e eu tive que partir sozinha mesmo. dona Ana.

Assim, nesses primeiros momentos, a ocupação é a única opção possível de abrigo para os que se mudam de vez com suas famílias. Mesmo assim, a ocupação não é garantia ainda de que poderão evitar o fantasma de que fogem o tempo todo nas habitações provisórias: a rua, significando socialmente a 'caída final' na luta contra a pobreza, a desproteção da individualidade e, conseqüentemente, a impossibilidade de defender a dignidade moral e ética da família.²³

A descrição de alguns momentos e relatos dos primeiros dias de ocupação nos dá uma idéia da luta subjetiva que começa a ser travada, além do que suportar as condições do meio ambiente e o medo de uma possível repressão policial, entre outros sofrimentos que acompanham a vida dos moradores de barracas de plástico. A aflição de todos é ultrapassar um determinado tempo, algumas horas de ocupação para abrir canais de negociação política com os órgãos públicos. É preciso instalarem-se o mais rapidamente possível. Se falharem nessa prova de resistência desumana sabem que correm o risco de ir parar 'debaixo da ponte', como costumam dizer freqüentemente.

Podemos resumir a história da Ocupação da Vila Lídia em quatro momentos. A primeira, foi a da preparação e ocorreu nas dependências de um determinado sindicato durante pelo menos um semestre. A segunda começou no dia da ocupação, em maio de 1994. O grupo se encontrou no sindicato, esperou anoitecer e só de madrugada lotaram dois caminhões, se dirigindo à área escolhida, que os sem tetos chamam ora de 'Campos Eliseos', (bairro), ora de 'VLT' (veículo leve sobre trilhos)

²³ Em Montes, o estudo das representações da sociedade e do poder expressas na cultura popular 'repetem com a monotonia dos tipos do romance popular à literatura de folhetim, dos dramas do circo-teatro às novelas' a importância da família e situações que podem ameaça-la. A ocupação explicita este valor moral máximo em estado de tensão, vivido como risco de caos e como luta incessante pela preservação da respeitabilidade familiar: '...os dramas parecem demonstrar...de um modo quase obsessivo, a necessidade de sua regulação interna, numa estrutura onde a solidariedade se funda numa relação hierárquica comandada pela autoridade paterna e que tem como contrapartida o dever de submissão da mulher e dos filhos. São sempre fatores externos que provocam a ruptura dessa ordenação. E fora dela, a partir do desequilíbrio inicial, só resta a miséria física e moral, a pobreza, a prostituição e o crime, em que são lançados os que se acham fora da rede de solidariedade das relações familiares... É sobre o fundo de tais relações primárias e dos afetos básicos que nelas se expressam que a narrativa melodramática se constrói. Não parece, pois, surpreendente que, saindo do âmbito das relações primárias no seio da família para se chegar às relações mais amplas no âmbito da sociedade, estas sejam no entanto compreendidas segundo um padrão análogo ao que comanda a compreensão das relações no âmbito familiar.' Montes.1983: 329-331.

por estar numa área da Fepasa, antiga linha Mogiana, uma linha urbana de metrô de superfície desativada que corria por um curto trecho da cidade. Neste local, ficaram um dia.

Segundo os sem teto a terra era 'particular' e não municipal, contrariando as informações levantadas pelas lideranças. Na verdade, a propriedade do terreno é da Fepasa e funcionários da empresa acabaram chamando a Polícia Militar. Houve ameaça de despejo e os sem teto saíram sem resistência, lotando novamente os dois caminhões do sindicato, se dirigiram para outro local da cidade, a Vila Lúcia.

... disseram que era terreno particular. A gente saiu pacificamente de madrugada. Os policiais que pediram. Conversaram com todos ... com todos juntos. Disseram que era para sair numa boa, senão ia sair na pancada. Naquele tempo que nós decidimos invadir, tinha uma comissão formada. O 'cabeça' do movimento achou melhor a gente sair. Os 'cabeças' do movimento foram procurar outro lugar e acharam esse lugar aqui melhor ... No primeiro dia, em cada barraco [de plástico], estavam duas ou três famílias juntas. José.

A mudança de planos teve que acontecer em poucas horas e neste imprevisto conseguiram se instalar numa outra área, também da Fepasa, iniciando o que estamos chamando de terceira fase da ocupação. O terreno, ao lado de uma via bem movimentada, faz frente com casas e sobrados de classe média alta. Os fundos, num plano bem abaixo do nível da rua e do terreno ocupado, fica a favela 'do Nogueira', que resiste há décadas à transferência de local.

Os primeiros dias de Ocupação no 'endereço' da exclusão

O relato de Mara, explica melhor o que vem a ser os primeiros dias numa ocupação urbana. Como se integrou ao grupo às vésperas da ocupação, revela uma experiência de estranhamento maior do que a de José, que teve mais tempo (três meses) para elaborar o que seria viver com o grupo no início da ocupação. A lembrança dos dois primeiros dias faz com que ela duvide de sua coragem, na hipótese de necessitar participar de uma nova ocupação. Isto provocou, neste momento crucial de sua vida, uma avaliação crítica contra as famílias desistentes: gente 'sem força' suficiente para 'lutar' e 'continuar'. Esta visão do ato de ocupação tem uma preocupação mais existencial e de instituição de sujeito, enquanto Sílvia

explicou a desistência de muitas famílias mais a partir da existência de um espaço de abrigo exterior : elas 'tinha para onde voltar'.

A opinião de Mara como de outros sem teto, portanto, nos faz crer que as desistências não decorrem apenas das péssimas condições materiais de vida dos sem teto na ocupação, nem do fato destas famílias terem para onde voltar. Muito provavelmente os que decidem abandonar a ocupação também o fazem por causa dos conflitos morais e papéis entre os membros da família, optando por novas tentativas no espaço legal, 'honesto' e talvez mais 'previsível' da cidade, embora igualmente provisório.

Lidar com a discriminada identidade de sem teto, de 'invasor' de terra alheia torna-se muito difícil se atentarmos para algumas falas envergonhadas entre os que ficaram, como as de dona Ana, viúva, que procurou justificar sua presença na ocupação como falta absoluta de opção de moradia, apesar de todo seu passado 'limpo' como 'inquilina' e 'trabalhadora honesta', provedora incansável da família.

Localizamos apenas uma das famílias desistentes da ocupação da Vila Lídia e a mulher, Marcia, uma ativa participante do grupo desde suas primeiras reuniões, foi obrigada a desistir da ocupação devido às pressões do marido, que não acompanhou sua convicção em permanecer no movimento. A 'vergonha' e 'orgulho' do chefe-de-família impediu sua continuação no grupo. O marido insistiu no seu projeto de vida, que era morar com a mãe e economizar para comprar um lote e auto-construir, sem ter que se submeter às decisões dos 'outros'. Considerou a permanência na ocupação uma desmoralização de sua identidade masculina. Este caso confirma a hierarquia do 'chefe provedor' em relação à 'mãe de família', a influência destas representações de masculino e feminino nas famílias trabalhadoras urbanas, gerando conflitos e tensões específicos no interior da família nuclear ao discutirem diferentes formas de sobrevivência e resistências contra a habitação provisória.²⁴

Assim sendo, pesa de alguma forma sobre todos - homens, mulheres, jovens, crianças, velhos - desde a fase de preparação da ocupação, a dificuldade ou necessidade de reavaliar e até mesmo romper certos valores e papéis sociais do modo de ser ético e moral das famílias sem teto para habitar a casa e a cidade. As descrições

²⁴ Lobo: '...algumas pesquisas feministas no sentido de uma sociologia das relações sociais (Kergoat, 1986, 079-93), abriram caminho para uma problematização do gênero como relação histórica e simbólica, construída na experiência do masculino e feminino nas relações sociais e instituinte de práticas que se dão nos vários espaços sociais ... organizam a casa e a fábrica, a divisão sexual do trabalho e as relações familiares, a dinâmica do mercado de trabalho tanto quanto as formas simbólicas (ver Hirata, 1986, p. 63-93 e Lobo et alii, 1986, p. 131-143).' *Tempo Social* 4(1-2). 1992:8.

sobre as primeiras horas de ocupação dão uma idéia dos vários níveis de desafios que estão colocados para cada participante e para o grupo como um todo.

Eu já fui mesmo preparada, levando cobertor, garrafa térmica, lanche. Sim, a gente foi primeiro para uma área do Sindicato e de lá a gente foi para o Campos Eliseos ... fui somente com a cara e a coragem. Esse dia, nossa! Estava fazendo um frio! A gente teve que ir no meio de um monte de gente estranha. Mais de cento e cinquenta pessoas, sem conhecer ninguém. Só a gente ali, um monte de saco de roupa, um monte de cobertor, de colchão, um monte de pessoas jogadas pelo chão, morrendo de frio. A gente ia lá fora, aquele frio! Parecia até que estava caindo neve naquele dia. Mas, o pessoal estava servindo muito cafezinho ... era para esquentar e cochilava até meia noite. A meia noite, a gente naquele carro enorme, que tem um baú. Naquele gelo da noite, a gente em cima do caminhão cheio de um monte de coisa, uma em cima da outra. Madeira, essas coisas, um monte de coisa, a gente em cima daquele caminhão, circulando na cidade. Meu Deus! Pra mim, eu nunca ia chegar no local. Mara.

Elabora imagens significativas de como enfrentou a experiência de ir acampar num lugar desconhecido da cidade. O estranhamento e desenraizamento a que estão submetidos no espaço urbano continuam emergindo também em relação ao desalojamento do corpo e condições do meio ambiente:

... quando nós chegamos lá, cansados, batalhamos um lugar para dormir. Eu me lembro que eu limpei uma área enorme, mas deu um trabalho filho da mãe! A gente trabalhou tanto para limpar tudo e poder dormir! E aquele mau cheiro? Um monte de capim! Quando a gente conseguiu dormir ali no chão... A gente pegou papelão que achamos lá jogado, forrou, deitou para dormir. Os cobertores pequenos não dava nem para cobrir a gente direito, um monte de pernilongo e a gente lá morrendo de frio. E, quando foi pela manhã, a gente capinou assim, uma boa área. Quando a gente já tinha limpado tudo, chegou a polícia dizendo que aquela área era particular e que a gente não poderia ficar ali. Aquilo!? Depois da gente já estar exausta! Mara.

Nas primeiras horas o grupo vai depender muito da solidariedade dos que moram ou trabalham próximos da ocupação para obter água e, às vezes luz, como necessidades mais imediatas, mas nem sempre isso se resolve.

Naquele dia, eu me lembro, que a gente foi parar para almoçar era quatro horas da tarde, estava todo mundo lerdo de fome, sem força mais nada, tudo com fome.

Mas, a gente ali, esperando para ver se conseguia alguma coisa... Também não tinha água de jeito nenhum ali pra gente fazer almoço, pra tomar banho, nada. Você já imaginou? A gente desde a quarta feira, quando eu me lembro que ... Eu sai de casa era seis horas da tarde, a gente passou a noite de quarta feira toda. Não tomou banho mais lá na área do sindicato, dormiu ali pelo chão, naquela poeira. Com tanta coisa que a gente fez o dia todo, sem poder tomar banho, sem água para beber, para fazer comida, que a demora mais da comida foi não ter água. Quando a gente conseguiu ir lá no VLT pegar água, o homem [funcionário] também já estava se aborrecendo, dizendo que a gente não poderia mais pegar água lá que os homem [chefes] não queriam, que ia dar problema. Mas, assim mesmo, a gente conseguiu um pouco, só para fazer comida. Quando terminou de fazer a comida, nossa ! Aquilo parecia a melhor comida do mundo, de tanta fome... Daí, terminou de passar a tarde e entrou pela noite. Mara.

A seqüência do depoimento, tanto sobre o primeiro como segundo dia da ocupação, deixa claro que sua história sempre começa à noite, longe dos olhos de quem passa na rua. No dia seguinte devem surgir como parte 'irremediável' da paisagem urbana. Entre um local e outro de ocupação mais despejo, desalojamentos, na história de vida destas pessoas. Com policia ...

Quando a gente saiu do Campos Eliseos, já era meia noite ou era onze horas, porque tornou a andar uma imensidão para chegar até aqui [Vila Lídia]. Então, a gente chegou aqui meia noite. Foi outra batalha! A Isabel [apontou a vizinha de ocupação, que ouvia a entrevista] estava tão cansada naquele dia e começou tudo de novo. ... Quando chegamos aqui, meu Deus! Um monte de mato, não tinha lugar para dormir, a gente cansado, morrendo de fome e todo mundo fazendo as suas barracas. Eu não sabia o que fazer aquela hora. Aí, a única coisa que deu para fazer foi jogar a lona assim no chão, por cima do mato. E, naquela noite, parece que estava geando já, como geada de junho, não foi? Então, quando a gente jogou a lona, lá embaixo do lado de lá... Jogou assim e se cobriu. Para mim não ia molhar o meu cobertor. Mas o frio foi tanto que molhou meu cobertor. Aquela água em cima da lona e a gente mal conseguiu dormir. Só para, quando acordasse de manhã, ter coragem para começar tudo de novo. Daí, o meu irmão e um colega conseguiram fazer uma barraca para mim, mas foi péssima a primeira noite. Eu não sei se eu teria coragem de começar tudo de novo. Mara.

É interessante enfatizar como terminou seu relato sobre os dois primeiros dias de ocupação. Para os que conseguem ficar, simboliza uma possibilidade de interrupção em trajetórias de rupturas constantes na organização da vida íntima e social da família, *percebidas objetivamente* como privação de acesso à moradia material e *subjetivamente*, como falta da cultura ética do habitar.

Foi ainda neste momento que a nossa entrevistada considerou os sem teto que desistiram como pessoas de 'vontade fraca' e retomou a situação vivida na casa da irmã, para sublinhar seu objetivo de conquistar um espaço de vida próprio, numa família independente, só de mãe e filho.

No mesmo dia eles foram desistindo, a minoria desistiu no Campos Eliseos e a maior parte veio desistir aqui. Depois de uns quinze dias, e eles sem coragem para lutar e continuar, eles foram desistindo e indo embora. Mas eu continuei, por que morar com parente não dá não.²⁵

No quarto e último momento, o grupo foi transferido, em finais de outubro de 1994, para um dos extremos dos limites da cidade, onde a Cohab e Prefeitura, através de um projeto de financiamento de lotes populares - Loteamento Vida Nova - procuram fixar grupos de sem tetos da cidade. Em vez de barracas de plásticos, com a ajuda da Prefeitura, as famílias constroem barracos de madeira em seus respectivos lotes. Está previsto ainda no projeto, uma 'cesta básica' para construção dos primeiros cômodos. Naquela data não havia infra estrutura urbana suficiente, como escola, creche, posto de saúde e água (só torneiras coletivas), entre outros problemas.

Trata-se de mais uma solução habitacional precária, com objetivo mais de desimpedir as terras mais valorizadas da cidade do que de solucionar o problema dos sem teto, projeto que seu utiliza de critérios de escolhas discriminatórios, combinando invariavelmente referenciais de fixação e de provisoriedade, decidindo quem fica e como fica e quem continuará perambulando pela cidade em família.

Apesar da melhora nas condições de habitabilidade no barraco, o 'sonho' pode se tornar 'pesadelo da casa própria', porque o loteamento é muito pouco habitável. Nos

²⁵ 'A razão pode fornecer o arsenal de motivos que amparam a vontade - justificando uma escolha, colocando-a do 'lado certo', a serviço de uma 'boa causa' - mas não pode fazer desaparecer o elemento irredutível de irracionalidade que nela se acha contido. Tal como Maquiavel, Weber sabia que o valor de verdade que possa atribuir aos argumentos de que se sustenta a força da convicção, essencial à ação política, é no entanto insuficiente para eliminar o momento crucial em que os dados são lançados e a jogada feita, o instante angustioso da decisão, onde o agente, por sua conta e risco, põe-se a si próprio em jogo, ao assumir uma opção e uma escolha que finalmente só dependem de sua própria vontade. Tomada como paradigma absoluto ou exclusivo, a 'ética da convicção' afinal acaba por escamotear a fragilidade do mundo moral, inerente à sua própria dinâmica, ao invocar uma racionalidade intrínseca ao real que confere valor de verdade indiscutível a uma idéia ou ideal, dependente no entanto tão só de uma vontade que se recusa a reconhecer-se enquanto tal. Na ação política, portanto, a 'ética da convicção' não pode prescindir da 'ética da responsabilidade', que a cada momento afere consequências e determina os limites para além dos quais a vontade já não se dispõe a avançar." Montes. 1983: 321. ver nota 5 da autora

pareceu, depois de algumas semanas da mudança para o loteamento Vida Nova, que seus moradores retomarão em breve algum nível da organização coletiva para conquistar melhorias no local. Já havia consenso nas conversas entre os moradores mais antigos sobre a necessidade de organizarem um movimento para obterem os equipamentos sociais básicos. Os almejados valores de permanência e intimidade da casa e da cidade não foram alcançados, nem mesmo estando no lado legal da realidade provisória da moradia.

Entretanto, no nosso entender, é preciso reconhecer o peso simbólico da ida para o precário loteamento no momento de saída da ocupação, pois deixaram de sentir naquela hora o estigma de 'invasores'. Esta nova mudança de casa, em geral pouco percebida, expressa um sentimento de acolhimento, pertencimento social e subjetivo à cidade, mesmo que igualmente precário e temporário. Significa a possibilidade de dar um passo concreto no processo de luta pela autonomia enquanto sujeito (e chefe provedor), disposto a gerir a própria vida, com menos riscos de despejos eminentes. Isto porque, na ocupação, há uma privação muito intensa de espaço e para um habitar em si mesmo e em família, cuja explicitação mais radical desta realidade se encontra na chamada 'população de rua', representada como incapaz de sair da desordem moral e pobreza em que se encontra. Na verdade, é este instante de mudança de moradia que tem dado sustentação ampla aos discursos políticos conservadores, desarmando qualquer crítica às políticas habitacionais, cujas técnicas de exclusões que constroem a provisoriedade ou regras de fixação, permanecem ocultas, longe de denúncias mais públicas. A satisfação da mudança de moradia aparece, invariavelmente, como conquista de uma aquisição definitiva da casa própria.

O dia do desmonte da ocupação para o novo local - Vida Nova - transmitia uma espécie de comemoração contida do grupo. Os objetos pessoais iam sendo separados, amontoados, organizados animadamente, ao lado do trabalho de desfazer as barracas de plástico. Tanto homens, mulheres e crianças ajudavam, em meio a marteladas, conversas gritadas e pressa em se mudarem. A demora dos caminhões da Prefeitura obrigou os sem teto a providenciarem comida no meio do terreno, à vista de quem passasse na rua. Aos poucos a agitação foi terminando e todos foram se sentando cansados, ao lado dos objetos pessoais (cama, roupas, fogão, panelas, basicamente), à beira da avenida. A situação de mudança de 'casa' naquele dia foi muito diferente da descrição aflita de Mara, sobre os primeiros dias de ocupação.

Mesmo que por pouco tempo, a casa como sinônimo de abrigo contra as forças da natureza, aconchego, intimidade e proteção da família contra o olhar público,

naquele momento, ficou mais acessível ao grupo da desaparecida ocupação da Vila Lúcia.

A próxima resistência, a partir da mudança, será a de se manter no espaço legal da cidade e intensificar uma relação de intimidade com os espaços vividos, sociabilidades, buscando melhorias individuais na casa material e alguma conquista coletiva no bairro segregado da cidade. Construir um enraizamento diário enquanto sujeitos, com valores culturais de permanência neste loteamento será, de novo, um difícil desafio a ser perseguido.

Iniciar nossas conversas na ocupação perguntando pelo endereço de cada um revelou-se uma questão muitas vezes confusa ou delicada, mas essencial para compreender as vivências da desterritorialização em relação ao espaço da casa e da cidade. A pergunta gerou dúvidas, estranhamentos, devido à não existência de um endereço legal e, para nossa surpresa, fez com que o endereço anterior viesse à mente como uma referência normal e ainda possível de moradia. O sem teto da Vila Lúcia só pode se identificar como habitante da cidade em um lugar que não está ou não pode residir mais.

Depois de seis meses de ocupação, em barracas de plástico, se sentiam 'em trânsito', entre o endereço anterior e a ocupação, ou entre esta última e o futuro loteamento, completamente desconhecido aliás, saído das conversas com os representantes da negociação oficial, que estava em andamento durante o período das entrevistas. O endereço futuro é imposto, instituído, 'sorteado'. O 'proprietário' sem teto é obrigado a negociar um local de moradia - o lote - sem saber como é e onde se localiza na cidade.

Meu maior desejo é que eles dessem o terreno, com a casinha pronta. Ao menos dois cômodos e um banheiro. Mas, eu sei que isso não vai acontecer. Para todos, eu queria. Que aqui, nós somos todos por um e um por todos ... Para ser bem franca, o lugar eu não sei onde é. Seja onde fosse, onde me desse eu ia.

A ausência de uma referência de moradia legal, a atitude de recusa dos órgãos municipais e Cohab em reconhecer-los na ocupação, explicita como funcionam alguns dos mecanismos que reproduzem a intensa exclusão do modo de ser e viver dos sem teto.²⁶

²⁶ No Brasil, a prática de ocultar a habitação provisória pode adquirir situações absurdas, especialmente para moradores de rua. Favelas com até 50 famílias, por exemplo, não foram incluídas no Censo de 1996: 'O crescimento dessa população tem despertado a necessidade de dimensionar

Impedidos de desenvolver qualquer tipo de relação espacial ou temporal mais estável são obrigados a adiar ao máximo possível qualquer expressão mais individualizada de 'casa' na ocupação.

Apesar de tudo, andando pelas barracas de plástico, é fácil constatar a resistência contra a desterritorialização instituída pela única abertura existente na barraca, onde a disposição dos poucos objetos tem uma determinada organização, como roupas pessoais, de cama, colchões, que ficam sempre encostados em um dos lados da barraca para liberar a passagem e a restrita circulação interna durante o dia. Um pequeno fogão, prateleiras improvisadas para objetos de cozinha, às vezes uma cadeira ou uma pequena cômoda completam uma parca mobília onde cozinham, dormem e cuidam dos objetos, nos rituais essenciais do dia a dia. A 'sala de visitas' é o espaço comum, exterior às barracas, com bancos de madeira rústicos e mal acabados ou pilhas de alguns tijolos.

O montar e desmontar dos objetos diariamente, para dar espaço para o 'descanso' da noite e depois para o movimento diário, com uma certa rotina nas barracas, revelam o encontro repetitivo destas pessoas com o provisório e, ao mesmo tempo, a resistência, a luta subjetiva e social a ser feita e refeita no interior da ocupação, porque estão imaginando futuros referenciais de permanência.

Nenhum objeto pode ter um lugar definido por muito tempo, nenhum canto pode ser completamente escolhido como preferido. Mesmo assim, tudo será montado e desmontado com muita persistência. 'Cuidar da casa' é o mesmo que um 'cuidar de si' e de um vir a ser de sujeitos. A questão é não se deixar perder de vez na confusão de morar no tempo e espaço da exclusão social.²⁷

suas proporções. Nos censos realizados em 1991 na Inglaterra e no Canadá houve a preocupação de quantificá-la. O mesmo não ocorreu no Brasil, onde o censo tem como referência básica o domicílio, desconsiderando, portanto, as pessoas que não possuem residência. Partindo da definição das Nações Unidas, que considera *homeless* não só os que vivem na rua, mas também os que estão em habitações que não atendem a necessidades e padrões mínimos de habitabilidade, ter-se-ia na cidade de São Paulo pelo menos quatro milhões de *homeless* ou seja, a população que habita cortiços e favelas.' *População de Rua: quem é, como vive, como é vista*.1992:47.

27 'No acampamento do Jd. San Martin,...S. F., de 26 anos, foi a primeira pessoa a se instalar na área...Seu barraco, de seis metros quadrados, fica às margens da Estrada dos Amarais. Ali vivem oito parentes...Os mantimentos permanecem dispostos em estantes improvisadas com velhos caixotes de frutas, trazidos da Ceasa. Há uma única cama, de casal. A maior parte da família dorme sobre cobertores estendidos no chão...Quando chegou, conta, os inimigos eram as cobras, aranhas e escorpiões. Toda a área foi desmatada, o terreno foi nivelado, e o lixo removido. Agora a família de Silvana luta contra o frio... Os poucos cobertores disponíveis servem para agasalhar crianças pequenas...' *Correio Popular*. Campinas. 05/06/96. Cidades:6.

Cuidar da barraca? É legal. Por que eu mesma cuido... minha barraquinha é baixinha. Mas, todos os dias, qualquer poeirinha, sujeirinha a gente tira. Meu colchão fica no chão. Eu forrei com plástico o chão da barraca. E o colchão eu forrei com lona. Uma lona presa. Então, em baixo da lona eu coloquei um papelão e em cima, o colchão. Na hora da faxina eu tenho que tirar aquilo tudo. Tenho que tirar as roupas de dentro das caixas de papelão. Por tudo pra fora, lavar e limpar tudo. Passar um paninho na lona. Por tudo. Aí digo: _ 'agora está melhor'... Mara.²⁸

Para Bachelard, os objetos da casa são *objetos-sujeitos*, como os armários, gavetas, cofres, etc., porque nos dão um *modelo de intimidade*, compõem *um espaço que não se abre para qualquer um*. A arrumação dos objetos, expostos ou ocultos, está repleta de valores, segredos, atitudes de *insondável reservas de devaneios de intimidade*. A descrição do sujeito sobre a realidade exterior dos objetos é um importante indicador para auxiliar no estudo da complexidade de vivências com o espaço e correspondência com a subjetividade do indivíduo. Entre os sem teto dar ordem aos poucos objetos é um símbolo de resistência irrefutável ao caos da vida familiar na ocupação.²⁹

Desta perspectiva, reparar dentro dos tetos de plástico que a ordem dos objetos não é a mesma de uma família para outra foi o mesmo que reconhecer, impotente, infinitos mistérios em termos de uma composição entre memória familiar, social e projetos de vida escondidos atrás da extrema pobreza, protegidos apenas pela subjetividade de cada um. Uma foto, uma gravura, as cores e disposição de panos, passadeiras improvisadas cobrindo o chão de terra irregular, deixam à vista muitas semelhanças, padronizações de gosto, mas ainda assim singularidades sutis nos objetos. A ocupação aponta para identidades descontínuas, suspensas, à espera de um alojamento futuro em que possam escapar deste viver exposto, desamparado, com uma visibilidade pública atroz, que se suporta na espera. Lugar onde uma das poucas certezas é a de não ter para onde voltar para abrigar-se do mundo, no seu sentido mais pleno.

²⁸ 'Devemos falar dos devaneios que acompanham as atividades domésticas. O que guarda ativamente a casa, o que na casa une o passado mais próximo e o futuro mais próximo, o que a mantém numa segurança de ser, é a atividade doméstica. ... Os objetos assim acariciados nascem realmente de uma luz íntima; chegam a um nível de realidade mais elevado que os objetos indiferentes, que os objetos definidos pela realidade geométrica. Propagam uma nova realidade de ser. ... Parece que a casa luminosa de cuidados é reconstruída do interior, que é nova pelo interior.' Bachelard. 1988. 79,80

²⁹ 'No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite ... A ordem não é simplesmente geométrica. A ordem recorda nele a história da família. ... Mas o verdadeiro armário não é um móvel cotidiano. Não se abre todos os dias. Da mesma forma a chave, de uma alma que não se entrega, não está na porta.' Bachelard. 1988:92,93

Porisso, apesar de toda a resistência ao provisório, Sílvia só pode dizer o nome da rua da ocupação - 'rua Alexandre Clarim'- mas não teve como dar o número, porque o endereço provisório e ilegal não existe. José, por sua vez, sempre pensativo, não conseguiu dizer o nome da rua e entre envergonhado e surpreso respondeu: _ 'O endereço é esse mesmo. O nome da rua eu não sei, por incrível que pareça'. Em setembro de 1994, após cinco meses, disse que estava na ocupação há três meses, depois em dúvida, acrescentou: _ 'Perdi até o controle do tempo ... (parou pensativo, olhando para o chão)'.

A data do primeiro dia e mesmo mês da ocupação da V. Lúcia foi difícil confirmar. Uns dizem maio, outros dizem junho de 1994. João chegou a dizer junho de 1993, como se estivessem acampados há dois anos no mesmo lugar. Provavelmente, foi maio de 1994, as notícias de jornais apontam a existência do grupo na ocupação em junho, fase do início da negociação.

Mara, tem certeza que foi dia dois de junho, mas depois hesita, indaga aos vizinhos se não seria dia primeiro de junho de 1994. Dona Ana, afirma que foi dia um ou dois de maio de 1994, mas também pediu ajuda à alguém que estava próximo. Nada feito, ninguém sabia o dia exato.

O nome do bairro também foi difícil para os sem teto precisarem de imediato. Dona Ana, declarou que a ocupação não tinha nenhum nome: 'Só tem o nome da vila, que é Santa Eliza.' Mara, reagiu de forma semelhante.

Olha, eu não sei exatamente o nome daqui. O que eu sei é que o ônibus que passa aqui está escrito Vila 31 de Março. Mas, lá na Cohab, aqui é conhecido como Jardim [Vila] Lúcia. É até chique, né? Mara.

Em outubro do mesmo ano, nem tentou dar o endereço da ocupação. Deu o antigo mesmo, a casa onde mora a irmã e com quem deixa seu filho. Foi obrigada a referir-se com um lugar que não desejava mais residir, que não consegue se identificar mais, mas é lá onde deve ser institucionalmente encontrada. Explicou a posição da Cohab:

... eles querem o endereço de onde a gente morava antes. Eu mesmo não sei porque. Agora que a gente recebeu a carta de que o sorteio [do lote de cada um] é amanhã, eles não mandaram para cá, mandaram para o endereço anterior. Mara.

Dona Ana também citou o endereço antigo, mas não lembrou mais o número do 'Vila Nova Europa'. Muito irritada se queixou da correspondência enviada pela Prefeitura, que ela não recebeu. Assim, só os que possuem contatos externos à ocupação foram avisados, funciona como uma espécie de 'empréstimo' de endereço, uma providência inevitável para não ser deixado completamente sem reconhecimento oficial. O não reconhecimento da existência dos sem teto na ocupação é muito ostensivo. Desse modo, instrumentalizam disciplinas para manter a dinâmica social da provisoriedade da ocupação, e ficam marcando ininterruptamente o cotidiano daquele que não pode voltar para onde morava, nem ficar onde está, nem ao menos sabe para onde vão transportá-lo. Nesse meio tempo, o futuro não se revela na tensa espera para indicar minimamente quando poderá abrigar a si mesmo.

... era para a gente receber na quinta feira e até agora a gente não recebeu. Só a Baiana [explicou que sua vizinha de barraca estava sendo despejada de onde mora] que recebeu. Só que ela não recebeu aqui, ela recebeu na casa dela. Porque ela trabalha e vai para a casa dela. Ela vem um dia sim e um dia não. Agora, nós que estamos aqui, não recebemos nada. Agora, vamos ver se nós vamos receber... Ela [a Baiana] falou que ia telefonar para saber se nós vamos receber aqui estas cartas, ou se vamos receber onde a gente morava antes. dona Ana.

Rosa nasceu em Valinhos, cidade vizinha de Campinas, tem 30 anos, dois filhos menores, sem marido e parentes próximos, disse fazer 'bicos' como fachineira. Deu o endereço de alguém da favela da Vila Conceição, instalada há anos num terreno municipal. Tentou sair de lá porque a Prefeitura não deixa mais construir novos barracos devido à divisão de lotes para urbanização do local. Depois de três meses de ocupação, Rosa não tinha conseguido deixar completamente a esperança de morar na favela - sem lugar para mais uma família - nem se instalar melhor na V. Lídia, lugar cheio de incertezas. O contato com Rosa foi muito breve, desapareceu da ocupação logo depois do primeiro contato, deixando em todos a imagem de sua confusão de moradia e pobreza, tão dependente da ajuda de outros trabalhadores pobres e se sentindo completamente fora da 'casa-nação' .

... um dia eu moro com uma família, outro dia com outra família. Tenho dois filhos, Priscila e André. Isto é uma vida horrível! Tem gente que acha que a gente é preguiçosa. O país não dá oportunidade para a gente. Sabe, o que aconteceu comigo? Eu decidi que não vou mais pagar aluguel, não vou mais tirar a comida da boca dos meus filhos. Eu não tenho nada. Ainda tá vendo este colchão? Foi uma mulher que emprestou. Não tenho nada ainda aqui [na ocupação]. Estou chegando ...

Mesmo João, que se apresenta como alguém que apenas 'dá apoio' ao movimento, vive ora com os pais (no Pq. União da Vitória, ocupação conquistada por sem teto), ora com a companheira grávida na V. Lúcia que, por sua vez, também passa algumas noites na casa onde trabalha como doméstica. João, porém, mesmo sem estar no estado de pobreza aguda de Rosa, transmite um desenraizamento subjetivo maior do que os sem teto que decidiram assumir a experiência da ocupação até seu desfecho final.

Em ambos os casos ficam numa situação ambígua, não se revelam como parte integrante da resistência diária na ocupação, nem se consideram membro de outro local de moradia. Procuram viver num e noutro lugar, sem saber ao certo que luta tentarão travar para habitar dentro e fora de si mesmos.

A gente, na medida do possível, está permanecendo mais aqui do que lá. Ela mora no trabalho às vezes e eu tenho onde morar, que é com meus pais. Eu sou filho único... Mas a gente fica mais aqui do que fora da ocupação. João.

Os vizinhos da ocupação: situando fronteiras sociais.

Ao mudarem e ocuparem um terreno na cidade, os sem teto passam a desenvolver novas relações sociais e dependências com a vizinhança local para sobreviver no acampamento. Precisam estabelecer contatos, vivenciar diferenças, discriminações e buscar alguma solidariedade com os novos vizinhos. Os discursos sobre os 'outros' nos dá uma idéia ainda de como os sem teto representam a sua presença na cidade de Campinas.

Na maioria dos casos descrevem os vizinhos através de aspectos negativos, resultado da identidade negativa de 'invasor' com que são recebidos. Mara, diferentemente, sublinhou algumas ajudas espontâneas, vindas de pessoas estranhas à ocupação, como veremos adiante. A percepção da hostilidade vinda de vizinhos acentua o sentimento de desenraizamento e o estigma de 'sem teto', devido ao endereço ilegal em que estão, como explicita também seus próprios julgamentos, valores e resistências sobre os 'outros'.

Esse povo aí de baixo [favelados, aos fundos e num nível abaixo do terreno da ocupação] não amola ninguém. São bons. Aqui também são bons [em frente, moradores de sobrados e casas de classe média]. Só tem uma mulher ali que, quando nós ocupamos, ela não gostou não. Vira e mexe ela está chamando a defesa civil contra nós. Não se pode bater um prego, um martelo, que ela chama. Ela não quer que aumenta o movimento. Ela quer que a gente saia, porque ela acha que aumentando, fica difícil. A maioria é difícil, a minoria é mais fácil. Só uma mulher, o resto dos vizinhos são bons. Nunca mexeram com a gente, não. Morar perto de favela é duro. Aí sai tiroteio, aí sai briga. Aqui eles não joga nem bola. Eles são bons, né. A gente não mexe com eles. Pedimos água para nós, luz, tudo. Silvia.

Os sem teto são literalmente vigiados, mais por uns do que por outros segmentos sociais, dependendo do bairro e condição socio-econômica dos mesmos. Tudo será feito para que permaneçam numa situação de máxima provisoriedade possível, contribuindo diretamente para com os objetivos de despejos dos poderes públicos. Como são muitas vezes acuados e ameaçados pelas reclamações, aumenta a sensação de insegurança quanto ao destino mais imediato das famílias.³⁰

José, ao falar sobre o assunto, faz pausas, pensa, tateia palavras para falar de seu mal estar moral na ocupação, uma vez que esta situação fere seus próprios princípios de vida.

Entre os vizinhos? ... A gente não conversa muito não. ... Tem bastante reclamação ... que não querem ... que tem barraco aqui na frente deles. Que eles plantaram árvore aqui também. Eles não querem que derrubem essas árvores aqui. Diretamente eles não falam nada. ... Reclamam lá na Prefeitura. Tem umas pessoas que dizem que só dá vagabundo aqui. Isso eles não entendem. Não entendem que são pessoas que estão lutando para comprar um terreno e não tem condições. Eles não sabem. Acredito que eles não sabem o que nós passamos. ... No começo os favelados não aprovaram não, porque nós pegamos a parte melhor do terreno. Depois alguns começaram a nos ajudar, nos dar água, luz. Mas a reclamação pelo menos parou. Ninguém está fazendo pressão agora pra gente sair, porque eles já fizeram pressão que não queria. Eles que deveriam estar aqui em cima. José.

A maneira de se referir à certas discriminações pode ser educada, cuidadosa, contida, ou revoltada, indignada, como a de dona Ana. Mas, o que emerge de comum nestas falas é a tensão moral, subjetiva, contra a rejeição social, a experiência de ter

³⁰ *Correio Popular*. Campinas. Dario Carvalho Junior. 22/11/95. 'Um dia de cão. Foi assim que os sem teto que há nove meses ocupavam as glebas da Vila Boa Vista definiram o dia de ontem. Acordados logo cedo e avisados de que estavam na rua, eles viram em poucas horas seus lares serem totalmente desmontados - alguns destruídos - e foram colocados na rua em meio a palmas de moradores que, reunidos na calçada, hostilizaram o grupo. 'Até que enfim tiraram essa gente feia daqui. O cheiro das fossas e os bate-bocas de noite eram insuportáveis', reclamava em voz alta uma senhora que preferiu não ser identificada.'

de lidar com a experiência de ser um 'estorvo social', viver diuturnamente com a impossibilidade de estabelecer relações de intimidade e permanência para com algum espaço da cidade e de si mesmo, direitos negados especialmente pelos cidadãos proprietários da cidade. A existência de uma 'negociação' é ansiosamente repisada, porque só ela definirá a saída da situação ilegal.³¹

Esse povo daqui [aponta para os sobrados à frente elevando a voz] já fez a maior baixaria! Eles vão direto na Prefeitura. Será que esse povo aí não é humano também?! Porque eles não consentem que a gente viva aqui? Só porque eles pagam o imposto? Então eles dizem: 'Eles estão lá, morando sem pagar impostos. E nós pagando imposto por eles.' Mas não é assim! Eles não falaram, mas eu penso que eles não querem que ninguém viva aqui. Só que nós, não estamos aqui para morar. Nós estamos aqui por um tempo, até o dia de recebermos o nosso. Outra coisa também é a turma da Cohab. Está dando muita amolação pra gente. Porque do tempo que nós pagamos [taxa de inscrição, início prestação] ... Todo mundo já acertou. Já demos entrada. Os papéis estão todos certos. Já era pra nós ter saído daqui. Toda a vida! Então, quer dizer que a gente fica revoltada. Se nós não estivéssemos pagando era outra coisa. Mas, nós estamos pagando. Já começamos a pagar e não é fácil não, dona Ana.

Mara procura resistir à discriminação de outra maneira. Em vez de sublinhar apenas a pressão dos habitantes vizinhos para obter a expulsão dos sem teto dali, preferiu ressaltar com humor e muita ironia os aspectos favoráveis das reclamações para a negociação com a Prefeitura/Cohab, sem deixar de mencionar a presença do 'ódio' à sua volta.

³¹ A complexa tensão entre público/privado, proprietários/não-proprietários não tem correspondência ao nível das políticas públicas. Sposati, ao discutir a população de rua, contribui para refletirmos o caso dos sem teto, que ainda possuem a possibilidade da resistência familiar e em grupo na ocupação contra as discriminações sociais. impossível no caso dos moradores de rua: '...a privacidade está associada à propriedade. Em contraponto a esta regra da sociedade capitalista, fundada na propriedade individual, a rua, é espaço de todos. O homem [de rua], ao usar de maneira privada o espaço público, ele cria, inverte uma ordem e põe luz na questão de que ele é um não-proprietário do ponto de vista do espaço privado... Na questão da relação com a propriedade, me parece que nós teríamos que apontar, nesta discussão, a relação entre o consumo coletivo e o consumo individual. E nisso se coloca também o embate que nós temos com o homem da rua. É que estamos lidando com uma situação que não se limita à possibilidade do ter ou do consumir, mas atinge a impossibilidade do ser... destituição do ser; por isso que um dos fatos que se discutiu nos encaminhamentos é que a cidade tem que ter acolhimento. É o mínimo para o ser humano... os homens de rua, não sujeitos individuais, mas de fato um coletivo... ganha o reconhecimento por um outro segmento [refere-se aos estudiosos e profissionais de órgãos públicos e privados] que não faz parte concretamente dos homens de rua; e nesse reconhecimento eles ganham identidade.' *População de Rua: Brasil e Canadá*.1995:128,129.

Esses vizinhos aí? Para eles a gente não existe mesmo. Eles fingem que não tem ninguém aqui. Dizem que tem mal que vem pra bem. Então, de tanto eles telefonarem para a Cohab, para tirar a gente daqui ... por que eles dizem que está incomodando, na frente da casa deles, esse monte de barracos. De tanto eles fazerem isso, fizeram um bem [risos à nossa volta]. Porque, quando eles iam na Cohab, o pessoal lá dizia: _'Gente, não se preocupem que a gente vai tirar vocês de lá. A gente não agüenta mais os telefonemas. É dia e noite o pessoal telefonando, fazendo barulho!' Então, eles fizeram isso aí pensando que estavam fazendo mal. Mas, no fim fizeram bem, porque a Cohab vai tirar a gente daqui devido a fofoca deles. Eles pegam o telefone: _'Quando é que vocês vão tirar esse pessoal daqui da frente da minha casa?' [risos]. Aí para eles, a gente não existe realmente. Todos dessas casas aí, eles odeiam a gente!

A visão preconceituosa de certos profissionais da prefeitura e Cohab também não passou despercebida pelos sem teto que nos primeiros contatos já verificaram a surpresa dos funcionários com a 'educação' dos ocupantes:

Eu tenho que agradecer muito a deus. Não pelo que eu passei, porque a gente até esquece sofrimento, humilhação. essas coisas até esquece. O que mais me doía também, era que a gente estava batalhando para conseguir um terreno e muita gente pensando que a gente era marginal e essas coisas todas. Inclusive, o dia que eu fui na Cohab, eu, José, João, Sandra, Jair, Beth e o Paulo, conversar com eles lá ... Depois que eles conversaram com a gente, no final, uma delas admitiu que gostou de conversar com a gente, pela educação, essa coisa toda. Então, quer dizer que eles acham que todas essas pessoas que participaram de ocupação, no fundo, é marginal! Só que não é isso. A gente vem mesmo por necessidade, por precisão. Embora eu concorde que não é todos que são perfeitos. Deve haver muitas [ocupações] que é essa baderna. Mas, aqui, nesse sentido, não. O pessoal é sofrimento mesmo! Mara.

Os favelados aparecem como um grupo menos hostil do que os outros vizinhos de classe média. A irritação inicial da favela foi aos poucos cedendo, dando lugar para o socorro no mais essencial. Mantiveram uma coexistência pacífica, embora com interesses distintos entre si quanto a área ocupada. Mas, o que assistimos hoje são conflitos cada vez mais graves na luta pelo controle e ocupação do espaço urbano entre os diversos segmentos das classes trabalhadoras urbanas.³²

³² *Correio Popular*. Campinas. Maurício Barbosa. 08/08/96. 'As famílias que há três semanas invadiram casas no Conjunto Habitacional Jardim Leonor, periferia de Paulínia, estão assustadas com a ordem de despejo expedida pelo juiz ... os oficiais de Justiça estiveram no local notificando as oito famílias, mas os moradores se recusaram a sair dos imóveis, alegando não ter para onde ir. _'A Prefeitura não está dando alternativa para a gente', reclama a dona de casa J.A.S., que participou da ocupação ... junto com o marido e os três filhos. Revoltada, ela conta que perdeu um filho de dois meses por causa da friagem no barraco de madeira onde morava antes, no Jardim Morro Alto.' *Correio Popular*. Campinas. Tote

Os daí de baixo, logo no início, eles não deram apoio pra gente. Inclusive no primeiro dia, teve um que fez um barulho tão terrível que a gente não conseguiu dormir de medo. Ele disse que ia na Prefeitura reclamar, porque eles não aceitavam isso. Porque eles estavam aí embaixo há tantos anos querendo vir pra cima e o prefeito nunca deixou e um monte de gente de fora vem e invade! Que eles iam lá e o prefeito ia ter que retirar. A gente não dormiu a primeira noite por causa deles. Depois eles foram vendo que a gente foi resistindo, resistindo, eles deixaram a gente de lado mesmo. Eles não apoiaram a gente. ... Graças a deus que a gente não precisou muito deles. Só água. Aí em baixo tem um rapaz ... veio aqui falar do recibo. Água eles dividem. Fica a metade lá e outra aqui. Quando vem o recibo da luz a gente junta com o recibo da água e paga cada um a sua parte. Mara.

Todas as formas de pressões externas vividas pelo grupo, mais a própria característica da ocupação da Vila Lídia - não ter por objetivo a permanência no local, mas conquistar o ingresso na política de loteamento popular municipal - intensificaram na mesma proporção da resistência na espera, nas práticas de sociabilidade interna do grupo, no aprendizado da negociação. E realmente as pressões dos proprietários vizinhos contribuíram para acelerar o processo de negociação e remoção do grupo para o loteamento Vida Nova.

Nos bairros mais pobres da periferia de Campinas, a solidariedade a grupos de ocupantes é muito mais evidente e se explicita cada vez mais frequentemente. Uma das razões para tanto é a deterioração de grandes áreas urbanas, como terrenos baldios e praças que se tornam imensos lixões. Os sem teto melhoram visivelmente as características destas áreas para o bairro ao fugirem da violência praticada pela política de aluguéis, sem contrato, o que força os trabalhadores inquilinos a se tornarem sem teto nos espaços dos próprios bairros em que moram, abandonados pelo poder público.

Pelo menos 200 famílias invadiram, na madrugada de ontem, uma área de 36 mil metros quadrados no Parque Industrial, e iniciaram a construção de barracos. A área

Nunes. 28/03/93; 'Líderes comunitários da região dos Distritos Industriais estimam que dois mil mutuários estariam dispostos a interromper o pagamento à Cohab em protesto contra a ocupação da área, ocorrida no dia seis de março por cerca de mil famílias, sem teto. ... _'Temos que formar uma frente e brigar pela retirada dos invasores', disse A.M.F.C., um dos integrantes do grupo. _'Se a Prefeitura não tirar esse bando de lá, nós vamos deixar de pagar', reforçou A.M., acrescentando que esperou 12 anos pela entrega de sua casa comprada da Cohab. _'Porque eu vou continuar pagando se tem gente que, além de tomar a casa de outro, não gasta com luz nem água?', referindo-se às ligações clandestinas já efetuadas na maioria das 732 unidades ...'

se espalha por cinco quadras, antes tomadas pelo matagal e usadas como depósito clandestino de lixo ... segundo o coordenador G.A., de 41 anos, ... Os invasores, afirmou, não integram o movimento dos trabalhadores sem-teto. São, segundo ele, pessoas residentes nos bairros São Bernardo, Parque Industrial e Jardim Paulicéia, despejadas de imóveis locados ou que vêm enfrentando dificuldades para pagar o aluguel ... A maior parte da população ... apoia a invasão ... e torce para que eles se estabeleçam no terreno .. 'Ninguém mais agüenta o fedor de carniça que vem daí. Prefiro o terreno ocupado por pessoas do que a imundície que estava antes', diz o aposentado H.F.C. ... morador do bairro há 30 anos. C.N., ... concorda ... 'Como o governo não se importa com esse povo, eles têm que fazer isso mesmo...'.³³

A solidariedade no modo de vida provisório

Pelos relatos e percepções da história da ocupação, o início do acampamento tinha outra dinâmica de funcionamento. Antes havia uma cozinha comum para todo o acampamento, divisão de trabalho e contribuição material ou financeira de cada um para seu funcionamento. Foi feito um barracão de madeira, a única dependência da ocupação que tinha luz, puxada dos vizinhos favelados. O fogão era a lenha, além disso, tinha um armário bem rústico, feito por eles mesmos, com os mantimentos. Em cima do armário uma televisão, que na hora da novela, segundo disseram, era um silêncio quase total, com exceção das crianças brincando fora. Completando a mobília duas mesas com banquinhos. A comida - geralmente só o jantar durante a semana - era feita por alguns e a limpeza, após as refeições, por outros.

Os suprimentos acumulados durante os meses anteriores à ocupação foram sendo consumidos até que terminaram. Passaram fome. Segundo alguns sem teto, a desistência da maioria das famílias, foi por causa do 'abandono' dos sem teto pelos sindicalistas.

³³ *Correio Popular*. Campinas. Rogério Verzignasse. 08/06/96. *Correio Popular*. Campinas. 09/12/95. 'O comerciante V.S.O., residente no Florence II, a poucos metros da área invadida, afirma ser favorável ao assentamento das famílias. 'É melhor ter pessoas, famílias boas morando do que maconheiro fumando ali toda a noite', disse. De acordo com ele, antes da invasão era comum tiros à noite no terreno, que era tomado por um matagal.'; *Correio Popular*. Campinas. Marcelo Pereira. 08/06/96. 'Os moradores do bairro São Bernardo afirmam que os invasores ... são conhecidos, e garantem que se dependerem deles os sem teto irão permanecer no local. 'Esses coitados não tem outra alternativa para morar. Eles não fizeram bagunça ou maltraram ninguém, foram organizados e educados', diz a dona de casa A.C. Ela mora no São Bernardo há 40 anos... O aposentado O.N.... também acha que os sem teto são 'gente conhecida', e pede sua permanência no local. 'Se não ficar aí esse pessoal vai fazer o quê? Eles não têm outra alternativa, diz.'

... Foram colocados aqui e depois ficaram aí. É a mesma coisa que pegar uma pessoa e deixar no deserto sem água e sem alimento. ... eles tinham uma cozinha comunitária, mas não tinha organização, não tinha nada. Não tinha alimentos. ... Então eu e a Rosa ia lá [nos sindicatos], agendava uma perua no meio da semana e outra no fim da semana. A gente pegava essa perua e pegava o pessoal. Umás cinco ou seis pessoas. E fazia arrastão de alimentos. A gente ia pedir comida de porta em porta nos bairros. Pedía de tudo e graças a deus o pessoal entendeu. Então a gente vinha e colocava nessa cozinha. Foi quando eu montei um esquema. Eu coloquei uma comissão pra tá de guarda, vigiando né? Na época, a gente tinha que trocar de guarda a noite, pra tá tomando conta dessa comida. Enfim, foi levando a cozinha assim. João.

A cozinha comunitária provoca sentimentos ambíguos em quem relata. Ao mesmo tempo um fardo, uma dificuldade, e uma satisfação, um prazer, tanto para quem conseguia chegar da rua com a perua de alimentos, após o 'arrastão', como para quem nela trabalhava. Todos querendo 'fazer direito', agradar uns aos outros, sair-se bem na tarefa de conseguir alimentos nas ruas ou preparar a 'bóia' nas refeições, contribuir para o bom andamento da vida coletiva no dia-a-dia da ocupação.³⁴

Quando tudo dava certo, fica fácil notar a satisfação que sentiram na convivência mútua, nos gestos de atenção, solidariedade entre eles.

No começo o mais difícil era a cozinha, por que tinha aquela de dizer que era cozinha comunitária. Então todo mundo tinha que cozinhar. Uma ou duas pessoas, num dia, tinha que cozinhar para todo mundo. Então era difícil isso. Ter que cozinhar. Eu mesma peguei muita panela [risos] enorme para cozinhar arroz, feijão, fazer salada. Isso era difícil, né? Varrer, porque eu sou muito enjoada e eu varria tudo. Daí um pouco estava tudo sujo. Tudo bagunçado. E a gente não podia dizer nada, porque era um monte de gente. Então, eu tive de me adaptar. ... E, ao mesmo tempo, era divertido porque juntava aquele monte de pessoas e uma contava piada, outro fazia uma brincadeira. O tempo passava ... Um toca uma música, o outro dança. Então, é divertido. Mara.

³⁴ 'O cheiro forte do ensopado atrai uma legião de famintos. Num barraco de madeira, coberto com telhas de cimento amianto e lonas plásticas, funciona a cozinha do acampamento dos sem teto no Jd. San Martin. A cena lembra um campo de refugiados... Humildes, eles usam roupas remendadas e chinelos de tiras. Têm os pés sujos de terra. Algumas trazem nas mãos latas e garrafas plásticas vazias improvisadas como vasilhames. Cada uma delas tem direito a duas ou três conchas do ensopado. Os velhos doentes e as crianças recém-nascidas esperam pelo alimento nos barracos. Esta legião de excluídos é composta por pelo menos dez mil pessoas. As barracas de plásticos somem de vista, espalhadas pelos 700 mil metros quadrados do terreno. É uma nova cidade, que nasceu da noite para o dia... R.R., um paranaense de 28 anos, é o cozinheiro. Antes de se juntar aos sem teto, ele já havia trabalhado em dois restaurantes... Habilidoso, ele prepara o ensopado em quatro painéis, simultaneamente... Esta é a única refeição diária de pelo menos 800 pessoas do acampamento. Todos os ingredientes do ensopado são doados por comerciantes da Ceasa ou de mercadinhos da periferia... Na porta do barraco-cozinha, um cartaz anuncia que terminaram os estoques de sal e macarrão.' *Correio Popular*. Campinas. Rogério Verzignasse. 05/06/96. Cidades:1.

O fato da cozinha coletiva ter terminado não diminuiu a sociabilidade que desenvolveram na ocupação. Neste determinado ponto da cidade, que tomaram para conquistar o direito a valores de permanência na casa e cidade, construíram outras formas de resistência, através da intimidade entre as famílias no espaço 'de todos'.

... era uma cozinha para todo mundo. Então, todos que iam para casa [os que não permaneceram todos os dias na ocupação], ou vinham do trabalho e recebiam algum dinheiro, compravam... Minha amiga aqui do lado trazia a salada. Trazia verdura pra gente fazer salada. Inclusive eu estava falando ... até falando sobre isso com a dona Ana ontem. Falei: 'Olha, dona Ana. Eu vou fazer salada. Me lembro da Sandra'. Todo dia, nesse horário, ela vinha do serviço e dizia 'Eu vim fazer salada para o meu pessoal' [risos]. E trazia aquele monte de verdura e o pessoal dizia: 'Olha! vamos fazer uma saladinha agora. Oba, alface! Eu quero!' Então era divertido. E agora, que está cada qual no seu cada qual, não tem muito a ver isso não. Porque, eu chego aqui e se estiver com fome, eu vou na barraca deles. Porque se eu estou com fome e quero comida... Eu cheguei agora mesmo e fui na barraca do Jair [marido da Sílvia] e falei: 'Jair tem o que lá na sua cozinha? Eu estou com fome'. Aí, ele disse: 'Não tem nada não, Baiana'. Eu disse: 'Se a mulher, se sua mulher não está aí, você não faz comida não? Agora eu vou lá e o que tiver eu vou comer!' Eu fui. Tinha arroz, feijão lá. Eu peguei e comi [risos]. Eles sempre perguntam: 'Mara, você quer jantar?' Então, aqui sempre um está ajudando o outro. Mara.

Fora do barracão improvisaram um tanque com água, que também vinha direto da favela ao lado, puxada por uma mangueira comprida. A lenha para o fogão, sobras de ripas doadas, amontoada num canto do terreno, conseguiam com uma madeireira do bairro. Dois banheiros coletivos perduraram, mas com funções diferentes, um era só para banhos. Na falta de chuveiro quente, a fila depois da volta ao trabalho tinha de esperar um panelão que esquentava a água de cada um. Depois essa tarefa acabou ficando para cada família, ou entre duas ou três mulheres que se revezavam na busca de água para a higiene de crianças e depois entre si. Uma mesa, ao lado dos banheiros, serviu de lavanderia.

Segundo dona Ana, assim como para Sílvia, cada um tinha que fazer sua parte na cozinha e 'não podia encostar', tanto homens, como mulheres.

Eram setenta e cinco pessoas ou mais no começo, comendo, almoçando e jantando direto e reto. Mas, no começo recebia bastante doação de todo tipo e depois parou. O João e Vera ajudava fazer o arrastão. Só que não podia falar que era 'arrastão'.

Por que 'arrastão' no Rio de Janeiro é malandragem. Mas, nós aqui chama 'arrastão' pedir comida, roupa, sapato, qualquer tipo de doação que quisessem dar pra manter as pessoas. E, mesmo assim, eles foram embora [lamenta a saída de muitas famílias da ocupação] ... Na cozinha? Todo mundo ficava. Até ele [apontou o marido] ficou na cozinha. Todo mundo ajudava. Era bom, sabe? Mas, teve que desmanchar porque ficou escassa a comida. Porque metade do povo, acho que na faixa de uns quinze ou vinte, foram embora para a casa deles. E, os que ficaram aqui, muitos estavam desempregados, perderam o emprego por causa desta ocupação. Não tinha como comprar comida, leite, faltou leite para as crianças, faltou tudo aqui. No começo, nós não tínhamos luz também. Era luz de vela. Então, a gente saia pedindo e, graças a deus, ganhava bastante. Mas, depois foi parando de ganhar. Não saiu mais arrastão. Ainda é difícil. Meu marido está só há um mês trabalhando. Silvia.

A situação da cozinha comunitária complicou quando a campanha eleitoral de 1994 (para presidente, governadores e deputados) se intensificou. Vários sem teto, principalmente os homens, recordaram que a campanha ocupou todas as peruas disponíveis dos sindicatos da cidade.

... e então não sobrou nada pra gente. A gente ficou com falta de alimentos e sem condução pra tá conseguindo comida. Não tinha jeito de ir pra nenhum lugar. João.

A visão do 'abandono' da ocupação pelas lideranças sindicais e inclusive razão para a desistência de várias famílias, apontada por João e outros sem teto, foi confirmada por Mara. No entanto, ela fez questão de minimizar as críticas dos homens, destacando a importância do apoio inicial dado pelos sindicatos, no sentido de dar uma legitimidade moral e social à ocupação. Esta relação ambígua em relação ao sindicalismo, deixa à mostra a posição política subordinada em que se percebem no conjunto de outras ações e prioridades políticas do movimento sindical e operário. Sem condição de elaborar uma crítica que vá além da situação mais imediata do grupo, permanecem sem reconhecimento como sujeitos de direitos na hierarquia dos canais de participação política tradicionais.

... Ele [um dos sindicalistas] deixou a gente aqui e sumiu. A gente que se virasse. Ele falou e a gente se virou, mesmo atrás de alimento e tudo. ... Não continuaram de forma alguma, nenhum desses. Aliás, nós só resistimos até agora devido a essas dezessete famílias que continuam. ... Olha, organizar a invasão, preparar o pessoal para invadir um terreno, carro e essas coisas toda, eu acho que no início ... Mara.

De súbito interrompeu o que dizia. Pára pensativa, preocupada com o que vai falar em seguida. As críticas são suspensas e aponta o papel decisivo da solidariedade sindical para a ocupação da área no início. Conta que estava pouco à vontade em se assumir 'invasora' e, por isso, fez questão de fazer um reparo no que disse antes contra os sindicalistas. Foram eles que deram um outro sentido ético para sua resistência como sem teto, apesar de ainda sentir que a ocupação contraria seus códigos morais:

Se é fora da lei eu não sei. E, se é errado, também não. Agora, no início acho que é importante esta força. Porque, eu mesma, se não houvesse esses representantes que eu mal conheci; esse pessoal que deu a maior força, que protege, que orienta e arruma a casa própria. Eu acho que ninguém seria capaz de invadir. Por que se a gente faz uma coisa dessa, é por necessidade.

Mara retorna ao seu argumento principal: deseja conquistar o direito de morar só com o filho menor, sem os parentes. Este é o argumento maior que justifica para si mesma a transgressão à lei da propriedade. E, para tanto, o trabalho de apoio dos sindicalistas tornou-se imprescindível para lhe dar coragem de ocupar um pedaço da cidade e lutar para fundar a si mesma, apesar dos conflitos subjetivos que a ocupação gera:

Eu não agüento mais morar com a minha irmã! Não que ela seja pior que todas. Mas é que é chato morar numa casa que você não pode dar uma ordem. Que você não pode exigir um nada. Você tem que estar sempre sobre segunda ordem, por que a dona é ela. Quem manda é ela. Eu vim por esse motivo. Não quero morar com ninguém. Quero ter a minha casa. Quero ser independente. E, ter uma pessoa que orienta a gente. Que fornece o carro. Por que se eles não arrumasse um carro pra gente sair do Campos Eliseos, como é que a gente ia sair de lá? Eram cento e cinquenta pessoas. Só eles que fizeram isso. Fazer com que cada mês, ou cada dia que fosse, levasse alimento. Esse alimento que eles arrecadou durante seis meses ... Cada reunião que o pessoal ia tinha que levar um quilo de alimento. Isso foi muito importante. Quando a gente veio para cá deu para ficar quase um mês sem comprar alimento, devido a arrecadação deles. ... Olha, eu não sei onde é que nenhum deles estão agora. Mas, eu peço a deus por eles e agradeço mesmo sem conhecer ou saber onde eles estão. Por que eu acho que foi devido a eles, através deles, que eu consegui chegar onde eu estou agora, com ajuda deles. Agora, está por nós mesmo. Mas, foi muito importante. Mara.

Outras formas de solidariedade foram descritas, embora imprevisíveis, muito instáveis e anônimas e passaram a fazer parte das lembranças que levariam da ocupação.

Teve muita gente que colaborou com alimento. Agora não, que está cada um por si. Mas, logo no início, muitos carros paravam ali [aponta para a rua movimentada] e davam alimento pra gente, roupas, cobertores, tudo. Ofereceram muita ajuda pra gente. Mas, foi uma batalha mesmo. ... esse pessoal mesmo que passava na estrada [rua] ... Eles viam a gente aqui nas barracas e paravam os carro e perguntavam se a gente não estava precisando de nada. Eles vendo a gente embaixo dessa lona [plásticos], imaginavam que a gente estava precisando Eles perguntavam e no dia seguinte traziam mesmo. Patroas da gente, que moravam aqui perto ajudavam também. Inclusive a patroa da Augusta ajudou muito a gente. Ela mandou arroz, feijão, muita coisa. Foi esse pessoal que, sem compromisso nenhum, ajudou muito a gente. Na geada mesmo. Eu me lembro que estava chovendo, fazendo muito frio e eles falavam: _'Gente, ... vocês devem estar precisando de ajuda'. Nada de Prefeito, nem de SAR-Leste, nem de sindicato. ... Inclusive, no dia das crianças mesmo, paravam os carros e davam brinquedinhos para as crianças. Mara.

Junto com o auxílio material externo, de pessoas anônimas que pararam para ajudar, veio uma outra forma de solidariedade. Incentivaram os sem teto para que não desistissem da ocupação. O apoio de algumas pessoas a favor da resistência no local amenizou o sentimento de rejeição social e o preconceito que os sem teto toleraram até o dia da mudança.

... todo mundo que vêm dá aquela força, que é pra gente continuar. Pra gente lutar, que vai vencer. Como muitos disseram pra gente: _'Olha, nem que todos forem embora, deixem ir. Que fiquem dez, mas que vocês ganhem.' Muitos disseram aquilo pra mim e eu não queria nem acreditar. Eu dizia assim: _'Meu Deus, mais sessenta e cinco dias pra gente ir embora. Será que a gente vai conseguir alguma coisa?!' E, realmente foi o que aconteceu. Eles [sem teto] foram tudo embora e só restaram mesmo, morando aqui, umas dez ou doze famílias. Graças a Deus, a gente foi indo, foi indo, até que venceu. Porque depois de tudo, né? Mara.

João e Mara ainda lembraram a ajuda individual dada por um sem teto marceneiro. Com a doação das ripas de madeira, Sérgio fez várias camas. Quando falam sobre este assunto, descrevem a pobreza, o fato de quase nada possuírem para carregar, às vezes nem mesmo a cama. Perderam a companhia do marceneiro que foi ajudar um membro doente da família, atitude extremamente comum no modo de vida provisório.

Eu não tenho móveis, não tenho nada. Até mesmo a cama foi feita aqui, na ocupação, com aquelas madeira ali, azul, porque não tem outra. Foi o Sérgio. A minha mesmo é um barato! Ele foi embora, porque teve problema com a mãe dele. Aí desistiram, foram embora, ele e a família. Mara.

A espera e o 'cansaço mental'

A decisão de ocupar implica em aprender lidar, como já vimos, com mais algumas incertezas quanto ao futuro, múltiplos desafios, pouco perceptíveis às vezes, e, sobretudo, não se desesperar, se descontrolar emocionalmente durante o processo de espera da negociação com os órgãos públicos. O sofrimento acompanha cada um a seu modo, alguns medos porém são comuns, como o da expulsão repentina, com repressão policial.

Uma das poucas maneiras de suportar o lugar, a espera e as incertezas que carregam dentro de si é a sociabilidade que desenvolvem em conversas diárias, no espaço exterior às barracas. A situação estimula a socialização de histórias de vida, memórias, amenizando o abandono de cada um na provisoriedade da ocupação. As péssimas condições físicas e mesmo as alterações climáticas se entrelaçam com os aspectos emocionais da existência, num teste desumano de resistência objetiva e subjetiva entre os sem teto.

Agora mesmo a gente está agradecendo a deus por esta chuva que não quer vir. Porque se chover mesmo ... com vontade! Eu não sei o que será da gente aqui em baixo desta lona ... Eu não vou resistir ... Mara.

No modo de vida provisório destes trabalhadores, um frio intenso, uma chuva violenta, a natureza enfim, pode aumentar seu sentimento de exclusão social, de desalojamento, inclusive corporal, ameaçando suas defesas internas contra as 'fatalidades' da vida. O desabrigo dos filhos, em seus vários sentidos, é um dos problemas mais difíceis de contornar. Um permanente estado de alerta, também em relação ao clima, intensifica a impossibilidade de intimidade com o precário espaço físico.

É sereno, frio ou calor demais. O terreno não é plano e temos muita dificuldade para dormir. No meu caso, eu tenho meus filhos [pequenos] e eles não tem como brincar. Porque em todo canto tem perigo. Você pode ver que, por causa desse barranco aqui, a gente tem que estar de olho e preocupado. Por que senão pode acontecer alguma coisa, alguma fatalidade. Tem a estrada aí na frente. O maior problema mesmo fica pra ela [a companheira], porque eu viajo todo dia. Acho que

é uma das coisas que mais incomoda. A preocupação com as crianças, por elas não ter onde brincar. Não ter proteção. E também tem a questão da higiene. O banheiro é uma fossa rasa. Tem muito mosquito. José.

Quando perguntamos sobre o que mais teme na ocupação, além da preocupação com as crianças, José respondeu o que todos os outros receiam: a polícia, a expulsão, 'cair' na rua, o que representaria sua falência moral perante mulher, filhos e seu grupo social, uma vez que não tinha autoridade legal para defender o espaço da 'casa' na ocupação e afirmar sua identidade masculina.

É a incerteza, se a gente vai conseguir ficar ou não. O medo da represália policial, que pode vir também e tirar à força. E a gente não tem para onde ir. A consequência é que muitas pessoas que estão aqui vão ser obrigadas a ir parar debaixo da ponte. É o maior pesadelo, porque eu tenho meus filhos. Eu estou vendo muita dificuldade ... Está sendo muito cansativo. É cansaço mental.³⁵

Tentamos saber um pouco mais sobre como ele sentia esse 'cansaço mental' e, com certa dificuldade e timidez, revelou algo que muito provavelmente nunca tivesse verbalizado para alguém. Pensou, buscou palavras, explicou da maneira que achou melhor. Para nossa surpresa, a conjuntura política do país - campanha eleitoral de 1994 - apareceu entre as fontes de tensão moral, insegurança, afetando seus dias e noites, ininterruptamente.

... É que eu não tenho certeza se a gente vai conseguir alguma coisa ou não. Fico pensando ... Todo dia quando eu vou dormir, eu penso. E sempre que estou em algum lugar parado, eu estou pensando. Esta incerteza é o cansaço mental, porque eu estou sempre pensando. Eu quero saber se eu vou conseguir alguma coisa mesmo. Estas casas que prometeram para nós, que iam dar terreno ... As eleições

³⁵ 'Masculino porque público, público porque masculino, o *trabalho* socialmente reconhecido como tal deve ser o que se acopla às duas 'capacidades' eminentemente masculinas... a 'física' e a 'mental'... Essa dimensão formal da identidade masculina só ganha porem seu pleno sentido quando encompasada pela capacidade 'moral'... o *chefe de família* deve assumir as responsabilidades de representação externa da unidade doméstica, fazendo com que seus membros e seu espaço sejam *respeitados*.. creio poder afirmar que a *obrigação* face à *casas* sobreleva à obrigação face ao *trabalho* em qualquer circunstância limite, uma vez que este é um valor instrumental, por assim dizer, em relação no 'Valor-Família'... aquele que, apesar de todos os notórios percalços enfrentados na luta quotidiana do *trabalhador* (desqualificação do saber operário, exploração exarcebada, desemprego, etc.) continua, por meios mais ou menos legítimos ou legais, provendo à subsistência da família e mesmo, freqüentemente à sua reprodução moral pelo *respeito*. Uma estrutura que aloca ao homem um tal caráter de exterioridade para a *casae* que o associa, portanto, à *vida de rua*. Duarte.1986:175,176,177.

estão aí, então fica uma incerteza. Será que depois que passar as eleições eles vão nos ajudar? Eles não vão mandar a gente pra debaixo da ponte, porque nós não temos lugar para ir? Nós estamos tentando resolver antes [das eleições]. ... Até quando a Prefeitura e a Cohab não forem contrárias está valendo a pena. Eu ainda tenho um pouquinho de esperança. José.³⁶

João, por sua vez, expõe como percebe o que mais ouve no dia-a-dia da ocupação, já que considera a espera um problema mais dos 'outros' do que seu, visão de um 'apoiador' e não integrante do movimento. Nota a tensão estafante, os conflitos emocionais que cada um vive durante a expectativa por definições que dependem exclusivamente das autoridades governamentais.³⁷ O modo de vida provisório da ocupação exige práticas de resistência invisíveis, íntimas, como conversas contínuas dentro da família e entre vizinhos de barracas, onde o tema é a espera, a incerteza do futuro e as queixas contra as condições físicas do espaço ou do tempo.

O mais difícil mesmo é o pessoal que tá ansioso pela negociação. Porque você deita na cama e não consegue dormir. Sempre fica imaginando o outro dia. Pra saber de uma resposta, ou de como vai ser a negociação. A conversa dentro da ocupação ... ninguém conversa sobre um assunto político, ninguém discute um problema de jornal. O problema discutido é: 'E amanhã? Será que vai dar certo? Quando é que vai tirar a gente daqui? Pra onde será que a gente vai?' Gira em torno da impaciência. O pessoal fica meio impaciente. O que mais incomoda é a espera e o que mais se teme é a reintegração de posse do terreno com polícia. ... Porque aqui é barra ... pra gente não é. Pra mim não é. Eu estou acostumado. Mas, pra eles ... Aqui, se a senhora ficar ali, nesse capim ... Você pode por um tijolo e sentar. Você fica vinte minutos ali. [aponta para a terra no chão] Fica com a perna cheia de

³⁶ '...dissolvem-se então as fronteiras que, na visão tradicional da política, separam a esfera privada - da vida individual e da subjetividade, dimensão das pequenas misérias e alegrias do cotidiano, mas onde não há lugar para a política - e os grandes espaços sociais, a esfera pública onde se dá o jogo do poder e os homens controem sua história. E se, tal duas faces da mesma moeda, esses dois mundos não existissem senão na sua interação indissociável? E se, para além do céu da racionalidade em que se move a ciência, a sociologia e a teoria política, a sociedade e o poder só tivessem existência, peso e sentidos através das formas em que, em sua dimensão 'menor', cotidiana, e interpretadas por categorias atravessadas pelas figuras do imaginário, eles manifestassem sua presença numa medida compatível com o horizonte da ação do homem? Então, nada do que ocorre na esfera 'privada', ao nível do cotidiano, em relações sociais informais, ... nada seria irrelevante ou secundário do ponto de vista do poder, nada teria a inocência que coloca alguém ou além da esfera dos grandes problemas sociais e políticos. ...E, em se tratando do mundo dos dominados, das formas de sua cultura em meio às quais se constrói sua vontade política, esse é por excelência o espaço da ambigüidade onde se afirmam e negam simultânea ou consecutivamente valores contraditórios, espaço do sim e não, ao mesmo tempo lugar da imposição da dominação e de resistência e luta contra ela.' Montes, 1983: 322,323.

³⁷ Sobre a maior ocupação já ocorrida na cidade - Jd. San Martin - por cerca de 3.000 famílias: 'Há entre os invasores... o medo de que área seja desocupada. O destino daquelas famílias vem sendo discutido em reuniões quase diárias, na Prefeitura. Ontem, ...presidente da Cohab, reuniu-se na Prefeitura com representantes da Polícia Militar, do Exército e da Companhia de Desenvolvimento de Habitação e Urbanismo (DHU), a proprietária da gleba, para estudar meios de desocupar a área. Ele quer o terreno desocupado até dia 10.' *Correio Popular*: Rogério Verzignasse. Campinas, 05/06/96. Cidades:6.

carrapato! Tem um monte de criança que a senhora olha as costas e tá tudo marcado! João.³⁸

Mara, procura lidar com a tensão da espera aparentando uma forma mais descontraída e esclarece a origem dos carrapatos, talvez para que possamos imaginar mais concretamente as condições em que os sem teto encontraram o terreno onde se instalaram.

Eu acho que não teve mais nada pior para incomodar a gente aqui do que carrapato. Foi demais! ... Um homem aí de baixo, ele cria um monte de cavalos. Quando a gente veio para cá ele teve que tirar os cavalos daqui. Ele ficou revoltado com a gente. Mas a gente, em troca, ficou com os carrapatos dos cavalos! [risos] . Eu mesma fiquei cheia de carrapato. O meu menino, de vez em quando vinha por aqui, ele pegava carrapato aqui, outro não sei onde. Ontem mesmo ele veio para cá e pegou um: _'Olha mãe, o que eu peguei em mim!' ... O que incomoda mais a gente aqui, foi esses insetos! Nossa! Atrapalhou muito! Mara.

Há quem prefira não admitir diretamente o receio da espera, afirmam que são de enfrentar tudo o que aparece na vida. Enfatizam que não se deixam abater por 'qualquer coisa'.

Se eu começar a enfrentar, enquanto eu enfrento eu não temo e, quando passar, acaba o medo. E se precisar caio pra outra. dona Ana.

Mara, ao descrever como morar numa ocupação é diferente de morar em outro lugar, ressalta principalmente o valor das conversas, da convivência diária em grupo, o conhecimento das dificuldades mútuas. Explica que não teve escolhas sobre com quem conviver na ocupação, mas admite ter prazer no cotidiano que desenvolve junto aos amigos que fez nas barracas, descobrindo-se parte dos mesmos conflitos, sofrimentos das histórias familiares vivida pelos demais.

³⁸ Sobre a reiteração das falas a respeito da dificuldade em dormir, descansar, encontramos em Duarte, o seguinte: '...pude chamar a atenção ... para a preeminência do sono - para além das próprias idéias de *calma e paz*- enquanto antítese aos fenômenos do *nervosa*. Como dizia, a avaliação sobre o *pegar no sono o dormire o acordar* é central na qualificação da maior ou menor perturbação dos sujeitos... O próprio *sono* é frequentemente reduzido metonimicamente ao *descansara* cabeça (tanto no sentido físico como no moral).' Duarte.1986:152.154.

É diferente porque a gente tem que dividir o espaço. Tem que sorrir. Ficar mais espontâneo, preparado para o que der e vier. É diferente porque também a gente se envolve com pessoas que a gente não conhece. Mas, ao mesmo tempo, é bom. É importante que a gente conheça novas pessoas e faça novas amizades. Por que a gente vê um outro lado da vida. Porque tem muita gente que só diz assim: 'Ah, porque eu sou pior do que os outros? Porque eu sofri mais do que os outros?' E a gente estando numa ocupação não, a gente vê o sofrimento das outras pessoas também. A gente conhece o sofrimento das pessoas todas. Eu achei muito interessante sabendo que cento e cinquenta pessoas, cada um estando aqui pelo mesmo problema ... Um porque morava acompanhado, outro porque morava com o irmão ou a irmã. Mas cada um estando aqui pelo mesmo objetivo, pessoas de vários lugares ... tem pessoas que estão aqui [Campinas] há oito, quinze, vinte anos. Cada um, de vários Estados. Pessoas com ritmo diferente, mas é como se a gente fosse uma família. Eu vou até sentir saudades, porque para falar a verdade, eu me sinto melhor aqui na ocupação do que na minha própria casa [casa da irmã, em processo de despejo]. Mara.

Em seguida, lembra do caso de uma 'colega'. A vida da vizinha fez com que não se sentisse tão só na luta contra a espera e a provisoriedade da ocupação.

Eu conversei com muitos aqui. Tem uma menina que me contou a história da vida dela e ela contando como é que a irmã dela é e age ... Eu estava escutando ela e falei: 'É, eu pensei que era só eu que tinha problemas em casa. Mas o seu problema é pior do que o meu'. Ela falou: 'Ah, Baianinha, você não me conhece. Eu sou louca. Não vejo a hora de decidir isso logo, para eu poder sair de vez da casa da minha irmã, porque eu não agüento mais.' Tem outros que moram com a sogra, com a mãe, com cunhado. Um foi por causa de despejo mesmo. Mara.³⁹

Com Silvia se passa o mesmo, transmite uma vivência ambígua quando expressa sua irritação 'em casa', para o marido, o cansaço provocado pela espera, a tristeza pelos filhos sem escola, mas reconhece o valor da sociabilidade do grupo para suportar esse modo de viver tão absurdo.

³⁹ A expressão 'eu sou louca' neste contexto social pode significar intensa irritação, impaciência subjetiva: '...a disposição de sensibilidade através dos *nervos* implica uma possibilidade contínua de perturbação que se chamará *irritação* ...cuja própria sensibilidade se exacerbará pelo excesso de estímulos ou como um efeito físico daí decorrente e transposto para um lócus determinado da pessoa. ...irritação dos *nervos* da irritação 'moral' e de fenômenos de perturbação na *cabeça* tais como as *dores*, *opressões*, *aflições*, *pressões*, etc.. A *irritação* decorrente do excesso ou inconveniência dessas causas ou estímulos tem como contrapartida a idéia de *resistência* que guarda em relação àquele uma homologia literal. Face à sensibilidade poderíamos dizer que a *resistência* representa um polo positivo, por oposição ao polo negativo da *irritação*... Trata-se, assim, de uma totalidade inevitável, uma vez que a sensibilidade puramente resistente construiria sujeitos impermeáveis ao mundo, assim como a sensibilidade puramente irritável construiria sujeitos totalmente avassaláveis pelo mundo.' Duarte.1986:166,167.

Olha, é bom e é ruim, porque no tempo do calor você padece com o calor. Aqui tem de tudo. A gente tem necessidade de muita coisa. Não tem um banheiro direito. Não tem uma torneira. Tem água, mas não tem aquela coisa direita. Criança sem escola. Então não é bom. O meu filho está sem escola e eu queria que eles estudassem. Eu estou aqui, esperando para ir para o meu terreno, pra eles poderem estudar. Eu já tirei de lá [escola do bairro onde morava], porque eu estou aqui. E, ao mesmo tempo, é bom porque o povo é muito unido. É gostoso de conviver com eles. Tem hora que eu fico aborrecida e quero sumir. Então eu falo: 'Antonio, era bem melhor que nós tivéssemos a nossa casinha'. E ele fala: 'Um dia nós vamos ter Silvia.' Eu falo pra ele: 'Mas quando será esse dia?! Quatro meses já esperando! Amanhã nós muda. Depois nós muda e nunca muda!'

O que mais aflige o cotidiano de Silvia, além da falta de teto e a educação dos filhos, é a fome. É grande a ansiedade por não ter o que dar de comer para a família, nem saber quando conseguirá escola para as crianças. Lembrou porém, que nos primeiros dias de ocupação, o medo maior era a chegada inesperada da Polícia Militar, para expulsá-los da terra.

O mais difícil é o dinheiro que a gente não tem. O resto está tudo bom ... A gente não tem aquelas grandes compras dentro de casa. Aqueles alimentos que nem a gente tinha na casa da gente, não está tendo mais não. A escola das crianças eu acho difícil, porque eles não podem ter escola aqui. Também não adianta eu por, para daqui dois ou um mês tirar. ... Quando a gente ocupa, no dia que ocupa, tem o medo da Polícia vir tirar. Todo mundo tem medo naquela noite. Ninguém dorme. Ficam todos de 'orelha em pé'. Porque se a polícia não tirar a gente no dia que ocupou a área ... eu não sei direito, porque é a primeira ocupação que eu faço. Mas, parece que passando vinte e quatro ou quarenta e oito horas, se não tirou, não tira mais. Daí eles tem que pedir reintegração de posse. ... Quem sabe bem disso aí é o João. Ele quem cuida desse negócio. Silvia.

A ameaça de Polícia ronda o cotidiano da ocupação. A impaciência em estabelecer logo alguma negociação com os órgãos públicos está profundamente marcada pela memória social ou testemunho direto da violência policial contra os setores mais excluídos da classe trabalhadora, como veremos melhor nos relatos de despejos.

O que a gente mais temia no início era o caso de alguém da prefeitura, derrubar a barraca com a gente dentro. A polícia pôr a gente fora ou alguém incomodar. Mas,

graças a deus, apesar de tudo, ninguém incomodou a gente, não ameaçou a gente. ... a gente temia era isso, de vir um trator aí e derrubar tudo. Acabar com a vida da gente. Mara.

Trabalho e habitação provisória

Conciliar a questão do emprego, do trabalho, com a ocupação, a habitação provisória, é outra fonte de problemas permanentes. A decisão de ocupar afeta irremediavelmente o 'serviço' de muitos deles. Por isso, muitos sem teto, para não perdê-lo não permanecerão todos os dias na ocupação.

Mesmo antes de ocupar pudemos verificar em diversos momentos de suas trajetórias de vida, como são freqüentes menções a problemas de natureza familiar provocarem mudanças de moradias e perdas de emprego. Normalmente nos damos conta apenas quando o desemprego provoca despejos, ocupações.⁴⁰

O modo de vida dos trabalhadores sem teto ensina que as relações entre estas duas dimensões, sejam sociais como subjetivas, são muito mais complexas e estreitas do que problematizamos até o momento. Os despejos coletivos e individuais e o ingresso em ocupações provocam desempregos, ainda que este seja um problema socialmente menos significativo em relação a outras formas de desemprego.

José, na época da ocupação em 1994, estava contratado temporariamente por nove meses pela Prefeitura de Campinas. Ajudante de serviços gerais, conta que não fez concurso público por ser 'época de eleições', na qual por lei, fica impedida a realização do mesmo.

Antes deste emprego trabalhava num frigorífico (matadouro de frangos) em Paulínia, onde nasceu, município vizinho de Campinas. Entre estes dois empregos ficou seis meses 'parado'. O emprego no frigorífico não assegurava o pagamento do aluguel; enquanto isso teve de enfrentar sérios conflitos familiares na casa da mãe. Como o assunto revelou-se íntimo e constrangedor, ficamos sem saber se José foi

⁴⁰ "...ex-lavrador V. L. dos Santos, de 41 anos, um paranaense de Santo Antônio da Platina. Ele chegou ao Estado de São Paulo há sete anos e conseguiu trabalho numa das principais tecelagens de Americana, a Cruzeiro do Sul. Lá, aprendeu a lidar com teares e conicaieiras, e se transformou, diz, num 'tecelão de mão-cheia'. A crise no setor têxtil, no entanto, obrigou a empresa a demitir parte dos operários. V. decidiu então se mudar para Sumaré. Nos quatro anos que residiu no distrito de Nova Veneza, contudo, não conseguiu trabalho... _'Eu e meu filho de 13 anos estamos na rua. Tenho que entregar a casa ao locador até o final da semana', desespera-se. Ele nunca imaginou ter que recorrer a um acampamento de sem-teto. _'Nestas horas, a gente tem que encarar a realidade, e recomeçar a vida', diz, com o olhar disperso." *Correio Popular*:Campinas.05/06/96. Cidades:5.

demitido ou se decidiu sair do frigorífico devido às críticas circunstâncias de moradia em que se encontrava naquele momento. Mas, ficou claro que os conflitos familiares afetaram diretamente sua vida no trabalho do frigorífico.

... não me dei bem com esse serviço. Eu não tinha onde ficar e morava com a minha mãe. Só que ela é alcoólatra, e nós [José, mulher e dois filhos pequenos] não ficamos bem por causa dela.

Na época da ocupação, José representou a posição dos chefes de família que tinham de dar prioridade máxima para a solução do problema da moradia naquele momento, sem descuidar do emprego, em geral temporário, mesmo porque iriam precisar dele para ingressar no projeto habitacional da prefeitura/Cohab.⁴¹

... o que eu não tenho mesmo é a moradia. Vem em primeiro lugar, porque é minha meta agora. É a prioridade no momento, porque eu estou com a minha família e ela precisa. Se eu morasse sozinho, eu acho que seria mais tarde. José.

Silvia, mãe de três filhos menores, casada com Antonio, não trabalha. Foi faxineira só até ter o primeiro filho. Nasceu em Campinas, mas não deixa de sublinhar que mudou várias vezes de cidade, sempre voltando, tanto por causa de problemas familiares, como por razão de 'serviço', isto é, quando o marido volta em busca de emprego.

Antes da ocupação, morava no 'Parque da Figueira I, no bairro Nova Europa'. O terreno e a casa 'muito velha', eram do avô doente. A moradia foi vendida e o novo

⁴¹ É interessante atentar para a existência de práticas inversas para concretizar a meta da casa própria. Embora não sejam necessariamente trabalhadores sem teto, os pedreiros pesquisados por Caetano (1996), se utilizam de reiteradas saídas do emprego para viabilizarem a moradia. O objetivo do estudo é analisar a crise nas relações sociais de trabalho de pedreiros em canteiros de obras de Campinas, devido à introdução de novas formas de organização do trabalho e inovações tecnológicas. A saída da empresa se dá forçando sua demissão para receberem as verbas rescisórias de contrato (FGTS, férias, 13o. salário, multa, etc). Em geral a saída está associada à insatisfação salarial, ao desgaste físico e à monotonia do trabalho. Em alguns casos, porém, a prioridade da casa própria vem em primeiro lugar entre as razões para a saída da empresa. Assinala o autor que, com o fim da remuneração baseada no C.Q.E.(Controle de Qualidade e Execução), para redução de custos das empresas, aumentou a preocupação dos trabalhadores com 'um futuro mais estável para a família e... a realização de tal 'sonho' se viabiliza através da utilização dos recursos obtidos pelas constantes mudanças de emprego.' Caetano.1996:145.

proprietário pediu para Silvia desocupar a casa. Como o marido estava desempregado, a família foi obrigada a buscar solução fora do aluguel. Frisou que procurar emprego na condição de 'sem teto' intensifica a discriminação, agrava a pobreza. Embora sua posição na hierarquia familiar seja prioritariamente a de 'mãe-de-família' e a do marido é ser responsável pela sobrevivência familiar, conta que se deu mal na procura de um 'bico' para o sustento da família.

Ele [o proprietário] deu três meses e os três meses se passaram e eu não consegui achar lugar, porque ele [o marido] estava desempregado. E eu não tinha como pagar o aluguel. Aí eu descobri essa ocupação e vim pra cá. Agora conseguiu emprego. Mas, se você entrar na minha 'casa' você não acha nada! Eu não tenho nem arroz para fazer a janta. Ele vai ver se arruma o dinheiro ainda. ... Se a gente vai pedir uma faxina no vizinho aqui, eles não dão porque pensam que nós somos ladrões. Eles dizem que não estão precisando de faxineira e não dão o serviço por medo. ... É só falar que é da ocupação que não arruma mesmo. Certeza! Até se você falar que mora perto de uma favela, ninguém te dá emprego. Até na cidade é assim. Quem já está empregado é fácil, mas pra quem está desempregado é difícil. É muito difícil. Silvia.

Na falta de trabalho, é preciso cancelar a prioridade do pagamento do aluguel. A grande preocupação dos desempregados é a fome e o caso de Silvia é dos mais representativos do grupo:

... não adianta ter o lugar pra morar e não ter o alimento também. Então, acima de tudo eles [os filhos] tem que ter o que comer. Depois têm que ter uma educação e a moradia. os três são necessários. Eu acho que não adianta ter casa pra dar pra eles, proteger eles do frio, tudo, se eu não tenho o que dar pra eles comer.⁴²

O caso de João é bem diferente dos demais. É o único que já participou de outras ocupações na cidade. Na época da entrevista era representante do grupo e teve muita dificuldade para falar sobre emprego, trabalho, tanto quanto do endereço, como vimos anteriormente. Disse que sempre trabalhou numa oficina elétrica de carros e

⁴² 'A fome representa a experiência limite de ilegitimidade das condições de vida e é, nesse sentido, um referencial freqüente para designar o limiar de identidade... Os efeitos da fome sobre as crianças são, aliás..., um dos motivos alegados para a eclosão de perturbações em fases posteriores da vida, embora mais uma vez aqui imbriquem-se as dimensões física e moral da experiência de vida, de tal modo que essas perturbações tanto podem ser o resultado de um enfraquecimento corporal direto (ou de um enfraquecimento 'mental', que é, neste caso, dependente daquele), quanto de um enfraquecimento moral subjacente...' Duarte, 1986:152.

que isto era 'quase uma sociedade', pois ficava 'mais ou menos' duas horas por dia, saindo sempre que precisava.

João tenta sobreviver em ocupações oferecendo um 'apoio' devido ao seu discurso mais politizado e alguns conhecimentos básicos sobre como proceder em negociações junto aos poderes públicos. Em troca recebe alimentação e algum dinheiro para que ele providencie papéis, documentos, xerox, etc. Deseja ser socialmente útil neste papel e demonstrou muito receio em ser confundido com alguns 'aproveitadores' do movimento popular da cidade, uma vez que está se tornando bastante comum denúncias de trabalhadores sem teto contra supostas lideranças políticas e representantes de ocupações na mídia local.⁴³

Tem liderança do movimento popular que em cada ocupação que você organiza, pega um terreno. Não existe uma organização. Hoje, infelizmente, se você quiser organizar uma ocupação, você organiza! Basta ter o apoio do jornal e um apoio político. Veja bem. Ocupar não é difícil. É só você sair três meses e avisa os vizinhos: 'Olha, vai ter terra!' e um passa pro outro. Você pega alimentos, você pega dinheiro pra comprar lona [plásticos]. Ou depois você acaba ganhando as lonas ... Existe este tipo de pessoa, infelizmente existe. Aí, você coloca o pessoal numa área e deixa lá e parte pra outra. Já pensou você ter umas setenta famílias, confiando em você? Eles abandonam muita coisa pra entrar numa área no mato, cheio de bicho.

Para demonstrar boa intenção e dedicação ao trabalho contou passagens de sua experiência e participação em outras negociações de sem teto e até mesmo expos uma metodologia política que dispensaria, ao seu ver, todo o processo de ocupação de áreas urbanas para negociar com os poderes públicos em Campinas. Deduzimos de sua fala uma espécie de denúncia contra o reconhecimento público de interesses políticos legítimos dos trabalhadores sem teto, que poderiam ser tratados preventivamente, evitando a irracionalidade das estratégias de ocupações urbanas:

... começamos a fazer uma negociação junto com a Cohab, no projeto 'Vida Nova'... Já está saindo. O pessoal já tá indo, tá trabalhando [na negociação]. ... Então, eu achava melhor tá pegando esse pessoal, se reunir, aí se monta uma assembleia. Pega

⁴³ 'Grupo de sem teto acusa líderes de ocupação: ...são acusados de fugir com dinheiro arrecadado entre moradores do Núcleo Eldorado dos Carajás.' *Correio Popular*: Bill Souza. Campinas. 23/10/96. Cidades:6.; 'Entidade é acusada de vender lote irregular: ...suspeita de comercializar gleba de terra pertencente à Copersucar.' *Correio Popular*: Rogério Verzignasse. Campinas. 24/07/96. Cidades:3; 'Sem Teto destituem líder e criam comissão de 15 membros.' *Correio Popular*: Campinas. 31/05/96. Cidades:4.

uma setenta famílias, no caso. Faz o cadastro de todo mundo. Pega uma comissão de frente, pessoal bom de negociação. Vai até a Cohab e apresenta seu plano e fala: _'Olha, o plano nosso é esse. Nós temos esse pessoal que precisa. A maioria deles está sendo despejado. E o que vai acontecer é que, se vocês não tomar providência quanto a isso, a gente vai tá reunindo esse pessoal. A gente vai ocupar uma terra. Então, vocês já estão sabendo disso e se vocês não tomarem providência, a gente vai tá ocupando uma terra.' Aí, pega o 'Correio' [Correio Popular, jornal diário, cita ainda dois nomes de jornalistas], e leva junto pra registrar aquilo ali. Eles [órgãos públicos] foram avisados e tem ali o cadastro de todo mundo. Então, não precisaria de tá trazendo a todo pessoal, esse sofrimento. Porque aqui é barra ... pra gente não é. Pra mim não é. Eu estou acostumado. João.

A demora e as dificuldades de atendimento dos órgãos públicos tendem a ser interpretadas mais como falhas individuais dos representantes, conflitos pessoais na ocupação. Nas palavras de dona Ana, João falhou por várias razões, inclusive morais. Confirmam os moradores que, com o passar do tempo, passou a ter ainda muitas desavenças com sua companheira Vera, por ciúmes. Tornou-se um problema para o grupo, criando uma situação de insegurança nas relações entre representante e representados nas negociações, até o dia em que sumiu de vez da ocupação.

Deixou entre os sem teto a imagem de alguém que não assumiu seu papel de substituto do pai, chefe provedor da casa da mãe, nem da 'casa' da companheira grávida na ocupação, como também não cumpriu os compromissos assumidos como 'líder' do grupo.

Partiu sem se despedir do lugar onde desenvolvia uma prática de representação heroicizada, de 'ajuda' e 'proteção' aos mais pobres e, porisso, 'alienados' da formação e militância política que julgava ter perante aos demais.⁴⁴

... pegou os papéis da Cohab e não deu conta. Foi preciso fazer tudo de novo. Ele era vice da comissão e só atrapalhou tudo. Por isso é que nós estamos até hoje aqui.

⁴⁴ João não canalizou para a violência sua 'ajuda aos desamparados', mas em Heloísa R. Fernandes - num estudo sobre 'o custo social do modelo *chefe provedor* sobre as próprias classes trabalhadoras' - a autora alerta para o perigo e extremo a que se pode chegar com esta visão de mundo. É o caso dos *justiceiros* fardados da PM de São Paulo, 'filhos de famílias proletárias'... 'Graças ao trabalho como significativo, ódio e ressentimento são convenientemente canalizados para as 'vítimas emissárias': os 'marginais': *deslocamento* da luta que conta com a conivência e/ou omissão da mesma ordem social - espoliativa e excludente - que os produziu... A cisão do espaço da sociabilidade das classes populares favorece a idealização de um outro 'vitimizado' que serve de suporte à 'boa causa'... a história é concebida como uma luta... exemplar de alguns poucos homens.. sozinhos, decididos, que lutam *em nome* das classes trabalhadoras e não *com* elas. Um último custo desse imaginário heroicizado pela 'boa causa' é o da luta que já não é coletiva mas exemplar, que não visa à organização e resistência das classes trabalhadoras mas que, ao contrário, esgota-se na violência terrorista em troca da ordem e segurança dos bons 'chefes de família'. *Tempo Social* 4(1-2).1992:7-15.

Porque ele ia lá para resolver e não resolvia nada. Ele tirou a Vera da comissão para ficar sozinho. No fim ele banguçou tudo e não deu certo. Nós tivemos que começar tudo de novo. ... quando ele bebia, bagunçava com ela e todo mundo entrava no meio. ... Eu conheço a mãe dele [dona Júlia], nós somos amigas. Eu não esperava que ele fosse assim. ... Trabalha quando ele quer. Ele diz que trabalha no mercado, mas não trabalha não. Ele trabalha um dia, dois e cai fora. Se ele fosse um homem de garra e coragem, a mãe dele não trabalhava e nem estava morando num barraquinho. Ela, coitada, trabalha de dia e de noite, até de domingo, de faxineira, pra ver se dá conta. Todo mundo de lá, já tem casa, menos eles. Já era para ter uns três ou quatro cômodos lá. dona Ana.

A ocupação obriga a uma revisão sobre o modo de ver a vida, tanto em termos de moradia como de trabalho. A ida para a V. Lídia custou o emprego de muitos, como dona Ana. Recorda o passado como quem tenta resgatar ou reavaliar o sentido que deu para sua existência e que parecia estar perdido ou muito confuso naquele momento.

Depois que saiu de Fortaleza, onde nasceu, foi para Alagoas. Um dia veio para São Paulo, onde está há cerca de trinta anos, dos quais vinte anos morando em Campinas. Saiu criança de sua terra e lamenta não saber como é Fortaleza.

... o que tem lá? Eu sei que lá tem praia, mas eu nem lembro. Nunca voltei lá ...

Antes da ocupação, trabalhava como doméstica numa residência, onde 'tomava conta da casa' o dia todo. Estava desempregada há dois meses e meio. Então, passou a ajudar as vizinhas em algumas tarefas da ocupação ou dar cobertura para algumas que trabalham fora, em troca de comida e amparo nas negociações junto à Cohab, para não 'ficar louca':

Era uma casa de família e eu coordenava tudo. E depois disso aqui [a ida para ocupação], a mulher me despediu, porque ela disse que não ia pagar quatro ônibus pra mim. Porque antes eu não pagava ônibus. Eu morava na mesma avenida que ela morava. Durante dois meses eu ia pra lá. Vinha e pousava aqui. No outro dia voltava normalmente. Nunca perdi nenhum dia. Porque ela saía de casa às cinco horas da manhã e voltava entre nove ou onze horas da noite. ... Eu saía às dezoito horas. Eu fechava tudo e o marido dela chegava. Trabalhei um ano e meio lá. dona Ana.

A ocupação, agora em sua dimensão opressora, de assujeitamento, atingiu de uma só vez sua identidade e senso de autonomia como 'trabalhadora' e 'inquilina honesta'. Mas, apesar de tudo, se coloca como uma 'pessoa forte' e suas palavras cedem espaços para sentimentos que normalmente evita admitir para si mesma. Ao descrever sua situação crítica de pobreza, explicita como resiste e luta contra o desamparo social que percebe à sua volta. No modo de vida provisório o futuro aparece quase sempre sem recompensa ou descanso e a V. Lídia também representava uma nefasta influência em sua capacidade de encontrar trabalho, entre tantos outros significados contraditórios, como o do 'sonho da casa própria'.

Eu vivo uma vida de experiência sozinha e até hoje estou batalhando por esta vida. Um dia eu vou cansar e parar. Mas, eu tenho coragem e garra. Agora eu não estou tendo coragem, porque depois que perdi o meu serviço e vim parar aqui ... Eu perdi a casa que eu morava porque eu entreguei. E perdi o serviço, porque eu trabalhava ... por causa disso aqui. Tem dia que eu fico nervosa. Estou lutando para ver se eu consigo um serviço. Mas, eu digo, se eu sair daqui para arrumar um serviço ... Um dia é uma coisa, no outro dia é outra [exigências burocráticas com a Cohab]. Perdi muito dia aqui. E quem é que quer uma pessoa para trabalhar. que perde muito dia? Então, esse é o problema de eu não ter arrumado serviço. dona Ana.

Tenta explicar porque as condições de pobreza em que se encontra é muito difícil de aceitar. Aos poucos vamos descobrindo que já ocupou uma posição melhor na vida, com sua outra profissão: a de costureira. Porém, perdeu tudo que havia conseguido apesar de sua dedicação ao trabalho. Por isso, se ressentia também da perda de sua identidade de costureira, mas se esforça para não esquecer estas habilidades, que lhe ajudam a não desesperar-se na espera de uma solução para a moradia.⁴⁵

⁴⁵ Uma intensa produção acadêmica debate a intensificação de múltiplas doenças psicossomáticas em relação ao mundo do trabalho: 'A vivência do trabalho parece ser fonte persistente de sofrimento moral... Como mostra uma pesquisa recente, essas situações geram sentimentos de raiva e revolta, de insatisfação e frustração, sentimentos que, ao serem contidos e reprimidos, voltam-se contra o próprio trabalhador nas várias formas de distúrbios... que não são reconhecidos como doenças do trabalho e se transformam na marca estigmatizadora daquele que *sufre dos nervos*... essas situações são assumidas como dramas individuais elaborados a partir dos códigos morais que regem suas vidas privadas.' Telles.1992:150,151,152. Vivências drásticas em moradias provisórias, (concomitantes ao trabalho temporário) também deveriam ser investigadas desta perspectiva para descobrirmos até que ponto estas se constituem como uma das fontes de distúrbios físicos e emocionais, que afetam diretamente a saúde das classes trabalhadoras, especialmente os setores mais pauperizados.

Eu costurava. E só não estou costurando agora, porque não tenho máquina. A minha máquina está jogada lá na casa da minha filha. Mas, se eu tivesse máquina eu estava costurando aqui. Sabe? O dia que eu estou aqui desocupada, eu fico desorientada. Eu me sento aqui e pego um pano e meto a mão na agulha. Vou costurar. É assim que faço para levar a vida. Eu sempre lutei e vou sempre lutar. ... Já tive duas casas de costura. Uma no interior e outra aqui em Campinas. Aí desceu de uma vez [perdeu tudo] . Eu comprava tecido e costurava. Revendia. Levantei minha vida e depois desceu tudo de novo. Eu inventei de costurar em sociedade com uma outra mulher e afundei. Nós alugamos telefone, máquina industrial, máquina de overloque. E no fim levei no cano. Nunca mais consegui levantar minha vida pra frente. Mas, eu tenho fé em deus. Eu nasci junto com a máquina e vou morrer junto com ela. Se eu sair daqui e não achar serviço, eu vou fazer a mesma coisa. Vou comprar pano, vou fazer e vou vender. dona Ana.

Ocorreu algo semelhante com Mara, perdeu o emprego por causa da ocupação. Trabalhava como zeladora de biblioteca, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A chefia resolveu despedi-la devido ao acréscimo de passes para ônibus, que passou de duas para quatro passagens.

Voltou a trabalhar em seguida como empregada doméstica, inclusive foi registrada. Mas, recebeu só um salário mínimo e o valor dos passes deu praticamente um terço de seu salário.

... a mulher não queria me dar passe e eu saí. Agora eu vou voltar para a faxina. Aliás, já estou até começando. Amanhã, tenho serviço para fazer, quinta e sexta.

Apesar de ter uma situação instável de trabalho, compreende a relação entre casa e trabalho da perspectiva de gênero, da identidade feminina esperada pela cultura familiar das classes trabalhadoras. Valoriza praticamente mais a solução da moradia do que de emprego; melhor dizendo, prefere estar desempregada do que despejada, sendo que esta última situação precipitou sua decisão de ir para a ocupação. Trata-se de uma decisão que aparece com mais urgência de ser resolvida do que a de encontrar um emprego, uma vez que está representando os demais irmãos na ocupação em troca de ajuda, como abrigar seu filho por uns tempos. Em Mara, a casa simboliza maternidade, ter responsabilidade de 'mãe de família', ter e ser um 'teto', oferecer intimidade, proteção.

No meu caso, agora que eu saí do meu serviço, sempre há a esperança de que eu vou conseguir outro, ou bom ou ruim, melhor ou pior, ganhando mais ou menos. A gente consegue outro. Desempregada a gente passa um dia bom, um pior, outro melhor. Agora ser despejado é pior, é grave. Arrumar serviço é mais fácil. Agora, você arrumar um lugar pra morar é muito pior, é muito difícil. No caso, como a minha irmã está sendo despejada, vai ser muito pior ela ou eu ser despejada do que ser desempregada. Despejada é muito duro, com filhos a gente não tem realmente uma solução. Não tem condição de pagar um aluguel, não tem condição de arrumar um lugar para morar, é difícil. Mara⁴⁶

Estas experiências limites de pobreza - não permanência no trabalho, habitação e invariavelmente na mesma cidade - revelam que nem sempre é possível eleger o mundo do trabalho em detrimento da moradia ou mesmo da alimentação ou saúde. A escala de valores, a hierarquia entre estas necessidades básicas modificam-se em grande medida, como temos visto, com a história de vida, gênero, com o momento vivido, como estar empregado, desempregado, passando por problemas graves de doenças em família, sendo despejados, etc.

A inviabilização crescente da renda familiar, tem dado mostras de que a casa na ocupação pode se tornar também em projeto para o trabalho, inclusive para aqueles mais qualificados, demonstrando inclusive algumas mudanças significativas no perfil ocupacional entre os que estão recorrendo às ocupações urbanas nos últimos anos.⁴⁷

Na ocupação, aliás, a prioridade da alimentação, como vimos ela está presente em todas as falas, associadas ora mais ao trabalho, ora mais a moradia. A grande questão aqui é que a ocupação também pode se tornar um lugar para 'trabalhar', sobreviver de pequenos expedientes, como no caso do comércio informal.⁴⁸

⁴⁶ Trabalhadoras por definição instáveis, são especialmente vulneráveis em conjunturas de retração econômica. No entanto, para elas o impacto do desemprego é menos dramático do que para os homens. Ao contrário do que ocorre com estes, a perda do emprego não questiona suas identidades e tampouco ameaça sua noção de dignidade, por mais que as consequências possam ser graves do ponto de vista das exigências da sobrevivência familiar... Mesmo para aquelas que devem garantir a sobrevivência familiar... a experiência do trabalho é elaborada do ponto de vista de um destino construído pela família. É no registro da necessidade - necessidade da sobrevivência familiar - que o trabalho ocupa um lugar em suas vidas, de tal modo que este se desvincula de um projeto de carreira e ascensão profissional e se articula com o casamento e a maternidade... Telles.1992:166,168.

⁴⁷ Principalmente a mídia tem registrado muitos destes casos: *Folha de São Paulo* Samy Charanek. 27/10/96. Caderno Sudeste.7-1. 'O cabeleireiro E.L.T., 25, investiu R\$ 4.600,00 para construir sua casa e disse que pretende ampliar a construção em breve. 'Quero construir dois salões, um para minha mulher trabalhar como cabeleireira e outro para montar uma floricultura.'

⁴⁸ 'A economia informal cresce a cada dia no terreno ocupado pelos sem teto no Jd. San Martin. A coordenação do movimento já constatou a existência de dez pequenos bares na gleba. Eles funcionam em *trailers* ou em varandas anexas aos barracos. Há um exército de ambulantes instalados às margens da estrada vicinal que corta a área. Gente como o aposentado E.M.A., de 56 anos. Ele usa um carrinho de pipoca para comercializar doces e bolachas. O ex-lavrador J.C.A.S., de 59 anos, improvisou com

Em primeiro lugar vem a alimentação, é simples. Em segundo lugar, moradia, porque sem ter lugar pra morar a pessoa não tem nada e não vai pra frente. Mas, acho que é pior ficar sem trabalho. Estando trabalhando a gente consegue casa. Eu penso assim. Eu estando trabalhando não me falta nada. Eu gosto muito de pular da cama às seis horas da manhã, para ir trabalhar, com coragem e fé. Agora, sem trabalho eu fico a pessoa mais revoltada do mundo. O que adianta ter casa e não ter serviço? O que vai poder por lá dentro? Nada. dona Ana.

Daí também a importância da solidariedade, a comida às vezes tem de ser obtida entre os vizinhos de barracas, os parentes e, em último caso, pedir na rua, como aconteceu no início da ocupação, com os 'arrastões'.⁴⁹

Do ponto de vista do percurso do grupo da V. Lídia, os meses de espera e resistência na ocupação e a perda de apoio das lideranças sindicais e, mais tarde de João, obrigaram os sem teto a se tornarem mais independentes e organizados enquanto grupo para poder encaminhar a negociação por eles mesmos. Alguns deles passaram a ser citados como representantes junto à Cohab. Isto significa que para cuidar da ocupação é preciso relacionar-se frequentemente com os órgãos públicos, alguns são, portanto, sobrecarregados de tarefas burocráticas e reuniões, prejudicando diretamente a rotina de busca de trabalho ou com faltas no emprego. Algumas vezes a presença de cada membro da família foi exigida para dar andamento aos trâmites legais de compra dos lotes populares.

Agora, entre a gente, nós fazemos juntos. Não tem mais esse ou aquele que organiza. Há uma comissão assim: o Mario, eu e o José. Então, a gente vai lá. Telefona. Procura saber o que está acontecendo. Mas eu mesmo necessito do pessoal, porque não adianta só eu fazer isso. ... Então, cada um se movimentando e indo lá saber, é importante porque também ajuda a gente a pressionar. Porque eles [a Cohab] vendo que todos vão lá e estão se preocupando e querendo a mesma coisa, então eles vão ver que a gente está interessado. Havia essa comissão por um bom tempo. Mas, agora, eu não posso mais falhar, o Mario não pode mais falhar, José também. A gente pagou esse terreno no mês de agosto. Eles inventaram que

caixotes de madeira uma pequena banca para vender laranjas. Foi a maneira que encontrou para sustentar mulher e os seis filhos. Ele está desempregado desde que chegou de Andelândia, uma cidadezinha do interior goiano.' *Correio Popular*. Rogério Verzignasse. Campinas. 05/06/96. Cidades:1.
⁴⁹ Sob o título 'Invasores improvisam para sobreviver', um artigo de jornal relata: 'No barraco....M.E.S., de 43 anos, abriu lombos no topo e na base de um cupinzeiro, e o transformou num fogão a lenha. Ela cozinha os alimentos numa lata vazia de tinta. Assim como a vizinha Silvana, ela residia no Jd. São Marcos. Pagava R\$ 180,00 mensais pelo aluguel. Muito dinheiro, para uma família que vive do cultivo de mandiocas. Ela e o marido arrendam uma chácara do bairro do Matão, cultivam a terra, e vendem a produção pelas ruas da cidade, em charretes. Dali sai o dinheiro para o sustento dos oito filhos que se amontoam no barraco.' *Correio Popular*. Campinas. 05/06/96. Cidades:6.

tinha que pagar logo. A gente pagou. Ficou faltando umas três pessoas e eles falaram que tinha que todo mundo pagar, porque se não eles não iam liberar o terreno [lotes do Vida Nova]. O pessoal foi lá e pagou e a gente está aqui até hoje. Hoje é dia 21 de outubro, amanhã disseram que vai haver o sorteio do terreno. Então, eu acho que todo mundo tem que estar lá batalhando e pedindo orientação, porque se não, não sai. Só a comissão ir não adianta, é necessária a pressão de todos os moradores daqui. Mara

As tensões, contradições e ambigüidades, experimentadas tanto no mundo do trabalho como da moradia, entre outras necessidades elementares de vida, como a alimentação, constituem a fragmentada subjetividade do trabalhador sem teto, que vai sendo enfrentada pela busca objetiva de informações, solidariedade, conhecimentos que procuram adquirir permanentemente em determinados espaços da cidade, para conseguir um emprego quase sempre temporário e uma moradia provisória.

A ocupação é, portanto, uma das vivências mais desafiadoras que os sem teto enfrentam em grupo para resolver pelo menos um dos dilemas éticos de sua existência. Ao mesmo tempo a ocupação representa luta por uma nova vida, constituída de sujeitos autônomos, cidadãos, que buscam o resgate de histórias individuais e familiares. A ocupação urbana é uma quebra na rotina de resistências mais individuais e isoladas, provocando novas sociabilidades, ajuda mútua, busca de reconhecimento no espaço público, interrompendo durante a resistência coletiva a extrema impessoalidade e anonimato que cercam suas experiências e modos de vida urbano. O problema é que a maioria destas tentativas de 'ingresso' na sociedade terminam em despejos.

Capítulo III

MODO DE VIDA PROVISÓRIO E DESPEJOS

... você é despejado e diz: _ 'Eu posso ter a minha casa!'. Você está mentindo pra você mesmo. Está se iludindo. Você não tem condições de ter a sua casa, enquanto tiver essa política ...

Discutiremos neste capítulo como se constituem e se reproduzem certas práticas de não reconhecimento da cidadania dos trabalhadores sem teto considerando-se que os despejos individuais ou coletivos e o desemprego são os dois principais elementos da insegurança e pobreza como modo de vida provisório, invadindo sistematicamente sua subjetividade, moral e ética existencial.

Continuam a embasar nossas discussões análises de autores como Telles (1992, 1993), que aborda o tema da "*persistência e crescimento da pobreza no Brasil, que atinge até mesmo os trabalhadores urbanos integrados nos centros dinâmicos da economia do país,*"¹ como é o caso de Campinas (SP), polo de desenvolvimento regional, inclusive do ponto de vista tecnológico.

Recordamos que a escolha de uma ocupação urbana com pouco tempo de existência foi proposital, para que fosse possível uma reflexão a respeito do modo de vida provisório da perspectiva de moradores que carregam consigo lembranças, vivências e representações antigas e recentes de despejos, em seus múltiplos sentidos simbólicos.

Pretendemos ainda discutir como foram sendo enfrentadas as dificuldades e limites desta pesquisa, apoiada no estudo de trajetórias de vida relacionadas ao passado de casas e despejos, como também a importância da especificidade das respostas obtidas no contexto desta ocupação específica, feita não para permanecer no local, mas para abrir a possibilidade de negociação com os órgãos públicos municipais. A revelação de certos sofrimentos íntimos, admitidos como silenciados na maior parte do tempo, às vezes chocantes, denunciam a profundidade da solidão e desamparo social em que se encontram no cotidiano da moradia provisória, sem falar de suas precárias condições de trabalho.

Acreditamos que certas revelações só vieram à tona pelo fato de estarem na condição de moradores recentes da ocupação, estavam ainda sob o impacto da decisão que tomaram e na expectativa imensa de modificarem suas vidas. Uma ocupação antiga, como uma favela mais radicalizada num determinado bairro da cidade, não apresentaria visões de mundo tão desenraizadas, sujeitas a tantas variáveis de insegurança, pressões e urgências por definições institucionais. Uma das razões seria a construção de formas organizativas de resistência no local, que podem ser políticas (luta pelo direito à terra e urbanização da favela através de associações

¹ Telles. 1993:8

de moradores) ou aquelas que apelam para a violência, como fechar o território à entrada de estranhos, recorrer à proteção de justiceiros, traficantes, etc. para se contraporem à polícia.²

A percepção de que agiram de forma decisiva sobre o destino da família, sem saber se o resultado da negociação seria o de ir parar na rua ou conquistar um lote legal na cidade, provoca a necessidade de falar da tensão, da espera, rever o próprio sentido de suas existências. Todas as histórias familiares, de infância, juventude, vão ser reconstruídas a partir do ponto em que suas vidas se cruzam com a do grupo da ocupação da V. Lídia. O que há de comum e fundamental nos relatos é o desejo de construir alguma forma de permanência para a organização de suas vidas, o fim do modo de vida provisório, simbolizadas principalmente pelos projetos de casa futura, genericamente indicados como 'sonho da casa própria', aspecto que retomaremos no próximo capítulo.

A ocupação significa um marco nestas histórias de vida, um lugar - espaço - especial onde criaram novas sociabilidades para refazerem resistências, inclusive éticas e morais, na luta por instituírem-se sujeitos e por um renascer de histórias familiares.

A cidade provisória dos sem teto ou a cidade que despeja

Uma determinada visão de cidade foi emergindo indiretamente a partir do convite para privilegiar as lembranças de casas que marcaram as trajetórias de vida dos trabalhadores sem teto. Ao descreverem histórias individuais ou de grupo em moradias provisórias, interpretam e representam o espaço urbano principalmente da perspectiva de uma luta constante contra os despejos, a violência moral e muitas vezes física, que acompanham estes processos de desalojamentos.

Desse modo, falam da falta de acesso, de direito à uma abrigo físico, material, mas também de algo tão grave quanto o fato de não terem praticamente nenhum acolhimento na cidade. Trata-se de vivenciar uma espécie de proibição à atividade de

² "Traficantes armados com metralhadoras expulsaram domingo à noite desabrigados que foram à favela da Maré conhecer as casas populares em que a prefeitura pretendia instalá-los. Representantes de 17 famílias desalojadas pelo deslizamento de uma encosta no Itanhangá, na terça-feira, foram expulsos do local mesmo acompanhados por secretários municipais e subprefeitos. ... O prefeito do Rio, ... disse ontem que os flagelados desistiram de ocupar as casas na Maré. _'Lá eles não querem mais. Estão apavorados. Eu repito a frase de uma senhora desabrigada: _'Esta tragédia que estamos vivendo é sazonal. Traficante não é sazonal. É rotina.' ... Ainda faremos reunião para discutir o assunto.' "
Correio Popular. Campinas. 20/02/96. Geral:8

imaginar subjetivamente a si mesmo em uma ética de casa futura, que lutará por atingir. Quer dizer, as situações de despejos aparecem como impedimento para compartilhar do imaginário social do 'sonho da casa própria' e desenvolver devaneios próprios, singulares, onde se percebe numa vida futura digna, num vir a ser de sujeito, de um nome, histórias familiares e pertencimento social.

A casa vai permeando relatos orais difusos, onde ficção e realidade se confundem, persistindo, no entanto, fragmentos vivos de histórias de antigas e novas ocupações coletivas; distintas experiências em habitações provisórias e muitos relatos de despejos. A habitação provisória revela ainda as moradias de 'favor' ou de 'empréstimo', em casas de parentes, vividas como solidariedade, arranjos de sobrevivências, mas igualmente como sufocamento subjetivo, opressão moral e situações em que se sentem despejados da família. Concomitantemente surgem muitas referências a exclusões sociais em vários outros níveis do cotidiano que atribuem à falta de moradia (trabalho, alimentação, educação, saúde, etc.).

A cidade para João, como para outros sem teto da V. Lídia, é carregada de imagens de violência, injustiças, buscas de canais de participação, negociação e certos conhecimentos considerados estratégicos que vai adquirindo a partir do resultado de conflitos com os poderes públicos e privados, nas ocupações que integrou.

Este 'apoiador' de movimentos de ocupação faz uma leitura do que considera ser mais importante para as disputas políticas, para a democratização do uso do espaço urbano. Se coloca invariavelmente na primeira pessoa do plural e evita expor qualquer sentimento. Fala de um 'trabalho duro' que pretende sempre exercer para os outros, sem recorrer em nenhum momento de nossas conversas a necessidade da violência para 'fazer justiça'. Procura nos convencer de que sua individualidade não conta ou é pouco afetada pelas várias experiências de ocupações que participou na vida, o importante é o resultado 'coletivo'.

Neste sentido, a associação entre cidade, ocupação e despejos é inevitável na vida de João, filho único, que morava um pouco na V. Lídia, outro tanto no barraco dos pais, num lote na periferia, que conseguiram também através de uma ocupação (Parque União da Vitória), legalizada por volta de 1992 ou 1993, pelo que ele recorda. Localiza este lugar da periferia citando bairros vizinhos: próximo do Jd. Campos Eliseos, Parque Universitário, Mauro Marcondes, etc..

É, a gente ocupou essa terra. Ai houve uma negociação do dono diretamente [terra particular] com a Prefeitura. ... Então, o dono dessa terra negociou outra terra e fez questão daquela terra que ele tava. Deu uma outra melhor ainda pra gente, que era uma horta. Ali houve muita coisa! Houve até tiro dentro da Prefeitura, dentro do gabinete do prefeito. Hoje é um bairro ... toda a infra-estrutura. Então, a partir daí eu, como apoio, ... a gente teve que ficar para dar uma força pra eles.

Nessa vida errante pelos bairros da periferia destaca sempre a importância da imprensa escrita, uma das poucas maneiras de se protegerem da violência da polícia, caso seja acionada pelo proprietário, no momento da entrada na terra.

Outros relatos de ocupações e despejos vão sendo lembrados, enquanto conta sobre sua vida em Campinas, onde almeja ser uma liderança de sem teto. Sua maneira de representar a realidade urbana contribui para compreendermos em grande medida o modo como os sem teto se relacionam com a cidade a partir da necessidade de moradia, submetida à lógica da habitação provisória.

Quanto ao aluguel, distingue diversas moradias provisórias, estabelecendo comparações e atribuindo diferentes gradações e valores às mesmas, muitas vinculadas à região onde se situam na cidade. Convém notar como opção a periferia à cidade, a casa acessível de pagar aluguel à casa 'boa de morar', tanto em seus aspectos físicos como em termos da legalidade. Algumas formas de moradia provisória são vistas mais do ponto de vista moral, inadequadas para o trabalhador e sua família, opinião partilhada pelos outros sem teto.³

Bom, hoje em dia eles não estão mais procurando essas pensões, aluguel de quartos, porque hoje está muito bagunçado! Então a opção do morador ... eles estão procurando esses bairros distantes, onde tem casinha de fundo. Porque hoje, quem tem um terreno ... Vamos supor, dos lados dos DICs, a primeira coisa que ele [trabalhador proprietário] faz é construir dois cômodos no fundo, pra tá alugando e ter um pouco mais de dinheiro no fim do mês. Então, é um aluguel bem mais

³ "Vários estudos (Kowarick:1979, Durham:1980 e Caldeira:1984) têm-se voltado para a questão do trabalho informal, do trabalho temporário ou eventual, que abrange várias categorias sociais: o bóia-fria, o peão, o biscateiro, entre outros. ... os grupos se diferenciam em relação às condições de vida: famílias moradoras de favelas na periferia, moradores de cortiços das áreas centrais da cidade, peões que percorrem várias regiões do país. Dentro desse grupo se encontra um contingente que pode ser caracterizado pela extrema mobilidade. Além de ter trabalho irregular, não possui residência fixa e nem convivência permanente com o grupo familiar. Trata-se de um grupo basicamente masculino, que geralmente realiza trabalhos temporários no campo e na cidade. ... Reside alternadamente em diferentes habitações precárias com grande mobilidade: ora está em pensões onde aluga um quarto, ou mais freqüentemente, uma vaga, ora em albergues da rede pública ou privada, ora em alojamentos de trabalho, como, por exemplo, em obras de construção civil. Quando não existe outra possibilidade, a rua se torna o lugar de abrigo. Geralmente está sozinho, aliando-se ocasionalmente a companheiros de trabalho ou de aventura." *População de Rua: Quem é, Como vive, Como é vista* 1992:21,22.

barato, porque na cidade ele [trabalhador inquilino] não tem opção nenhuma. Agora pra morar mesmo, ele vai ter que está procurando isso daí. Uma casa boa hoje, ninguém tem condições de pagar.

Certos conhecimentos, imprecisos, são fruto direto de movimentos sociais por habitação passados, como o dos favelados da 'Assembléia do Povo' (1979/1986), que lutaram pelo direito real de uso da terra urbana em Campinas. Para muitos deles, a cidade aparece marcada pelas histórias de resistência pela permanência nas favelas. Convém sublinhar que o início destes movimentos pelo direito a habitação foram uma reação contra os intensos processos de remoções forçadas, despejos coletivos, sem negociação com os moradores.

Mais recentemente, o resultado destas lutas sociais aparecem nos discursos em distinções entre as favelas urbanizadas, não urbanizadas, e como deixaram de ser uma alternativa acessível para famílias de trabalhadores mais pauperizadas a partir dos anos 80, dada a valorização imobiliária destas áreas, que expulsa os que não podem auto-construir e pagar pelas melhorias da urbanização oficial.

A favela é mais difícil. Vamos supor, a pessoa é de uma cidade e fala: 'Vou pra Campinas'. Tá. Ela vem pra Campinas. Se ela não tiver hoje no bolso uns quinhentos reais não entra em qualquer favela não! Pra você entrar numa favela hoje você tem que comprar um barraco, tá? É muito difícil você alugar um barraco em favela. Depende da favela. Tem favelas urbanizadas. Essas favelas existem nos próprios bairros. Onde eu moro, ao lado, tem uma favela. Mas são favelas de casa de tijolos. Chama 'favelas urbanizadas', que já tem água encanada, tem luz. Tá virando bairro. ... Agora, a linguagem, quando se diz 'favela', pra mim, 'favela' ainda é aquele lugar onde existe as vielas, só. A água é um cavalete, barracos é todos de madeira. Onde realmente ninguém tem condições de tá construindo.

Quando foi convidado a pensar a diferença entre favelas e ocupações, João responsabilizou a prefeitura pela existência de favelas. Reproduz grande parte do discurso dominante, quando considera que as favelas foram 'doadas' pelo poder público aos seus moradores. Supõe que as favelas urbanizadas não foram áreas de disputas, conflitos, não reconhece a resistência e uma organização política específica desenvolvidas pelos favelados a partir do final dos anos 80. Desconhece que foi a partir deste período de lutas populares nas periferias da cidade que se socializou certas práticas de planejamento antecipado de ocupações urbanas.

Complementa esta visão conservadora, a maneira como representa a ocupação, resultado de 'negociação' e 'pagamento' do lote individual reivindicado pelos

trabalhadores sem teto. Uma prática moralmente 'superior' à solução dos favelados que 'não pagam nada' pela terra ocupada. A ideologia dominante da propriedade privada, da compra da casa própria através dos critérios do mercado imobiliário convive em conflito direto com os argumentos que justificam as ocupações da terra urbana. Adiante veremos a ambigüidade de João em relação às favelas, quando recorda episódios em que esteve apoiando a luta dos favelados da Assembléia do Povo.

Para Zaluar (1992), analisando as relações entre violência, exclusão social e educação, questiona as diversas imagens conservadoras de pobreza no país e adverte a respeito de uma tendência que se tornou comum entre os próprios trabalhadores a partir dos anos 80. A crise social reduziu a concepção de cidadania mais a cumprimento de deveres do que acesso a direitos. Não basta nascer no território brasileiro e se submeter às "*leis da comunidade nacional*" para ser cidadão, é preciso antes de tudo contribuir de alguma forma com a renda nacional.

Esta visão realmente está presente também nas questões da habitação popular e foi especialmente disseminada pelos interesses privados urbanos nos meios de comunicação de massa contra os chamados novos movimentos sociais urbanos, especialmente os de favelados, sendo incorporada imediatamente por outros segmentos sociais, que se sentiram usurpados diante do 'privilégio' deste tipo de moradores da cidade.⁴ Trata-se da mesma visão de mundo que defende a pena de morte para prisioneiros ou meninos e adolescentes de rua, acusados de não cumprirem com os deveres da nação através do trabalho, "*como forma de pagar pelo seu sustento.*"⁵

A ocupação também é um negócio improvisado. Não é moradia. É bem provisório, porque desde que você participa de uma ocupação, você não tem garantia nenhuma. A favela não é improvisada. Você não pode chamar favela de 'ocupação'. A diferença ... porque a favela é a própria prefeitura que constrói essa favela. Então, a prefeitura tem uma área, aqui é uma área de risco. Tá. O bairro de área de risco. Então, eles tira você daqui. A prefeitura corre todas essas áreas de Campinas onde existe áreas de risco pra tá tirando o pessoal. E coloca tudo em um lugar e vai amontoando aquele povo, que não vai paga nada. É aonde vai se formando uma favela. A favela quem faz é a própria prefeitura, a própria administração.

⁴ *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Antônio Fornazieri Jr. 'Tensão Marca desocupação na Vila Boa Vista: Famílias ficam desoladas, sem ter para onde ir'. 19.03.97:8; '... Os únicos que se revelaram satisfeitos com a desocupação eram os moradores do bairro. A moradora M.M., 30 anos, e que mora no bairro há 8 anos, disse que a maioria não queria permanência dos sem teto. _'Por que nós que pagamos impostos temos que ser prejudicados por causa de quem tem tudo de graça?'

⁵ Zaluar. 1992:45-47

Apesar de reproduzir o preconceito contra trabalhadores favelados - 'não pagam' pela terra ocupada - demarca a superioridade da 'solução ocupação' de forma curiosa. Acredita numa garantia de continuidade da história familiar através da compra individual do lote popular, não podendo ocorrer o mesmo em favelas urbanizadas, uma vez que estas possuem certas restrições legais para a posse 'definitiva' da terra para seus descendentes.

A favela é uma área dada. A Prefeitura dá pra você morar. Só que se amanhã ou depois você morre ali, seus parentes não tem direito naquela área. Esse que é o problema. É uma área da Prefeitura. Ela é sua enquanto você morar. Enquanto você tiver tomando conta daquilo ali. Você constrói, você vive cem anos naquele lugar. Só que você morreu, seu marido, seu filho, acabou. Seus parentes não tem direito mais não.

Na verdade procura explicar o que diz a legislação que regulamenta o direito real de uso da terra conquistada por muitas favelas de Campinas. A polêmica política gerada na época, inclusive a nível jurídico, permanece muito confusa, especialmente entre os trabalhadores sem teto.⁶

Vamos supor. No Parque Ipiranga tem uma. Eles urbanizaram ela. Entrou a Prefeitura em conjunto com CPFL e a SANASA. Fizeram esgoto, ligações de água, luz. Eles pagam esses serviços. Mas esse papel que eles pegam não é bem uma escritura não. Então, você não pode tá negociando. A terra é pra você usar. É a mesma coisa que você arrendar, você arrendou uma terra. Outro parente não pode vim e tomar posse.

A diferença entre as favelas públicas e particulares também não escapou às suas observações. Na falta de algum acordo, que nunca depende do envolvimento direto dos moradores, resta a certeza de sua irremediável subordinação à uma

⁶ Promulgação da Lei da Terra (lei n. 5.079) e Decreto da Terra (decreto n. 6.449) em 30.03.81, pelo Prefeito Francisco Amaral em Campinas. Esta lei é resultado do movimento da Assembléia do Povo (ASP) e acirrou definitivamente os embates jurídicos entre Executivo e Legislativo na época. Na prática o Projeto da ASP foi aprovado e vinha sendo apoiado por eminentes juristas, parlamentares, CNBB e inúmeras entidades de classe. Um dos pontos mais importantes e debatidos do Projeto pelo movimento, foi a defesa de que a terra deveria ser exclusivamente destinada à moradia (Impenhorabilidade e Inalienabilidade da terra), para evitar a especulação, que poderia provocar (e provocou) novas expulsões dos moradores de favela, considerando-se o processo de urbanização previsto na Lei da Terra. Meses antes, na tentativa de arrefecer a organização do movimento, sem sucesso, Francisco Amaral assina, em 29.09.80, o Decreto de Permissão da Terra por Dez Anos (n. 6.228). Lopes, 1997: 73-128

dinâmica de poder absolutamente exterior às suas condições de vida, direitos sociais e individuais: as reiteradas desterritorializações objetivas e subjetivas.

Existe lugares, vamos supor, favelas, que são áreas particulares. Então, a Prefeitura juntamente com a Cohab faz a negociação com o dono da terra. Se não, o caso é de despejo mesmo.⁷

José, depois de se sentir despejado da casa da tia em Paulínia e antes de participar da ocupação da V. Lídia, ficou seis meses num barraco, nos fundos da casa da sogra no Jd. Itatiaia (Campinas). Conta que se trata de uma favela, uma antiga ocupação em terra pública. A história ouvida de moradores mais velhos no período em que morou por lá chamou sua atenção. Passou a pensar mais na sua situação de chefe de família sem teto, Por isso explicou o caso da sogra em detalhes, como quem aponta uma possibilidade, uma oportunidade para si mesmo. Migrante do Paraná, participou da ocupação onde construiu três cômodos num dos lotes divididos pelos próprios moradores, segundo ouviu falar. Quando ela chegou eram poucos os ocupantes, atualmente acredita ter mais de cinquenta famílias. Mesmo imprecisas, a busca por informações sobre este assunto atraem antes de tudo famílias em situações de moradia de empréstimos e despejados.

Lá foi ocupado há muito tempo atrás. Eu acho que faz mais de vinte anos. É bem dividido. Eles mesmos que se organizaram, à maneira deles.

A partir do desejo de uma casa imaginada, onde pretende passar o 'resto de vida', Silvia comparou a cidade de Campinas com Ondas Verdes, próximo de São José do Rio Preto (SP). As descrições estravazaram os limites internos da casa e se estenderam para ruas, instituições, sociabilidades públicas esperadas numa cidade idealizada. Ao recordar Ondas Verdes, em seus aspectos reais e devaneios de intimidade com a cidade e a casa que deseja habitar, situou a falta do direito a um

⁷ *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. "Confusão marca despejo de sem teto" 19.04.96:5; "Tumulto, confusão e muito nervosismo marcaram ontem a retirada de mais de 200 sem teto de uma área particular invadida há um mês, no Jardim Nova Esperança, região oeste de Campinas. ... "Eles não podem nos tirar daqui que nem cachorro, tinham pelo menos que dar tempo de tirar nossos barracos. Daqui ninguém vai me fazer sair", bradava para os policiais que cercavam o local a dona de casa S.P.dos S. Ela invadiu o terreno com seus três filhos depois de ter sido retirada de um barraco da favela do Maracanã, devido ao risco de desabamento."

acolhimento humano em cidades como Campinas. Expressou indiretamente uma ética do habitar onde a vida social é mais comunitária, lugar em que não permanece tão anônima e impotente como na 'cidade grande'. Percebe a falta de possibilidades concretas para pagar um aluguel, modificar seu modo de vida provisório, cuidar da família, criar espaços de intimidade, permanência na cidade, reviver experiências de moradias passadas. Julga que tais impedimentos para o cultivo e expansão de sua identidade de 'mãe de família' são agravados pelas decisões do marido, que necessita privilegiar o mercado de trabalho de Campinas, em detrimento de uma cidade em que, inclusive a moradia seria melhor para a família.

Não gosto de Campinas, mas o meu marido está aqui. Eu não tenho lugar para morar, então eu fico aqui mesmo. Eu gostaria de morar lá em Ondas Verdes, gosto muito do interior, adoro sítio, fazenda, chácara, mas desde que seja no interior. ... Ah, lá não tem ladrão. Lá você dorme com porta e janela aberta. Ninguém te assalta. Você sai durante o dia, pode largar sua porta aberta. Ninguém carrega nada, nem uma colher. Tem praça, tem Câmara Municipal, tem Prefeitura. O prefeito é liberal, anda na rua. Você não precisa marcar audiência pra falar com ele. É bom demais, eu acho. Você quer um negócio do prefeito: 'Oh, Fulano, Oh, Siclano, eu preciso disso, disso.' E ele: 'Passa lá na Prefeitura que eu dou.' Respeita você. Quando você pega receita do hospital e não tem condição de comprar e provar; se seu marido ganha só um salário mínimo com três, quatro filhos, vai lá e ele [o prefeito] assina. Ele te dá o remédio. Aqui pra pedir remédio, você vai no postinho e não acha nada. Qualquer posto de saúde de Campinas não tem, o governo não manda.⁸

Revela que costuma repetir sempre em voz alta, para o marido, filhos e para si mesma que não ficará toda a vida em um lugar que não a reconhece como parte da cidade.

Um dia eu vou ter uma casa onde eu quero, onde eu quero morar. O meu resto de vida eu quero acabar no interior.

⁸ "A casa natal é uma casa habitada. Os valores de intimidade aí se dispersam, estabilizam-se mal, sofrem dialéticas. ... Mas, para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. ... Todo o ser da casa se desdobraria, fiel ao nosso ser. ... Empurraríamos com o mesmo gesto a porta que range ... As sucessivas casas em que moramos mais tarde banalizaram os nossos gestos. Mas, se voltarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaremos muito supostos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos. Em suma, a casa natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. ... todas as outras não passam de variações de um tema fundamental. A palavra hábito está demasiado desgastada para exprimir essa ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece a casa inolvidável." Bachelard. 1988: 33,34.

Freqüentemente, quando não conseguem pagar aluguel, apelam antes da ocupação para algum membro da família para não ter que violar a legalidade da posse da terra urbana. Mas, passado algum tempo, esta solução pode se revelar inviável e os depoimentos de José e Mara são expressões de vivências extremamente comuns entre trabalhadores sem tetos. Praticamente todos os ocupantes da V. Lídia passaram pelas mesmas situações em casa de parentes. O modo de vida provisório impede a concretização de um valor cultural fortemente arraigado entre as classes trabalhadoras do país.

Eu estava morando com a minha sogra, num cômodo no fundo. ... eu tenho a minha família e eu acho que eu preciso ter o meu canto para viver. Eu queria ter a minha casa e eu acho que trabalhando eu não vou conseguir, por causa do salário que a gente ganha. José

Mara, do mesmo modo, luta para deixar a casa de parentes, Por isso 'segura' na ocupação o lote de cada membro da família, a ser negociado com a Cohab e prefeitura. Morava com uma irmã casada, mãe, mais dois irmãos. Mais cinco sobrinhos e um sexto que está para nascer, todos da irmã. O problema desta família extensa está em conquistar para cada família nuclear um espaço íntimo de casa.⁹

Na impossibilidade de viver uma relação de permanência com o espaço de casa e com a família nuclear, até mesmo filhos podem ser adiados pelo casal. Um de seus irmãos, casado, vinha adiando filhos enquanto não conseguisse uma solução para o problema da moradia. Outro irmão, solteiro mas noivo, mantinha pretensões de casar logo e morar no lote da Cohab.¹⁰

⁹ Pesquisa do SEADE-DIEESE, sobre "Arranjos Familiares e Ciclos de Vida das Famílias Metropolitanas de São Paulo entre 1985 e 1993", confirma os relatos acima: "ampliação na proporção de famílias de chefe sem cônjuge com filhos", principalmente entre mulheres e 'persistência na proporção de famílias ampliadas'. A explicação não é mais o crescimento migratório, mas de 'artifícios de sobrevivência', que perdurou no período recessivo, de meados dos anos 80 e início da década de 90: 'a oscilação no crescimento de sua proporção sobre o total de famílias metropolitanas não permite afirmar que, aqui, estariam se configurando mudanças na organização das famílias metropolitanas ... sua manutenção decorreria das necessidades impostas pelo ambiente social externo de empobrecimento da população. A incorporação de parentes ou agregados é um dos possíveis mecanismos de sobrevivência familiar ao qual recorre a população metropolitana." *Pesquisa de Emprego e Desemprego* 1995:7

¹⁰ *Correio Popular*. Campinas. Carolina Martins. 'Sem teto invadem terreno na Dom Pedro. 13.05.96:7; "... Hoje, às 9 horas, uma comissão formada por cinco integrantes do movimento pretende ir até a Prefeitura e tentar uma negociação. Os invasores justificam a ação afirmando que a situação econômica do país está acuando os brasileiros e forçando-os a tomarem medidas radicais. O programador de

Mara, portanto, fala por ela, seu filho e representa todos membros de sua família extensa, que luta por desmembrar-se através da estratégia da ocupação urbana. É muito enfatizada a idéia de que cada um deve ter o seu 'canto',¹¹ comprovando que esta forma de coexistência para a sobrevivência, violenta princípios culturais e éticos profundamente arraigados entre eles. No entanto, é bastante disseminada pelas elites conservadoras a idéia de que estes trabalhadores tem a característica moral de querer viver em promiscuidade.¹²

Eu acho que a gente já morou junto tempo demais. Ela [a irmã mais velha] tem 6 filhos e eu quero o meu canto, porque quem é que não sonha em ter sua casinha, seu lugar próprio? Eu quero a minha casa, porque ela cria os filhos dela de um jeito e eu crio de outro. Então, eu acho que ela tem que ter o canto dela e eu o meu. Meu irmão já tem uma família, ele também pretende ter filhos e só não tem, porque não tem casa para morar. ... Eu quero esquecer tudo o que eu passei, tudo o que for preocupação, tudo o que vi na casa de minha irmã. Eu quero começar a viver uma vida nova para mim e para o meu filho. Mara.

Mara está em Campinas há poucos anos e, diferentemente de Silvia, pretende ficar e conquistar uma intimidade com a cidade para criar seu filho de sete anos. Morava em Candeias (BA) e ficou desempregada. Foi aconselhada por um tio a vir para a casa de sua irmã mais velha, que está na cidade há mais de 20 anos. Partiu porque achou que não tinha mais nada a perder. Compara sua terra natal com

materiais químicos. M.N.B., mora com os pais no São Marcos e precisa de pelo menos dois lotes. _'Vou me casar em breve e não tenho condições de arcar com todas despesas', explica."

¹¹ A imagem de 'canto' aparentemente tão banal e repetitiva deve, por isso mesmo, ser reconsiderada. Utilizaremos aqui como expressão que nega a realidade provisória: "O mais sórdido dos refúgios, o canto, merece um exame. Recolher-se ao seu canto é sem dúvida uma expressão pobre. Mas é pobre porque tem muitas imagens, imagens de grande antigüidade, talvez mesmo imagens psicologicamente primitivas. Por vezes, quanto mais simples é a imagem, maiores são os sonhos. Mas em primeiro lugar o canto é um refúgio que nos assegura um primeiro valor do ser: a imobilidade. Ele é o local seguro ... Um quarto imaginário se constrói ao redor do nosso corpo, que acreditamos estar bem escondido quando nos refugiamos num canto. ... Como dizer melhor que o canto é a casa do ser?" Bachelard.1988:146-7

¹² "Enquanto policiais militares acompanhavam a retirada dos móveis e materiais da área invadida, o ajudante geral J.N.G.da S., 49, procurava seus pertences deixados no meio das madeiras. S. é casado com M.T. e tem seis filhos - três meninos e três meninas. Com uma carroça, ele pretendia retirar as madeiras que antes formavam seu barraco. _'Estou vendo se não ficou nada por aqui, pois quero levar estas madeiras para um terreno de um amigo. Os móveis não terão jeito, ficam por aqui mesmo.', afirmou. Segundo S., no mês passado ele iniciou uma ampliação do barraco onde morava com os filhos. A nova construção iria medir 7,5 metros por 4 metros. _'Eu queria fazer mais um quarto para as crianças poderem dormir separadas. A gente é pobre, mas procura deixar as coisa em ordem.', disse." *Fôlha de São Paulo*. Caderno Fôlha Campinas. 'Famílias retiradas ontem de área da Fepasa montaram novo acampamento a cem metros do local: Sem teto desocupam área em Paulínia.' 09.11.96:5-6

Campinas e indica certos pontos positivos que pesaram em sua decisão de ficar. O filho está sempre no centro das razões de suas decisões de sobrevivência.

Quando minha irmã veio, tinha uns onze anos e a gente ficou lá o tempo todo, sem conhecer ela. Nesse período ela teve cinco filhos. A gente não conhecia os sobrinhos, não conhecia ninguém. Ele (o tio) disse que era melhor eu vir parar aqui com um filho, do que minha irmã ir parar lá, com cinco filhos. (...) lá na Bahia também é difícil a gente sobreviver. Não tanto pelo emprego, porque exploração no emprego lá também é demais. A gente trabalha mais do que ganha. Pior ainda, porque a gente está trabalhando e não tem quem olhe os nossos filhos. Aqui ainda tem a creche. Então, se eu achar creche pra colocar ele e trabalhar, eu prefiro ficar aqui.

Afirmando que a moradia é um problema muito grave 'em toda essa Campinas', considera a cidade como um lugar onde os pobres são forçados a morarem todos juntos, com parentes e, às vezes, amigos, sempre em situação de extremo desconforto, num mútuo sufocamento de individualidades.

... a maioria das pessoas mora sempre com parente, porque não tem um lugar para morar. Não tem condições de comprar um imóvel e não tem lugar para ir. Eu conheço várias que moram com parente. Acho que é esse o problema da grande maioria.¹³

Desde a infância Mara dependeu de morar com parentes, 'moradia de pobre' aparece muito mais associada a 'viver na casa dos outros'. O aluguel aparece como uma expectativa ou possibilidade individual distante e, neste caso, uma vivência desconhecida. Trata-se de convivências forçadas de vida, espaços exíguos a ser divididos com muitas outras pessoas da família, modo de vida suportado por grandes

13 "... a importância da família põe em foco o frágil equilíbrio em que estão estruturadas as condições de vida familiar. Qualquer 'acaso', seja o desemprego ou a deterioração das condições de salário e trabalho, seja a doença, a invalidez ou a morte dos provedores principais, pode jogar as famílias nas fronteiras da miséria. Em outras palavras, se a sobrevivência cotidiana depende de um esforço coletivo, as condições vigentes no mercado (e na sociedade) terminam por desfazer - real ou virtualmente - a eficácia possível das estratégias familiares. É isso que permite dizer que a insegurança é o elemento definidor de formas de vida." Telles.1993:17

contingentes de trabalhadores 'sem lugar definido' na cidade, lutando para evitar o despejo.¹⁴

O aluguel é sempre provisório. Nunca pode dizer assim: 'Estou tranquila'. Porque você sabe que vai ter que sair um dia. A gente espera nunca ficar desempregado, porque tem que ter aquele dinheiro ali, todo mês, para pagar aquele imóvel com todo mundo. Se tem um terreno, um lote, mora ali até construir uma casa. Agora, se não tem mesmo, tem que ficar na alugada até arrumar uma solução melhor. Mas, eu acho que ninguém gostaria de pagar aluguel. Todo mundo gostaria de ter seu lugar definido.

A ética do habitar das classes trabalhadoras faz esta clássica associação entre, constante esforço para 'parar um pouco', 'conseguir um canto' para obter a referência de pertencer à vida social e, ao mesmo tempo, criar possibilidades de uma poupança popular para o lote, a casa futura da família. Este objetivo social é representado em geral como dois ou três cômodos iniciais e tem um significado cada vez mais intenso na história da habitação popular no Brasil, atestado por incontáveis estudos habitacionais.

...todas as pesquisas feitas sobre aspirações, projetos e estratégias familiares foi que a aquisição (ou construção) da casa própria estava em primeiro lugar. ...um valor cultural profundamente arraigado e reafirmado: a busca da estabilidade contra as incertezas de mudanças não queridas, a segurança para a coesão familiar, o poder de organizar seu próprio espaço.¹⁵

Dona Ana acha injusto ter lutado durante toda sua vida para manter o aluguel em dia e 'terminar' sua vida numa ocupação. Concorda com Mara sobre a dificuldade de manter uma moradia sozinha, devido à insegurança como modo de vida, mas a expectativa de conquistar um lugar - 'para sempre' - de transcendência individual e familiar se mantém viva na ocupação.¹⁶

¹⁴ "Cerca de 95 famílias do bairro União da Vitória, próxima ao conjunto habitacional Mauro Marcondes, invadiram uma área na entrada do bairro ... o terreno está abandonado há mais de 15 anos. ... O jardineiro, desempregado, N.F. mora com nove pessoas em um cômodo e meio no bairro União da Vitória: 'Não é possível continuar assim. Preciso fazer alguma coisa', se desespera." *Correio Popular*, Campinas. Caderno Cidades. Carolina Martins. 'Sem-teto invadem área em bairro'. 13.05.96:3

¹⁵ Sader, 1988:110,111

¹⁶ "A cobradora da VBTU, A. M. G. de A., de 60 anos, passou a noite encolhida em uma barraca improvisada com galhos de madeira e plástico. 'Moro sózinha e já não consigo mais me manter com os preços do aluguel', afirma. Outro que reclama dos preços e do salário é o carpinteiro G. M. de

Se for só da gente mesmo, então é para sempre. Aluguel, ocupação, é tudo provisório, porque não é da gente. Vim parar aqui porque eu queria conseguir pra mim mesmo e meus filhos.

Falar em diferentes tipos de moradia provisória na cidade obriga a reproduzirem o discurso dominante do 'sonho da casa própria' como solução futura, e isto inclui apelar à ocupação urbana como último recurso. O fim na crença deste imaginário social equivale a impedi-los de se sentirem capazes de fazerem frente às dificuldades cotidianas da vida, dar um sentido de autonomia para suas existências.

Imaginar uma casa é uma poderosa força objetiva e subjetiva para a ação concreta dos sem teto, pois tanto podem construir imagens íntimas, como passam adiante o valor, a importância de se desenvolver devaneios existenciais aos seus descendentes, uma das poucas maneiras que encontram para tentarem preservar alguma continuidade para as histórias familiares e enfrentarem o avassalador não reconhecimento a que estão socialmente submetidos pelo modo de vida provisório.¹⁷

O despejo e o desemprego, ao contrário, seriam expressões máximas de interrupções do direito a ter projetos de vida e passar um sentido plausível de vida para os descendentes, que acontecem invariavelmente através de 'sonhos', devaneios sobre o futuro familiar. Por isso a ocupação emerge como última tentativa para evitar novas desterritorializações, fragmentações de histórias familiares e de si mesmo. Os despejos são vividos, portanto, como símbolos de uma reprovação pública, condenação social e moral sobre sua capacidade de gerir e planejar a vida individual e familiar, portanto, como preconceito, discriminação social.¹⁸

C. 'Moro com cinco pessoas em um barraco de quatro cômodos e pago R\$ 150,00 de aluguel. O problema é que eu ganho apenas R\$ 350,00 bruto', diz." *Correio Popular* Campinas. 'Sem teto invadem terreno na Dom Pedro: as 45 famílias dos Jardins São Marcos e Campineiro, que formam grupo de 200 famílias, começaram a invasão ontem pela manhã.' 13.05.96:7

¹⁷ Thompson afirma: "... histórias de famílias são uma forma de memória coletiva, cujas características específicas nas sociedades ocidentais raramente têm sido examinadas." *Ciências Sociais Hoje* 1993: 11. (Nos ocorreu que a temática do despejo, além dos estudos sobre a migração interna, pode tornar-se um importante aliado para investigações sobre histórias familiares das classes trabalhadoras do país.)

¹⁸ "Mais de 300 sem teto que há nove meses ocupavam glebas de terra do Departamento de Estradas e Rodagem (DER) e da Fazenda Santa Bárbara, na Vila Boa Vista, tiveram seus barracos derrubados ontem por ordem da Justiça. Entre os invasores - 104 famílias, cuja maioria será obrigada a voltar para as ruas da cidade - encontram-se crianças de até quatro dias de idade, deficientes físicos e mulheres grávidas. ... Com rapidez, os dois oficiais de Justiça designados pela 5a. Vara, acompanhados por um contingente de 10 homens da Polícia Militar, acordaram todos os moradores e anunciaram o despejo. Logo a seguir, vários carros com mais de 30 trabalhadores contratados para desmanchar os barracos chegaram, junto com sete caminhões alugados ... para transportar as tábuas dos barracos e os

Por isso a importância da metáfora do 'sonho da casa própria', que apesar de seu conhecido conteúdo ideológico conservador, nos proporciona, contraditoriamente, a possibilidade de conhecer determinados valores éticos do habitar dos trabalhadores sem teto. O desejo de casa estimula o sujeito a ter uma imaginação individual dinâmica, cambiante, motiva devaneios sobre perseguir sempre mais e melhores condições de vida, autonomia e transcendência individual e familiar.

Assim sendo, é preciso evitar o entendimento da prioridade da 'casa própria' apenas como aquisição do lote ou construção da casa material individual. O objetivo é ainda não circunscrever os estudos a denúncias sobre as razões e números de déficits habitacionais do país, da pobreza, dificuldades de financiamentos, debilidades dos programas oficiais, etc. Análises indiscutivelmente indispensáveis, que contribuem decisivamente para conhecermos a histórica precariedade da habitação popular no Brasil, mas insuficientes para entender socialmente o significado da subjetividade da casa entre os trabalhadores sem teto.

A questão está em descobrir como problematizar a violência da habitação provisória que coloca em contradição valores de permanência e intimidade do habitar do 'chefe provedor' e/ou da 'mãe-de-família' das classes trabalhadoras, negando o direito a construir um sentido de vida moral e passar histórias familiares aos seus descendentes.¹⁹ Parece-nos que explorar a expressão genérica e ambígua de 'sonho da

eletrodomésticos dos moradores. Os oficiais de Justiça, no entanto, não souberam informar com precisão para onde seriam levados os objetos e os próprios invasores, apesar de terem um ônibus colocado a seu dispor, não tinham para onde ir. 'Nossas instruções são apenas para reintegrar a posse'. ... Enquanto isso, a baiana I.S. procurava juntar os seis filhos em sua volta, enquanto implorava inutilmente que os peões não desmontassem sua casa com martelos e machadinhas ... 'Vocês vão quebrar tudo! Esperem meu marido que ele ajuda a desmontar com cuidado', dizia. ... Á.C., mãe de A., um deficiente físico de 20 anos, pensava em uma alternativa pessimista para sua família. 'Não posso ficar andando por aí com ele de muletas. Então acho que vou mesmo para debaixo de uma ponte. Em outra ocupação eu nunca mais boto o pé enquanto viver. É muita decepção morar nove meses em um lugar e ter sua vida destruída em um dia pela Justiça', desabafou." *Correio Popular*, Campinas, Cadernos Cidades. Dario Carvalho Junior. "Justiça despeja 104 famílias sem teto" 22.11.95:1

¹⁹ "Duas famílias que foram despejadas por determinação da Justiça de Paulínia de um conjunto habitacional invadido em outubro do ano passado estão ocupando a calçada em frente ao prédio da Prefeitura há dois dias. ... A situação mais crítica é a da doméstica R.A.dos S., de 32 anos. Ela e seus três filhos, de 8,6 e 2 anos de idade, dividem um dos colchões e estão se alimentando do que conseguem arranjar com pessoas que passam pelo local. Rosane diz que invadiu a casa no conjunto popular porque a residência onde morava antes era cedida por um conhecido que precisou do imóvel e pediu para que ela saísse. 'Eu não tenho para onde ir com meus filhos e nem ir trabalhar mais eu posso, porque tenho medo de deixar as três crianças sozinhas na rua', conta. ... Segundo o diretor do Departamento de Habitação do município ..., 'O déficit habitacional da cidade é de 4 mil casas e a Prefeitura não tem como resolver o problema de toda essa gente. As famílias que estão sendo despejadas foram avisadas, desde o início de que teriam que sair', explica.(SM)." *Correio Popular*, Campinas, Caderno Cidades. "Famílias se 'mudam' para a rua por falta de casa em Paulínia" 13.03.97:7

casa própria', que desconhece singularidades e a complexidade histórica de seus significados culturais, simbólicos e subjetivos, é essencial para esta discussão.

Da mesma forma, termos como despejo, aluguel e outras categorias, que envolvem reflexões em torno do mundo da moradia, devem perder seu caráter universal abstrato e consensual. Os sem teto especificamente entendem o despejo como uma experiência mais complexa do que seu sentido legal ou literal, que podemos resumir como:

... desocupação compulsória de um imóvel alugado, por decisão judicial; ação judiciária para que o inquilino saia da casa alugada. ²⁰

Os relatos nos remetem para a idéia de expulsão social, mas também para um 'exílio' subjetivo, ausência de um experiência existencial onde possa 'pousar', 'repousar', 'aquietar-se' em seu mundo subjetivo. O mesmo ocorre do ponto de vista exterior, social, não pode pertencer à 'nação' ou cidade que nasceu ou escolheu para viver. Outros sentidos de despejo, desocupar, desabrigar, talvez ajudem a liberar imagens mais diretas sobre o sentimento de 'exílio' e 'expatriamento' interno. Indiretamente está associado também à idéia de 'separar' o corpo do despejado e sua de família, este deve se sentir 'marcado', 'condenado' diante do contexto social em que vive.

...ato ou efeito de despejar; aquilo que se despeja; lixo; dejeção; livrar do estorvo; desocupar; evacuar; deixar a casa, o lugar. ²¹ Desabrigar: tirar o abrigo a; deixar exposto ao tempo ... Desamparar, desproteger, abandonar ... Desabrigado: que não tem abrigo. Exposto às intempéries. ²²

Basicamente encontramos entre os sem teto a distinção entre 'ser despejado' e 'se sentir despejado'. O primeiro tem um caráter social, institucional, seja através do proprietário particular, seja propriedade pública, neste caso conhecido mais como 'remoção', com processo judicial e auxílio policial, em geral. Os dois tipos são abundantes nas histórias de vida dos sem teto e possuem o mesmo efeito dramático. Simboliza uma degradação moral, um sofrimento de 'morte' social, desumanização do

²⁰ *Novo Aurélio Básico da Língua Portuguesa* 1994; *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* 1979.

²¹ *idem*. 1994; 1979.

²² *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1986.

sujeito. Uma violência social muito recorrente na dinâmica de funcionamento da habitação provisória, necessitando ser investigada de forma mais sistemática.²³

Em vez de me ajudarem, eles [funcionários da Prefeitura de Paulínia] queriam arrumar telhas ... pra me tirar da cidade. Isso me doeu muito.

José, sem ter para onde ir e quase sempre sofrendo de 'cansaço mental' foi expulso primeiro da casa da mãe (alcoólatra). Tentou uma outra saída de moradia em Paulínia, antes de ir para a casa da sogra em Campinas. Procurou a Secretaria da Habitação para fazer um 'cadastramento', órgãos que acabam reproduzindo inúmeras estratégias disciplinares para manter em funcionamento o modo de vida provisório de trabalhadores sem teto. No seu caso 'ganhou' telhas, mas não o espaço para viver onde nasceu. São critérios que impedem o acesso ao pertencimento social através de políticas habitacionais do Estado.²⁴

²³ "Como espetáculo, visível por todos os lados, a pobreza aparece, no entanto, no registro da patologia, seja nas evidências da destituição dos miseráveis, que clamam pela ação protetora e assistencial do Estado, seja nas imagens da violência associadas à pobreza desmesurada e que apelam para a intervenção estatal preventiva, mas sobretudo repressiva." Telles 1993: 9.10

²⁴ "... Arriscar a vida de duas crianças por alguns quilos de madeira e pregos pode parecer loucura, mas não é o que pensa M.J.. Despedida da casa em que trabalhava por ter engravidado de Angélica _'empregada doméstica grávida não presta'_ a paraibana de 28 anos investiu no pequeno barraco tudo que restou depois de, seis meses antes, ter sido despejada pela primeira vez, ironicamente, também pela Defesa Civil e pelo mesmo motivo: a chuva. _'Paguei R\$200,00 por um barraco no Jardim Londres que ficava em área de risco. Consegui o dinheiro de volta e comprei aqui no Satélite, e ninguém vai devolver nada. O que faço agora?', questiona. Hospedada em uma casa do bairro - alternativa que só aceitou para não ver Angélica e Ketlen encaminhadas para o Centro de Recepção e Triagem de Menores (CRTM) - M. J. deixou de lado o sonho de um dia ver as filhas transformadas em professoras para enfrentar o pesadelo causado pela chuva. ... A velha TV e o aparelho de som que trouxe da Paraíba ainda permanecem no barraco. _'Não temos onde colocar. E estamos hospedados aqui de favor, o dono já avisou que em quatro dias temos que ir embora', conta, tentando disfarçar as lágrimas que ameaçam cair olhando para as paredes de tijolo e o teto sem buracos da casa temporária. ... Emprestar R\$30,00 de alguém é a maior preocupação ... no momento. O dinheiro, explica, é para pagar uma taxa pedida pela Cohab de Campinas, necessária para participar do projeto Habitacional Vida Nova. A quantia corresponde exatamente à metade do salário que o marido, o faxineiro R.C., recebe por 15 dias de trabalho. ... É claro que, além dos R\$30,00, M.J. ainda precisará arrumar dinheiro para pagar o carro que levará a madeira do barraco e os poucos utensílios da família para a nova moradia. _'Mas isso eu vejo depois, agora preciso é de R\$ 30,00', diz, em desespero." *Correio Popular* Campinas. Caderno Cidades. Dario Carvalho Junior. "Família vive drama, mas fica unida" 11.01.96:4; '... A família de F.D., 33 anos, enfrenta um drama. Ela foi transferida segunda-feira com mais cinco frilhos para o abrigo provisório na Avenida John Boyd Dunlop. Já viveu em Campinas, mas voltou de Piracicaba somente há cinco meses, o que a impede de ser beneficiada com lote urbanizado no Vida Nova. _'Eu tenho R\$30,00 para dar de entrada no terreno e não consigo comprar outro lote qualquer sem ajuda.', lamenta." *Correio Popular* Campinas. Caderno Cidades. Marcelo Santos. 'Famílias correm risco, mas não deixam barracos' 12.01.96:4

Diz ter pedido, implorado e mesmo chorado de desespero, mas não adiantou. Sentiu que a situação era 'uma coisa muito grande' na vida dele, 'pensava demais' e não via saída. O despejo, desta vez, foi vivido como uma expulsão da cidade onde tinha nascido, da terra natal. Também é mais do que conhecida a 'solução' dos órgãos públicos de recorrerem à expulsão dos 'estrangeiros', com o discurso de que devem voltar para seus lugares de origem por falta de qualificação profissional.²⁵

O que chama a atenção ainda é o fato dos órgãos públicos induzirem cada vez mais à prática de moradia em famílias extensas como 'solução' para os sem teto, quando recorrem a despejos coletivos (reintegrações de posse), por exemplo. A imprensa registra amplamente esta ocorrência, inclusive através de discursos oficiais, como se fosse um encaminhamento plausível para o problema.

Eles falaram que não tinha jeito, que eu procurasse aqui em Campinas, na casa de algum parente da minha mulher [foi para a casa da sogra no Jd. Itatiaia]. Eu disse que não tinha como construir porque estava desempregado. Disse que tinha arrumado madeirite e eu só queria que eles arrumassem telha pra mim. Eles não quiseram também. Isso me doeu muito ... E eu nasci ali e não consegui nenhuma ajuda. Em vez deles me ajudarem, eles queriam arrumar telhas pra eu sair de lá, pra eu não construir um barraco lá, pra me tirar da cidade. Isso me doeu muito. Se eu conseguisse uma casa lá, eu ficava. Só que eu não tive chance e oportunidade. Não pude fazer nada, porque eu estava desempregado. Sinceramente eu não quero voltar a morar lá, porque o que eu passei lá me doeu muito. Em Campinas eu estou sendo bem melhor recebido. ... Ainda não deu pra ver. Pelo menos eu me instalei no terreno aqui, que é da prefeitura e estou aqui. Ainda estou morando. Ninguém ainda me expulsou da cidade. Ninguém pediu pra eu sair ainda, por enquanto. Estão se propondo a ajudar.

²⁵ "A idéia é tão simples quanto perversa: quem não tem qualificação suficiente para obter um emprego é remetido de volta para o lugar de onde veio. Por um lado, é assim que muitos indigentes acabam conhecendo o país inteiro. Por outro, o estratagema serve para um grande jogo de hipocrisia nacional, em que cada cidade se declara irresponsável pelos migrantes alheios. O programa não é exclusivo do DF - há semelhantes em São Paulo, Rio, Curitiba, Ribeirão Preto e Belo Horizonte." *O Estado de São Paulo* Caderno Cidades. Marcos Emílio Gomes. "Povos de Rua. Prefeituras 'repatriam' migrantes: cidades mandam seus candidatos a indigentes de volta para locais de origem." 01.04.92:3; *Folha de São Paulo* Caderno Cotidiano. "Favela Caiçara 3: São Sebastião dá passagem de ônibus para tentar convencer os favelados a voltar para o lugar de origem. Cidade 'devolve' dez famílias por semana" 20.10.96:3-3; "Dormiram ao relento na noite de ontem as 11 famílias de sem teto de Hortolândia que tiveram suas casas demolidas no dia anterior devido ao cumprimento de um mandado de reintegração de posse. A Prefeitura da cidade, proprietária da área invadida ... não arrumou abrigo para os moradores. ... à frente da Delegacia de Polícia do município, pernотaram se queixando de frio, fome e do descaso da Prefeitura. ... O vigia R.C.dos S. disse que o grupo só procurou abrigo na polícia por sugestão do procurador da Prefeitura, F. G., que nega a suposta indicação: 'Estamos aconselhando o pessoal a voltar para seus Estados de origem ou para as casas e barracos que mantinham em Hortolândia', avisa o procurador. Segundo ele, a Prefeitura tentaria ainda ontem uma 'saída provisória' para os sem teto." *Correio Popular*. Campinas. Cadernos Cidades. "Desalojados de Hortolândia passam a noite ao relento" 09.06.94:4

Enquanto circula no caminhão da prefeitura como ajudante de serviços gerais, pensa em outros sem teto, que devem estar passando pela mesma situação que ele e enfatiza sua opinião sobre os despejos quando conta sobre seu incrível hábito de observar os grandes espaços vazios da cidade na carroceria do caminhão da prefeitura.

Acho o despejo um horror. É terrível! O próprio governo tem tanta terra aí, que não está sendo usada pra nada e tanta gente na rua de Campinas. Eu vejo o descaso do governo, do prefeito da cidade.

Em relação ao aluguel, dona Ana contou uma história semelhante aos outros sem teto. Mudou várias vezes, mas não esquece do que passou com um dos locadores. Posicionou-se, como das outras vezes, de forma veemente contra os despejos em geral, antes de referir-se mais detalhadamente sobre sua experiência particular. Toca na questão central da habitação provisória: uma 'máquina de morar' que ignora por completo a individualidade, as condições de vida e a ética do habitar do sujeito que aloca uma moradia sem nenhum amparo jurídico e social.

Eu acho assim: quando é uma pessoa que é acostumada a morar num lugar e não paga o que deve aos outros, aí tudo bem. Mas, se a pessoa mora numa casa da senhora, num imóvel da senhora e chega naquele dia e não pode pagar, vai fazer um acordo. E se a senhora não aceita, também é uma pessoa que não tem consideração com ninguém. Eu acho assim, porque se fosse eu mesmo e a pessoa conversasse comigo: 'Olha, está se passando assim, assim...' Eu tinha consideração com a pessoa, porque todo mundo é humano. Mas, não é todo mundo que é igual.

Despejo e violência moral se equivalem, semelhante à situação de um mendigo que 'expulso' da sociedade onde vive, virou 'lixo', perdeu o direito de partilhar a cultura, quer dizer, o 'valor' humano, como uma volta ao mundo natural, completamente desamparado pelos referenciais de sua própria 'nação'. Revela ainda sua frustração em não poder ajudar, amparar os despejados, que vivem este acontecimento tão desalojador de forma absolutamente solitária.

O despejo é quando uma pessoa joga a outra na rua. Mete o pé e deixa jogado na rua. Como uma pessoa que não tem valor, um mendigo. Aquelas pessoas que vivem jogadas na rua. É isso que eu acho. Pra mim é a coisa mais humilhante da vida. É uma humilhação que uma pessoa faz com a outra. Parece até que não é gente, que é um bicho jogado. Porque tem muita gente que é despejada. Meu Jesus! O que será daquela pessoa? Quando eu ouço falar: 'Fulano foi despejado'. Nossa Senhora! Se eu pudesse, eu ajudaria as pessoas que estão igual a eu ou pior. Porque, às vezes, eu reclamo da minha vida. Mas, se eu for olhar pra frente, tem gente pior que eu. Nossa! Já tentei. Mas, fazer o que? Eu também não posso ajudar ninguém. Porque eu já quase entrei nessa e não teve ninguém pra me ajudar.

Para o 'apoiador' de movimentos de ocupações, despejo também significa 'exílio', vergonha, sofrimento pela incapacidade de cuidar de si mesmo e da família 'na própria terra'. O despejo simbolicamente equivale a uma 'sentença de morte' moral, destruição de valores éticos do sujeito trabalhador.²⁶

Despejar você de um lugar é a mesma coisa que falar que você não tem condições de sobreviver. Sabe, é um negócio esquisito. Porque aquela linguagem 'a rua', você fala 'a rua é...'. O despejo é a mesma coisa de uma pessoa pegar você e mandar você embora do país. A partir do momento que você é despejado... eu, no meu caso, me sentiria muito envergonhado.

Num determinado momento olha ao longe e pensa em voz alta, como se estivesse só na ocupação. Encenou uma dramatização da situação para explicar melhor o que pretendia. Depreendemos da sua visão que, enquanto o trabalhador de habitações provisórias não for 'um despejado', ele pode acreditar que um dia terá a 'sua casa'. Mas 'se o pior acontecer', a crença é a de que deixou de ser capaz de 'erguer a vida', de sonhar com a casa futura, que está intimamente associada ao desejo de um vir a ser de sujeito, tanto social como individualmente falando. O despejo funciona

²⁶ Simmel chamou situações sociais semelhantes a esta de *'fenômeno do estrangeiro'* quando *'...o indigente e as variadas espécies de inimigos internos ... é um elemento do próprio grupo.'* No caso dos sem teto, o que o torna 'estrangeiro' deve ser entendido no *'sentido figurado'* *'...não é um proprietário de terra - não apenas no sentido físico de terra, mas ... de uma substância vital que é fixa, se não em um ponto do espaço, ao menos num ponto ideal do ambiente social.'* Os sem teto percebem esta discriminação e internalizam o processo de 'expatriamento', o sentido de 'estrangeiro' no momento da expulsão, do despejo e tentam denunciar como a exclusão social *'...rejeita até mesmo aquilo que se tem em comum ... os atributos genéricos, percebidos como pura e especificamente humanos, são aqueles não permitidos ao outro ... a relação com ele é uma não-relação: não é ele que tem relevância aqui, como membro do próprio grupo.'* in *Sociologia* Evaristo de Moraes Filho (org).1983:183-4,187.

como uma espécie de 'divisor de águas' entre humanização e desumanização do indivíduo, entre 'ser brasileiro' e 'ser um indesejável para a nação'.²⁷

É desse modo que o sujeito despejado se sente 'proibido' a partilhar do imaginário social e cultural da 'casa própria' dos demais trabalhadores. Portanto, pagar aluguel e não ter a 'propriedade privada' (em geral definido como um lote com três cômodos) não é o pior que pode acontecer a um sem teto. O que mais evitam, numa luta cotidiana dramática para pagar aluguel e se manter num emprego, é vivenciar despejos. O discurso de querer 'pagar a terra' em ocupações não deve ser entendido apenas do ponto de vista de almejar as garantias legais de um contrato jurídico. Devemos reconhecer aí também a luta para não viver o 'fenômeno do estrangeiro' de que fala Simmel, Por isso quer tornar-se 'dono da terra', pagar de algum modo para pertencer à 'nação'.

No caso de Campinas, se não conseguir legalmente um lote popular do projeto habitacional municipal, recorrerá à uma ocupação, na maioria das situações terminará despejado, vagando pelas ruas.²⁸

Despejado porque?! Você pensa: 'Eu não precisava disso. Eu posso ter a minha casa!' Só que a partir do momento que você é despejado e diz: 'Eu posso ter a minha casa', você está mentindo pra você mesmo. Está se iludindo, pois você não tem condições de ter a sua casa, enquanto tiver essa política. É a partir das ocupações que você vai tá contribuindo com isso. Porque uma ocupação não é querer a terra de graça. Ninguém está pedindo nada pra ninguém. Pra não existir o despejo, teria que ter uma bruta política habitacional, coisa que a gente não tem aqui. Então a ocupação o que é? É a pressão pra eles tá agilizando essa negociação.²⁹

²⁷ Calligaris homenageou um sem teto em seu livro *Hello Brasil, no dia em que apresentou pela primeira vez suas cogitações sobre a alta frequência da frase este país não presta*. "... o cotidiano de Porto Alegre. *Zero Hora* publicava em destaque a fotografia e a história de Valdomiro Oliveira, que de repente homenageei: 'Sob o viaduto Imperatriz Dona Leopoldina, nas avenidas João Pessoa e Perimetral, estão instaladas várias pessoas que não tem outros locais para morar. Isso acontece em outros pontos da cidade, mas nenhum, como o mendigo Valdomiro Oliveira, tem uma bandeira brasileira para marcar sua residência.' Valdomiro faz certo: é na beira do horror que precisa plantar a bandeira, pois é só a partir daí, sem esconder, que talvez ela possa se tornar uma bandeira." Calligaris.1991.23,24

²⁸ "... H.S., foi despejada na quarta-feira por policiais militares, ainda em dieta pós-parto. 'Eles pegaram o berço, com o meu bebê de 20 dias e colocaram na rua', frisou. Ela e o marido ficaram vagando pelo bairro durante três dias até acharem uma outra casa. Segundo Hélia, seu filho ficou doente e foi levado por sua irmã para ficar no DIC IV. 'Tentei várias vezes falar com alguém na Cohab, mas eles não me recebem', desabafou." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Carolina Martins. "Mutuários expulsam invasores da Cohab: Sem ter para onde ir, invasores de casas inabitadas e retirados por ação judicial reocupam outras do loteamento". 28.11.94:7

²⁹ "A desempregada I.M.M.H. e a ambulante L.S.M. foram as primeiras pessoas a se cadastrarem no 'Projeto Uruguai' [Projeto não oficial, denunciado mais tarde na Justiça pelos sem teto contra o 'líder', foragido]. ... 'Tem que dar certo', confiava Iris, despejada há poucos dias de uma casa no Parque Itajai

Aluguel e Despejo ou o Despejo dos Outros

Nas histórias de casas dos sem teto da V. Lídia, vamos encontrando insistentemente os valores do 'inquilino honesto' que gostariam de manter, sem possibilidades. As arbitrariedades, violências e impunidades permeiam as relações cotidianas entre inquilinos pobres e proprietários de imóveis, desfazendo a organização familiar que, por sua vez, tenta se reconstruir novamente em outro imóvel, até que isso não seja mais possível.

Estudos mais detalhados sobre o tema habitação provisória poderiam problematizar melhor a impressão equivocada de que estes trabalhadores estão de alguma maneira 'fixos' na paisagem urbana, onde pensamos vê-los em sua generalidade, impessoalidade, como nas imagens de favelas, cortiços, ocupações, presentes, por exemplo, nos meios de comunicação de massa.

É muito mais corrente do que supomos a dificuldade em perceber os em movimento, deslocando-se intensamente de lugar para sobreviver, especialmente no interior da mesma cidade, fenômeno provavelmente acelerado a partir de meados dos anos 80, quando grande parte das favelas vão se estabilizando, tanto política como juridicamente falando, devido aos movimentos sociais por habitação, além dos problemas de recessão econômica, desemprego, entre outros que agravaram a situação de pobreza do país.

No caso, o obstáculo em reconhecer reiterados deslocamentos de famílias de sem teto é muito maior do que a circulação, igualmente intensa, de trabalhadores sem famílias, mais facilmente identificáveis na busca de serviços temporários no campo e na cidade, andando sozinhos ou em grupos em ruas e estradas, construção civil, pensões próximas de rodoviárias, albergues, etc.

A tendência dominante continua sendo a de supor que os deslocamentos de chefes de famílias, homens ou mulheres, se dá prioritamente por procura de emprego, enquanto os filhos são mantidos 'em casa'. A intensidade das ocupações urbanas na

3. Sua expectativa faz sentido. Chegou a vagar por casas de amigos e por pouco não foi literalmente para a rua. Paga R\$50,00 de aluguel por um pequeno cômodo de fundos, também concessão de uma amiga, mas com prazo determinado para sair. A ambulante L.M. ... mora numa casa alugada na V. Nova, mas tem que sair de lá até novembro deste ano, por conta da denúncia vazia. "Também não dá para continuar pagando aluguel o resto da vida", observa ela, de olho na casa própria." *Carreio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Marcelo Pereira. "Sem teto importam alternativa às invasões: Esperança na fila de inscrição". 06.01.95:1

última década, pelo menos em Campinas, desmente esta visão do problema. A repetição de promessas de políticas de emprego ou de políticas para aquisição de casa própria para a população de baixa renda, ainda que se tornem realidade no presente, deixam intocadas algumas questões essenciais da reprodução e funcionamento do modo de vida provisório.³⁰

Enquanto não conquistarmos uma cultura de interesses públicos que defina uma política de reforma urbana democrática nas cidades do país em detrimento dos interesses privados, ficaremos à mercê daqueles que estipulam unilateralmente regras de alugueis, estoque e concentração de terras urbanas, à margem da discussão de leis que preservam privilégios. Por isso as ocupações acabam se tomando o caminho mais árduo e quase sempre extremamente frágil para se tentar a conquista da cidadania, o direito à habitação, com consequências e custos sociais a serem melhor desvendados, investigados com mais sistematicidade.

Desta perspectiva, nosso trabalho de pesquisa revelou que torna-se difícil ou insuficiente reconstituir a intensidade da provisoriedade destas famílias através de entrevistas qualitativas. Seria preciso recorrer a outras estratégias de pesquisas, como a constituição de uma equipe de trabalho que acompanharia passo a passo a intensidade das mudanças e tipos de moradias, observando durante algum tempo a trajetória de luta pela sobrevivência de casais com filhos, de diferentes gerações. Como analisar, por exemplo, os custos sociais em termos da falta de uma referência estável para o atendimento à saúde ou o acesso à educação de crianças e adolescentes que vivenciam a habitação provisória?

Apesar da limitação das entrevistas para analisar tantas questões, estas apontam aspectos expressivos para a continuidade das discussões a partir da organização das memórias de casas empreendidas pelos trabalhadores sem teto, evidenciando a insegurança e violência a que estão submetidos no modo de vida provisório. São lembranças de muitas mudanças, de um cômodo de aluguel para outro, casas de parentes, migrações entre cidades da região de Campinas e mais raramente para o interior do estado de São Paulo ou para outros Estados do país.

³⁰ "Num registro e no outro, a pobreza é transformada em natureza, resíduo que escapou à potência civilizadora da modernização e que ainda tem que ser capturado e transformado pelo progresso. Nas suas múltiplas evidências, é fixada como paisagem. Paisagem que rememora as origens e que projeta no futuro as possibilidades de sua redenção, a pobreza não se atualiza como presente, ou seja, nas imagens do atraso, aparece como sinal de uma ausência. E é esse o ponto: entre a imagem do atraso e o horizonte idealizado do progresso, a pobreza é encenada como algo externo a um mundo propriamente social, como algo que não diz respeito aos parâmetros que regem as relações sociais." Telles.1993:10

Conseqüentemente são histórias individuais e familiares muito recortadas por separações, sofrimentos, esquecimentos, todas relacionadas com o espaço vivido.

Dona Ana, ao justificar sua ida para a ocupação, deixa claro como é moralmente difícil reconhecer a impossibilidade de cuidar de si própria; quer dizer, de continuar trabalhando e morando 'honestamente', 'dentro da lei', mesmo pagando o preço de adiar seu objetivo maior: o da conquista da casa própria através de seu trabalho.

A turma falava: _ 'porque que a senhora não pega um terreno aí?' Porque eu sempre paguei aluguel sozinha. Eu e Deus, desde quando o meu marido era vivo. Sempre paguei aluguel, ele não se preocupava com nada. ... E eu sempre naquele batido, trabalhava dia e noite. Eu saía seis horas da manhã de casa e chegava às sete horas da noite. Chegava e sentava numa máquina de costura. Só saía às três horas da manhã para poder agüentar a vida e sustentar os filhos. ...Querida continuar [no cômodo de aluguel em que vivia antes] e só não estou lá porque vim parar aqui. Sempre paguei na hora certa. Nunca ninguém me cobrou e eu não dei motivo. Eu gosto de pagar no dia certo. ³¹

Estes trabalhadores e trabalhadoras tentam ter acesso à ética do habitar primeiramente pagando aluguel, porque isto está intrinsecamente aliado à expectativa de se tornar sujeito juntando uma poupança para a casa futura de forma autônoma. Isto é, enquanto pagam aluguel acreditam estar mais próximos dos códigos morais de respeitabilidade, sinal da capacidade de se manter individual, familiar e socialmente falando. Ao mesmo tempo, se sentem mais livres, independentes para desenvolver devaneios da casa futura.

A ocupação, ao contrário, exige que os sem teto elaborem uma reflexão para aceitarem a perda da capacidade de autodeterminarem minimamente suas existências e a impossibilidade em se manterem nos territórios oficiais da cidade. Preferiam estar 'em dia' com a moral do 'inquilino honesto', mesmo estando dentro dos limites

³¹ Pesquisa de Condições de Vida (PCV) na Região Metropolitana de São Paulo da Fundação SEADE, realizada entre junho e agosto de 1990, em 5.500 domicílios, revela que 39% foram classificados como '*pobres*' (renda insuficiente para a sobrevivência), sintetizando ainda situações semelhantes às das mulheres da ocupação da Vila Lídia: "...é inegável que as famílias chefiadas por mulheres negras ou pardas são o conjunto populacional da Região...que apresenta condições materiais mais adversas. ...estão em posição desvantajosa em face daquelas chefiadas por brancas e das chefiadas por homens de ambas as etnias...o percentual de barracos e cortiços é duas vezes maior entre as famílias chefiadas por mulheres negras ou pardas...superior inclusive àquele captado entre famílias chefiadas por homens de cor negra." *Famílias Chefiadas por mulheres* 1994: 16,81.

discriminatórios de legalidade estabelecidos pela lógica da habitação provisória, como no caso de aluguel sem contrato que grassa pelas periferias das cidades.³²

Eu acho que a minha intenção era manter direito aquele aluguel, água, luz, tudo, para continuar a ter onde morar, né? Porque você depende do aluguel e o dono pode encrencar a qualquer momento, com qualquer coisa. E vai sair dali pra ir onde? O aluguel está difícil. Silvia

De uma imensa gama de histórias de despejos, moradias de aluguel e casas de parentes, vamos entrando em contato com as tramas das violências, impunidades, arbitrariedades que permeiam o cotidiano das relações entre inquilinos e proprietários de imóveis na periferia e o sufocamento da subjetividade em família confinadas em espaços exíguos, precários. O assunto é penoso pelo fato de verem suas vidas tão submetidas à dominação dos proprietários de imóveis e do Estado, que definem de forma praticamente absoluta o tempo e o espaço de seu habitar. O aluguel como vivências de tensão pode ainda se tornar fonte de vergonha, embora apareça quase sempre como uma questão de 'azar' do destino de cada família do que uma questão da cultura política autoritária do país.

Do aluguel eu não acho nada. Eu acho que o trabalhador não espera nada. Porque ele está pagando aluguel, está morando, tudo bem. Acho que para ele importa isso. Ele só vai abrir o olho quando a pessoa pedir a casa. Ele vai sentir que não tem como continuar. Pode ficar desempregado e não ter como pagar o aluguel. ... Aí, se não dá para você pagar aluguel ... Se você fica um mês sem pagar aluguel, aí você se torna um inconveniente. José³³

³² "...Funcionários da Cohab e do Departamento de Urbanização de Favelas (DUF) da Prefeitura, iniciaram ontem o cadastramento das aproximadamente mil famílias que ocupam a área. O objetivo é estabelecer critérios que vão determinar quem deve deixar os imóveis. Entre os quesitos necessários para a *permanência* segundo a Cohab, estão a apresentação de comprovantes de renda e os dois últimos contratos de locação. 'Eu não sou registrado e há anos moro em favela. Como vou ter holerite e comprovante de aluguel?' reclama A.E.S. que se mudou para o conjunto com a avó." *Correio Popular*, Campinas. Tote Nunes. "Mutuários Reagem contra ocupantes". 28/03/93.

³³ "O material etnográfico hoje disponível mostra que a casa limpa e bem cuidada, atributos associados a uma família organizada em suas hierarquias internas, constroem as referências tangíveis a partir dos quais homens e mulheres se reconhecem como sujeitos morais, capazes de fazer frente às adversidades da vida e, apesar da pobreza, garantir uma dignidade e respeitabilidade, que os diferenciam moralmente dos que foram pegos pela 'maldição da pobreza', que sucumbiram diante dos azares do destino, que vivem à deriva dos acasos da vida, sem conseguir estruturar suas vidas em torno do trabalho regular e da família organizada (cf. Caldeira, 1984; Zaluar, 1985)" Telles. 1993: 16

Principalmente no início, e sem alternativas, a moradia na ocupação exige uma resistência drástica para conquistar um entorno material: o lote, a casa, um endereço legal, o direito à cidade, pertencimento social, relações comunitárias de vizinhança. Porém, tão importante quanto este aspecto público do problema, os sem tetos lutam para alcançar algo socialmente pouco percebido: uma ética do habitar que simbolize o desempenho da função de oferecer aconchego e intimidade, o morar cultivando valores morais de proteção à família.

A casa, durante a ocupação, continuará expressando, inevitavelmente, um estado permanente de dúvidas, ansiedades, mas também impregnado de projetos coletivos e subjetivos de valores de permanência no habitar familiar. Isto quer dizer que nem sempre a área ocupada não se revela como 'solução' aceitável ou definitiva, mas representa uma possibilidade de estabelecer canais de negociação com as instituições públicas habitacionais.³⁴

Vai fazer quatro meses que nós estamos aqui. ... já está quase vencido, já está quase negociado com a Cohab. Significa que nós já estamos quase ganhando. ... Porque todo mundo que está aqui, diz que não tem onde morar. Eu mesmo não tenho onde morar, eu não posso mais voltar pra lá [morava na casa do avô viúvo]. Aqui, também tem bastante gente que não tem onde morar. ... É realmente aqueles que precisam. Os que não têm pra onde voltar estão aqui. Silvia

Conta que já foi inquilina muitas vezes, tanto de barracos (ressalta que em favela não), como de casa de tijolos. Lembra-se primeiro do bairro Nova Europa onde alugou um barraco de dois cômodos, nos fundos de uma casa de tijolos.

É de conhecimento geral que desejam um tempo de aluguel maior para enraizar-se no espaço da casa, procurando estabilizar histórias familiares, afeiçoando-se a vizinhos, lugares e até mesmo empenhando-se em conquistar a simpatia de proprietários, freqüentemente também trabalhadores que constroem cômodos de fundo de quintal para obterem uma renda suplementar para a família.

³⁴ No início da ocupação (1994) muitas promessas de negociação foram feitas por parte do governo Estadual (ano eleitoral) aos sem teto da V. Lídia. A negociação acabou sendo assumida pelo governo municipal e Cohab. Os jornais mencionam o grupo e outras ocupações, sugerindo que foram preparadas em conjunto pelos sindicatos no mesmo período. Indica ainda a existência de 64 famílias após um mês no local, época do início do cadastramento: 'O Secretário da Justiça... anunciou ontem que o governo do Estado vai desapropriar quatro áreas na região de Campinas, de propriedade da Fepasa ... Segundo o Secretário, as famílias sem teto invadiram 17 áreas da Fepasa em Campinas, Hortolândia ... e Sumaré... Os ocupantes ... no Jd Lídia, esperavam com ansiedade o retorno das negociações com a empresa. Um grupo de 64 famílias ocupou o local há 30 dias e está morando na área em barracas de lona.' *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Sudeste. 06/07/94: 7-2.

O fato de verem suas vidas tão submetidas à dominação de pequenos ou grandes proprietários de imóveis populares, que definem de forma praticamente absoluta o tempo e o espaço de seu habitar, acabam lidando com o aluguel como fonte de tensão privada. O não reconhecimento social, a exclusão de seus interesses da vida pública dificilmente entra no elenco das principais razões que explicam a existência da habitação provisória, permanecendo como uma questão de 'azar' do destino de cada família.

Depois que eu casei tinha a intenção de ficar bastante tempo [no aluguel]. Às vezes a gente não encontrava. Mesmo alugando um barraco, hoje em dia está tudo sem contrato. Aí vencia o contrato. O aluguel subia muito. A gente tinha que mudar para um outro lugar mais barato. Às vezes eu achava ruim, eu já gostava da dona da casa. Era um lugar gostoso, divertido. Então, você ia para um lugar desconhecido. Tinha que fazer tudo de novo as amizades, tudo, né? Eu sempre morei um ano, seis meses em cada lugar. Todo lugar que eu morei falavam que o dono era insuportável, que ninguém ficava mais que três meses. Eu fiquei um ano e seis meses num lugar. O dono era bom, legal pra caramba. Eu queria continuar ali. Eu mudei porque eu fui embora pra Rio Preto [devido a doença na família]. Sílvia

Descreve como é viver 'sem poder parar' com a família na cidade, fala primeiramente a partir de seu desejo de autonomia, que deveria ser o de poder decidir quando e para onde mudar com sua família. Na falta deste direito reconhece suas limitações a partir da figura central de sua vida, o marido: 'cabeça da casa'.

Eu adoro mudar. Eu gosto de mudar. Não acho ruim. Eu não gosto de ficar parada, passando quatro, cinco, seis anos em um lugar só. Meu marido não gosta e eu tenho que ir pela cabeça dele. Não gosta de mudar porque tem que carregar todos os 'trem' de novo. ... Também não gosto, por exemplo, de mudar pra casa da senhora hoje e sair amanhã. Eu gosto de dar um tempo de dois, três, quatro anos. Enquanto der pra morar a gente está morando, quando não der, não deu. Fazer o que? Sílvia

Viveu várias situações de despejo informal no aluguel e em todas elas atendeu ao pedido do proprietário para evitar conflitos, mesmo sem poder sair do imóvel, sem ter para onde ir. O grande esforço desta família foi resistir contra a violência de um despejo explícito, tentando, em todas as vezes, demonstrar ter forças morais suficientes para refazer a vida em outro teto. Na impossibilidade de continuar viver 'dentro da lei do aluguel' restou a única alternativa para sobreviver na cidade: a

ocupação. O despejo só será reconhecido diretamente na vida de outras pessoas como veremos adiante.

A questão do aluguel para José tem um sentido genérico porque passou mais tempo de sua vida se abrigando com a família, em casa de parentes. Mesmo assim, toca nos problemas cruciais de sobrevivência, decorrentes de empregos desqualificados e provisórios. É muito calado, mesmo na convivência com os sem teto da ocupação, mas tinha a confiança dos demais, sendo indicado para a comissão de negociação junto à Cohab e Prefeitura, após a saída de João. Suas palavras expressam a preocupação moral do chefe provedor, obrigado a lidar com a imprevisibilidade das condições de vida na pobreza.³⁵

Em relação ao tempo de moradia permitido pelo aluguel, posiciona-se pensando na necessidade de um longo período que só teria sentido se, enquanto isso, pudesse construir uma certa estabilidade para organizar sua vida e da família, isto é, uma poupança para a posse de uma 'terra'. Percebe-se, no entanto, impossibilitado de colocar em prática sua vontade em demarcar um 'território' na sociedade em que vive.

Quanto mais tempo ficar acho que é melhor. Se puder ficar dez, vinte, trinta anos ... seria o ideal, porque o trabalhador conseguiria juntar um dinheiro e comprar sua terra. E, mudando toda hora, ele nunca sabe se vai estar mais caro ou mais barato o aluguel da outra casa ou como é que vai ser esse aluguel. Isso não acontece porque não são todos que têm uma profissão boa. Hoje você trabalha aqui, vive de 'bico'. Hoje você está trabalhando, amanhã não. Faz bico, tem de viver de bico.³⁶

A mesma questão existencial está colocada para mulheres chefes de família, como Dona Ana, que reitera o quanto lutou na vida para manter suas contas em dia. Não bastou sua crença numa vida honesta e trabalho duro, valores que procurou

³⁵ "... Um exemplo é o vigia P. P. de C., 49, que mora em uma casa de três cômodos no bairro do Matão, em Sumaré, que faz divisa com o acampamento. _'Preciso do terreno porque ganho R\$400,00 e pago R\$300,00 de aluguel. Eu tenho nove filhos para criar', justificou. Ele fica no acampamento durante o dia, mas sua família continua morando no matão." *Correio Popular*, Campinas, Caderno Invasão, Bill Souza, "Esvaziamento preocupa as lideranças" 08.06.96:6

³⁶ "... trajetórias descontínuas, marcadas pelo desemprego e pelas alternativas de trabalho fora das regras formais de contrato, no limite, perdem o estatuto mesmo de trabalhador, em função desse permanente curto-circuito que o mercado produz no vínculo que chegam a estabelecer com o trabalho. Presentes no mercado de trabalho, suas identidades não se completam inteiramente, já que privados dessa espécie de acabamento simbólico que constrói parâmetros de semelhança, identificação e reconhecimento. ... Nisso se explicita o sentido mais perverso de uma tradição de cidadania fundada no trabalho regular e regulamentado por lei, como condição de acesso aos direitos sociais. A posse de uma carteira de trabalho, mais do que uma evidência trabalhista, opera como uma espécie de rito de passagem para a existência civil." Telles, 1993:13

passar aos seus oito filhos trabalhando como empregada doméstica ou costureira e, às vezes, exercendo as duas atividades ao mesmo tempo, para sobreviver com dignidade. Sempre se orgulhou da sua forma corajosa de enfrentar os reveses da vida, mas quando se recorda como inquilina expõe ressentimentos, sofrimentos que ameaçaram sua identidade de mulher trabalhadora e honesta. Embora não fosse mais locadora, tratou a questão no tempo presente.

Eu fico no maior pavor do mundo se chegar o dia e eu não tiver dinheiro pra pagar a água, a luz e o aluguel. Eu fico revoltada da vida. Eu sempre cumpri meu dever. Eu sempre paguei as coisas direito. Eu sou uma pessoa que nunca comprou fiado em lugar nenhum. Eu não gosto da pessoa chegar na minha porta batendo: 'Eu vim te cobrar!' Jamais eu faço isso, jamais, nunca fiz e ninguém nunca chegou na minha porta dizendo: 'Eu vim te cobrar!'. Não cobro os outros e não gosto que ninguém me cobre, que eu fico revoltada.

Pouco antes de viver na ocupação, não conseguiu manter o aluguel com a pensão do marido falecido. Disse não temer falar de despejo, mas ao perguntarmos se já havia sido despejada alguma vez, respondeu com um enfático 'não'.

Como ocorreu em outras entrevistas, era preciso perguntar se ela já tinha *se sentido* despejada de alguma casa alugada. A resposta veio então prontamente, com um longo relato. Fomos descobrindo nas idas à ocupação que era preciso não esperar por lembranças que repisassem a dor, a vergonha da dívida do aluguel, nem saber sobre o dia da expulsão, as circunstâncias que cercaram a saída da casa, muitas vezes diante da presença do proprietário ou mesmo vizinhos, situações que vivenciam quase sempre sem contrato formal.

Ao solicitarmos pelo seu sentimento de despejo, os relatos podiam acontecer como se as coisas não tivessem chegado às vias de fato, e talvez não tenham chegado mesmo. Assim não era preciso invadir sua intimidade, seu direito ao segredo, para conhecermos suas representações sobre vivências tão silenciadas em nossa sociedade. O que importava para o sem teto no momento da entrevista era que, independente do acontecido, nós reconhecêssemos estar na presença de um sujeito que lutou antes e preservou depois sua dignidade ética e moral.

Já sim, minha filha. E, para mim, era que nem um terremoto dos bem grandes na minha vida. Eu senti que se a pessoa me despejasse, eu não ia ter para onde ir.

Dona Ana não consegue precisar quando aconteceu, arriscou o ano de 1980, pensou melhor e achou prudente dizer que não sabia. Em seguida, esforçou-se novamente, sem querer desistir de marcar uma data: 'foi numa base de 1986, por aí.'

Morava dentro de um motel, no bairro Campos Eliseos. Quem pagava o aluguel era um dos seus filhos que trabalhava para o proprietário do motel, no bairro do Taquaral. ... eles fizeram pra colocar um motel. A casa era assim, de frente pra rua e pra baixo era uma favela.

Os vizinhos do motel, que não concordavam com seu funcionamento, através de um abaixo-assinado na Prefeitura impediram a abertura da 'casa', que permaneceu fechada por alguns anos. Dona Ana alugava 'dois cômodos' deste lugar, onde havia mais oito quartos com seus respectivos banheiros, todos em seqüência. Chegou até a ter uma 'placa escrita', convidando casais para que conhecessem o lugar, mas também foi retirada. Um dia o filho provedor e o patrão-proprietário do motel brigaram. O filho perdeu o emprego e foi embora de casa, trabalhar em outro lugar de Campinas.

Eu peguei dois cômodos logo na entrada. Inclusive na entrada da casa, no portão, tinha um moço que morava lá também. Era só nós que morava lá. E depois que eu entrei lá, o meu menino que pagava o aluguel pra mim ficou só três meses e foi embora. Voltou a trabalhar no bairro Nova Europa. Mas eu morei ainda quatro anos nessa casa. Só depois que ele parou de pagar o aluguel é que veio o despejo.

Admitiu que tinha grande afeição por esta moradia, não queria se mudar de lá e conta que neste lugar conseguiu viver melhor, trabalhando naquilo que sempre se sentiu bem em fazer.

Eu gostei daquela casa. O lugar era bom. Foi lá que, com a costura, eu levantei minha vida mais ou menos. Lá eu vivi Na casa do Campos Eliseos deu pra levantar a minha vida. Os dias foram bons.

Permaneceu por um tempo sem saber que o aluguel não estava sendo pago. Quando soube tentou achar o filho, em vão. Queria saber o que tinha acontecido,

como ia fazer para mudar ou acertar o aluguel atrasado. Envergonhada, pediu um acordo ao proprietário.

Ele era um homem muito covarde. Eu até pedi pra ele, já que eu não sabia onde estava o meu filho que estava pagando o aluguel pra mim. Se ele não dava um tempo pra eu pagar os atrasados e continuar. Mas ele não quis nem saber. As condições dele era eu sair antes dele me despejar. Eu fui obrigada a sair.

O proprietário ameaçou com o despejo, enquanto ela sofria muito com a 'humilhação' que sempre tinha evitado na vida: dever a alguém, ser tratada como uma pessoa desonesta, passar pela experiência de ir parar 'na rua' depois de criar oito filhos.

Ele disse que se eu não saísse, ele ia levar a polícia. Eu disse que podia levar, porque eu ia explicar o meu problema. Que se fosse por mim eu estava pagando. Mas como eu não sabia onde estava o meu menino que estava pagando, eu não podia fazer nada. Porque se eu soubesse que ele não estava pagando, eu já estaria pagando. E foi o que eu expliquei pra ele, se ele não dava um tempo. Telefonei pra ele três vezes e ele me respondeu com quatro pedras na mão. Nossa! Aquilo acabou comigo.

Resolveu o problema recorrendo a um outro filho e lembra do alívio que sentiu quando este lhe comunicou:

'Olha mãe, no Nova Europa tem uma casa pertinho de onde a gente já tinha morado. Em frente ao ponto do ônibus. Aquela casa lá da esquina está sendo alugada.' Ele foi lá e foi como o maior dinheiro do mundo! A sorte foi que, naquele tempo, eu tinha o dinheiro. Porque eu sempre trabalhei e recebia pensão. Eu falei: 'Roberto, está aqui o dinheiro. Vai lá na imobiliária e paga esta casa.' Ele foi lá e quando ele chegou com a chave da casa, peguei o caminhão, juntei tudo e joguei dentro. Falei: 'Adeus! Para nunca mais!'

Dona Ana se sentiu violentada em seu modo de ser moral, impotente para fazer valer seus princípios de vida. Perdas de moradias em circunstâncias semelhantes a esta - quase sempre vivenciadas de maneira trágica diante de

familiares e vizinhos - ficam registradas na história de vida dos despejados como uma espécie de sentença de morte. Se vêem diante de uma circunstância irremediável: aquela que aponta para uma incapacidade pessoal em cuidar de si mesmo.

Dizer minuciosamente aquilo que decidiu contar sobre seu despejo pareceu, em certos momentos, uma espécie de reelaboração de sua história, subjetividade, um recuperar de 'pensamento', desde quando passou a 'ficar aérea'.³⁷

Sairia logo depois do Nova Europa para a ocupação do V. Lídia, pelas mesmas razões anteriores: falta de condições para pagar o aluguel.

Eu consegui desocupar a casa antes dele me despejar. Pra mim é a maior baixaria uma pessoa chegar e arrancar uma outra pessoa de uma casa sem a menor explicação. Como eu pedi pra ele! ... Nossa, eu queria morrer! Eu até falei uma palavra pra ele, que depois não gostei. Falei: '_Olha, Roberto, um dia o que você está fazendo ... Porque eu estou pedindo pra você. Eu estou dizendo que eu não sei onde o meu filho está. Mas eu vou pagar o que ele está devendo. Agora, se você não quer nem saber, é problema seu. Só que você não tem consideração pelas pessoas. Um dia você vai ficar igual a eu, por tudo o que você fez. Eu tenho fé em Deus!' Eu falei isso, mas eu me arrependi depois. Eu cheguei a falar pra ele, que ele era o homem mais desgraçado que tinha na face da terra. Até hoje eu sinto isso. É difícil até hoje aceitar. É por isso que eu vim pra cá! Às vezes eu falo: '_Nossa Senhora! Que loucura eu fiz em ter vindo pra cá!' Eu fiquei aérea, não tinha mais pensamento, nem de para onde eu ia e nem como eu ia.

Procurou realizar uma síntese, firmar sua dignidade quanto ao modo de ser moral que procurou marcar todas as casas de sua vida. Considerou importante sublinhar o que vem a ser isto: não falar mal de ninguém, como também não ser falada. Mesmo desempregada e naquele momento de ocupação, continuou enfatizando que gosta de sair cedo para trabalhar e chegar à noite. Usou a imagem 'chegar e fechar a porta', bem como ter 'pouca conversa com vizinhos', demonstrando que, mesmo impedida de viver de acordo com seus referenciais de vida, podia distinguir espaços, reconhecer a separação entre o mundo da casa e o da rua.

³⁷ "... a aceleração contínua do tempo, impõe-lhe um ritmo alucinante; o encolhimento do espaço, o mundo transformado na aldeia global, acaba por impossibilitar até a existência de um espaço interior; a invasão do *descontínuo* conhecimento, nas atividades, na própria consciência impõe a fragmentação e o dilaceramento como modo de ser; a invasão dos *sinais*, que depreciam e suplantam os símbolos, acaba por ocultar o mundo dos significados. ... Dos pedintes e camelôs presentes nos cruzamentos das grandes cidades às cenas de violência urbana que os meios de comunicação registram ... tudo é velozmente consumido e rapidamente desaparece dando lugar ao evento mais recente e mais espetacular que, também, em breve, será esquecido." Augusto. 1993:14

Aparenta e acredita ser arredia e rígida com as pessoas. Mas foi uma das mais ativas 'guardiãs' dos vizinhos na ocupação, sendo bastante respeitada e querida pelos demais. Gosta de conversar, fazer planos, sonhar em grupo, principalmente nos finais de semana quando um número maior de sem teto podem se encontrar.

... eu estava precisando de arrumar um lugar só para mim. Porque eu pensei assim: ...'Puxa! De tanto tempo que eu estou aqui em Campinas, nunca consegui arrumar uma casa, um terreno para dizer: essa é minha'. Mesmo que seja um cômodo ou dois para dizer que é meu. Então eu vou poder parar de trabalhar para sempre, porque eu vou saber que não é provisório ... dona Ana

Vimos que iniciar e desenvolver conversas sobre despejos exigiu algumas descobertas sobre assunto tão íntimo, delicado. Mesmo assim, alguns trabalhadores sem teto não conseguirão admitir o problema em sua história de vida. Quando as respostas vieram negativas diante do pedido para que contassem se já tinham sido ou sentido alguma vez o despejo, retomamos a questão de outro modo. Solicitamos que revelassem o que pensavam a respeito dos despejos vividos por outras pessoas, como parentes, amigos ou vizinhos.

A colocação do problema desta perspectiva acabou trazendo à tona representações da própria trajetória de vida do sem teto entrevistado, possíveis de serem reconhecidas devido ao destaque que deram a certos aspectos particulares do despejo do 'outro'. É o caso de Silvia, por exemplo. Durante a ocupação tinha sua modesta mobília de casa dividida em mais de um lugar. Fala deste descontínuo de seu cotidiano mas dissociado da admissão de seu sentimento de despejo, que chamou de 'quase' um despejo. No relato a seguir admite a fragmentação, desestruturação, a que ponto a perturbação subjetiva pode chegar, quando enfatiza o destino dos objetos, dos móveis da casa, já que eles são expressões de histórias do próprio sujeito, de sua família, simbolizam segredos, intimidades, mistérios que deveriam estar protegidos pelo seu proprietário.

Sobre o despejo não sei falar nada. Nunca fui despejada. Mas, a minha tia já foi despejada. Silvia.

Inicia resumindo as razões de tanta desgraça. Perdeu tudo devido a doença do marido, teve câncer nos pulmões. Estava 'bem' de situação financeira, porém, gastou muito com a doença nos hospitais. O aluguel foi atrasando e o carro da família foi vendido, mas mesmo assim, não conseguiu saldar todas as dívidas. Antes, a tia morava de aluguel numa 'casa de frente', tinha telefone. Numa determinada época, Silvia chegou a ser empregada da tia Odete. Depois do despejo passou a trabalhar de faxineira no bairro Nova Europa. O filho tinha onze anos quando o pai morreu e, pelas contas de Silvia, na época da entrevista este sobrinho estaria com dezoito anos. Esta informação veio para enfatizar que, mesmo depois de todo este tempo, as consequências do despejo não tinham terminado para mãe e filho.

Mesmo em despejos coletivos a violência da ruptura com a realidade externa e interna se estabelece num primeiro momento em relação ao espaço da casa e em seguida com os objetos, completando a desarticulação emocional de que fala Halbwachs (1990). Existe uma duração para esta *perturbação psíquica*, em adultos e crianças, desconhecida no âmbito dos estudos habitacionais, pois objetos são marcas pessoais, memória de famílias e amigos, símbolos, guardam mistérios, a fragmentada intimidade de cada um.³⁸

... ficou aquela contaiada atrasada. Morto não paga conta, paga? Eles vieram em cima dela e ela não tinha dinheiro. ... Para quem é despejado é muito ruim! Ela ficou na rua, com a mudança debaixo de uma árvore. Eu acho que não deviam ter feito aquilo com ela não. Ela ficava na casa dos outros, dormia um dia na casa de uma colega, outro dia na casa da mãe dela. Até na minha casa ela já morou. Guardou as coisas um pouco na casa de cada pessoa. Até hoje tem coisa dela na casa dos outros, porque até hoje ela não conseguiu juntar. Faz seis, oito anos atrás.

38 "Um batalhão de 84 homens e mulheres da Polícia Militar foi acionado ontem para a operação de retirada de 15 famílias de uma área ocupada há um ano no Jardim Santo Antonio, região Sudoeste de Campinas. ... executavam a liminar de reintegração de posse, em favor da Proxima Produtos Químicos ... 'Não tenho nem idéia de onde ir com a família', afirmava V.P.S.,... com a mulher M.L. e dois filhos. A mulher chorava enquanto cozinhava comida para os filhos. Sobre uma pequena mesa, destacava-se o livro 'Torne feliz sua vida familiar' ... Grande parte dos sem teto preferiu deixar em áreas vizinhas os poucos móveis, eletrodomésticos e roupas de sua propriedade. Eram pessoas que se recusavam a levar os raros pertences para depósitos colocados à disposição pela Proxima ... A operação foi encerrada às 15 horas. Os sem teto que não quiseram ir para as instalações da SAR-Oeste e do Serviço de Atendimento ao Migrante, Itinerante e Mendicante (Samim) ainda discutiam onde montar o próximo barraco." *Correio Popular*: Campinas. Caderno Cidades. José Pedro Martins e Bill Souza. "PM mobiliza 84 para desalojar 15 famílias" 10.07.96:1; "... A dona-de-casa M.V.R., 38, contava quase a mesma história. Ela morava em uma casa de alvenaria de três cômodos junto com o marido, irmã, filha, genro e neto, o garoto C.E.R., de 5 meses. E foi do bebê a lembrança mais forte, que foi a retirada de uma parede de sua casa: um poster do menino, ganho num concurso do apresentador de TV Gugu Liberato. 'É uma injustiça', lamentou-se." *Correio Popular*: Campinas. Caderno Cidades. Antonio Fornazieri Jr. "Tensão marca desocupação na Vila Boa Vista: Famílias ficam desoladas, sem ter para onde ir". 19.03.97: 8

Silvia lembra-se ainda de 'uma colega' de ocupação que estava sendo despejada naquele momento. Disse que não sabia detalhes, nem sabia se o processo de despejo tinha chegado ao fim. Fechou o assunto rapidamente com uma frase: '_Ela está aqui junto com nós, no mesmo movimento'. Deixou claro que considerou constrangedora a situação da vizinha e evitou falar a respeito deste despejo, achou melhor mudar de assunto.

Mara, diferentemente, fez questão de lembrar alguns vizinhos que, como ela, foram ou estavam sendo despejados naquele momento. Ressaltou que estava sendo muito apoiada e que procurava retribuir a solidariedade dos vizinhos de barracas, amenizando mutuamente a aflição que estavam passando, na espera de uma solução.

Neusa também tem ordem de despejo. ... várias pessoas tem o mesmo problema que eu. ... essa menina do lado foi despejo. Ela até levou o comprovante de despejo lá na Cohab pra mostrar que ela já foi despejada e teve que sair. Agora ela alugou só um quarto, até sair o terreno aqui. Porque ela tem dois filhos e não queria tirar eles do colégio, porque ia prejudicar ficando aqui. Neusa deu essa barraca pra Sônia, que também foi despejada ... nessa situação a gente vê que mil e uma pessoas com mais problemas que a gente. Pessoas com uma cabeça fria e, às vezes, mais alegres e divertidas que eu. Eu gostei daqui. Pra mim foi legal. Eu vou sentir até saudades daqui.

Admitiu seu despejo e a condição de representante de sua família extensa, sentia a responsabilidade desta posição na ocupação, até aquela altura indefinida. Todos estavam com o prazo esgotado para deixar uma casa construída num depósito de fábrica, com estoques de tênis. Segundo Mara, o proprietário do depósito estava cobrando um aluguel 'alto' pela casa, mesmo assim, 'deu ordem de despejo', mas 'sem papel'.

Dizem que ele é dono de fábrica de tênis ... Eu nunca entrei, mas o pessoal lá diz que é um depósito ... de um lado ele trabalha e do outro a gente mora, só que ele quer que a gente saia, porque ele quer fazer de tudo aquilo um depósito só. Ele só está esperando a gente desocupar.

Indagado se já havia sido despejado alguma vez com seus pais, João respondeu convictamente: '_não'. Entendeu a pergunta do ponto de vista estritamente legal. A pergunta foi refeita, desta vez sobre o sentimento de despejo. Ficou um tempo em silêncio e respondeu hesitante: '_Não que eu me lembre.' Em seguida justificou que não podia ser um despejado porque não era sem teto:

Não é eu diretamente. Das vezes que aconteceu eu não participava da própria área. Eu ia simplesmente como parte de um apoio de negociação.

Devidamente estabelecida sua distância diante do problema, recordou o primeiro despejo que assistiu aos quinze anos de idade, quando morava em São Paulo. Estava jogando bola com os amigos contra um time da favela, próxima de sua casa (morava numa pensão), quando a partida foi interrompida pela chegada da polícia no Jardim Célia, próximo a Guaianases.

A linguagem, a expressividade que João e outros sem teto quiseram dar a tais experiências, testemunhos, nos remeteu à análise do lazer de trabalhadores em circos-teatros de Montes (1983), devido ao caráter extremamente melodramático da narração. Percebemos melhor como é difícil saber onde começa a realidade e onde termina a ficção, através da discussão da autora. Trata-se de um particular *modo de apreensão e sistema de interpretação da própria realidade cultural das classes populares*.

Foi uma coisa horrível! Mataram uma mulher e um garoto. O menino tinha três anos. O cavalo pisou em cima da cabeça daquele menino. E a mãe, caiu uma parede com teto ... Foi a partir dali que eu comecei a ter, antes era raiva, revolta. Hoje não, prendo essa revolta num negócio mais ... a gente tem que lutar como pode. Só que a gente não pode dedicar direto a isso (movimentos de ocupações), porque tem que sobreviver e pra você tá tirando desse pessoal não pode. Então você tem que ter seu trabalho, sua hora de lazer, mas nunca esquecer de dar apoio.³⁹

³⁹ "Para além do 'absurdo' - isto é, da não-racionalidade - dos elementos afetivos mobilizados na experiência psíquica pela narrativa melodramática, do ponto de vista da própria experiência real de vida de indivíduos das classes populares nada tem de 'inverossímil' ou fantasioso situações em que, basicamente, se descrevem a indignidade da miséria material e moral e a degradação a que ela submete o ser humano." Montes.1983:184.

Em seguida lembrou que esteve presente numa 'remoção' contra uma antiga favela de Campinas que recebeu ordem de despejo de funcionários da justiça acompanhados de policiais militares, prontos para fazer a reintegração de posse da terra ocupada a qualquer custo. Lembra-se que era início dos anos oitenta, época do movimento de favelados da 'Assembléia do Povo', na Vila São João, e situa: 'ao lado do Parque Universitário e perto do Jd. Yeda'. Segundo João, tratava-se de uma ocupação de terra particular, com uma parte da área sendo municipal. Os favelados organizaram então um ato de resistência contra o despejo.

Veja bem. Foi eles que se organizaram e entraram. A gente entrou como um apoio. A gente tentou resistir junto com o pessoal e não adiantou. Eles te batem. Teve aquele caso da criança que estava dentro da casa. Saiu que tinha morrido. Girou em torno disso mesmo e ninguém ficou sabendo se ... Eles batem mesmo. Se entrar na frente e eles falar: 'Desmonta!' e se você tentar resistir ... Às vezes você constrói uma casinha como eles [favelados] ... construiu e você não quer ver ninguém chegar e derrubar sua casa. O dinheiro que você suou pra ganhar os tijolos. Mas eles chegam e se você não sair da frente, eles batem mesmo e encobrem tudo. Escondem, desde que o jornal não esteja perto. Por isso que todas as ocupações, a gente tem acesso a dois jornais. Mas, tem reintegração de posse que não são avisado aos moradores.⁴⁰

⁴⁰ A presença da imprensa escrita apareceu, mais de uma vez, como uma espécie de requisito de segurança contra a violência policial para as estratégias de resistência ao despejo. A falta de jornalistas nestes momentos deve tornar a situação mais aterrorizante para as famílias despejadas. Mas, o resultado da maioria das notícias na mídia são reiterações de estigmas, discriminações e incentivo para mais violência por parte das autoridades. Um estudo sobre a *'espetacularização'* das lutas pela moradia nos telejornais discute como a violência "emerge como categoria fundamental, seja na forma, seja no conteúdo. ... Nesta perspectiva, de maneira geral, os espetáculos telejornalísticos das lutas pela moradia, mantêm um jogo ideológico definindo os heróis das disputas, abstraíndo a habitação _ o abrigo, como necessidade, ressemantizando a 'resistência' das populações 'sem teto' como 'insubordinação' ou 'desacato', enfatizando o caráter da 'ilegalidade' e 'irregularidade' das ocupações _ portanto sujeitas às punições e penalidades da lei; ressemantizando ainda os atos policiais de 'expulsão' como 'retirada', Constrói-se, assim, um quadro semântico, como se a materialidade da língua não estivesse associada à um processo histórico _ como se a alteração das palavras fosse suficiente para alterar os sentidos dos fenômenos (Orlandi, 1993). ... Os telejornais instalam seus ângulos de visão no campo do conflito e do confronto físico. O espetáculo real, construído à partir da 'falta de moradia', é atualizado em novo texto espetacular: 'a invasão da propriedade privada'. Este é o novo referente. É portanto, sempre o mesmo espetáculo, que tem na sua subjacência sempre a mesma essência: a aliança com o direito à propriedade privada como norteadora de suas enunciações. ... As imagens recortadas da cidade capitalista, portando dela descontextualizadas, mas apresentadas como se fossem o análogo da totalidade, têm na tela limites estreitos para a encenação: o lote (ou terreno), sem entorno, sem universo, é o palco ... O dono do terreno permanece desconhecido, sem nome e sem rosto, como um ser simbólico de todos os proprietários fundiários da cidade. ... Cenas que apresentam histórias fragmentadas, seriadas, recortadas, sem início e sem fim, sem universo histórico, como 'fait divers'_ anomalias, exceções, ou anormalidades num quadro social estável e normal. ... É um espetáculo degradante o da exposição de pessoas, ... desesperadas, sem o controle necessário, escancaradas ao domínio público ... Todos desnudados na sua intimidade, obscenamente, sob as luzes dos refletores ... É a questão da moradia, encenada num gênero policial de segunda categoria, do

Referiu-se ainda a um caso de despejo individual que acompanhou do começo ao fim, auxiliando diretamente um trabalhador que conheceu na rua, procurando por um abrigo em ocupações da cidade.

A maioria procura na rua para saber onde é que tem uma ocupação. A pessoa tá procurando. Às vezes você está passando num bairro e pergunta sim. Já encontrei uma pessoa, inclusive está aqui com a gente [V. Lídia] e vai pra área [da Cohab]. Essa pessoa me parou no Terminal Ouro Verde [terminal de ônibus na periferia da cidade] e perguntou: 'Você mora aqui no bairro?'. Disse: 'Não, moro no Parque Universitário.' Eu estava vindo para cá [V. Lídia] e ele perguntou: 'Você não conhece ninguém que tem uma casa pra alugar por aqui?' Disse: 'Não conheço mesmo'. Comecei investigar. Ele morava ali, na Santa Genebra. Estava morando lá. Rapaz bom! Por incrível que pareça é contratado da prefeitura! Conversando com ele, e ele perguntando como faz para conseguir uma casa. Eu dei a idéia pra ele. Expliquei tudo. E ele já veio junto comigo. Mas ele disse que no momento não poderia tá vindo. Eu disse: 'Não tem problema não'. Aí, o dono da casa pediu. Deu o prazo pra ele de dez dias, pra tá entregando a casa. Agora existe uma lei que é de quarenta e cinco dias, ele paga um mês. Mora, e os quinze dias que sobra pode morar de graça pra sair. É o Dito. E passou esses tempos. A gente foi lá e pegamos um advogado do sindicato e movemos uma ação contra o dono da casa. Aí, ele ganhou a causa e ainda os trinta dias, ele não ia pagar. Ele ficou os quarenta e cinco dias nessa casa. Hoje ele tá na casa da sobrinha dele. Tá contente. Tem quatro filhos lá. Então, quer dizer, é um problema a mais que a gente resolveu. Depois que esse rapaz tiver no terreno dele [foi cadastrado na ocupação] ... é um alívio pra ele. E outra, a gente ia ficar pensando: 'Puxa vida! O coitado podia tá, jogado na rua. Desesperado!'.

Ao que tudo indica, a absoluta maioria dos despejos individuais ocorrem de maneira informal, completamente fora das estatísticas oficiais. Muito poucos casos legais vieram à tona durante as entrevistas, quando se referiram a terceiros. É possível que parte deles tenham sido ocultados por medo da discriminação, talvez porque teriam de admitir que chegaram às últimas conseqüências do que entendem como incapacidade de cuidarem autonomamente de si e da família na sociedade em que vivem. Seria preciso outros recursos e estratégias de pesquisa social para que pudessemos ampliar esta discussão.

crime, da lei e do dramalhão, que acaba se transformando em melodrama, desprezível e banal, pelo entediamento dado pela repetitividade de cenas semelhantes, onde só mudam data e endereço." Ferraz. 1994:2-6 e 9

A casa das lembranças e despejos em família

As recordações nos dizem que casas são antes de mais nada pessoas, afetividade, emoções, memórias e imagens dispersas do habitar cultivados desde a infância. Tudo isto pode estar estreitamente associado a determinados aspectos da casa, detalhes de seu espaço interior e exterior, que dão expressões únicas à trajetória de vida daquele que relata, bem como revelam indiretamente os processos sociais em que estão envolvidos.

Como a casa é culturalmente muito mais vivida do que pensada, portanto, nossos entrevistados não possuem discursos ou conteúdos de antemão conhecidos ou sistematizados para isolar um saber específico sobre a importância da casa em suas vidas. O que temos são sujeitos explorando basicamente elementos afetivos, mobilizados na experiência subjetiva, contactando dentro de si - enquanto recordam - valores éticos do habitar a casa e a cidade que conheceram no passado ou que desejam conhecer no futuro.

Conforme nos ensina Bachelard (1988), passado, presente e futuro se encontram nas lembranças ou devaneios da poética do habitar, Por isso solicita que não se rompa esta totalidade de manifestação do ser que cria imagens de felicidade, de intimidade de casas.

Na nossa discussão, porém, existe uma divisão para a análise de lembranças, relatos de despejos (capítulo 3) e de devaneios, desejos de casa (capítulo 4), porque o modo de vida provisório e despejos são rupturas e violências impostas pela realidade social exterior aos indivíduos sem teto, impedindo-o de exercer um direito humano essencial: o de conhecer concretamente as *funções do habitar* (Bachelard.1988) em família e na sociedade; assim como impedindo o direito individual ao desenvolvimento da criatividade e imaginação para criar projetos de vida, proteção, prazer no acolhimento do ser, da subjetividade individual e da família, contribuindo de forma completamente decisiva os simbolismos de casas historicamente cultivados em nossa cultura, porém, muito pouco conhecidos ainda entre os estudiosos da habitação.

O que temos então, são sujeitos tentando construir totalidades de si mesmos, sínteses de histórias de vida. Destacamos destas visões de mundo, conteúdos que decidiram descrever, aspectos que selecionaram para revelar seu modo de ver a moradia, a família. Provisoriedade e pobreza se combinam o tempo todo nos relatos e

constituem um modo de ser desenraizado desde crianças, marcado por experiências de rupturas familiares e despejos.⁴¹

O alcoolismo é uma das razões mais apontadas nos depoimentos, principalmente femininos, para explicar a insegurança, os desequilíbrios morais, econômicos e familiares.⁴² A ausência acentuada ou perda de homens na família, do chefe provedor, nas histórias de vida, é outra situação muito comum nos depoimentos dos sem teto. Sabemos que esta situação tem estreitos vínculos com o desemprego, a instabilidade da pobreza, transferindo, cada vez mais cedo, a crianças e jovens, a responsabilidade pela própria sobrevivência, já que o vínculo de trabalho das mulheres é, em geral, mais instável do que o dos homens.⁴³

Mas, o que procuramos com esse conjunto de lembranças foi dar mais um passo na análise das motivações que levaram os sem teto a se organizarem coletivamente num determinado momento de suas vidas e tomarem ilegalmente uma

41 "... equipes da Defesa Civil e da Vara da Infância e da Juventude. ... cumprir mandado de busca e apreensão de crianças em áreas sob risco de acidentes causados pelas chuvas. O trabalho só foi possível com a chegada de reforço policial no local. ... já transferiu cerca de 80 menores de áreas de risco para locais mais seguros. ... A ação de ontem retirou 18 crianças dos barracos interditados e foram enviadas para casas de parentes ou abrigos temporários. ... O pintor de paredes D.P.S., 26 anos, chegou em casa às 11h30 e não encontrou os filhos, entre 7 meses e 7 anos. Ele foi informado por vizinhos que os garotos estavam no CRTM." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Marcelo Santos. "Defesa Civil é recebida com tiros para o alto.: Na Favela Vila Rica. Jardim Campos Elíseios, os moradores tentaram evitar a retirada das crianças das áreas de risco de desabamento." 11.01.96:4; "Os sem teto que ocupam há 25 dias um terreno no Jardim San Martin, em Campinas, construíram barricadas ... Começaram a ser retiradas ontem, a pedido do Juizado de Menores, crianças e adolescentes que estão na ocupação. ... Alguns pais, no entanto, terão dificuldades para convencer os filhos a sair da área. O menino F. S., de 12 anos, trabalhou na montagem das barreiras nas entradas do acampamento, carregando tijolos, ... 'Tô acostumado a fazer força. Eu ajudava meu pai a carregar tijolos na construção', disse ofegante, sujo de carvão e terra." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. "Sem Teto vão resistir com barricadas: Juizado retira crianças e adolescentes do local". 12.06.96:3

42 "... 'Estou levando o trailer da minha mulher embora, porque é o nosso único ganha pão', afirmou um sem teto, que se identificou como J. ... vendia bebidas e salgados aos invasores. A própria liderança dos sem teto reconhece que a embriaguês de alguns invasores pode comprometer uma eventual saída pacífica da área. Bebida alcoólica é vendida livremente na área em barracas de camelôs. Invariavelmente, encontram-se sem teto bêbados pelo terreno." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. "Sem Teto vão resistir com barricadas: Terreno aloja arsenal de armas" 12.06.96:3

43 "Impossível, aqui, deixar de comentar que, se existe alguma relação entre pobreza e criminalidade, esta relação está configurada em uma sociedade que rompe, o tempo todo, com o que se poderia chamar, talvez com alguma imprecisão, de um pacto social implícito que constrói um sentido de pertinência e dá uma medida de plausibilidade à vida em sociedade. Essa é uma questão que se coloca abertamente para os mais jovens ... sendo alvo privilegiado da violência policial, precisamente porque não carregam os sinais de respeitabilidade associados ao 'trabalhador honesto' e 'chefe de família responsável'. As pesquisas mostram, de fato, que é nessa difícil passagem para a maioria que a delinquência se coloca no horizonte desses jovens que não enxergam muitas possibilidades de organizar suas vidas em torno de um trabalho promissor e para os quais, ainda, a família está distante de se constituir nessa espécie de recompensa moral aos 'tempos difíceis' (Cf. Zaluar, 1985)." Telles. 1993:19

área urbana e se afligirem tanto para tornarem-se parte da sociedade em que vivem, mesmo supondo ser este um obstáculo que depende quase completamente de sua resistência pessoal, 'capacidade moral' e de um pouco de 'sorte'.⁴⁴

Silvia foi criada pelos avós porque sua mãe a deixou ainda bebê. As razões de tal decisão tem duas versões. Acha difícil saber quem fala a verdade porque a mãe conta uma história diferente da avó. Da ótica da avó, já falecida, sua mãe era uma mulher difícil de entender, 'sem sossego' na vida. Reproduz o que ouviu tantas vezes na infância, sem reconhecer a pobreza e transitoriedade da vida da mãe:

'Essa menina vai morrer mesmo. Pega para a senhora. Eu vou me embora para Curitiba. Não quero ver ela morrer.' ... ela ia e voltava. Aí, quando voltava, eu tava mais são. Ela levava eu pra casa dela. Ficava comigo uma semana. Eu dava diarreia. Ela voltava comigo para a casa da minha avó de novo. Minha avó conta: 'Silvia, desde quando você nasceu, quem corria com você altas horas da noite, era eu...' Ela sempre gostou de andar. Ela vendia todas as mudanças. Ia pra Marília, Maringá, pra tudo quanto você pensasse ela ia ... ela gostava de aventurar mesmo. Ela ia aventurar a vida dela.

Morou com os avós durante toda a infância e adolescência. Saiu um pouco antes de completar dezoito anos para se casar com Antonio, com quem teve três filhos, de oito, sete e quatro anos, respectivamente.

Depois da infância avisa que sua vida nunca foi boa. Quando pensa em sua avó lembra-se de que ela era 'muito pobrezinha'. Tinha morado a maior parte da vida em fazenda, 'rancho', casa de barro. O avô bebia muito, trabalhava pouco e era a avó quem ia na roça com os filhos. Tinham sido até 'bem de vida', mas o avô perdeu tudo para pagar dívidas.

... a senhora conhece a Vila Marieta, aqui em Campinas? Do lado, perto da igreja Santa Terezinha? Ali meu avô foi proprietário de duas casas. Ele deu para o dono do bar para pagar conta de pinga e fumo de cachimbo, quando eu tinha, acho, uns nove meses. Minha avó, burra, assinou. Porque eu pergunto para as minhas tias até

⁴⁴ "... as desigualdades e discriminações se pulverizam em diferenciações que parecem nada mais do que corresponder aos azares de cada um e às diferenças naturais de vocação, talento, capacidade e disposição para o trabalho. ... No entanto, esse é um mundo que não se fecha inteiramente como natureza. Diante do destino comum do 'ser pobre', há a percepção de um espaço de autonomia no qual através da ação, deliberação e discernimento podem se afirmar e se reconhecer como sujeitos que, pelas suas qualidades e virtudes morais, são capazes de contornar as adversidades da vida. Se a ótica moral predomina, isso não seria possível sem uma noção de indivíduo capaz de deliberação e escolha." Teilles. 1993:18,19

hoje. Era um casarão de oito cômodos, ... em lugar bom. Eu pergunto: _'Deu dinheiro pro avô? Foi vendida a casa? [as tias respondem] _ 'Não. Só lembro que minha mãe assinou o papel. O homem deu uma compra de volta, só.'

Intrigada, busca entender na família como começou seu infortúnio, o passado que lhe pertence antes do nascimento. Vasculha, pergunta, tenta recuperar a memória familiar como quem precisa retomar um elo perdido da sua história. São as casas que simbolizam o desaparecimento de uma herança material (o 'pé de meia', o 'negócio' de família) e uma herança cultural, um corte entre o passado e o presente na continuidade da identidade do grupo de parentesco mais próximo de Silvia.

Esta memória de perdas de casa será contada e recontada, passada adiante aos descendentes como uma fatalidade do destino desta família em particular. Para não desaparecer sem sentido, como a 'casa da família' materna, Silvia precisa tentar reconstruir sua história a partir de uma outra casa.

A ocupação é o recomeço, terá de se responsabilizar por si mesma e pela sua família nuclear, sem a ajuda de parentes que pôde contar um dia, como os avós:

... nunca se pode contar com família, porque família não ajuda mesmo. É só a gente e mais ninguém. Eu falo pra ele que nós temos três filhos e ninguém é obrigado a criar nossos filhos. Somos nós mesmos que temos que lutar. Nós que colocamos no mundo, por isso nós temos que lutar, passar fome, passar frio, pra adquirir o que é nosso e não precisar dos outros, porque se não a gente vira.

Depois de casada ficou abrigada muitas vezes em casa de familiares, em situações de ajuda mútua. Quando a mãe ficou doente, em Ondas Verdes, perto de São José do Rio Preto (SP), deixou Campinas. Ficou por lá um ano, não lembra qual, ajudando no serviço de casa. O marido arrumou um trabalho no campo sem gostar de 'serviço de roça'. Um dia uma das tias telefonou pedindo ajuda, desta vez para cuidar do avô que ficou paraplégico em Campinas.

Ele tem seis filhos e ninguém queria cuidar dele. Só que, no final, ele vendeu um terreno. Então, todo mundo quis cuidar dele. O terreno ficava no Parque da Figueira, Nova Europa. Então eu vim pra cuidar do meu avô e cuidei durante dez meses. Como a minha avó já era falecida, o meu avô morava sozinho na casa. A casa era dos herdeiros [tios], então teve que vender, pra dar a parte dos herdeiros. O

homem que comprou a casa não quer que eu fique lá mais e a minha mudança está um pouco lá e um pouco aqui.

Silvia centra sua atenção na descrição da casa do avô. Na verdade é para revelar, através de certos aspectos físicos, o fim do seu acolhimento protetor que teve início na infância, entre os avós maternos. A morte do pai e da avó e a saída do avô paraplégico desta casa, dá expressão aos seus sentimentos de rupturas familiares e desabrigos de sua subjetividade. Apesar de sua saída deste precário lugar, se expressa em alguns momentos como se ainda estivesse lá.

A descrição desta casa ainda dá a idéia do que significa um outro tipo comum de habitação provisória: antigos imóveis sem as mínimas condições de habitabilidade. Os argumentos objetivos do proprietário, utilizados para sua saída da casa parecem ter obscurecido seu sentimento de despejo, confundidos com os da vivência de abandonar a casa de sua história familiar.

Olha, onde eu estou, lá no meu barraco, está quase que nem um despejo, mas não chegou a ser um despejo. O homem não fez um despejo, mas está pedindo. Não quer mais que mora na casa. Pela lei eu não fui despejada. Mas, pelo dono da casa eu fui, sim. Ele já falou isso pra mim: 'Pra morar não adianta insistir, a casa vai cair a qualquer momento. Não quero mais não.' Lá foi o lugar que meu pai e minha avó morreram ... a casa não tem estrutura física para agüentar por muito tempo. Ela está quase pra desabar. Se a casa fosse boazinha ... também não tem rede de esgoto ligada. Tem na rua, mas o meu avô nunca ligou. Nossa! Não tem chuveiro. Não tem pia. Não tem tanque decente. Tanto que meu avô ficou doente. Teve que vender pra poder tirar ele de lá, porque não tem condições pra ele, nem pra meus filhos ficar lá. Eu descobri esta ocupação e vim pra cá, vim pra conseguir um terreno.

José, que nasceu em Paulínia e mora com a companheira Aparecida e um casal de filhos pequenos, estava com vinte e seis anos na ocasião da ocupação. Viveu dos seis aos dezoito anos num orfanato: "Casa de Menores de Campinas". Foi internado devido aos problemas de alcoolismo da mãe; não se referiu ao pai nenhuma vez, provavelmente não chegou a conhecê-lo.

Foi o juizado que me pegou e levou para o orfanato. ... O único lugar que me traz algumas boas lembranças é o orfanato. O meu convívio com os colegas que eu tinha lá. São as pessoas que ajudavam lá. A turma da comunidade da Igreja. Era uma casa grande, com uns oito quartos e cada quarto tinha umas oito pessoas. ...

Agora que eu já sou adulto, tenho vinte e seis anos e uma família, eu acho que foi bom. Eu conheci a minha mãe do jeito que ela é e analisando bem, eu acho que foi bom. Porque lá eu fui educado, fui bem criado. Tinha escola e davam profissionalizante também. Eu fiz dois anos de torneiro mecânico. Só que eu não completei porque eu saí do orfanato [completou 18 anos] e não tive mais condições de continuar o curso. Era pago, na Escola Salesiana São José, no Taquaral. Eu tinha que trabalhar e pagar aluguel.

Morou em casa alugada com uns amigos apenas uma vez quando solteiro, no Jardim Eulina. Porém, ficou pouco mais do que três meses porque foi chamado para voltar a morar com a mãe, em Paulínia, onde nasceu. Na verdade, depois de casado, José nunca experimentou uma moradia só para si, mulher e filhos. Foi obrigado a depender de parentes, devido sua situação de pobreza. A casa de alvenaria da mãe de José foi doada pela Prefeitura, num conjunto popular na periferia, todas com três cômodos: cozinha, quarto e banheiro.

Eu fui pra lá, porque conversei com a assistente social lá da cidade de Paulínia e ela pediu pra eu ir pra lá ajudar ela e eu fui. Só que o problema de bebida não deixou. Era insuportável. Eu acho que ela me despejou umas três vezes. Foi horrível. Ser despejado da casa da própria mãe não é fácil. ... Eu estava morando com ela e achando que era insuportável viver com ela. Sempre que ela bebia falava que era pra eu ir embora com a minha mulher e os meus filhos. Eu agüentava um pouco porque sabia que ela estava alcoolizada, mas todo dia era aquela bebedeira e sempre ela me expulsando da casa.

Em Paulínia ainda, José diz que foi chamado para fazer companhia para uma tia que tinha acabado de perder o marido. Ficou morando cerca de seis meses neste lugar e destacou que a casa também era de alvenaria e de propriedade da tia. Passado este período, a tia viúva encontrou um companheiro e decidiu pedir a saída do sobrinho.

Foi um desespero, porque quando ela pediu pra nós eu não tinha pra onde ir. Estava desempregado e a minha mulher grávida. Eu senti como um despejo. Ela fazia pressão. Dizia que tinha que colocar piso, porque não tinha. Dizia sempre que precisava reformar a casa. Eu lembro que era época do Natal e ela queria arrumar a casa. Aí, nós viemos passear aqui em Campinas, pra visitar a minha sogra. Ela deixou a gente construir um barraco no fundo da casa dela.

Se os arranjos para a sobrevivência são uma constante, funcionando em redes de ajuda mútua, na mesma proporção se desfazem. São convivências familiares instáveis que provocam sentimentos de rejeição, sufocamentos subjetivos, humilhações cotidianas naqueles que dependem do teto de parentes. O tempo e o espaço invadidos condicionam seus mínimos movimentos, invadem seu corpo, sua intimidade. Ao mesmo tempo, se vêm igualmente como estorvos da vida privada do familiar, do 'dono da casa'.⁴⁵

Eu prefiro aqui, porque aqui eu tenho mais liberdade e na casa das outras pessoas você não têm tanta liberdade, mesmo estando na casa de parente. ... Acho que qualquer hora é pior. É na hora de chegar em casa. É na hora de sair com a minha esposa e os meus filhos. Se a gente chega tarde fica chato. Agora se a gente está na casa da gente mesmo, então não tem esse problema. A gente sai e volta na hora que quer. Se eu venho tarde e eles estão dormindo, fica chato eu chegar, abrir a porta e fazer barulho. Eles não vão gostar, como não gostavam. Eu queria chegar em casa, tomar meu banho, descansar. O descanso dela também não era sossegado. Ela também tinha o filho dela. Ele fazia barulho e a gente não podia falar nada. Era o filho dela, então... E ela estava na casa dela, nós não podíamos chamar a atenção. ... Eu fui despejado de casa de parente, de mãe, de tia, então, eu me senti muito ruim. Prefiro estar aqui hoje, neste movimento, do que estar na casa delas e ser despejado como eu fui. ... as recordações são más. Não era o meu canto.⁴⁶

Vista deste ponto específico, a ocupação pode ser encarada como um alívio para o sofrimento moral a que estavam submetidos na casa de parentes, vindo a conhecer outros tipos de tensões morais como 'invasor', conforme vimos anteriormente.

43 "Cerca de 95 famílias do bairro União da Vitória, próxima ao conjunto habitacional Mauro Marcondes, invadiram uma área na entrada do bairro ... o terreno está abandonado há mais de 15 anos. ... A situação da doméstica R.M. da S., que veio de Alagoas há cinco anos, ... é desesperadora. Até há poucos meses, ela e os três filhos, moravam na casa de um amigo e não pagavam aluguel. _'Só que ele precisou da casa e nós tivemos que desocupar. Agora não tenho para onde ir.'justifica." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Carolina Martins. "Sem-teto invadem área em bairro" 13.05.96:3;

46 "... A faxineira M.C.S., 56 anos, mãe de dois filhos e que ainda cuida de um sobrinho, estava inconsolável. Em sua pequena casa de alvenaria, construída a custo dos dois empregos em que trabalha, M.C. contava que não tinha para onde ir com sua família _ um de seus filhos, G.G.S., 31, é paralítico. _'Ganho pouco mais de R\$ 200,00. Meu único parente é minha cunhada com que já morei, no parque Santa Bárbara, e me desentendi com ela', disse." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Cidades. Antônio Fornazieri Jr. "Tensão Marca desocupação na Vila Boa Vista: Famílias ficam desoladas, sem ter para onde ir". 19.03.97:8

Sabe ... Eu não gosto de lembrar de coisa assim, me mágoa. Eu gosto de viver. Não gosto de guardar memória o que não é agradável na minha mente. Morei tanto, aqui hoje e amanhã ali. Eu tenho que eu morava um dia na minha tia, outro dia na casa de uma patroa. Outro dia na casa de meu pai, outro de uma comadre de minha mãe. É isso. Ia levando. Olha! Eu morei em tantas casas ruins na minha vida. Quando eu morava com a minha mãe, sempre morava na casa de um parente. E era sempre chata essa situação de dependência (...) nunca está numa casa sua. Morava com meu pai, na casa da madrasta. Era chato, nunca ficava à vontade. ... A minha vida sempre foi assim. Morando de favor, favor, favor. Agora chegou uma época que eu não quero mais isso. Eu quero uma casa minha. Eu não quero isso pro meu filho. Eu vivi essa vida de favor, favor e agora eu não quero isso pra ele. E ele está percebendo isso. Mara

Mesmo no casamento, não consegui se sentir 'em casa', morava nos fundos do terreno da cunhada, a irmã do marido. Quando brigavam, ouvia o marido repetir:

'Ah, você é que tem que sair. A casa não é minha.' ... Olha, pra falar a verdade, eu nunca Acho que é por isso que eu tenho esse anseio de ter uma casa minha, sempre morei com parente.'⁴⁷

Um dia, separada do marido, tentou morar com a mãe, irmãos e seu filho, ainda em Candeias (BA). Na ânsia de interromper esse morar transitório se aventurou com os irmãos e improvisou um teto num terreno da avó paterna. Mas a moradia durou menos de um ano por causa da morte da avó, quando a propriedade foi requisitada para ser dividida entre os herdeiros, mas o que precipitou a saída foi a extrema precariedade da construção da casa:

Numa época, eu mesmo fiz uma casa. Você conhece essas casas de barro? Eu morei em uma, com minha mãe e irmãos, em 1989. Deu uma chuva, aí o barro foi soltando, entrando água, molhava tudo. Recebemos uma ordem do juiz, a gente teve que sair mesmo. Não tinha como ficar lá. Foi numa época que a cólera estava até diminuindo ... se a gente continuasse era até arriscado pegar uma doença.

⁴⁷ "... Também o pedreiro E.G. se cadastrou ontem. _'Moro há dois de favor na casa de minha cunhada. Conseguir esse terreno é minha única esperança', desabafou ele, que mora no Jardim Eulina." *Correio Popular*. Campinas. Caderno Invasão. Bill Souza. "Cadastramento, única esperança de milhares." 08.06.96:6

Apesar da casa ser de barro e 'bem humilde', foi uma das únicas que guarda boas lembranças. Atraía a simpatia das pessoas, vivia cheia de amigos, vizinhos. A sua preferência por esse teto está completamente associada à sociabilidade que gerou na vizinhança, em torno de si e da família:

... Ela era a mais feliz. A mais divertida e movimentada pra se viver. Ninguém reparava assim, que a gente era pobre. Todo mundo conversava com a gente e ia lá em casa. Não tinha nem energia e o pessoal ficava lá, conversando com a gente. Dando força pra gente; que a gente ia sair daquela, se a gente tivesse fé, coragem e batalhasse. Pra gente não ficar assim deprimido, porque era pobre, porque era isso e aquilo e aquilo não ... Guardo boas lembranças. Não de ficar dentro dela, não. Eu tenho lembranças assim de ... das pessoas que incentivavam e davam força.

Mara voltou a morar em casa de parentes depois de sair da precária casa de barro, onde procurou viver com sua mãe, filho e irmãos. Por isso resolveu vir 'tentar a vida' em Campinas, dependendo novamente de parentes para sobreviver. Esta reiteração, continuidade de seu desconforto moral, faz com que represente sua história de vida como algo que 'imita' um despejo. Esta tentativa síntese para definir sua identidade, sua existência, como 'despejo', a partir das lembranças de casas faz com que consideremos este tema de estudo fundamental para ampliar nossa discussão sobre a história da cidadania das classes trabalhadoras no Brasil.

No caso, eu estou com a minha irmã. Ela vai interar o sexto filho ... ela quer os parentes dela cada qual por cada qual. Quer dizer, sempre essa chateação. Agora, na minha vida mesmo, sempre foi uma imitação de despejo. Nunca tive um lugar meu, que eu pudesse dizer assim: _'É meu. Eu estou sossegada.'

Casas como sufocamento da individualidade podem ser experimentadas igualmente em pensões, cortiços, desde a infância. João, dos nove aos doze anos morou com seus pais em Poços de Caldas (MG), onde trabalhavam na roça, sítio de um tio. A seguir mudaram-se para São Paulo e seus pais montaram uma pensão no Brás. Sua vida nunca mais foi a mesma. Lembra-se que era a mãe que negociava o aluguel dos quartos e, pela descrição, podia ser também um cortiço, pois moravam algumas famílias muito pobres em certos cômodos da casa.

Evocou este lugar como pouco apropriado para uma família com crianças e sem falar diretamente de sua vivência, queixou-se da provisoriedade, rotatividade de contatos entre os moradores, da falta de intimidade familiar devido a presença contínua de estranhos dentro de casa.

Falou de um mundo em que as crianças convivem com o medo da violência, a desconfiança, muito diferente da casa do sítio, que lhe provocava muita saudade, experiência que retomaremos no próximo capítulo.

... a maioria era o pessoal que vinha do Belém do Pará, Pernambuco. A maioria era solteiro. O cara, acho que matava o outro no norte e vinha pra cá. O primeiro lugar que caía era no Brás. Me lembro como hoje. A maioria deles não trabalhava. Era tudo ladrão. Ficavam por ali. Saía um pouco e voltava. Mas, a gente sempre respeitou. Eles pagavam, traziam carne. Às vezes pagavam um pouco mais de dinheiro, porque minha mãe lavava a roupa deles. ... Às vezes, num dia vê aquelas caras, no outro dia vê caras diferentes. Então, não dá pra pegar a família e tá colocando num quarto de pensão. A não ser que seja um dia, ou pra tá passando uma semana, só.

Dona Ana casou-se aos catorze anos e não consegue entender bem porque até hoje. Afirma que não foi para sair de casa, fugindo do trabalho pesado em família. Ao ouvirmos suas lembranças, em que vivências de casas inexitem, vemos que sublinha desenraizamentos, rupturas familiares, mas sempre em situações estreitamente vinculadas a trabalho doméstico precoce, forçado. Casa-se também para fugir do sentimento de rejeição e orfandade.

Eu tenho pai e mãe, mas não foram eles quem me criaram. Porque o meu pai era investigador de polícia e vivia sempre para fora. Eu fui criada por uma família na capital, na cidade de Alagoas em Maceió ... Deu uma loucura nos meus pais, eu acho que eles não gostavam de mim. Eu acho que os pais dão os filhos para outras pessoas quando não gostam. Eles me deram para um casal de amigos, o meu pai trabalhava junto com um sargento e me deu para esse sargento. A mulher desse sargento vivia muito sozinha, porque ele viajava muito, e os meus pais me deram para fazer companhia para ela. Ela já era uma senhora de idade e eu tinha nove anos. ... Eu fiquei sentida e as vezes eu acho que fui criada sem pai e sem mãe. Até hoje eu sinto revolta da minha mãe. Só que não foi ela, quem me deu. Foi o meu pai.

Não gostava nem um pouco do moço com quem se casou e ninguém na sua casa exigiu tal casamento. Lembra-se de ter se achado 'sem partido' para se casar aos catorze anos. O futuro marido já tinha pedido sua mão três vezes e ela negava.

Na quarta vez eu não sei o que deu na minha cabeça. Na hora que o padre perguntou se eu aceitava aquele homem, eu não tinha palavra para responder. Meu padrinho de casamento me cutucou do lado pra eu responder. Eu olhei pra ele, abaixei a cabeça e respondi. Mas meu coração dizia não. Eu fui casada criança, bem dizer.

O casamento foi realizado só na igreja por Ana ser menor de idade. O pai tinha deixado a família e não havia como obter a autorização paterna. Casou-se no civil quando completou vinte e um anos. Necessitou de seu registro de casamento para a documentação exigida pela Cohab/Prefeitura e se sentiu perdida, sem saber explicar quando tinha se casado. Contou que se surpreendeu muito ao constatar que já havia passado trinta e cinco anos do dia do casamento.

Esta história de vida dá uma idéia do quanto a cultura das classes trabalhadoras pode dispor da existência das meninas em família. Aos nove anos começa a trabalhar para uma mulher (e casa) estranha, mas não percebe claramente esta função dos nove aos onze anos de idade, devido à crença popular de 'proteção natural' do espaço doméstico para meninas, onde se realiza no trabalho feminino.

Não eram pobres, dava pra me criar ... eu acho que ele me deu por causa da amizade deles. ... os dois eram muito amigos e unidos. E de tanto que eles eram amigos, ele me deu. Eu me sentia humilhada e não gostava ... às vezes eu me sinto revoltada, porque minha mãe mora em São Paulo ... Ela e o meu pai são separados. Nossa, eu tinha onze anos quando eles se separaram! E o meu pai mora em Alagoas. Mas, às vezes eu me sinto rejeitada. Puxa! Porque será que eles me deram para aquela família ? ... eu me sinto desprezada.

Desde os primeiros momentos da infância não teve oportunidade de desenvolver sua subjetividade, conhecer seus próprios desejos, sendo prematuramente invadida por decisões familiares que provocaram rupturas afetivas. Como sabemos, são situações mais que banais enfrentadas por meninas das classes trabalhadoras, sendo o trabalho uma das razões mais freqüentes para que sejam

remetidas para a casa de pessoas estranhas; ou ainda impedidas de viver a infância até mesmo dentro da própria casa. As consequências sociais desta cultura do trabalho no espaço doméstico implicaria em aprofundar as discussões sobre relações de gênero no modo de vida provisório.

Depois de onze anos eu voltei com a minha mãe porque ela estava sozinha. E eu enfrentei uma barra com onze anos, costurando com uma máquina de mão, para sustentar ela. ... meu pai largou ela e foi embora com outra mulher. Eu olhava para ela e as lágrimas caíam de quatro em quatro. Mas o que eu ia fazer? Ela não sabia ler, não sabia trabalhar, não fazia nada certo na vida. Ele deixou ela com uma mão na frente e outra atrás. ... a casa que ele tinha, ele vendeu para ir embora com outra mulher. Eu tinha que enfrentar aquilo ali. Eu enfrentei com onze anos uma máquina de costura, dia e noite para ajudar ela. Foi então que nós fomos morar com um irmão dela no sítio. Trabalhamos lá, ela tocou uma roça ... Depois de separado, ele veio para cá, ficou três meses, quando colheu a lavoura, ele foi embora com o dinheiro ...

Três anos depois dona Ana se sente 'solteirona', a experiência com o marido que não queria tornou a 'casa do casamento' um lugar de violações de seu corpo e ataques à sua honra, de mulher adolescente e virgem.

Eu fui muito machucada na minha vida. Mas, posso falar? Olha, porque eu sou mãe de oito filhos, mas eu acho que eu tive os oito obrigada. Quando eu casei, fiquei quinze dias correndo do meu marido. Ele chegava na porta da frente, eu corria na porta do fundo. Ele chegava na porta do fundo, eu corria na porta da frente. Eu não comia e não bebia. Eu acho que ele me conseguiu morta. Porque uma mulher que 'arreja' numa cama sem comer, sem beber e sem dormir... foi a única coisa que ele pode fazer. A minha revolta dele nem foi tanto isso. A minha revolta maior, foi dele falar pra mãe dele que ele achava que eu não queria aceitar ele porque eu não era mais virgem. Isso acabou comigo, nunca mais ...

Depois de onze anos viúva, garante que nunca mais um homem entrou na sua vida. A sua infelicidade no casamento fez com que temesse passar pelo mesmo problema de novo. Desde essa época, afirma que não tem nenhuma boa lembrança das casas que morou. O espaço do habitar é inteiramente associado ao sentimento de sufocamento de sua individualidade, na convivência com o marido.

A revolta acabou comigo. Virgem Silvia! Ele bagunçava o coreto e incomodava. Tinha dia que eu chegava em casa e sentia vontade de voltar. É um passado que eu não gosto nem de lembrar! Agora, depois que eu fiquei sozinha, com os meus meninos, a vida é outra coisa, mais livre.

Ao final da conversa busca palavras para sintetizar sua vida, lamentando a falta de boas lembranças de casas. Termina como se ainda esperasse resgatar uma infância e subjetividade desprotegida, sentindo ainda, contraditoriamente, o peso da responsabilidade de ter se tornado um 'teto' indispensável para ajudar a 'criar' a mãe e irmãos.

Fui criada sem pai e sem mãe e criei duas famílias. Até hoje ninguém no mundo me criou. Eu vivo uma vida de experiência sozinha e até hoje estou batalhando por esta vida.

Por isso, chegar até à ocupação, foi uma experiência inesquecível e ter resistido até aquele momento mereceria um livro sobre sua vida, conforme suas palavras ao se situar na história do grupo de sem teto da V. Lídia. A força que acalenta para definir um espaço de casa e viver de acordo com suas crenças seria uma das recompensas esperadas do 'destino': conhecer o prazer e a intimidade de habitar sua interioridade, a família e cidade em que vive.

Capítulo IV

***SÍMBOLOS DE CASA E FRAGMENTOS DE
DEVANEIOS DO HABITAR***

*Não converso com ninguém isso. É uma coisa que eu carrego dentro
do meu peito*

A casa como patrimônio simbólico e a ética do habitar dos trabalhadores sem teto

Reiteramos que não existe na análise uma tentativa de reconstrução cronológica, linear, exaustiva ou descritiva do passado dos sem teto, porque decidimos por realizar recortes específicos em suas lembranças de casa, desta vez para interpretar o universo da moradia da perspectiva de experiências de intimidade, com o prazer de morar, símbolos de refúgios e permanência com os espaços vividos. Depoimentos deste tipo foram poucos, mesmo assim, aparecem destacados de suas trajetórias de vida, uma vez que continuam sendo valorizados nas recordações destes indivíduos e se confundem com os devaneios de casas futuras.

Inspirados em *A Cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças*, (Mattos, 1982), podemos dizer que a casa, tanto quanto a cidade, podem fazer emergir imagens evocativas que expressam espaços qualitativos, ultrapassando descrições previsíveis, controladas pela racionalidade dominante.

Entre os trabalhadores sem teto da Vila Lúcia, algumas vivências no passado indicaram que podem reconhecer-se como sujeitos desiguais, heterogêneos, incomparáveis nas práticas do habitar. Escapam por meio de imagens, mesmo que por instantes, dos rígidos e delimitados espaço instituídos que exigem práticas de repetição mecânica, sem história, carentes de recordação. Numa conversa saudosa retomam experiências profundas, porém, passíveis de valor apenas na solidão subjetiva de cada um.¹

Silvia, por exemplo, nasceu em Campinas e recorda com saudades da casa dos avós no bairro Nova Europa, quando tinha uns oito anos de idade. Às vezes ela chama de 'casa', outras vezes de 'barraco', outras tantas de 'casa de barro'.

Este depoimento nos ajuda a dizer ainda que os sem teto não se restringem a descrever um lugar específico, que, aliás, muitas vezes não é o mesmo, nem no tempo, nem no espaço, mas sim imagens simbólicas de casa que vão além de certos valores morais, próprios de sua história e cultura. Referem-se indiretamente ao patrimônio

¹ "É assim que Benjamin vai resgatar o *negativo* na cidade planejada, ordenada, controlada; ela é o *espaço* amplo, cheio de possibilidades por suas 'interseções', 'passagens', desvios, becos sem saída, 'ruas de mão única'. Há uma linguagem secreta habitando esses espaços fugidos e escondidos por onde passa o flâneur baudelairiano. E também nos fragmentos da 'Infância Berlinense', Benjamin dispõe da destruição de um mundo cuja única referência é a memória subjetiva, dado que seu suporte objetivo desapareceu e a cidade com suas 'ruas', seus 'passeios', suas 'passagens' se desfigurou: Berlin, Marselha, Nápoles, Moscou e sobretudo Paris são o lugar de reflexão acerca da razão instrumental, inimiga do passado e da lembrança, que visa acriticamente o futuro e o progresso." Mattos. 1982:49

imaginário e simbólico, socialmente não reconhecido, que traduz *essências da função original ou ancestral do habitar, valores de refúgio e intimidade, raízes do habitar*.² Estão elaborando mais uma espécie de síntese de suas vivências de casas da infância, que lhes deram a oportunidade de elaborar certos conteúdos subjetivos de felicidade, bons de lembrar.

As casas de Silvia sempre tem três cômodos. Uma delas era de madeira, existiu numa fase transitória de moradia dos avós, enquanto construíam a casa de tijolos em terreno próprio. O barraco de madeira, aos fundos, mais que a casa de tijolos, lhe trouxe um prazer especial em morar. A experiência com este casebre perdido na infância, influenciou sua imaginação de casa futura: morar no interior, em Ondas Verdes, numa casa no campo, como vimos em outro capítulo, onde possa cultivar uma "*solidão positiva*" (Bachelard) ou sociabilidades e valores de permanência.³

Adorava esse lugar. Eu lembro que eu brincava, que eu corria. Eu gostava muito dali... Ah, eu sempre gostei de coisa assim. A gente primeiro construiu um barraco, depois é que fez a casa. Então, eu gostava quando eu morava no barraco. Eu gostava do barraquinho. Tanto que, quando meu avô fez os três cômodos de tijolo, ficou um cômodo ... Ele não tirou tudo e eu fiz ele fazer um cômodo de madeira, lá no fundo do quintal. Ficou a casa no fundo e no meio ficou bastante arvoredo.⁴

² Bachelard.1988:25,26,47,48

³ Citaremos um 'clássico' devaneio de 'casa de campo' ou da 'casa humilde', igualmente recorrente em nossa cultura popular - "*Chitãozinho e Xororó*" - para ilustrar e reconhecer a importância de algumas imagens de Silvia: "Eu não troco meu ranchinho/ Amarradinho de cipó/ Pruma casa na cidade/ Nem que seja bangaló/ Eu moro lá no deserto/ Sem vizinho eu vivo só/ So me alegra quando pia/ Lá prá aqueles cafundó/ É o nhambú chitão e o xororó (bis)/ Quando rompe a madrugada/ Canta o galo carijó/ Pia triste a coruja/ Na colheira do paió/ Quando chega o entardecer/ Pia triste o jaó/ So me alegra quando pia/Lá prá aqueles cafundó/ É o nhambú chitão e o xororó (bis)/ Não me dou com a terra roxa/ Com a seca larga pó/ Na baixada do areião/ Eu sinto prazer maió/ Pegue a rolinha no andar/ No areião faz caracol/ Só me alegra quando pia / Lá prá aqueles cafundó/ É o nhambu chitão e o xororó (bis)". Autor e data provável: José Fortuna. 1962.

Um segundo exemplo de *poética do espaço* popular pode ser sugerido para reconhecermos a importância do cultivo da imagem da 'casinha humilde' e, neste caso, também um pertencimento social do sujeito que habita: "Fiz uma casinha branca, lá no pé da serra, pra nós dois morar/ Fica perto da barranca, do rio Paranã/ O lugar é uma beleza, eu tenho certeza, você vai gostar/ fiz uma capela bem do lado da janela, pra nós dois rezar/ Quando for dia de festa, você veste seu vestido de algodão/ quebro meu chapéu na testa, para arrematar as coisas do leilão/ E satisfeito vou levar, você de braço dado, atrás da procissão/ Vou com meu terno listrado, minha "flor de lótus" e meu chapéu na mão.(repete tudo)". "*Lá no pé da serra*" Autor: Renato Teixeira.1979. (um dos temas musicais da novela da Globo "Cabocla")

⁴ "Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela? Os escritores da 'casinha humilde' evocam com frequência esse elemento da poética do espaço. Mas essa evocação é excessivamente sucinta. Como há pouco a descrever na casinha pobre, eles quase não se detêm nela. Caracterizam-na em sua atualidade, sem viver realmente a sua primitividade, uma primitividade que pertence a todos, ricos ou pobres, se aceitarem sonhar." Bachelard.1988:24.

Relembra em algumas passagens, objetos do barraco para demonstrar como se sentia bem naquele momento de sua vida com sua avó, apesar de seu 'gosto' por uma casa mais 'miserável'. Transmite valores que deixaram de existir nas casas provisórias que vieram depois. Usou a expressão 'morei muito'⁵ várias vezes, associada ao prazer de estar com a avó, numa casa que lhe dava referenciais de enraizamento diário, permanência, intimidade em relação à casa e ao mundo exterior, percebidos pela organização dos objetos e limpeza da casa, da cozinha, como pela sociabilidade estreita desenvolvida com vizinhos e parentes. Silvia reconheceu objetivamente a melhor qualidade e valorização social da casa de tijolos, mas viveu a mudança como algo indesejável.

Não sei porque eu gosto. Morei muito quando a minha avó era viva e era gostoso. Eu gostava da vida que a gente levava. Bem pobrezinha, bem miserável, mas eu gostava. Quando o meu avô falou que ia desmanchar o barraco e ia fazer casa de tijolo, eu não gostei. Eu falei: _'Porque? Já viveu a vida toda em barraco, porque não vive mais? Porque tem que fazer casa de tijolo? Cada um mora do jeito que quer'. Apesar que os outros tiravam sarro de morar em barraco. Mas eu gostava ... Hora de calor era bem fresco. É bem fresquinha a casa de barro. Dentro, o chão era de terra também, fogão de lenha. Eu gosto de todas essas coisas ... pendura na parede seus alumínio. Fica bonito. 'Esbarreava' o chão e o fogão também, com cinza e barro.⁶

As recordações de rupturas do habitar de Mara, moça de vinte e sete anos, de Candeias (BA), apresentaram intensas imagens de um viver provisório. Como os demais, lamentou não ter tido uma 'boa infância', adolescência e juventude. Não gostaria de 'voltar atrás para começar tudo de novo', porisso as 'boas' lembranças de casas não se revelaram imediatamente. Numa espécie de balanço de sua vida, pensa em silêncio e depois afirma, com voz baixa:

⁵ "O espaço valorizado é um verbo; em nós ou fora de nós, a grandeza nunca é um 'objeto' ". Bachelard. 1988:206

⁶ "... todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa. ... Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova ... Nessa região longínqua, memória e imaginação não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem, na ordem dos valores, uma união da lembrança com a imagem. Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. ... Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho. Nunca somos verdadeiros historiadores: somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida." Bachelard:1988:25,26

Talvez eu voltasse à casa de minha tia, só. Para recomeçar. E mais lugar nenhum. É essa casa que lembro, porque lá eu tinha muito carinho. Ela é um amor. Foi com ela que eu aprendi a guardar umas coisas boas aqui dentro [mãos ao peito] e a ver a vida de uma outra maneira. A gente estava sempre se divertindo. Ela me sentava naquele colinho dela e dava um carinho. Só a casa da minha tia mesmo.

A casa tornou-se um corpo, descreve a afetividade da tia para representar a intimidade aprendida numa brevidade de ser, sinônimo de alegria, prazer do habitar da tia, que contribuiu, provavelmente, para ensinar que a casa ajuda a cultivar devaneios do que desejamos ser um dia. Em outra ocasião, ao imaginar a casa do futuro, voltou ao passado numa outra casa, desta vez tentando definir referências próprias de uma *essência* do habitar, como veremos adiante.

A aventura de ter vivido a infância no campo sem trabalhar e experimentado um espaço e tempo próprio de casa, traz boas lembranças a João, que nasceu em Dracena (SP). Durante este período teve a oportunidade de sentir um enraizamento diário, o prazer em ver algumas rotinas, regularidades familiares, percebidas em torno de alguns 'cantos' da casa. Aos três meses de idade seus pais se mudaram para Luanda (PR), em busca de trabalho no campo. Voltou a este lugar a passeio, em 1993, um ano antes da ocupação da Vila Lúcia e descreve este retorno com emoção.

Eu já morei em tanta casa, viu? Sempre morei com o meu pai e minha mãe. Eu lembro de todas elas. Eu tinha três anos de idade e lembro da casa que eu morava! Pra dizer a verdade dá vontade de voltar lá. Eu tive oportunidade de voltar o ano passado numa casa que eu morei quando eu tinha seis anos de idade. Foi emocionante! Não tem nada lá dentro. Os cabritos tomaram conta. Tá tudo aberto, é uma fazenda. Mas, tá lá a casa em pé. Não tem divisória, mas eu lembrei tijolo por tijolo. Uma casa de tijolo, feita com barro, coberta de telha. É muito difícil, depois de todo esse tempo, você lembrar de como era a casa. Uma casa que eu tinha gravada. Até o fogão que minha mãe cozinhava, eu tinha gravado na cabeça. Não estava mais lá. Mas, eu sabia onde era o lugar dele. Então, na frente da casa, tinha aquele buraco onde coloca as bananas pra madurar. Desde o pé de mamão que tinha na frente, até a casa do meu tio. Eu tinha tudo gravado. E foi quando eu cheguei lá, realmente era tudo aquilo ... Ah! Quando eu entrei dentro, parecia que tinha voltado tudo aquilo! ⁷

⁷ "... os poetas são nossos mestres. Com que força eles provam que as casas para sempre perdidas vivem em nós! Em nós elas insistem para reviver, como se esperassem de nós um suplemento de ser. Como moraríamos melhor na casa! Como nossas velhas lembranças têm subitamente uma viva possibilidade de ser! Julgamos o passado. ... Por que não saciamos tão depressa da felicidade de habitar a morada? Por que não fizemos as horas passageiras durarem? Alguma coisa mais que a realidade faltou `realidade. Na casa não sonhamos o bastante. E, já que é pelo devaneio que podemos reencontra-la, a ligação é malfeita. Fatos atravancam nossa memória. ... Então, se mantivermos o sonho na memória, se ultrapassarmos a coleção das lembranças precisas, a casa perdida na noite dos tempos sai da sombra, parte por parte. Nada fazemos para reorganiza-la. Seu ser se reconstitui a partir de sua intimidade, na

João relembra, como Silvia, da cozinha, do fogão, lugar do calor do fogo, indiretamente fala da presença da mãe, da avó. Certamente muitas outras imagens íntimas estão associadas a estes objetos e pessoas através do prazer gravado pelas lembranças e às quais não teremos acesso. O fogão sugere fogo, calor e organização da família; tudo isto nos fez lembrar de uma passagem específica de Bachelard, quando reconheceu que a existência do vasto patrimônio simbólico de casa é tão importante e antiga quanto o da água, do fogo, do ar e da terra.

Encontramos em 'Lar' a expressão que estabelece essa união específica entre fogo, casa e família, não só no sentido doméstico, privado, mas também a uma representação de pertencimento social, que podemos definir elementarmente como "*a parte da cozinha onde se acende o fogo*" e, ao mesmo tempo, "*a terra natal, pátria*"; bem como quer dizer ainda, plural de "*deuses domésticos, entre os antigos romanos.*"⁸

Em Pierson (1966), numa clássica análise sobre "*comunidade*", em seu estudo "*As raízes de Cruz das Almas*" (SP), ao mencionar um censo ordenado pelo governo português no local, em 1766, o termo "*215 fogos*" no registro de dados, foi traduzido pelo autor como sendo "*casas de famílias*", numa nota de pé de página.⁹

Quando vemos a popular frase '*Lar, doce Lar*', ignoramos que ela vem de um tempo tão longínquo, que simboliza além de refúgio, aconchego, intimidade, permanência, representa concretamente, calor do fogo, aquecimento da casa contra o tempo frio, a preparação do alimento, a água aquecida para o banho.

Todos estes significados de 'Lar', fogão e outros, auxiliam a dizer que os objetos, como os que ostentam a frase acima, tão comuns nas paredes das casas populares, são indispensáveis para estimularem lembranças e devaneios de casa.

Os desenhos de cabanas, casebres ou castelos, em geral no campo, floridos, iluminados, muito comuns em exposições de feiras de artesanatos nas ruas de qualquer cidade sempre chamou nossa atenção. São quase sempre gravuras muito repetitivas e despertava sempre a pergunta: por que a alta frequência de quadros com os mesmos desenhos, temas, formas?

doçura e na imprecisão da vida interior. ... Chegamos a duvidar de ter vivido onde vivemos." Bachelard.1988:70,71

⁸ *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*.1979:644,747

Em Cascudo, temos ainda : "Lar é a pedra onde se faz o fogo doméstico, 'fireside', lareira, 'herd', 'Feuerstätte', 'sítio donde se enciende la lumbre para el servicio ordinario', 'hogar', 'foyer', que valem em francês 'maison', 'demeure', 'famille', 'pays natal'. ... Para os russos o lar é a fogueira da casa, 'domaschnij otschag'. A fonte visível é o fogo, 'feu', 'fire', 'fuego', do latim 'focus', fogão, lar, fogareiro, casa própria. ... Assim, a família nasceu e cresceu ao redor do lume caseiro. ... Fogo apagado é dispersão, miséria, morte. Engenho de fogo morto é o que não produz mais. Gente de fogo apagado, que não tem fogo em casa, são expressões do interior do Brasil e Portugal significando a desorganização, a anarquia ou extinção de todos os elementos coordenadores de um lar". Cascudo.1983:274

⁹ Pierson in Fernandes (org.). 1972: 111

A *Poética do Espaço* nos fez entender que cada um pode habitar subjetiva e plenamente as gravuras, desenhos, pinturas de casas simples, ou imensas construções, como sobrados, castelos, ou ainda, um pedaço de rua, de praça, de varanda. A criação de devaneios nestes casos também é livre, infinita, provisória, reconforta quem cultiva o hábito de imaginar casas futuras.

Se fosse possível, colecionaríamos alguns destes *documentos* (para usar um termo de Bachelard), mas nos limitamos a descobrir a existência ou não de determinados objetos que estariam auxiliando devaneios do habitar dos trabalhadores sem teto (como os "*objetos-sujeitos*", - do mesmo autor - como mencionamos em outra passagem de nosso trabalho).

O objetivo foi tentar explorar um pouco mais o livre processo de criação de imagens e algumas situações ilustram significativamente a presença de certos objetos, como veremos a seguir.

A Casa do Desejo como um vir a ser de sujeitos

Pagar aluguel é uma impossibilidade constante e morar com parentes funciona de forma ambígua. Existe na maioria dos relatos a necessidade de ficar (para não ameaçar as práticas de sobrevivência estabelecida na família) e a vontade de sair, porque "cada um deve ter o seu lugar". E o despejo - legal ou simbólico, conforme procuramos demonstrar - quase sempre inevitável, traz vergonha e mais sofrimento ao modo de vida provisório. Mesmo assim, apesar de toda a limitação imposta pelos discursos do 'sonho da casa própria', a imaginação trabalha, é persistente e estimula uma resistência contínua entre os trabalhadores sem teto. Nesta condição, muitas vezes identificados também como "migrantes" devido às constantes mudanças de cidades, se diferenciam dos moradores de rua menos pela aparência exterior do que pelos "sonhos", entre eles, o da "casa própria".¹⁰

¹⁰ D'Incao: "A maioria dos trabalhadores com os quais tive contato em minhas pesquisas já viveu a experiência de estar sem casa e sem emprego, nas ruas de uma ou outra cidade, ou tem essa referência como uma possibilidade ... Campinas acabou de caracterizar essa população como constituída por pessoas que vivem um processo de perdas sucessivas de seus territórios. Nesse processo, o corpo dessas pessoas aparece como o último território que lhes resta, o último espaço de resistência. E esse corpo está adoecendo, requerendo cuidados ... é preciso entender o que diferencia um homem de rua de um migrante. Algo muito tênue, mas decisivo. Eu diria que é a capacidade de sonhar. Nas minhas experiências tenho observado que o sonho de encontrar as condições para viver com mais dignidade é o elemento energizador da errância que nutre os processos migratórios em nosso país. Se estou certa, o homem da rua seria o homem que deixou de sonhar." *População de Rua: Brasil e Canadá*. 1995:27,30

Vamos supor: o homem pediu a casa e deu um prazo de trinta dias pra sair. Tá dando aquele dia, mas não está conseguindo a outra casa. Então, quando ele consegue aquela casa que está morando ele fala, no desespero: 'Tomara que não precise sair e que dê tudo certo.' A pessoa quando aluga uma casa, a intenção dela é entrar e ficar ali o resto da vida, pagando aquele dinheiro. Muitos pensam: 'Se Deus quiser, daqui um ano eu compro um terreninho e depois eu saio.' Não existe, acho que não existe esse tempo determinado. A pessoa quando ... o desespero dela é tanto procurando uma casa que, quando encontra, ela não quer mais sair dali. Ou quando quer, fala: 'Se Deus quiser o ano que vem vou construir uma casa, vou comprar um terreno.' Quer dizer, é um sonho ... é um sonho que todo mundo tem, né? João. ¹¹

Como vimos, Bachelard considera que existe em todo homem o desejo de reencontrar a segurança da "*primeira morada*", a casa do nascimento, onde não conhecemos a hostilidade do mundo. Apenas posteriormente viveremos experiências de "*hostilidade*" e de estranhamento em relação ao mundo exterior. Assim, ao analisar, por exemplo, "*devaneios de ninhos*", ressalta que apesar de serem de folhas tão frágeis, normalmente estão bem escondidos e despertam devaneios "*absurdos*" de segurança nos homens. A ocupação,¹² igualmente, na sua mais absoluta precariedade, provoca, paradoxalmente, desejos "*oníricos*" de intimidade.

Por isso, os sem teto também podem ter casas imaginárias e mesmo neste espaço da ocupação, considerado socialmente ilegítimo, esperam construir "*ninhos*", porque esta é uma atividade inerente da imaginação humana, procurando recriar-se, recuperar forças morais e despertar dentro de si, mesmo que por breves instantes ...

... a origem de uma confiança no mundo ... Em seu germe, toda vida é bem-estar. O ser começa pelo bem-estar. ... O ninho do homem, o mundo do homem, nunca acaba. E a imaginação ajuda a continua-lo'. ¹³

¹¹ "... se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos. Ao devaneio pertencem valores que marcam o homem em sua profundidade. O devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele usufrui diretamente de seu ser." Bachelard.1988:26

¹² "Consoante a argumentação bachelardiana o homem tem como destino a reconstrução de si com o nascimento de cada instante. A cada decisão instantes novos são gerados e a vida recomeça. Assim, o deflagrar de uma ação consciente tem como corolário a ruptura e não a continuidade. A hesitação, a espera, provocações que circundam uma decisão demonstram o seu isolamento cuja execução implica o recomeçar incessante da vida." Paiva.1997:114

¹³ Bachelard.1988:115-116

Por isso a descrição da 'casa própria' é a representação que o sujeito faz de si próprio ao imaginar-se num futuro não muito distante e protegido, em intimidade com o mundo, pertencendo à sociedade. Sabemos que a descrição de detalhes espaciais concretos, os 'cômodos', são pouco originais ou até muito repetitivos em relação ao que qualquer um de nós espera de uma divisão básica, elementar de casa.

Mesmo assim, vejamos a maneira como os sem teto se imaginam sujeitos autônomos, como renascimento de identidades sociais, individuais e familiares. Sublinhamos certas imagens expressivas, fragmentos de devaneios criados para fazer frente às suas identidades interrompidas, fragmentadas, desterritorializadas no trabalho e na moradia, cuja totalidade de detalhes presente em suas respectivas imagens jamais conheceremos.

Em um outro conjunto de imagens (de "conchas") Bachelard solicita que aceitemos seguir imagens muito simples de refúgio. Um de seus argumentos é o de que apesar de expressar imagens "demasiado ingênuas, gastas", tem a vantagem de ser uma "imagem inicial, indestrutível" em termos de "velharias da imaginação humana". Para não sermos "vítimas da banalidade", diz ainda o autor, "é preciso então encontrar uma imagem particular para novamente dar vida à imagem geral."

O autor encontra as "velharias da imaginação humana" nas revelações poéticas de autores renomados, eruditos, enquanto nós queremos reconhecê-las na imaginação dos sem teto, dificilmente como expressões poéticas populares, dadas as circunstâncias em que foram pesquisadas, mas com certeza apresentam traços de afetividade, delicadeza.

Bom, eu não sonho muito alto. Olha eu quero que ela seja simples, porque eu não gosto de muito luxo. Eu quero uma coisa bonita e natural. *Sem muro*.¹⁴ Lá dentro tem que haver uma sala. Um banheiro meu, um banheiro do meu filho. Tem que haver dois quarto, a cozinha, um corredorzinho. Acho que é só. E uma areazinha, onde eu vou lavar roupa, pôr roupa no varal. Um espaçozinho no quintal e só isso. Mara.

Desta perspectiva, por mais que as descrições de casa sejam 'vulgares', possuem significados particulares para aquele que devaneia sobre um refúgio de recomeço. Na

11 No capítulo "*imensidão íntima*", encontramos uma das muitas associações possíveis para a imagem 'sem muro': "... o espaço íntimo e o espaço exterior, vêm constantemente estimular um ao outro em seu crescimento. ... Qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada, assim é que expressa, poeticamente expressa, a tristeza se modera, o peso se alivia. Por ser o espaço poético expresso, adquire valores de expansão. ... Quando um espaço é um valor _ e haverá maior valor que a intimidade? _ ele cresce." Bachelard.1988:205,206

simplicidade destas revelações femininas, o que chamou a atenção foi a suavidade no uso das palavras que, Mara e dona Ana, procuraram dar às imagens, utilizando muitos adjetivos diminutivos.

Eu não tenho nada, porque se eu pudesse, quando eu construísse a minha casa... Porque é como eu disse, eu vou começar tudo de baixo, tudo de novo, do zero. É um sobradinho. Eu fico lá em cima! Só pra olhar pra baixo e que se vire lá! Nossa! Eu desejo fazer desse jeito: um sobradinho lá em cima, com quatro cômodos, dois quartos, sala, cozinha e banheiro e mais nada. Uma arezinha, na frente bem legalzinha! Esse é o meu pensamento [ri do próprio devaneio]. dona Ana.

A vontade de ser a 'cabeça' principal da (re)organização familiar, ficar no andar de cima, sugere ainda o desejo de ser o símbolo da 'maternidade' da casa, proteção, o 'ninho' que deve abrigar, garantir aos filhos desprotegidos [sem terra, sem teto] um 'bom alicerce', para a continuidade da história familiar. Dona Ana acha que 'pensa alto', como se quisesse dizer: _ 'posso me imaginar livre'.¹⁵

Quero para olhar a paisagem lá de cima. Eu sempre falo para os meus filhos. Aquele que puder comprar um terreno, ... porque não é todos que podem. Tem uma mais novo, que mora no Nova Europa, não tem casa. Tem outro, que estava pegando terreno aqui, mas eu acho que não vai conseguir pegar. Eu sempre falei: _ 'Olha, o dia que eu puder comprar um terreno, vou fazer um sobrado e aquele que quiser subir comigo, pode subir.' Um atrás do outro. A primeira de baixo, fazer com um bom alicerce, para por os outros em cima. Eu não sei se ele vai conseguir pegar o terreno. Se ele não conseguir, ele vai ficar comigo. Eu vou fazer, e aquele que quiser, pode ir pondo em cima. Ah! eu estou pensando alto [risos]. Vai do jeito do terreno. Mas, na frente, eu quero uma área. Um terraço. É o meu jeito de gostar. Nossa, eu sempre adorei morar numa casa assim. Se fosse um terreno mesmo, que desse para fazer uma casa assim, de frente. Eu

¹⁵ "O sonhador dá a si mesmo, com pouco esforço, uma impressão de domínio. Mas quando toda a banalidade de tal devaneio foi ressaltada, percebemos que ele especifica uma solidão da altura. A solidão fechada teria outros pensamentos. Negaria o mundo de outra maneira. Não teria, para domina-lo, uma imagem concreta. Do alto da sua torre, o filósofo da dominação miniaturiza o universo. Tudo é pequeno porque ele é alto. Ele é alto, logo é grande. A altura de sua morada é uma prova de sua própria grandeza. ... A imagem não quer deixar-se medir. Por mais que fale de *espaço*, ela muda de grandeza. O menor vaior amplia-a, eleva-a, multiplica-a. E o sonhador converte-se no ser da sua imagem. Absorve todo o espaço da sua imagem." Bachelard.1988: 179.

O desejo de "subir" com a construção da casa, que "cresce" conforme o número de filhos desamparados de dona Ana, sugeriu ainda o símbolo de "Castelo": "Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de *proteção*... Por isso o castelo figura entre os símbolos da *transcendência*.. O castelo simboliza a *conjunção dos desejos*." *Dicionário de Símbolos*1991:199

faria uma casa com terraço dos dois lados. Mas, como não dá, eu vou fazer de um lado só. Uma área na frente, bem grande assim, com cobertura!

Ao repetir muitas vezes 'meu pensamento', deixou claro que crê firmemente na originalidade de sua imaginação de casa, bem como enfatizou igualmente a vontade de criar um espaço independente para sua individualidade dentro da família, sem deixar de acolher, proteger os descendentes.

Meu pensamento já não é esse de frente, meu pensamento é de lado. Então, no meu pensamento, eu quero fazer embaixo, pra minha filha e, em cima, pra mim. É esse o meu pensamento. Porque eu estou pegando junto com a menina mais nova, porque eu não podia pegar sozinha. Porque o que está se passando embaixo, eu não quero saber em cima.

Há uma humanização da casa com a introdução de imagens de gestos, rituais diários, domésticos, ('vou lavar roupa, por a roupa no varal', 'quero olhar a paisagem de cima' ou 'vou sentar na área') que sugerem buscas de completude, quietude do ser. Imaginam um certo limite e uma certa distância em relação à lógica do espaço e do tempo provisórios, que tenta diluir permanentemente a organização objetiva/subjetiva de sua existência no espaço da rua, das barracas, da cidade.

Meu desejo é ter minha casa e fazer um muro. Um muro assim, de dois metros de altura, todo fechado e colocar um portão de ferro, todo fechado na frente. Pra mim sentar na área, olhar e falar: _'Bom, pelo menos eu tenho meu cantinho e ninguém vai me tirar. A casa é minha!' Ela [a casa imaginada] está lá mesmo onde eu moro, no meu bairro. João.

A casa de João não deve ter 'olhos' para o mundo exterior, só para si mesmo, ser um entorno absoluto, fechar-se sobre seu corpo, protege-lo do mundo da rua como uma concha.¹⁶

¹⁶ "Com a concha, o impulso vital de habitação chega rápido demais ao seu termo. ... a casa cresce na medida exata de seu hóspede ... Se os ninhos e as conchas não fossem valores, não sintetizaríamos tão facilmente, tão imprudentemente a sua imagem. Com os olhos fechados, sem atentar paras as formas e as cores, o sonhador é invadido pelas convicções do refúgio. Nesse refúgio a vida concentra-se, prepara-se, transforma-se." Bachelard. 1988: 126,129,130

José, por sua vez, nos impressionou na maneira como as imagens foram sendo ditas, com verbos no tempo presente, como se estivesse efetivamente vivendo as imagens que construiu por alguns instantes, sentado em um banco improvisado de tijolos e olhando para o infinito.

Sonho muito com o meu canto. É a minha casa. Um lugar grande, suficiente para ter o quarto dos meus filhos e o meu e da minha esposa. Bem dividido, bem organizado. É uma casa bem planejada, com piso, com tudo. Tudo que uma casa bem acabada tem. É uma casa bem pintada, branca. Tem um muro alto, bem fechado, na frente tem grade. Eu imagino mais dentro dela. Cozinha, banheiro, tem quintal. José. ¹⁷

Para José, a rua pode ser vista através da grade, a separação com o mundo exterior não é tão radical como em João. A família está em paz, cuidando de um enraizamento cotidiano, se vê plantando margaridas no jardim, já efetivamente num endereço legal. Neste lugar não se sente 'estrangeiro', 'exilado', despejado de si mesmo, de sua própria terra ou da família. Na casa do futuro terá direito a se abrir, expandir-se, criar novas sociabilidades na sala de visitas. O direito ao segredo deixa mistérios, curiosidades, ficamos sem acesso aos detalhes das imagens que visualiza no interior da casa -'dentro dela': a cozinha, a sala, os quartos ...

¹⁷ Desde os primórdios da história os problemas de defesa da casa, comunidade, cidade, nação, desafia o homem não só a pensar mas imaginar soluções que estabeleçam uma separação entre mundo interior e exterior. Os muros, como proteção, defesa, continuam significando esta dupla necessidade psíquica de limites espaciais de separação: seja subjetiva, seja demarcação do 'lugar', território para pertencer à vida social. Um estudo de Valladares (1978), mencionado por Woortmann, destaca que uma das primeiras providências entre famílias de ex-favelados transferidos para um conjunto de casas populares, é a construção do muro ao redor do lote, porque representa '*independência*'. A preocupação é delimitar, separar o espaço de uma família de outra. '*numa vizinhança que, muito freqüentemente, não é de parentes*'. Woortmann.1982: 138,139.

Num outro estudo, sobre o uso das lutas por habitação dos sem teto como espetáculo, cenário, nos telejornais, vemos a mesma questão sendo colocada na descrição do conflito da Vila Socialista (fev./91), divulgado pelo Jornal Nacional: 'As imagens desses espetáculos, tematizam o sentido das lutas que se desdobram no espaço-cenário, onde se expressam relações sociais. O drama emerge do 'moto contínuo' de imagens que, se sobrepondo à textualidade, dão conta da simbologia dos objetos cênicos que representam a oposição social. São objetos, ou traços, distintivos, que opõe os atores, mostram a sua contraposição e os caracterizam como personagens. De um lado, os 'sem teto', os barracos, tendas, lotes delimitados com barbantes ressemantizados como 'cercas' em um terreno em Jacarepaguá, cuja imagem narrada in *off* pelo repórter mostra vários moradores abaixados e cercando seus lotes com rolos de barbantes, ou, como na Vila São Pedro, em que a imagem mostra a mãe sentada no chão com um bebê ao colo, velando um amontoado de móveis velhos e utensílios domésticos à céu aberto.' Ferraz, 1994:8 (grifo nosso)

Na frente tem piso cerâmico, tem um jardim pequeno no meio do terreno, com margaridas plantadas. Eu vou plantar e acho que quem vai cuidar é a minha mulher. Vai ser bom ficar conversando com meus amigos, na minha casa, recebendo os meus amigos. ... Eu me sinto feliz de estar na minha casa, sem estar me preocupando. Me sinto feliz de estar no meu canto, sem estar incomodando os outros. José.

As imagens dizem como gostariam de gerir e delimitar o 'canto' ou o 'lugar' de sua individualidade e o 'canto' dos membros da família, sempre pensada como organização nuclear. Há um valor moral, sempre presente, separando a intimidade de cada membro da família no espaço da casa, que só pode acontecer virtualmente, nos devaneios de casa. São desejos de vivências de casas que talvez nunca experimentaram e que gostariam de cultivar, tanto quanto os valores de permanência, que entendemos como poder sair para o mundo exterior e voltar para casa - para dentro de si mesmo -, sem que isso seja confundido com duração temporal.

Trata-se da necessidade do indivíduo em desenvolver, concomitantemente, uma proteção à sua subjetividade e uma expansão para seu pertencimento social. A tensão entre relações de interioridade e exterioridade vivida pelo indivíduo está intrinsecamente relacionada aos espaços vividos e a sociedade não deveria chegar ao ponto de impedir o sujeito a tratá-las com autonomia, independência e liberdade. Isto acontece quando tenta fixá-los e impor uma sedentarização no espaço da cidade, e também quando determina a provisoriedade como modo de vida, ambas funcionando como invasão e sufocamento de individualidades.

Talvez seja por isso, que Mara devaneia com um 'lugarzinho arejado', espaço aberto para ser livre, capaz de fazê-la sentir sua própria dignidade e integridade moral ('um lugar definido'), num acolhimento que pode experimentar, praticar o prazer de morar.

Eu quero um lugarzinho pra mim e pra ele, arejado e gostosinho. Eu quero é saber que eu tenho um lugar pra mim e pra meu filho. Pra dizer assim: _'Vou sair agora. Mais tarde eu volto, porque esse lugar é meu!' Eu preciso de um lugar definido, não só por mim, mas pelo meu filho. Eu acho que eu já levei tanto nessa vida, que eu não quero sonhar muita coisa. Quanto mais simples melhor. Mara.

Na verdade, o tema 'sonho da casa própria' como descrição da casa material funciona como uma sugestão, incentivo, para que possamos conhecer o inverso da

concepção dos sem teto a respeito do modo de vida provisório. A maneira como lutam objetiva (ocupando a terra urbana) e subjetivamente (imaginando uma casa futura), demonstra como almejam conquistar condições sociais para superarem o passado e o presente invadido, assujeitado, ou seja, como visualizam se constituírem sujeitos, expressos em símbolos de casa e intimidade do habitar.¹⁸

A casa é um reduto, é seu canto. Eu acho que a coisa mais importante é a pessoa tá trabalhando e chegar na sua casa. Às vezes você tá no trabalho e a pessoa fala: _'Vamos passar lá?'. Você aí fala: _'Não. Eu vou pra minha casa.' É gostoso você falar: _'Eu vou pra minha casa.' Agora, é duro quando a pessoa fala isso e chega lá e o cara tá lá: _'Como é que é?! Você vai me pagar o aluguel todo?' Você fala: _'Olha, eu não posso...'. _'Então eu quero a casa!' É chato. Então, acho o mais importante. Eu vou fazer isso. Vou fechar a minha casa todinha de muro! Eu posso nem construir uma casa bonita. Mas, pelo menos tijolo eu vou gastar! [risos] João.

Mara vislumbra outra "*função do habitar*". A casa tem um caráter 'educativo' fundamental para o processo de individuação dos filhos, depende de vivências de intimidade num lar para aprender a estabelecer limites na relação com o outro e consigo mesmo, adquirir autonomia ('cada um deve ter o ambiente dele, a coisa dele, ser independente'), para enfrentar as hostilidades do mundo exterior. A casa precisa 'relaxar', 'descansar' o sujeito, porque seu sofrimento e tensão moral apontam a ausência do verbo morar e, portanto, para a ausência do ser, segundo Bachelard.

Na minha opinião é assim, não deve ser provisória, porque no meu caso, sempre é assim. Porque para um filho é importante uma educação. É importante você ter como orientar ele. Porque ele mora com minha irmã. Então, de repente, ele faz uma coisa que não me agrada, mas porque eu falo com o meu filho, ela acha que eu estou falando para os dela. Eu sai de um lugar provisório porque ele também precisa crescer num ambiente dele. Cada um tem que ter a coisa dele. Ele está cansado de viver nas casas dos outros. Então, eu acredito que a gente precisa ter um lugar definido por isso. A gente precisa sair de manhã pra trabalhar, quando retornar pra casa, estar num lugar nosso, onde a gente se sente à vontade para fazer o que a gente quer. Ser independente. Na casa dos outros ou num lugar

¹⁸ "Dialogando com a obra de Roupnel, que vem lastrear suas asserções, Bachelard enfatiza que somente no instante atual temos a sensação da existência, visto que a substancialização do presente prenuncia a tomada de consciência como ato de atenção ligado à vontade. Em última instância, é a plausibilidade do instante que nos permite pensar o momento em que o ato é engendrado e é a consciência do instante que nos permite apreendê-lo. A plenitude do instante permite a concreção do sujeito. No presente o homem pressente sua mundanidade e a partir dele pode iluminar tanto o passado como o futuro, conectando os instantes pela força da imaginação, pelo desejo, pela vontade de transgredir o isolamento dos momentos pontuais." Paiva.1997:112

provisório, nunca é nosso. Não é bom para a gente relaxar e fazer o que quer, não. ¹⁹

Ter devaneios de casa significa que, pela força da imaginação, podem ser permanentemente (re)elaborados e, portanto, provisórios, enquanto atuam como formas de resistência - "*a função dinâmica do irreal*" ²⁰ -, evitando que a subjetividade do sujeito sucumba definitivamente às práticas disciplinares das instituições que regulam a racionalidade da habitação provisória. Assim, as imagens de casas do futuro são muito dinâmicas, nunca definitivas. Este mesmo princípio de emancipação da ordem pela imaginação não cabe, entretanto, para a realidade do modo de vida provisório instituído pela sociedade, que fragmenta, desterritorializa na funcionalidade do real o sujeito, o cidadão. ²¹ Na moradia sonhada, ao contrário, experimenta 'lazer', 'descanso', um 'teto'.

Eu acho que a casa que eu queria assim ... é mais assim de uma casa que tem na Bahia, de uma conhecida minha. Ela é como se fosse mãe pra mim. Então, eu acho que eu queria a minha casinha igualzinha a dela. ... Porque, qual é o *cidadão* que não pensa em: sair de manhã trabalhar e ao retornar, ir para a sua casa, para o seu teto? Seu lugar de lazer e descanso. Eu estou batalhando pra isso. Mara. ²²

Diferentemente dos autores que Bachelard investiga, desejos de casa entre trabalhadores sem teto são silenciados, ocultados, não verbalizados. Afirmam que não

¹⁹ "A choupana transformou-se em fortaleza da coragem para o solitário que nela deve aprender a vencer o medo. Tal morada é educativa ... Na casa que a imaginação converteu no próprio centro de um ciclone, é preciso superar as meras impressões de conforto que sentimos em qualquer abrigo. É preciso participar do drama cósmico enfrentado pela casa que luta. ... A casa isolada vem dar-lhe imagens fortes, isto é, conselhos de resistência. ... A casa adquire as energias físicas e morais de um corpo humano." Bachelard.1988:62

²⁰ Paiva. 1997:148

²¹ "Por vezes, a casa do futuro é mais sólida, mais clara, mais vasta que todas as casas do passado. No oposto da casa natal trabalha a imagem da casa sonhada. No entardecer da vida, com uma coragem invencível, dizemos ainda: o que ainda não fizemos será feito. Construiremos a casa. ... Se esses sonhos devem se realizar, saem do âmbito do nosso estudo ... Talvez seja bom guardarmos alguns sonhos para uma casa que habitaremos mais tarde, sempre mais tarde, tão tarde que não teremos tempo de construí-la. Uma casa que fosse 'final', simétrica à casa 'natal', prepararia pensamentos e não mais sonhos ... Mais vale viver no provisório que no definitivo ... Alojado em toda parte, mas sem estar preso a lugar algum: essa é a divisa do sonhador de moradas. Na casa final como em minha casa real, o devaneio de habitar se vê logrado. É preciso sempre deixar aberto um devaneio de outro lugar." Bachelard.1988: 74,75

²² "Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. ... Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram ... memória e imaginação não se deixam dissociar. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção." Bachelard. 1988: 25,26

costumam contar seu 'pensamento' a ninguém. O que comentam dentro da ocupação é o que nos permite saber. Revelam poucos detalhes em público, selecionam exprimir o que nos parece ser algumas sínteses simbólicas e éticas de casa, vivos em certos fragmentos de imagens.

As razões, neste contexto social, não se limitam às questões do "*direito ao segredo*" (Frayse-Pereira) que preserva uma identidade, a intimidade dos pensamentos do indivíduo, como discutimos no primeiro capítulo. O que acentua este silêncio é a especificidade da cultura da "*destituição de direitos*"²³ que impera no país e os impede de assumirem de forma explícita e direta a existência ou importância de devaneios de casa, uma vez que a ocupação é vista como uma fonte ilegítima de discursos, criminalizada, desqualificada na hierarquia dos conflitos sociais do país.

Não são os conteúdos de imagens que devem ser escancarados para a sociedade, mas sim a luta pelo direito de ter um teto como sinônimo de direito à imaginação, à liberdade de pensar, dado seu "*caráter psíquico fundamental*" (Paiva). É preciso que o sujeito assuma (ou descubra?) esta condição irrefutável da existência humana, que é a de desenvolver idéias e uma "*capacidade de imaginar*" os projetos fundamentais de sua vida íntima e social. Sem casa, o homem é "*um ser disperso*" (Bachelard). Necessitamos ultrapassar a "*inconsciência do mundo exterior em nossa interioridade*" (Hilman).

Não, eu nunca comentei com ninguém. Se eu já imaginei, eu não me recordo não. Mas, sozinho eu já imaginei. É que eu chego cansado aqui e de manhã saio pra trabalhar. Não sobra tempo de falar. José

Diálogos de casas futuras acontecem quando em ambientes muito familiares, como entre pais e filhos, amigos ou vizinhos de confiança. São conversas diferentes das imagens criadas individualmente, subjetivamente, mas igualmente importantes como momento especial de trocas de confidências a respeito do que cada sujeito deseja vir a ser, enfim, como se representa transgredindo os limites da dura realidade.

²³ "Na verdade, há uma armadilha realista em tudo isso: o debate sobre a pobreza é inteiramente construído em torno das evidências da pobreza absoluta. ... A miséria desmedida como que esgota todo o sentido que pode existir na idéia mesmo de destituição, ocultando os sinais de uma exclusão que se alimenta no modo como as relações sociais se estruturam num reiterado desconhecimento das classes trabalhadoras como sujeitos de interesses e direitos legítimos. A destituição material é, portanto, resultado de uma destituição mais radical. Destituição de direitos, certamente, mas que não se resolve nas garantias formais dos direitos definidos em lei. É uma destituição que sequestra o poder da palavra e da ação em fazer ver, proclamar, declarar, conhecer e reconhecer trabalhadores como sujeitos de interesses legítimos. A destituição dos direitos, portanto, se traduz na privação de um poder de ação e representação. É essa destituição que produz a impotência. ... É esse desconhecimento do trabalhador como sujeito de direitos que interessa compreender." Telles.1992:85,86. (grifo nosso)

Os meses de preparação de uma ocupação urbana, que ocorre em quase sempre em segredo, deve propiciar a oportunidade para a construção imaginária de certos projetos coletivos que nunca serão efetivados, como também produzir algumas imagens de casas futuras entre seus membros, alimentando os *conselhos de resistência* (Bachelard) para enfrentarem os desafios institucionais que elaboram a exclusão social.

Individual e socialmente necessitam, nem que por instantes, deixar a identidade de 'sem teto' (*o entorpecimento psíquico*, em Hilmann), que fica ameaçando o tempo todo o desenvolvimento de sua individualidade e sociabilidade. Estas conversas acontecem, entre outros motivos, para que a pessoa possa se dar a conhecer _ através do desejo de casa _ fora de seu lugar comum, de assujeitamento social.

Não converso com ninguém isso. É uma coisa que eu carrego dentro do peito. Com quem eu falo assim, de vez em quando, é com o meu filho: 'Olha filho, você já imaginou a gente ter a nossa casinha? Só eu e você? Pra gente ficar a vontade? Vai ser tão bom!' Mas eu não falo com ninguém mais. Só nós dois. Mara.

Aparentemente, as mulheres tem tendência a verbalizar mais os devaneios de moradia que os homens. Ao que tudo indica, existe o receio de criar falsas expectativas na família, ser cobrado demais ou falhar como um 'provedor' de 'teto'. Existe a possibilidade mais plausível da casa estar mais vinculada à identidade feminina do que masculina, voltado para o mundo da rua, do trabalho. ²⁴

Ah, eu imagino ela em voz bem alta. Eu falo com meus três filhos e o meu marido: 'Um dia eu vou ter uma casa onde eu quero, onde eu quero morar.' Meu marido, não sei não. Ele não fala nada. Eu falo pra ele. Ele não fala nem que sim, nem que não. Ele fala que tendo lugar pra morar e trabalhar, tá bom. Ele fala que a coisa está preta. Não dá pra ficar escolhendo muito. Silvia.

²⁴ "Devemos falar dos devaneios que acompanham as atividades domésticas. O que guarda ativamente a casa, o que na casa une o passado mais próximo e o futuro mais próximo, o que a mantém numa segurança de ser, é a atividade doméstica. Mas como dar ao trabalho doméstico uma atividade criadora? ... A consciência rejuvenece tudo. Dá aos atos mais familiares um valor de começo. ... Se formos até o limite em que o sonho se exacerba, sentiremos como que uma consciência de construir a casa com os mesmos cuidados que temos para conserva-la viva, para dar-lhe toda a sua claridade de ser. Parece que a casa luminosa de cuidados é reconstruída do interior, que é nova pelo interior. No equilíbrio íntimo das paredes e dos moveis, pode-se dizer que tomamos consciência de uma casa construída pelas mulheres." Bachelard. 1988:79-81.

Admitem que compartilham planos da casa futura como uma atividade normal no espaço da ocupação, como um lazer em fins de semana. Uma sociabilidade à qual não tivemos acesso, uma vez que nossa chegada interrompia as animadas conversas entre homens, mulheres e crianças correndo pelo meio. Ficavam observando de perto ou de longe o andamento dos relatos do nosso entrevistado, isto nos parecia que funcionava como parte da curiosidade ou conhecimento que procuravam ter da história de vida de cada um. Além disso, uma possível dúvida a respeito de minhas intenções na ocupação nos fazia lembrar de Perrot: o medo de um aumento do controle oficial por parte de estranhos, podia estar provocando a interrupção das conversas em grupo com a minha chegada.

Valorizavam esta troca de idéias num canto do terreno, mas os devaneios de casa deviam ser secundários às discussões de problemas práticos que iriam resolver em breve, no loteamento Vida Nova, como por exemplo, pensar a falta de condições do grupo para a auto-construção da 'casa própria'.

A gente faz isso na parte da manhã ou na parte da tarde. Sempre que a gente está sem nada pra fazer... serve de cansado. A gente junta a turma e fica conversando, batendo papo. Fala de um plano e de outro. Aí o tempo passa. A gente conversa sobre várias coisas, um dia é um assunto, no outro ... Mas eu acho que a gente mais fala é como vai ser a vida no futuro, lá na Cohab, como a gente vai começar. Mara.

É importante como sublinham existirem diferenças entre um 'pensamento' e outro, nestes momentos de troca de idéias. Indicam, certamente, diferenças subjetivas, íntimas do processo de individuação, de uma fundação de sujeitos muito mais complexas e intensas do que foi possível captar nesta pesquisa.

Nossa, nós estamos sempre comentando. Porque pelo menos conversando a gente está desabafando o que sente. Na parte da tarde, assim, três ou quatro horas. Nessa sombra. Ali começa. O desejo de cada um aqui é ter sua casa. Agora, cada um quer de um jeito e a minha é diferente das dos outros. Eu quero do meu jeito e graças a Deus, ninguém está pensando como eu. Só eu, sozinha ... Eu sempre comento com o pessoal aqui. A hora que eu estiver com o terreno prontinho, eu converso com o meu filho que é pedreiro e digo a ele: 'Eu quero isso aqui, desse jeitinho, assim e assim.' dona Ana.

João, diferentemente, conversa no bairro em que mora com os pais, troca idéias com os amigos de bar sobre os planos futuros de casa. Enfim, a atividade de verbalizar a casa imaginada existe socialmente, mas restritas a alguns espaços de convivência das classes trabalhadoras. Não deve, contudo, se explicitar com a mesma completude e intimidade com que deve ocorrer no interior da família ou no devaneio subjetivo de cada um, se levarmos em conta a discussão já referida anteriormente.

Tem um barzinho lá em frente, tem umas mesas, a gente fica lá tomando. Eu tomo refrigerante. Todo mundo toma cerveja e eu fico olhando. Aí tem um que fala, outro comenta: 'Eu vou fazer isso aqui, puxar mais um cômodo ali ...' E a gente fica imaginando ...

Os devaneios de casa podem habitar alguns 'modelos' de imagens que devem simbolizar o sonhador em sua intimidade, talvez a procura de indícios, 'provas' externas dê consistência àquilo que deseja expressar para si mesmo ou à família. Pode descobrir ao acaso uma imagem, troca-la por outra, perde-la ou esquece-la simplesmente, mas é sempre possível encontrar um objeto que se assemelhe ou que seja a 'sua' moradia no futuro.

Ao que tudo indica, estes objetos tornam a realidade exterior mais suportável, auxiliam na provocação de devaneios, como desenhos, músicas, casas anônimas da rua, fotos, gravuras de revistas, etc. A relação entre real e imaginário é extremamente ambígua, mas igualmente dinâmica, com conteúdos subjetivos mutantes, singulares. O problema não está em constatar se esses elementos são realizáveis ou não.²⁵

Eu já olhei em outras casas e imaginei viver nela. Eu olho essas casa daqui e bem que queria ter uma casa igual a essas. Mas ... José.

²⁵ "... os centros de devaneio bem determinados são meios de comunicação entre os homens do sonho com a mesma segurança que os conceitos bem definidos são meios de comunicação entre os homens de pensamento. ... o complexo realidade-sonho nunca é definitivamente resolvido. ... Inicialmente podemos desenhar essas casas antigas, dar-lhes conseqüentemente uma *representação* que tem todas as características de uma cópia do real. Esse desenho objetivo, desligado de qualquer devaneio, é um documento rígido e estável que marca uma biografia. Mas essa representação exteriorista, se pelo menos demonstrar habilidade de desenho, talento de representação, logo se torna insistente, convidativa; e a simples apreciação da expressão adequada, na construção adequada prolonga-se em contemplação e em devaneio. O devaneio volta a habitar o desenho exato. ... Muitas vezes, bem antes do tempo em que comecei a ler diariamente os poetas, eu dizia a mim mesmo que gostaria de habitar uma casa como as que se vêem nas gravuras. ... Eu acreditava que esses devaneios ingênuos fossem só meus; qual não foi minha surpresa quando encontrei traços deles em minha leituras! ... Assim, reconforto-me nos desenhos de minhas leituras. Vou morar nas 'gravuras literárias' que os poetas me oferecem." Bachelard.1988:56,64,65

Interrompeu a frase e o silêncio incômodo deixou várias perguntas no ar. Será que lhe ocorreu ser um 'absurdo' confessar alguma parte do sonho com as casas dos vizinhos da ocupação, moradores de classe média alta, que vivem pedindo sua expulsão? Ou foi um ato deliberado de liberdade em proteger seu segredo, o lugar onde se percebe sujeito de imaginação e pensamentos, impedindo nossa racional intromissão? Talvez os dois motivos estejam juntos.

Com Mara também ocorreu um súbito e, certamente, desconfortável encontro da realidade com o devaneio, só que desta vez provocado pelos 'especialistas da casa própria', que foram prontamente reconhecidos em seus saberes técnicos.²⁶

Eu já desenhei. Eu não sei onde é que tá. Eu acho que deve estar pelo meio das minhas coisas. Eu desenhei pra levar na Cohab. E, quando eu cheguei lá a mulher falou que lá na Cohab eles já tem planta. Aí, eu falei assim: _'Eu vou olhar para a planta da Cohab e vou se alegrar. Daí, eu vou querer uma.

Além da casa do seu desenho 'desqualificado', lembrou de uma música, mas não conseguiu dizer o nome. Pelo menos nesta misteriosa música ninguém poderá entrar e desfazer o seu imaginário do habitar. Até ensaiou cantarolar a letra para recordar o nome, se esforçando para que nós a identificássemos. Como não deu certo, prometeu tentar noutro dia.

Tem uma música bem velha, bem velhinha mesmo. Nem lembro bem: _'Eu queria ter na vida simplesmente um quintal e uma janela, para ver o sol nascer.' Eu não sei de quem é não. Acho que foi daquela novela 'Plumas e Paetês'. Ela é sonho, né? É como se eu estivesse sonhando mesmo: _'Eu queria ter na vida simplesmente uma casinha branca de janela ... Para ver o sol nascer.' Ela é bonitinha mesmo. ²⁷

²⁶ "É um instrumento [a casa] eficaz precisamente porque de uso difícil. Em suma, a discussão de nossas teses é levada a um terreno que nos é desfavorável. Com efeito, a casa é, a primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisa-la racionalmente. Sua realidade inicial é visível e tangível. É feita de sólidos bem talhados, de vigas bem encaixadas. A linha reta predomina. O fio de prumo deixou-lhe a marca de sua sabedoria, de seu equilíbrio. Tal objeto geométrico deveria resistir a metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade, como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. Abre-se então, fora de toda racionalidade, o campo do onirismo." Bachelard. 1988:63,64

²⁷ Letra da música: "Eu tenho andado tão sozinho ultimamente/ que nem vejo à minha frente, nada que me dê prazer/ Sinto cada vez mais longe a felicidade, vendo em minha mocidade/ tanto sonho perecer/ [refrão: Eu queria ter na vida simplesmente um lugar de mato verde, pra plantar e pra colher/ Ter uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela, para ver o sol nascer] Às vezes saio a caminhar pela cidade, à procura de amizades, vou seguindo a multidão/ Mas eu me retraio olhando em cada rosto/ cada

Explicou em seguida o contexto em que a música da novela tornou-se indissociável de sua história de vida. Letra e melodia se tornaram elementos importantes de sua resistência subjetiva, pôde habitar uma casa imaginada através da música, mesmo numa moradia extremamente adversa naquele momento.

Eu morava no Pari (BA), em casa de meu pai. Eu acho que era por isso que eu gravei essa música na minha memória. Porque quando minha madrasta brigava comigo e meus irmãos, ficavam dizendo que eu não era filha de meu pai. Que aquela casa não era minha, que eu não ia ficar com nada dele. Que os filhos dele, era eles. Aí, quando passava essa novela e tocava essa música, eu dizia que queria ter só uma casinha. Sei lá, me marcou. Eu não posso nem ver essa música que eu fico trêmula. Não tenho vontade de fazer mais nada. Mara.

O pai desenha a planta, o filho senta para trocar idéias, mas também tem um modelo de casa guardada numa foto. Moram num barraco, num terreno conquistado - legalizado - de uma antiga ocupação. A pobreza impede de construir. Então, a planta é 'prova' concreta que o sonho começou a existir para a família e não deve ser abandonado, pois ele aponta para a potencialidade daquelas subjetividades.²⁸

Meu pai desenhou, eu não. Meu pai é bom de planta. Essa parte que tá feita, foi desenho dele. A gente conversa e ele vai fazendo. A gente já tem uma planta. A gente tem aquelas opiniões: _ 'Isso assim eu não quero.' E o outro não quer. Aí, depois acaba entrando num acordo e sai uma coisa perfeita. João.

Lendo posteriormente a entrevista, ficamos nos perguntamos se a 'coisa perfeita' de João não seriam trocas de imagens, 'negociadas' entre a casa-desenho do pai e a casa-foto do filho, onde realmente 'habitam' nas horas vagas.

Eu tenho uma foto guardada. Eu sempre queria uma casa como aquela. Eu tenho guardado. É uma foto que eu tirei de uma casa em Ubatuba. Eu, se tivesse dinheiro, ia construir uma casa igualzinha aquela. Não precisa nem ser na praia, podia ser no bairro Marcondes mesmo!

um tem seu mistério, seu sofrer, sua ilusão/(refrão repete quatro vezes)". "*Casinha branca*" Autor Gilson. Novela "Marrom glacê". TV Globo. 1979

28 "... a casa representada numa gravura desperta facilmente o desejo de habitá-la. Sentimos que gostaríamos de viver lá, entre os próprios traços do desenho bem impresso. A quimera que nos impele a viver nos cantos nasce também, às vezes, pela graça de um simples desenho. ... O desenho é mais ativo com relação ao que ele encerra do que a respeito do que ele desprende." Bachelard. 1988:153,154

Dona Ana, por sua vez, gostou de uma 'gravura' colorida de revista e mostrou animada aos filhos, um gesto simbólico provavelmente, uma maneira de revelar seu íntimo através daquele desejo específico de casa.

Eu já, em revista. Inclusive eu estava com uma revista e falei: _ 'Essa casa aqui, vai ser a minha.' Eu não sei onde está essa revista. Nossa! Era a casa mais linda do mundo. Assim, do jeito do terreno, assim de banda. Adorei!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhadores sem teto da V. Lúcia - 17 famílias na ocupação - como vimos, não concluíram o primeiro grau, muitos só assinam o nome e a média de idade fica entre 25 e 30 anos. São casados ou possuem companheiros ou companheiras (nove famílias) e filhos menores de idade, a maioria com duas a três crianças, apenas três adolescentes meninas, entre 13 e 15 anos.

Encontramos seis mulheres chefes de família, jovens adultas solteiras ou separadas, com um ou dois filhos menores; duas mulheres viúvas, com filhos maiores de idade, quase todos casados, acompanhadas por um dos filhos, por força dos critérios de inscrição da Cohab. A maioria desta população feminina desempenha ainda a tarefa de 'representante' de outros membros da família, 'segurando o terreno', como dizem, para irmãos, pais, tios que trabalham. Não havia nenhum homem solteiro jovem ou idoso morando sozinho e 'guardando lugar' durante o dia, aos homens cumpre mais a tarefa de buscar o 'sustento da casa' na rua.

A maioria dos sem teto são migrantes de outros Estados e cidades da região de Campinas e estão no mercado de trabalho informal vivendo de empregos temporários. Contudo não são migrantes recém-chegados, a maioria está na cidade há mais de dois anos, migram pela região mas retornam, mantendo-a como principal referência para sobreviver, especialmente para procura de emprego. Todas as famílias tentaram morar em outras cidades, antes de virem para Campinas. Do total de dezessete famílias, oito nasceram na cidade, mas também já tentaram outros municípios da região para sobreviver.

As crises familiares provocadas por doenças, mortes, velhice, são fatores bastante conhecidos das análises que explicam os deslocamentos desta população pobre, além dos arranjos de moradia entre parentes próximos visando garantir o básico da sobrevivência nas cidades.

Este levantamento precário no local, consultando os moradores presentes na ocupação, foi para se ter uma visão geral do grupo. Alguns não chegamos a conhecer, permaneciam fora durante o dia e chegavam tarde à noite. As visitas mais produtivas foram nos fins de semana, mesmo assim muitos iam para casa de parentes e amigos para fazer uma pausa na rotina estafante da ocupação.

Deixamos para o final da redação do presente estudo a consulta aos dados oficiais específicos do grupo para confrontar com as informações dos sem teto, mas

não tivemos acesso aos registros da Cohab no início de 1997, início de nova administração municipal. Foi impossível descobrir efetivamente quantas das famílias cadastradas na ocupação (segundo os sem teto um total de 75) foram realmente para o Loteamento Vida Nova. Se tomarmos este número dos moradores como próximo do real, temos cerca de quatro famílias para cada 'vigia' da ocupação. É o caso de dona Ana, mãe de oito filhos adultos. Morando com um filho solteiro, mantinha a expectativa de conseguir um lote para uma parte (quatro) de seus filhos casados, que estavam em maior dificuldade de sobrevivência do que os outros.

O caso de Mara também é representativo, 'guardava o lugar' para os irmãos que estavam em situação de despejo do aluguel: irmã casada com seis filhos; um irmão casado adiando filhos devido à insegurança de sobrevivência; um irmão solteiro, com planos de casamento para breve.

Foi interessante observar o esforço do filho solteiro de dona Ana em cortejar Mara na ocupação, época das entrevistas (1994). Mara evitou admitir algum interesse em 'morar junto' (no mesmo lote) quando aconteciam brincadeiras sobre 'casamento' entre os vizinhos de barracas. Mesmo sem querer conversar a respeito, se tomarmos o conjunto da entrevista de Mara, é possível afirmar que sua grande questão naquele momento era lutar por um lote individual, em seu nome, uma instituição de si mesma como sujeito. Adia partilhar o mesmo teto (não o namoro) por causa da necessidade de demarcar um espaço de 'independência', identidade, com o filho, experiência desconhecida em seus vinte e sete anos de vida. Nem mesmo na ocasião do casamento, porque precisou se abrigar na casa da cunhada.

Ainda no início de 1997, voltamos ao Loteamento Vida Nova na tentativa de localizar o grupo e não encontramos mais nossos entrevistados por várias razões, sequer reconhecemos o bairro, tamanha a transformação encontrada em termos da quantidade de construções nos pequenos lotes. No final de 1994, logo depois da mudança, estivemos no local e encontramos facilmente o grupo em barracos de madeira. A idéia era constatar novamente a situação das famílias sem teto da ocupação V. Lídia, completando com mais precisão o destino das 17 famílias que resistiram até o final. Neste momento, estavam confiantes nos planos da cesta básica do material e na auto-construção dos primeiros 'dois ou três cômodos'.

Por se tratar de um lugar completamente segregado (não consta dos mapas oficiais, setor de cartografia, Secretaria de Planejamento) da cidade e com conhecidos problemas de violência local, solicitamos auxílio de dois ex-alunos com experiência de pesquisa na periferia da cidade. Foram antes de nossa segunda visita, primeiramente indagando aos moradores nas ruas, bares do loteamento, a partir dos nomes, número de

filhos, nome da ocupação de origem (V. Lídia), uma vez que são vários os grupos de sem teto transferidos para aquele lugar. Em seguida foram à associação dos moradores, que afirmou desconhecer a localização do grupo. Evitam dar e ter quaisquer informações na sede por declarados motivos de segurança, temem ser alvo de vingança, caso a polícia tome posse do cadastro dos moradores.

Todo o trabalho de levantamento de informações se revelou em vão. O 'direito ao segredo' por parte da associação dos moradores se impôs de forma definitiva, neste caso. Nossa derradeira visita não diminuiu as dificuldades, ficamos sem saber o que aconteceu com o grupo e nossos entrevistados.

Impossível não ter um sentimento de impotência diante daquele complexo infinito de casas não terminadas, abundando de botecos cheios, em estranhos 'puxados' das casas de famílias. A imagem é de uma terra abandonada à própria sorte, à provisoriedade, só que desta vez no espaço legal da chamada 'casa própria'.

Inexiste pavimentação nas ruas, com visível processo de erosão, dificultando a circulação de pedestres ou ônibus; o saneamento básico está comprometido, o esgoto corre a céu aberto. Vivem num lugar onde não são vistos, não existem nem bairros periféricos em seu entorno. Os 'proprietários', por sua vez, também não podem ver a cidade: ao fim dos limites do bairro, a estrada acaba. Recentemente (1996), os mais novos vizinhos são trabalhadores sem teto que ocuparam um terreno na estrada, em frente aos moradores do Loteamento Vida Nova (atentem para a ironia do nome).

Para uma 'conclusão' compatível com nossas expectativas de análise gostaríamos de ter realizado ainda um balanço bibliográfico sistematizado para reinterpretar os principais autores e correntes teóricas que contribuem para pensarmos a realidade da habitação no Brasil, problematizando-os da perspectiva de questões como modo de vida provisório, ética do habitar, intimidade, símbolos e devaneios de casa dos trabalhadores sem teto, entre outras questões.

Descobrimos ao longo do nosso trabalho de pesquisa que esta tarefa exigiria uma outra tese, dada a extensão e importância da produção acadêmica sobre este tema, optamos, então, por 'testar' nossa proposta de análise numa investigação empírica, apoiando-nos em autores que fundamentaram nossa releitura do problema da 'falta de moradia', permanecendo como um indicativo bibliográfico das direções que daríamos à reinterpretação das correntes teóricas das lutas sociais pela habitação no Brasil.

Outra 'tese' que ficou indiretamente sugerida e abandonada foi a de reescrever a história da habitação no Brasil, fundamentando a pesquisa em documentos, antigos estudos de 'comunidade', relatos de viajantes e outros materiais deste tipo, inclusive iconográficos, com os mesmos objetivos de questionamentos discutidos até o momento.

Basicamente nos dedicaríamos a estudar a particularidade das contradições entre culturas éticas do habitar, especialmente urbana, compreendidas pela tensão entre negros e pobres livres nas cidades contra as classes proprietárias, resistindo às práticas de dominação através da fixação e/ou provisoriedade, que sempre combinaram trabalho e moradia com exclusão social. Análise que emergiu brevemente no Capítulo I, sob o título "*Notas para uma problematização das relações sociais excludentes entre espaço e sujeito no Brasil*". Enfim, são tarefas que esperamos retomar em próximos estudos, a partir, inclusive, de novas discussões que a presente reflexão eventualmente provocar.

Finalmente, imaginamos que com este trabalho possamos contribuir para um repensar dos direitos à habitação, somando aos acalorados e importantes debates sobre este problema social, questões como a necessidade da casa como direito à intimidade, direito ao segredo, proteção à subjetividade, para constituir sujeitos sociais, cidadãos, como seres livres para pensar, imaginar, recriar projetos de vida individuais e coletivos através da casa, símbolo de singularidade do indivíduo, mas também lugar de seu pertencimento social na sociedade em que vive. Este espaço, por sua vez, não pode continuar reduzido à representação dominante do 'sonho da casa própria'.

Na medida em que as possibilidades de ingresso e permanência no mercado de trabalho para estas populações tendem a escassear de forma cada vez mais intensa devido às transformações contemporâneas, os direitos sociais e individuais necessitam ser reformulados e desvinculados do mundo trabalho. ¹

¹ "O trabalho morreu, só nos falta a coragem para enterrá-lo. No mesmo túmulo, é preciso acomodar seu sócio e seu irmão gêmeo, igualmente defuntos: o emprego e o desemprego. A morte foi causada pelo distanciamento desastroso entre o território do trabalho e o da economia. No mundo atual - das multinacionais, do liberalismo absoluto, da globalização, da mundialização, da virtualidade -, o "trabalho", concebido como o conjunto de emprego mais assalariados, é conceito obsoleto, um parasita sem utilidade. A mudança se dá na natureza mesma do capital: que não é aquele que expunha as garantias do capitalismo de ordem imobiliária; que já não é aquele em que o conjunto dos homens era indispensável para produzir lucro. No atual modelo econômico que se instala no mundo - sob o signo da cibernética, da

Neste contexto social, nos perguntamos se o modo de vida provisório não estaria obrigando os trabalhadores sem teto a voltar-se cada vez mais para a luta da casa, transferindo para este espaço, mais do que num passado recente, um papel ordenador da vida em família. Uma vez que a prioridade do trabalho, do emprego, enquanto uma dimensão ética e moral fundamental, desaparece de seu horizonte individual e social, sem dar conta de preservar minimamente sua vida privada, não seria a ocupação uma das únicas alternativas que resta para manter a cultura do 'chefe provedor', cujo objetivo agora seria ao menos abrigar a família, lutando para mantê-la longe do estigma de morador de rua?

Os devaneios de casa na ocupação não representariam mais do que um projeto de refugiar-se em família? Não se transformariam em lutas para a construção de espaços de liberdade, de indivíduos e grupos sociais imaginantes, mais autônomos e atuantes diante da vida social?

Enfim, desejamos enfatizar que a habitação provisória - tanto quanto o trabalho provisório - nega a existência destas possibilidades e direitos humanos básicos, exigindo de nossa parte especificidades e novas abordagens na produção do conhecimento, objetivo que insistimos em perseguir durante este estudo, muitas vezes dificultado por determinadas lacunas na bibliografia, se tomadas da perspectiva de discussões como sujeito e ética do habitar, patrimônio simbólico e imaginário de casa, subjetividade, intimidade, entre outros.

Uma delas poderia ser comparada com a luta pela reforma agrária, que vem assumindo uma significação social imensa em conjunturas mais recentes. Esta última, pressupõe a solução do trabalho agrícola (direito à terra rural) associado ao da moradia, enquanto a proposta de luta nas ocupações urbanas (direito à terra urbana) invariavelmente passa pela exigência de emprego, condição (excludente) para o trabalhador sem teto ser aceito pelas tradicionais políticas habitacionais 'populares' do país.

automação, das tecnologias revolucionárias -, o trabalhador é supérfluo e está condenado a passar da exclusão social à eliminação total. Com essa equação apocalíptica, a ensaísta francesa Viviane Forrester, 71, conclui, em *"O Horror Econômico"* (lançado agora no Brasil), que o grau de pobreza que atinge o planeta não é resultado de uma crise econômica. Não há crise, diz ela, o que há é uma mutação - mas não a mutação horizontal, apenas, de uma sociedade. Trata-se da mutação vertical, profunda, de toda uma civilização antes fundada sob um conceito que já não existe: o do trabalho, "nosso mais sagrado tabu", comenta, "deformado sob a forma perversa de 'emprego'. ... O crime, para Forrester, é o silêncio, ou o 'discurso lacunar', de que se valem os donos do poder para preservar a qualquer custo estas riquezas que "beneficiam sempre o mesmo pequeno número, cada vez mais poderosos, mais capazes de impor esse lucro (que lhe toca) como a única lógica". *Folha de São Paulo* Folha Mais! Marilene Felinto. 'Um manifesto contra o horror econômico'. 15/06/97: 16 (artigo referente ao ensaio da crítica literária Viviane Forrester. *O Horror Econômico*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo. Ed. Unesp. 1997)

BIBLIOGRAFIA

- AKOUN, André. **Dicionário de Antropologia**. Dicionários do Saber Moderno. Tradução Geminiano C. Franco, Ed. Tipografia Guerra/Viseu, SP. 1983.
- ANTUNIASSI, Maria H. Rocha. “ Família camponesa na bibliografia sócio-antropológica sobre o meio rural: padrões culturais e obtenção dos meios de vida.” in **Cadernos CERU**. Centro de Estudos Rurais Urbanos, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, nº 5, série 2, São Paulo. 1994.
- AUGUSTO, Maria H. O.. “ O indivíduo na teoria social e na literatura: o momento contemporâneo.” in **Cadernos CERU**. Centro de Estudos Rurais Urbanos, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, nº 4, série 2, São Paulo. 1993.
- Arranjos Familiares e Ciclos de Vida das Famílias Metropolitanas de São Paulo entre 1985 e 1993**. Pesquisa de Emprego e Desemprego na Grande São Paulo. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. São Paulo, SEADE/DIEESE. 1995.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Tradução: Antônio de Padua Danesi; revisão/tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo, Ed. Martins Fontes. 1988.
- BONDUKI, Nabil. **As Práticas Bem-Sucedidas em Habitação, Meio Ambiente e Gestão Urbana nas Cidades Brasileiras**. São Paulo, Ed. Studio Nobel. 1997.
- BRESCIANI, M.S.M. “Lógica e Dissonância. Sociedade de Trabalho: lei, ciência e resistência operária.” in **Revista Brasileira de História**. São Paulo, Ed. Marco Zero, vol. 6, nº 11, set/1985/fev/1986.
- BRUNI, José Carlos. “ Há uma crise nas Ciências Sociais ?” in José Castilho M. Neto e Milton Laherta (orgs.) **O Pensamento em Crise e as Artimanhas do Poder**. Fundação para o Desenvolvimento da UNESP. São Paulo. 1988.
-
- _____. “Tempo e Trabalho Intelectual.” Projeto de Pesquisa, in **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. 3(1-2), São Paulo. 1991.

BRUNI, José Carlos. “ O Presente como Desafio.” in **Cadernos CERU**. Centro de Estudos Rurais Urbanos, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, nº 4, série 2. 1993.

_____. “ A Água e a Vida.” in **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, 5(1-2), FFLCH-USP, São Paulo. 1994.

CAETANO, Edson. **A Modernização do Processo de Trabalho no Subsetor de Edificações: virtualidades e limites**. Dissertação Mestrado. Educação. DECISAE-UNICAMP, Campinas. 1996.

CALLIGARIS, Contardo. **Hello Brasil!: notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil**. São Paulo, Ed. Escuta. 1991.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**. Pesquisas e notas de Etnografia Geral. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia. 1983.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Trad. Port., 2ª ed., Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1986.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro, 2ª ed., Ed. Graal, (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências.). 1983.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva... [et al.], 5ª ed., Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1991.

Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Francisco da Silveira Bueno. 11ª ed., FENAME, Rio de Janeiro. 1979.

Dicionário de Ciências Sociais. Fundação Getúlio Vargas, Fundação de Assistência ao Estudante/ MEC. 2ª ed., Rio de Janeiro. 1987.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Ed. Brasília, CNPq. 1986.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

ENGELS, Friedrich. "Contribuição ao Problema da Habitação." in **Textos**. vol. 2. São Paulo, Ed. Alfa-Omega. 1976.

Famílias chefiadas por mulheres. Pesquisa de Condições de Vida na Região Metropolitana de São Paulo. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. São Paulo, SEADE. 1993.

FARAH, Marta F.S.. **Tecnologia, Processo de Trabalho e Construção Habitacional.** Tese Doutorado. Sociologia. FFLCH-USP. São Paulo. 1992.

FARIA, L. de Castro. "Origens culturais da habitação popular do Brasil." in **Boletim do Museu Nacional.** Antropologia, nº 12, Rio de Janeiro. 1951.

FERNANDES, Heloisa Rodrigues. "Violência e modos de vida: os 'justiceiros' ." in **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP., 4 (1-2), São Paulo 1992.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei. **O Espetáculo Telejornalístico das Lutas pela Moradia.** Trabalho apresentado ao XVIII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu- MG, 23 a 27/nov. 1994.

FISCHER, Tânia. **Gestão Contemporânea - Cidades Estratégicas e Organizações Locais.** São Paulo, Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões.** Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis. Ed. Vozes. (Quarta Parte). 1987.

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1979.

FRAYSE-PEREIRA, João A.. " Do império do olhar à arte de ver." in **Tempo Social.** Revista de Sociologia da USP, 7(1-2), FFLCH-USP, São Paulo. 1995.

_____. "Identidade e Modernidade: o lugar do segredo." in **Cadernos CERU.** Centro de Estudos Rurais Urbanos, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, nº 4, série 2. 1993.

FREYRE, Gilberto. **A Presença do Açúcar na Formação Brasileira.** Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, Coleção Canavieira nº 16. 1975.

- GARCIA, Sylvia Gemignani. “ Antropologia, Modernidade, Identidade. Notas sobre a tensão entre o geral e o particular.” in **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, 5(1-2), FFLCH-USP, São Paulo. 1994.
-
- _____ . “ Cultura, Dominação e sujeitos sociais.” in **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, 5(1-2), FFLCH-USP, São Paulo. 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Ed. Vértice, Editora Revista dos Tribunais. 1990.
- HARDMAN, Francisco Foot. “ Cidades errantes: representações do trabalho urbano-industrial nordestino do Século XIX.” in **Ciências Sociais Hoje, 1988**. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. ANPOCS, Ed. Vértice, São Paulo. 1988.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. Tradução Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg, São Paulo, Ed. Studio Nobel. 1993.
- História da Vida Privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Antoine Prost e Gérard Vincent (org.) .Tradução Denise Bottmann. 2ª ed., Ed. Companhia das Letras, São Paulo. 1993.
- Índios no Brasil**. Luís Donisete B. Grupioni (org.), São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura. 1992.
- LANDECKER, Werner S.. “ Análise funcional de relações intergrupais.” in **Sociologia**. Revista Didática e Científica, vol. IV, nº 2, FFLCH-USP. 1942.
- LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias, São Paulo, Ed. Moraes. 1991.
- LIRA, José T. Correia. “ A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30). “ in **Análise Social**. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, nº 127, 4ª série, vol. XXIX, (Dossiê: Habitação na Cidade Industrial 1870 - 1950). 1994.
- LOBO, Elisabeth Souza. “ Caminhos da Sociologia no Brasil: modos de vida e experiência.” in **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, FFLCH-USP 4(1-2). São Paulo. 1992.

LOPES, Doraci Alves. **O Movimento da Assembléia do Povo e a crítica da 'marginalidade'**. Campinas, Ed. Alínea. 1988.

LOPES, J.S.L. (org.). **Cultura e Identidade operária: aspectos da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, UFRJ. 1987.

MATOS, Olgária C. S.. “ A Cidade e o Tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças.” in **Espaço e Debates**. Revista de Estudos Regionais e Urbanos. S.P., Ed. Cortez, ano 2 , nº 7, out/dez, pp. 45-52.1982.

MATTA, Roberto da. **A Casa e a Rua, Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1985.

MELLO, Marcus André B. C. de. “Interesses, Atores e Ação Estratégica na Formação de Políticas Sociais: a Não-Política da Casa Popular”. 1946/1947. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS. nº 15, ano 6, fev., pp. 64-75. 1991.

_____. “ Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira. “ in Lopes J.S.L.(org.) **Cultura e Identidade operária: aspectos da cultura da classe trabalhadora**. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, UFRJ, pp. 53-101, 1978.

MONTES, Maria Lucia Aparecida. **Lazer e Ideologia: a representação do social e do político na cultura popular**. Tese Doutorado. Sociologia. FFLCH-USP. 1983.

Nova Enciclopédia Ilustrada Folha - vol. 1. São Paulo, 1996.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio B. de Holanda Ferreira e J.E.M.M., Editores, 2ª ed., revista e aumentada, 7ª impressão. 1986.

Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa Folha/ Aurélio. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e J.E.M.M. Editores, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira. 1995.

OMEGNA, Nelson. “ A fisionomia da cidade colonial” in **Comunidade e Sociedade no Brasil: Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico no Brasil**. [por] Florestan Fernandes (org.). São Paulo, Ed. Nacional, Ed. USP, pp. 86-95. 1972.

PAIVA, Rita. **Uma Inserção no Universo Bachelardiano. O alargamento da imaginação e a obsolescência do objetivismo na ciência contemporânea e na sociologia.** Dissertação Mestrado. Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo. 1997.

PAOLI, M. C.; Sader; Eder; Telles; Vera da Silva. “ Pensando a Classe Operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico.” in **Revista Brasileira de História.** nº 6, pp. 129-149, São Paulo, Ed. Marco Zero. 1984.

PECHMAN, Robert Moses. “ Os Excluídos da Rua: Ordem Urbana e Cultura Popular.” in **Imagens da Cidade - Séculos XIX e XX.** Stella Bresciani (org.) ANPUH-FAPESP, Ed. Marco Zero. São Paulo, 1994.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução Denise Bottmann, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. (Oficinas da História). 1988.

PIERSON, Donald. “ As raízes de Cruz das Almas.” in **Comunidade e Sociedade no Brasil: Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico no Brasil.** [por] Florestan Fernandes (org.). São Paulo, Ed. Nacional, Ed. USP, pp. 103-116. 1972.

População de Rua: Quem é, como vive, como é vista. Organização e Redação Final - Maria Antonieta da Costa Vieira, Eneida Maria Ramos Bezerra, Cleisa Moreno Maffei Rosa. São Paulo. Ed. Hucitec. 1992.

População de Rua: Brasil e Canadá. Cleisa M. Maffei Rosa (org.). Ed. Hucitec. 1995.

QUEIRÓZ, M.I.P.. **Variações sobre a técnica do gravador no registro de informação viva.** São Paulo, CERU e FFLCH-USP Coleção de textos 4. 1983.

_____. “ Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’ .” in Von Simson, O.M. (org.) **Experimentos com História de Vida.** Itália-Brasil, São Paulo, Ed. Vértice, pp. 14-43. 1988.

RIZEK, Cibele Saliba. “ Interrogações a um campo teórico em crise.” in **Tempo Social.** Revista de Sociologia da USP, 6 (1-2), FFLCH-USP, São Paulo. 1995.

ROSA, M. Inês. **Trabalho, Subjetividade e Poder. Trabalhador Profissional, Antigo de Caso: um estudo de caso.** Tese Doutorado. Sociologia. FFLH-USP. São Paulo. 1991.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80.** Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1988.

SANTOS, Nelson F. dos. “Está na Hora de Ver as Cidades como são de Verdade.”. **BIB** (Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais). ANPOCS. Rio de Janeiro, nº 21, pp. 59-63, 1º semestre de 1986.

_____. “ Habitação: o que é mesmo que pode fazer quem sabe? “ in Lícia do Prado Valladares (org.), **Repensando a Habitação no Brasil.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar. 1983.

SIMMEL, Georg. **Sociologia.** Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho, Trad. Carlos A. Pavanelli, São Paulo, Ed. Ática. 1983.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.** Tradução Lygia A. Watanabe, São Paulo, Ed. Companhia das Letras. 1988.

TELLES, Vera da Silva. **A Cidadania Inexistente: Incivilidade e Pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo.** Tese Doutorado. Sociologia. FFLCH-USP. 1992.

_____. “ Pobreza e cidadania: dilemas do Brasil contemporâneo.”. **Caderno CRH**, Salvador, nº 19, pp. 8-21, jul/dez 1993.

THOMPSON, Paul. “A Transmissão Cultural entre Gerações dentro das Famílias: uma Abordagem Centrada em Histórias de Vida.” in **Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS. São Paulo, Ed. Hucitec, pp. 9-19. 1993.

_____. “ Estudos Recentes sobre a Habitação no Brasil: resenha da literatura.” in **Repensando a Habitação no Brasil.** Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1983.

VALLADARES, Lícia do P. e Figueiredo, Ademir. “ Habitação no Brasil: Uma introdução à Literatura Recente.”. **BIB** (Boletim Informativo e Bibliográfico de

Ciências Sociais). ANPOCS. Rio de Janeiro, nº 11, pp. 25-49, 1º semestre de 1981.

WOORTMANN, Klaas. “ Casa e Família Operária.” in **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro. 1982.

ZALUAR, A.. **A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo, Ed. Brasiliense. 1985.

_____. “ Exclusão Social e Violência.” in **Violência e Educação**. Alba Zaluar (org.), São Paulo, Ed. Cortez. 1992.